**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**FÁBIO NIETO LOPEZ**

# DO INTERIOR DO ESTADO AO INTERIOR DA UFBA:
## UMA EXPERIÊNCIA DE TEMPO-ESPAÇO NO PROCESSO DE AFILIAÇÃO ESTUDANTIL

**Salvador**
**2011**

**FÁBIO NIETO LOPEZ**

# DO INTERIOR DO ESTADO AO INTERIOR DA UFBA:
## UMA EXPERIÊNCIA DE TEMPO-ESPAÇO NO PROCESSO DE AFILIAÇÃO ESTUDANTIL

Dissertação apresentada ao colegiado de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.ª Drª Sônia Maria Rocha Sampaio.

Salvador
2011

Lopez, Fábio Nieto
L864 Do interior do Estado ao interior da UFBA : uma experiência de tempo-espaço no processo de afiliação estudantil **/** Fábio Nieto Lopez. – Salvador, 2011.
373 f.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria Rocha Sampaio

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, 2011.

1. Educação superior. 2. Redes sociais. I. Sampaio, Sônia Maria Rocha. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD – 370.15

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Rocha Sampaio
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.ª Dr.ª Denise Maria Barreto Coutinho
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.ª Dr.ª Rita Dias Pereira de Jesus
Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

Esse trabalho é dedicado às cidades por onde passei

## AGRADECIMENTOS

Meu caminho só foi possível porque muitas pessoas incríveis participaram e me ajudaram. Para começar lembro da história familiar, porque sem o esforço de meus avós o cotidiano da família permaneceria longe das escolas e próximo às condições difíceis que eles conheceram de perto. Falar do percurso que leva o estudante do interior à capital, de certo modo, é contar um pouco da história de muitas famílias. Em especial, agradeço minha avó Maria, minha avó Virgínia, meu avô Cândido, meu pai, senhor José, minha mãe, dona Maria de Lourdes, e minhas irmãs, Angélica e Silvana. Concluo, aqui de longe, uma etapa no percurso familiar.

Ao meu pai devo um destaque, além dos sacrifícios e do apoio irrestrito aos meus estudos, ele me contagiou com seu amor pelos livros, e isso é um tesouro.

Aqui, de perto, tenho muito a agradecer à minha linda esposa Maiana, não somente pela tolerância, amor e apoio, mas principalmente por me lembrar que a vida é sempre maior do que qualquer curso ou qualquer título. Completando minha família baiana, minha sogra, dona Nanci, minha cunhada, Luciana, e meu sogro, senhor Jaibis, todos sempre na torcida. Como é bom ter com quem compartilhar e celebrar.

Aos meus amigos e irmãos de longe, que me ajudaram a viver, a filosofar, e a transformar a vida em uma bênção, sempre que possível. A todos um forte abraço. Em especial, agradeço a Gabriel, Denis, Urbano, Ricardo, e a todos do Grupo de Teatro Feijoada Onírica.

À minha querida professora Sônia França, ainda antes de chegar em Salvador, sempre um exemplo de composição magistral com a vida acadêmica, com o tempo e o espaço das amizades. Com ela aprendi que é possível humanidade nas ciências.

Aos amigos Renata Cardoso, Amanda Maia pela parceria de sempre. À Cibele Nunes e a Márcio Nicory pela ajuda ainda no tempo do pré-projeto, pelas indicações de leitura, pela confiança e amizade.

Aos amigos de Madre de Deus, que me ajudaram reatar laços com a psicologia, com a fé em trabalhos coletivos e com a educação. Em especial, minha estimada diretora Virgínia Nogueira, às amigas Alessandra Sales e Adriana Amorim, e às professoras Priscila Oliveira e Rose.

Ao programa de pós graduação de psicologia da UFBA, professores e colegas, todos me ajudaram a iniciar com critério e segurança os primeiros passos no universo da pesquisa acadêmica. De modo muito especial às amigas Adalene Sales, Rachel Ripardo e Alessivânia Mota, por compartilharem comigo as delícias e as dores do ofício. À Lêda Lessa meu agradecimento pela leitura crítica e generosa na minha qualificação. À querida professora Denise Coutinho, leitora de minhas duas qualificações, sempre criteriosa, sincera, lúcida e amável: qualidades raras.

À equipe competente e dedicada da secretaria de pós-graduação que torna nosso caminho possível: Ivana, Henrique e Viviane.

Aos amigos e professores de outros programas de pós-graduação da UFBA, em especial à Larissa Ramos e ao incrível Eriosvaldo Barbosa. Eriosvaldo, com sua irretocável educação e irmandade instantânea, me ajudou imensamente com seu conhecimento profundo dos caminhos de pesquisa.

Aos professores Paulo César Alves e Lídia Cardel, professores do programa de pós-graduação em Ciências Sociais, que me acolheram em suas disciplinas e contribuíram com indicações importantes de leitura.

À Laís Almeida Spósito pela ajuda preciosa com a transcrição.

Ao OVE, Observatório da Vida Estudantil. Aos amigos Ana Urpia, Ava Carneiro e Ítalo Mazoni, pelo café compartilhado, pela amizade, parceria e ajuda constante.

À Sônia Sampaio, minha orientadora, principalmente pela paciência com minhas indecisões, inquietações, inseguranças e profundo desconhecimento da prática acadêmica. Agradeço sua confiança, seu exemplo de força, de dinamismo, de paixão pela pesquisa e pela academia. Sem sua segurança não conseguiria avançar como avancei. Estou certo de que não aprendi tudo que poderia.

Finalmente, agradeço à CAPES pelo financiamento recebido através de bolsa de pesquisa.

Há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu.

Boaventura de Souza Santos
A Ciência da Razão Indolente

# RESUMO

Estabelecer de imediato algum vínculo torna-se a primeira necessidade para alguns estudantes que chegam à universidade, principalmente para aqueles que mudaram de cidade para estudar. Abandonar tudo o que ficou para trás é tarefa que envolve muitas ansiedades e medos, tanto em deixar uma "vida" como em iniciar uma outra. O estudante precisa enfrentar as duas situações de modo muito mais agudo do que em seu cotidiano, porque enfrenta muitas diferenças na nova cidade em que passa a morar, e precisa reorganizar sua participação e seus vínculos em sua antiga cidade. O presente estudo teve como objetivo investigar o cotidiano dos estudantes do primeiro semestre do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vindos de pequenas cidades do interior do estado, observando suas produções de novos vínculos com a instituição, com a cidade, com outros estudantes, e as relações que estabeleceram com a cidade de origem e com Salvador, tendo como principal unidade de análise a dimensão de tempo-espaço. A pesquisa é qualitativa e teve como abordagem teórico-metodológica de referência a etnometodologia, e como método o estudo de casos múltiplos. Foram entrevistados sete estudantes do IHAC, da UFBA, cinco deles chegando na cidade para morar, e outros dois que já moravam na cidade há mais de cinco anos. Foram realizadas observações participantes, acompanhamento dos estudantes, construção de diário de campo, "diário de afiliação", e entrevistas semi-estruturadas. A discussão final reflete que os estudantes que acabam de chegar de pequenas cidades do interior, além de passar por uma afiliação estudantil, também atravessam um processo de afiliação à cidade, no qual participam as mesmas dimensões do processo anterior. Quanto às dimensões, além do aprendizado das regras do conhecimento e da instituição, esse trabalho propõe a dimensão de tempo-espaço e a dimensão afetiva, e quanto aos momentos da afiliação, acrescenta o tempo do desejo, um tempo anterior à entrada na universidade, mas aparentemente decisivo para a sequência da carreira acadêmica. Os casos teóricos e literais apresentam diferenças importantes nas dimensões de tempo-espaço e afetiva, indicando que a afiliação à cidade parece interferir no processo de afiliação estudantil.



**Palavras-chave**: vida universitária, educação superior, vínculos, redes sociais.

# ABSTRACT

Create un affective attachment immediately becomes the first necessity for some students who comes to the university, especially for those who moved to another city to study. Leave all that behind us is a task that involves many anxieties and fears, both leaving in a "life" as in starting another. The student must confront with the two situations so much more incisive than in their daily lives, because it addresses many differences in the new town who comes to live, and must reorganize their participation and their ties to their home town. This research investigated the daily lives of first year students of the Institute of Humanities, Arts and Sciences Professor Milton Santos (IHAC), Federal University of Bahia (UFBA),coming from small towns in the state, exploring their production of new ties with the institution, with the city, with other students, and the relationships they established with their home town and with Salvador. The primary unit of analysis was the dimension of spacetime. The research is qualitative and was theoretical-methodological reference ethnomethodology, and study method of multiple cases. Seven students of UFBA were interviewed, five of them came to live in the city and two others who already lived in the city for over five years. To collect the data were performed by participant observations in the spaces of the university, accompaniment the students, construction of the researcher's field diary, "affiliation's diary", and semi-structured interviews. The final discussion reflects that students who have just come from small towns need to cross two important process, the affiliation of the university and the affiliation to the city. This process involve the same dimensions as the previous process. This paper proposes a space-time dimension and emotional dimension, the time of desire, a time prior to entry into university, but apparently decisive for the following academic career. The theoretical and literal cases have important differences in the dimensions of space-time and affection, indicating that the affiliation with the city seems to affect the student membership.



**Keywords**: college life, higher education, affective attachment, social networks.

# SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO ..... 11**
1.1 MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA ..... 13
1.2 OPÇÕES METODOLÓGICAS ..... 16
1.3 O ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS ..... 19
1.4 ESCRITA ..... 26

**2 PASSAGEM À CONDIÇÃO DE ESTUDANTE: BREVÍSSIMA REVISÃO DOS CONCEITOS DE COULON ..... 27**
2.1 O OFÍCIO DE ESTUDANTE E AS AFILIAÇÕES ..... 29

**3 QUESTÕES CONTEMPOÂNEAS NO COTIDIANO DA UNIVERSIDADE: IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES DE TEMPO ESPAÇO ..... 31**
3.1 A UNIVERSIDADE E A CONTEMPORANEIDADE ..... 31
3.2 UM DOS FIOS DA MEADA ..... 37
3.3 QUESTÕES DE TEMPO E ESPAÇO ..... 39

**4 A DIMENSÃO DE TEMPO-ESPAÇO NA CAPITAL ..... 47**
4.1 LOCOMOVER-SE NO INTERIOR: “LÁ É TUDO PERTO” ..... 48
4.2 ORGANIZAÇÃO COMPLEXA, CONFUSA E ILEGÍVEL: **“**PORRA BICHO, PEGAR QUE ÔNIBUS?” ..... 51
4.3 CAMINHOS EM SALVADOR: POUCO ESPAÇO PARA MUITA GENTE ..... 60
4.3.1 **As Chuvas e os Bairros** ..... 68
4.3.1.1 A Violência e o Medo ..... 71
4.4 UFBA ..... 76

**5 VÍNCULOS NO TEMPO E NO ESPAÇO ..... 83**
5.1 VÍNCULOS: UMA QUESTÃO DE TEMPO E ESPAÇO ..... 83
5.2 A TEORIA DO VÍNCULO DE PICHON-RIVIÈRE ..... 89
5.3 O VÍNCULO E O TEMPO ..... 93
5.3.1 **Projetos** ..... 98
5.4. O VÍNCULO E O ESPAÇO ..... 101
5.4.1 **O Caso Raul Seixas** ..... 104
5.4.2 **Assis e Salvador** ..... 109
5.5. TEMPO QUASE PARADO: O CASO DO INTERIOR ..... 110
5.5.1 **Tempo Estagnado?** ..... 115
5.6. O TEMPO FUGIDIO DE SALVADOR: “NINGUÉM TEM TEMPO PARA AQUELA COISA DE AMIZADE” ..... 117
5.6.1 **Os Sabores da Capital: “muitas coisas aqui não tem o mesmo sabor que as coisas de casa”** ..... 125

**6 AFILIAÇÃO AFETIVA ..... 129**
6.1 DEFINIÇÕES DE AMIZADE ..... 129
6.2 MEDOS E ANGÚSTIAS ..... 132
6.3 VÍNCULOS QUE FICARAM ..... 137
6.4 A DIFICULDADE DE CHEGAR: “EU SOU (75)” ..... 139

6.4.1 **Eu Estou me Sentindo um ET** ..... 140
6.5 ETNOMÉTODOS ..... 143
6.5.1 **Pertencimentos: Somos do mesmo "lá"** ..... 146
6.5.2 **Forçar Uma Aproximação: Relações próximas e distantes** ..... 148
6.5.3 **Grupos** ..... 152

**7 CONTRIBUIÇÕES ..... 159**
7.1 AS DIMENSÕES DA AFILIAÇÃO ..... 159
7.1.1 **A Dimensão de Tempo-Espaço** ..... 162
7.1.1.1 A Dimensão de Tempo-Espaço na Universidade ..... 165
7.1.2 **Afiliação Afetiva: "Quando eu Cheguei eu Chorei"** 169
7.2 O TEMPO DO DESEJO: O TEMPO QUE ANTECEDE A MATRÍCULA ..... 171
7.3 A PRESSÃO DA NOTA: A AFILIAÇÃO INTELECTUAL TENSA ..... 177
7.4 A AFILIAÇÃO À SALVADOR: UMA FORMIGUINHA NO DESERTO ..... 178
7.4.1 **Tempo de Aprendizagem** ..... 183

**8 CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 187**

**REFERÊNCIAS ..... 201**

**APÊNDICE A – Estrutura básica da entrevista semi-estruturada ..... 205**

**APÊNDICE C – Entrevista com Mara Raquel ..... 214**

**APÊNDICE D – Entrevista com Tatiane e Mara ..... 224**

**APÊNDICE E – Entrevista com Jéssica ..... 241**

**APÊNDICE F – Entrevista com Reginaldo ..... 258**

**APÊNDICE G – Entrevista com Wilson ..... 272**

**APÊNDICE H – Entrevista com Jeferson ..... 284**

**APÊNDICE I – Entrevista com Milton ..... 306**

**APÊNDICE J – Diário de Jeferson ..... 329**

**APÊNDICE K – Diário de Milton ..... 335**

**APÊNDICE L – Diário de Wilson ..... 337**

**APÊNDICE M – Diário de Tatiane ..... 341**

**APÊNDICE N – Diário de Reginaldo ..... 345**

**APÊNDICE O – Diário de Mara ..... 347**

# 1 INTRODUÇÃO

A escolha desse estudo é olhar para aquele que vem de uma cidade pequena, distante da capital, que chega a Salvador cheio de expectativas, ansiedades e sonhos em relação à nova vida que passará a viver, assim como nostalgia, saudades, tristeza e, quem sabe, alívio por tudo o que deixa para trás. Esse estudante, rico em conhecimentos sobre sua cidade, membro competente de uma comunidade com seus próprios hábitos e conceitos, passa, rapidamente, à condição de estrangeiro em outra cidade na busca por conhecimento, formação superior, melhores condições de trabalho e de vida, ou realização de um sonho. No caso dos cursos da UFBA em Salvador, esse estudante terá muitos desafios a enfrentar. Além de todo o aprendizado que se espera de quem ingressa em uma universidade, ele encontrará uma cidade que conta seus habitantes aos milhões, e terá que percorrer ruas movimentadas, distâncias dilatadas, em meio a multidões desconhecidas e apressadas.

O tempo-espaço (GIDDENS, 2001; HARVEY, 2009) de seu cotidiano mudará de forma drástica, justamente em um momento repleto de significados e de rupturas, como é a entrada na educação superior. Todos os cantos, os rostos, os cheiros, os caminhos e seus atalhos, terão ficado para trás em uma rodoviária, para desembarcar em outra muito mais movimentada e impessoal, e seguir um itinerário de estrangeiro, daquele que olha tudo pela primeira vez e tem a capacidade de se espantar com o que já é comum e despercebido para os habitantes locais. Ele terá diante de si uma infinidade de novos rostos, novos cheiros, e novos caminhos, mas ainda não terá nenhum atalho.

Os atalhos e as familiaridades terão que ser construídos e descobertos em um intrigante enigma para quem encontra, além de uma nova e grande cidade, uma comunidade mergulhada na contemporaneidade e em seus modos de convivência, que imprime relações menos acolhedoras, mais superficiais e menos “viscosas”, como diz Bauman (1998), no sentido de que as pessoas evitam relações que criem compromissos ou vínculos duradouros. As redes de segurança, da vizinhança e da família, mesmo para aqueles que já moram na capital, estão fragilizadas ou quase

rompidas, pela proliferação de projetos individuais e urgentes, em detrimento dos projetos comunitários ou coletivos.

Ao estudante que acaba de chegar, esse cenário impõe inúmeros desafios para sua permanência, e essa pesquisa se propõe investigar os primeiros momentos dessa chegada, as reflexões tecidas pelos estudantes, e os etnométodos (COULON, 1995) que terá que inventar para afiliar-se aos novos contextos, tanto da cidade como da universidade.

Os etnométodos são o próprio foco da abordagem da etnometodologia, porque se constituem nas ações práticas dos membros de um determinado grupo, que compartilha as mesmas regras, códigos implícitos, e as mesmas práticas de categorização e interpretação. Investigar os etnométodos, portanto, é interessar-se pela constante interação entre os indivíduos e seus modos de agir e dar sentido a essa ação. No caso do estudante recém ingresso na universidade, ele terá que passar por um processo, que Coulon (2008) denomina de afiliação estudantil, quando deixará sua condição de estrangeiro desta nova comunidade para tornar-se "membro" competente, por decifrar e atribuir um sentido compartilhado para os eventos que ocorrem no cotidiano da universidade. O aluno, ao tornar-se estudante, passa a ter domínio da "linguagem natural do grupo", passando, assim, para um novo status, o status de "nativo" (COULON, 2008).

Mas como não destacar, nesse processo, os estudantes que chegam do interior? Estudando a obra de Coulon (2008), refleti sobre minhas experiências na universidade, sendo dois cursos de graduação completos e outro, o primeiro, abandonado no segundo ano de curso.

A experiência guiou minha escolha final: pesquisar o processo de afiliação estudantil de estudantes que chegam de pequenas cidades do interior, e mais especificamente, meu interesse foi investigar as relações que esses estudantes estabelecem com a nova cidade. Desta forma, meu objetivo é tentar compreender o que corresponde à experiência de mudar de cidade no processo global de transição à vida universitária, e como as dimensões de tempo-espaço participam desse momento.

## 1.1 MOTIVAÇÃO DA ESCOLHA

Para Pichon-Rivière (2009) o itinerário de um pensamento é necessariamente autobiográfico, uma vez que os esquemas de referência de qualquer escritor não se estruturam através de organizações unicamente conceituais, e muito menos neutras ou objetivas, mas se sustentam em alicerce motivacional de experiências vividas. O investigador precisa considerar-se participante do fenômeno estudado:

> [...] é completamente diferente quando num campo está trabalhando um observador com características x ou y [...] tudo deve ser considerado em função da unidade de relação criada entre o sujeito e o objeto. Entre ambos cria-se uma situação de criação e interação, verbal ou não-verbal, que modifica permanentemente o campo de trabalho. Possivelmente, quem introduz o elemento mais importante é aquele que investiga, em razão da atitude que assume diante do paciente. Desse modo, cria-se entre ambos uma situação de contato. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 72-73)

Desse modo, dedico esse fragmento do trabalho a uma avaliação sincera das minhas implicações com o tema de estudo, mais particularmente no que diz respeito à escolha por estudantes vindos do interior do estado, mas também pretendo comentar a escolha de categorias como a cidade de Salvador, o tempo e o espaço.

Não sou, rigorosamente, um interiorano e muito menos venho do interior do estado da Bahia, embora não possa negar que tenho afinidade com essa identidade. Nasci em Campo Grande, justamente no ano em que a cidade passou pela transformação importante de deixar de ser cidade do interior de Mato Grosso para ser capital do recém criado estado de Mato Grosso do Sul. Depois de um período de apenas doze anos na cidade que tentava se inventar capital, minha família mudou-se para Araraquara, interior do estado de São Paulo, e aí, então, além de marcar minha intimidade com a vida em pequenas cidades, vai imprimindo minha empatia com as migrações e os deslocamentos entre cidades e estados.

Ao passar no vestibular para psicologia, realizo uma segunda mudança, dessa vez algo muito comum para os filhos da classe média da cidade em que morava, mudar-se para alguma outra cidade do interior para realizar meus estudos em uma

universidade estadual. Em meu caso, fui para Assis, cursar psicologia na UNESP[1]. Passados seis anos após minha chegada, escolhi morar em Salvador sem mesmo tê-la conhecido anteriormente, com interesse em cursar a faculdade de Direção Teatral. Só fui prestar o vestibular no final do primeiro ano na cidade, e como obtive êxito nesse exame, iniciei meus estudos na UFBA[2] em 2004.

A experiência de cursar graduações em cidades tão diferentes me intrigou por vivenciar outra ordem de dificuldades até então não experimentadas por mim e que aos poucos fui atribuindo às peculiaridades de cada composição de faculdade, de estado e de cidade.

Os campi da UNESP estão espalhados pelo estado de São Paulo em diversas cidades, sendo que várias delas são de porte pequeno, como é o caso de Assis que na época contava com apenas noventa mil habitantes e com um faturamento anual semelhante à renda do pequeno campus da cidade, que oferecia apenas quatro cursos. Devido ao prestígio da universidade e ao tamanho de Assis, a maioria absoluta dos estudantes vinha de outras cidades do estado e do país, o que resultava em um contingente significativo de pessoas que acabaram de romper, ou ao menos suspender, seus vínculos e obrigações mais diretas da cidade de origem para mudar-se para outra, muitas vezes completamente desconhecida. Para aquele que chega, torna-se imprescindível construir novos laços de amizade e de confiança.

Passei a considerar que o tamanho da cidade interfere muito na construção desses novos laços de amizade pelo fato de que há pouco a fazer nesses municípios, poucos lugares a ir, resultando em muitos e longos momentos de encontro e de construção conjunta do cotidiano, nos poucos lugares de referência. Havia em Assis um único cinema, um único e pequeno shopping (que só veio abrir no decorrer de minha graduação), poucos bares, um único campus que concentrava todos os cursos, e nesse espaço uma única biblioteca e uma única cantina. Resulta disso que os encontros eram frequentes, nos quais as pessoas trocavam muitas informações e referências, além de muitos dividirem a própria casa, as contas e os trabalhos da faculdade.

[1] Universidade Estadual Paulista.
[2] Universidade Federal da Bahia.

Importante destacar que para aquele que chega o tempo não aparece como um problema de escassez porque seus compromissos geralmente foram colocados em suspensão com a saída da cidade de origem, e que encontrar novos hábitos e ocupações constituem uma das tarefas da chegada em terra nova. Aquele que desde antes se encontra na cidade, ao contrário, já possui essa rotina mais estabelecida, com diversas relações já firmadas e uma agenda minimamente constituída; ocorre, entretanto, que aqui parece residir uma diferença importante. Em Salvador, por exemplo, os estudantes veteranos e mesmo os novatos que encontrei na graduação eram, em sua maioria, *soteropolitanos*, com suas rotinas e agendas inalteradas por conta do acesso ao ensino superior. Resulta disso, que o círculo de amizades também modificava-se pouco, ao contrário de quem chega para morar. Em minhas percepções, parecia que a despeito de minha disponibilidade e esforço cotidiano por novas amizades, não conseguia avançar nas relações com os demais estudantes além de uma relação trivial e distante de sala-de-aula. Ao invés de pessoas ávidas por estabelecer novos laços e com necessidades muito semelhantes em se conquistar o básico de uma convivência, os universitários do curso de teatro em Salvador já estavam com suas amizades estabelecidas, próximos aos seus parentes, com suas agendas preenchidas, transitando em uma rede complexa de ruas muito movimentadas e impessoais, mas já conhecidas.

Certamente que essas experiências me influenciaram na escolha do tema, mas não pensava nelas objetivamente no momento em que o fiz, assim como também ainda não havia encontrado subsídios teóricos que dessem sustentação para a escolha de categorias tão importantes para meu trabalho como tempo e espaço. Nos primeiros debates sobre o projeto fui questionado sobre a origem desse conceito e eu ainda não tinha o que responder a não ser a indicação através de minhas experiências, de que esses conceitos eram fundamentais.

Ao encontrar o livro de Harvey (2009), **Condição Pós Moderna**, e ler o prefácio onde expõe sua tese de que a pós-modernidade implicou novas exigências para a experiência de tempo-espaço, parecia ter encontrado o alívio de sentir-me compreendido, e não mais solitário em minhas intuições, além de uma percepção de que estava caminhando em um sentido pertinente. Depois de Harvey (2009) encontrei alentos semelhantes em Hall (2003), **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Bauman (2001), em seu livro **Modernidade Líquida**, e depois em

Giddens (1991), no **Consequências da Modernidade**, e em todos eles há uma relevância central para as questões de tempo e espaço para o surgimento de um novo momento para a modernidade, e que cada autor dá um nome diferente.

Meu último encontro teórico importante, desta vez um reencontro, foi com a obra de Pichon-Rivière (2007, 2009), e naquele momento as análises já estavam em andamento. O pensamento de Pichon-Rivière (2007, 2009) guiou-me ao reencontro com a própria psicologia, mas sem me apartar das redes construídas com os teóricos de outras áreas, através de uma concepção que compreende a psicologia necessariamente como social, devido uma composição sempre dinâmica e dialética entre “opostos” aparentes.

## 1.2 OPÇÕES METODOLÓGICAS

Importante destacar nesse item que o presente estudo está vinculado diretamente a um projeto de pesquisa maior, de caráter etnográfico, denominado Observatório da Vida Estudantil da UFBA (OVE/UFBA), dedicado à vida universitária dos estudantes, e à afiliação (COULON, 2008) desses estudantes à sua nova condição de estudante universitário. O Observatório da Vida Estudantil (OVE), em funcionamento na Universidade Federal da Bahia, a partir de 2007, foi criado para explorar diferentes aspectos da vida de estudantes universitários, acompanhando seus itinerários. Desta forma, encontra-se também aqui nesse trabalho a preocupação pelo acompanhamento próximo que a pesquisa etnometodológica se propõe, com o interesse de investigar aspectos qualitativos de sua entrada na vida acadêmica, que, em meu caso mais especificamente, sobre as questões de tempo e espaço desse processo de afiliação (Coulon, 2008), seja na afiliação à universidade, seja na afiliação à cidade.

A etnometodologia, portanto, define os principais conceitos aqui utilizados e a perspectiva epistemológica adotada, com um quadro de investigação apropriado ao conceito de afiliação estudantil, que depende de observação em profundidade e, de preferência, de forma contínua e próxima, interessada em investigar os métodos que

os indivíduos constroem e dos quais se utilizam para realizar suas atividades e dar sentido ao seu cotidiano (COULON, 1995).

Boumard (1999) propõe uma imbricação profunda entre a perspectiva metodológica da etnografia com uma visão epistemológica, e que vai além da simples utilização das técnicas do método etnográfico como a observação participativa, as técnicas de campo, as práticas de conversação, o diálogo etnográfico como dispositivo, as técnicas de inquérito, e os recortes com a história de vida. O autor reconhece a necessidade de assumir a etnografia como postura e, então, considerar o próprio pesquisador como implicado no processo investigativo, e como já comentei anteriormente, nesse aspecto a perspectiva de Pichon-Rivière (2007, 2009) é coincidente.

Há uma mudança de postura que privilegia a aproximação em detrimento da distância do objeto e da neutralidade. Para Boumard (1999), a exterioridade do investigador impede o acesso aos códigos restritos dos membros do grupo, e que somente a partir da compreensão destes códigos é que o pesquisador encontrará coerência e pertinência para a construção posterior de seu discurso. A distância entre o investigador e o grupo observado, necessária para a análise, vai depender de uma exterioridade metodológica.

A postura etnográfica proposta por Boumard (1999) passa, necessariamente, por uma familiaridade com o objeto, uma imersão no campo de pesquisa até chegar a uma espécie de compreensão mútua, uma dimensão da amizade, do plano intersubjetivo, da convivência, porque somente assim o pesquisador será capaz de apreender o ponto de vista do outro, compartilhando de sua realidade, de sua descrição do mundo e de suas marcas simbólicas. Assim, o autor enfatiza a importância do olhar do pesquisador em detrimento de uma postura passiva de apenas ver e, para isso, Boumard (1999) recorre à etimologia da palavra em francês, *regarder*, que traz o sentido de estar em guarda, decorrendo daí a proposta de manter-se atento, interessado e implicado.

Diferente de uma investigação policial que, a princípio, interessa-se por todas as informações e que pretende-se imparcial e objetiva, “[...] a investigação etnográfica dá lugar pleno ao sujeito numa atitude de atenção flutuante, nunca neutra, sempre à espreita duma eventual produção de sentido.” (BOUMARD, 1999, p.3), em uma

postura epistemológica que sempre leva em consideração o pesquisador e suas implicações na estratégia de investigação.

Bleger (2007) considera estreita e ingênua a concepção de estratégias investigativas ou de observação que pretendem a neutralidade do observador, como se este pudesse abstrair totalmente suas impressões, sensações, sentimentos e todo seu estado subjetivo. Assim como Pichon-Rivière (2007), Bleger (2007) também compreende que o observador ou o entrevistador é parte do campo, e em certa medida condiciona os fenômenos que pretende registrar. Sobre a pretensão de neutralidade, Bleger (2007) comenta:

> Tal *summum* de objetividade na investigação não se cumpre em nenhum outro campo científico, e menos ainda em psicologia, na qual o objeto de estudo é o homem. Em compensação, a máxima objetividade só pode ser alcançada quando se incorpora o sujeito observador como uma das variáveis do campo.
>
> Se o observador está condicionando o fenômeno que observa, pode-se objetar que, neste caso, não estamos estudando o fenômeno tal como ele é, mas sim em relação com a nossa presença, e, assim, já não se faz uma observação em condições naturais. (BLEGER, 2007, p.15)

Assim, o processo proposto por Boumard (1999), discutido e adotado aqui, atua em um movimento pendular metodológico entre o ponto de vista do investigador e dos atores, e tanto um quanto o outro serão questionados e reavaliados durante o processo.

A etnometodologia (COULON, 1995, 2008) interessa-se pela objetivação que os atores sociais fazem de seu mundo familiar e cotidiano, compreendendo o social como algo ‘se fazendo’, ao invés de algo consolidado. Esse referencial tem sido importante para se investigar de perto a subjetividade dos atores, através de suas interações diárias, em como ele se desloca em sua relação com o saber (afiliação intelectual) e com as regras (afiliação institucional) na passagem do ensino médio para o ensino da graduação (afiliação estudantil), migrando de uma situação de estrangeiro para de membro do grupo.

## 1.3 O ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS

A partir dos princípios da etnometodologia, e do entendimento da postura etnográfica, o método utilizado foi o estudo de casos múltiplos, o que também permitiu o uso de instrumentos de coletas de dados da etnografia.

Para Yin (2005) os estudos de caso representam uma estratégia bastante utilizada quando as questões do trabalho procuram explicações e são formuladas com os termos ‘como’ e ‘por quê’. Além disso, esse método é indicado quando o pesquisador tem interesse em acontecimentos complexos, contemporâneos, inseridos na vida real e, portanto, com pouco controle sobre os acontecimentos.

Como a proposta de pesquisa inclina-se justamente nessa direção, e por se configurar em uma estratégia que alia o rigor metodológico com a possibilidade de utilização de várias fontes de evidência, e do uso das bases teóricas já desenvolvidas para conduzir a coleta e a análise dos dados, esse método apresentou-se como o mais apropriado para todas as fases da pesquisa.

As pesquisas de casos múltiplos, segundo Yin (2005), apresentam evidências mais convincentes e resultados mais robustos do que as pesquisas de caso único, mas por outro lado não poderiam ser aplicadas em casos raros, ou estritamente individuais, além de consumir mais tempo e recursos. A ligação entre essas estratégias de pesquisa, no entanto, permanece conectada pela lógica da replicação, ou seja, os casos múltiplos seriam compostos por replicações de casos únicos e, segundo o autor, seria um erro realizar uma analogia desses estudos com “amostragens”.

As replicações possuem, para Yin (2005), o objetivo de replicar uma descoberta ou um experimento, mas nem sempre duplicando as condições exatas da pesquisa original. As replicações podem alterar uma ou duas condições da pesquisa original no intuito de obter resultados de duas classes principais. A replicação literal procura prever resultados semelhantes, enquanto que a replicação teórica se interessa em produzir resultados contrastantes.

A revisão teórica é central nesse ponto, indicando os critérios ao se projetar o estudo de caso, e se estabelecer quais seriam as replicações teóricas, quais as literais, além de antecipar o número de replicações necessárias para a pesquisa. Para Yin

(2005), se as diferenças entre as teorias concorrentes forem sutis, ou se o pesquisador desejar ter um alto grau de certeza, o estudo pode contar com cinco, seis ou mais replicações literais, enquanto que para as replicações teóricas esse número pode ser bem menor.

Nessa pesquisa, optamos por cinco replicações literais e duas replicações teóricas, no intuito de compor um quadro que levasse em consideração a diversidade encontrada no espaço universitário. A partir do levantamento teórico, construí os critérios de seleção dos participantes dos casos de replicações literais: estudantes que estivessem cursando o primeiro semestre da graduação e ter vindo de uma pequena cidade do interior do estado.

Quando realizei a primeira consulta em uma sala-de-aula, procurava apenas por estudantes que cumprissem o perfil construído anteriormente, mas a diversidade encontrada foi tão grande que os critérios iniciais tiveram que ser revistos. Esses critérios compunham um quadro ainda mais completo e restrito do que o apresentado aqui, porque ainda tinha a expectativa de encontrar estudantes que nunca tivessem vindo anteriormente para Salvador, que chegassem sozinhos, sem a companhia de nenhum membro da família e, se possível, ter tido poucas experiências com uma cidade grande.

Esse primeiro contato me ajudou a identificar não os “informante ideais”, mas agora os “informantes reais”. Com a experiência de minha orientadora, encaramos o projeto como tal, passível de ser revisto, e observamos essas informações como as primeiras da pesquisa. Isso nos auxiliou a recompor os critérios utilizados e a observar a necessidade de investigar também os informantes que divergiam radicalmente em um aspecto ou outro, mas que mesmo assim, ao serem informados dos interesses da pesquisa, formavam um só grupo que se incluíam nos mesmos critérios: ser estudante do primeiro semestre da graduação e ter vindo de uma pequena cidade do interior.

As replicações literais dessa pesquisa são formadas por cinco estudantes do primeiro semestre da graduação, todos vindos de uma pequena cidade do interior, e, o que os identificam nesse grupo, todos haviam acabado de chegar em Salvador. As replicações teóricas, por sua vez, são compostas por dois estudantes do primeiro

semestre da graduação, vindos de uma pequena cidade do interior, e que já habitam em Salvador por mais de cinco anos.

Desta forma, estarei investigando com mais precisão se a chegada dos estudantes em uma nova cidade possui alguma implicação no processo de afiliação à universidade, podendo estabelecer cruzamentos entre os casos literais e os casos teóricos. Em alguns aspectos ambos os casos possuem similaridades, enquanto que na relação com a cidade possuem grande divergência, e isso deve ser levado em consideração no decorrer do trabalho.

> [...] é provável que os contextos dos dois casos distingam-se até certo ponto. Se sob tais circunstâncias variadas você ainda puder chegar a conclusões comuns a partir de ambos os casos, elas terão estendido de forma incomensurável a capacidade externa de generalização de suas descobertas, novamente em comparação àquelas retiradas de um único caso.
>
> Como alternativa, você pode ter deliberadamente selecionado seus dois casos porque ofereciam situações de contraste, e você não estava procurando uma replicação direta. Nesse projeto, se as descobertas subsequentes dão suporte ao contraste que se fez hipotético, os resultados representam um início poderoso em direção à replicação teórica [...] (YIN, 2005, p.76)

O autor considera que dois casos representam um bom número para as replicações teóricas, mas não a estruturamos de modo idêntico, adicionando a um dos casos um elemento a mais, o fato de que um estudante pode vir de uma pequena cidade do estado, morar em Salvador há mais de cinco anos, mas essa cidade não ser do estado da Bahia. Uma das replicações é composta por um estudante que vem de Santa Vitória do Palmar, uma cidade com trinta e um mil habitantes, no extremo sul do Rio Grande do Sul. Esse grande contraste geográfico ajuda a investigar em que essa característica interfere no processo de afiliação.

Minha entrada no campo de pesquisa tornou-se facilitada quando fui selecionado para lecionar no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) no primeiro semestre do ano de 2010, contribuindo para o estabelecimento de minha aproximação ao universo pesquisado. Minha orientadora já lecionava nesse mesmo institutos e, juntos, decidimos concentrar a investigação com os alunos dessa unidade da UFBA, e iniciar a seleção de informantes nas turmas que

daria aula, sendo este componente curricular adequado por ser obrigatório para todos os estudantes que chegam ao instituto.

Nas minhas duas turmas, entretanto, não encontrei ninguém com o perfil escolhido para a pesquisa, o que me levou a percorrer outras salas de aula que lecionavam a mesma matéria, encontrando facilidade de acesso às salas de aula por conhecer os professores deste componente curricular.

Antes de entrar nas salas, um estudante apareceu no grupo de pesquisas procurando por minha orientadora, e naquele momento fiz algumas perguntas para me certificar de que estava diante de um possível primeiro participante da pesquisa. Ele aceitou participar e já naquele momento pedi para que elaborasse o “diário de afiliação”, que explicarei mais adiante.

Entrei em uma sala que havia um grande número de estudantes, sendo que a maioria deles não era daquela turma, mas como ainda estavam sem professor, assistiam aula conjuntamente. Nessa sala expliquei a pesquisa e disse do meu interesse em encontrar participantes vindos do interior do estado e que cursavam o primeiro semestre. Dessa turma, saí com o endereço eletrônico e o número do telefone de diversos interessados em participar, assim como com o nome de suas respectivas cidades.

Nesta única sala quatorze estudantes preencheram seus dados, se dispondo a participar da pesquisa, e somando com o primeiro estudante com que tive contato, a lista chegava a quinze candidatos a informantes. Com base na lista das cidades dos estudantes, procurei informações sobre elas, e dei preferência aos sete estudantes que vinham de cidades com o menor número de habitantes, por supor que o período de estranhamento seria mais intenso. Algumas dessas localidades eram apenas distritos e, portanto, não foram encontrados dados oficiais, mas a partir das informações sobre a sede do município, concluí esse processo. A cidade de origem dos estudantes com menor número de habitantes foi Antônio Cardoso, com 11.548 mil habitantes, e a cidade com maior número de habitantes foi Santo Antônio de Jesus, com 90.949 mil habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, 2011). Outro critério importante foi selecionar apenas estudantes que ingressavam naquele semestre na UFBA.

Apesar de explicações sobre quais os estudantes que poderiam participar, o foco da pesquisa acabou despertando interesse de alguns alunos de cidades maiores, como Feira de Santana e Recife, que se diziam em dificuldades de localização e de administração do tempo em Salvador. Esses estudantes não fazem parte desse estudo, apesar dessas informações apontarem a necessidade de outras investigações complementares.

Após uma conversa por telefone com todos os candidatos selecionados, verifiquei se os critérios eram respeitados, se havia disponibilidade deles em participar da entrevista, do acompanhamento e da construção de um “diário de afiliação”. Com o interesse do informante, marcava a entrevista inicial.

Os estudantes que estavam naquela sala e que estavam sem professor, foram remanejados para diversas turmas diferentes, e acabei recebendo, na turma que lecionava, quatro dos estudantes voluntários para a pesquisa, com os quais já havia feito um primeiro contato para marcar a entrevista.

Os instrumentos de pesquisa constaram de uma entrevista inicial, da construção de um “diário de afiliação” e de um acompanhamento que realizei no final do semestre. Com dois encontros principais, o primeiro a entrevista e o último o acompanhamento, procurei investigar o transcorrer do primeiro semestre desses estudantes, e o diário serviu, também, como um instrumento que percorreu todo esse intervalo.

A entrevista inicial constou de perguntas livres a partir de alguns temas específicos, que cobriam os interesses do estudo. Procurei saber um pouco da narrativa que trouxe o estudante até a UFBA, como foi sua chegada na capital, quais suas primeiras impressões, como estava lidando com as questões vinculadas ao tempo-espaço, como os deslocamentos, tempo de estudo, transporte, relações de sociabilidade, e outras questões importantes para eles sobre o fato de morarem agora em Salvador. Também procurava saber nessa entrevista sobre as relações com os parentes, amigos, namorados, etc, e com a própria cidade que tiveram que deixar para virem morar na capital.

O “diário de afiliação” constava de relatos constantes, se possível diários, de impressões, dificuldades, descobertas, sobre suas novas vidas em Salvador e na UFBA. Pedia, logo no primeiro contato que tinha com eles, para que iniciassem os

registros, mas assim como ocorreu com a experiência de Coulon (2008), houve uma grande variação entre os participantes, sendo que alguns dedicaram-se com seriedade na tarefa e outros que escreveram apenas poucas linhas no decorrer dos meses todos. Coulon (2008) utiliza intensamente o recurso metodológico do diário por garantir uma proximidade da visão “de dentro” do cotidiano dos participantes da pesquisa. O autor comenta que esse instrumento agia no próprio processo de afiliação daquele que escreve, auxiliando na organização de suas idéias, como também no exercício da escrita.

> O interesse metodológico e teórico desses diários é fundamental. Descrevendo a maneira pela qual eles apreendiam o mundo universitário onde estavam entrando, os estudantes se tornavam etnógrafos reflexivos de sua própria passagem e encenavam a descoberta dos etnométodos de seu novo mundo social. Dessa forma, perimtiam-me ver a maneira através da qual eles construíam seu mundo, falando sobre sua ordem, racionalidade e coerência. Cada estudante, que escrevia o diário, tornava-se assim um informante que tinha um duplo papel: era um ator ingênuo que vivia suas atividades normais, naturalmente; e era também, ao mesmo tempo, um informante reflexivo que possibilitava ao sociólogo uma visão “de dentro”. Esta etnografia profana produziu uma enorme coleta de dados de campo que forneceram muito variadas e de grande riqueza. (COULON, 2008, p. 58)

De nossa parte, temos que considerar que o diário foi, realmente, um aspecto importante do método escolhido. Apesar do número reduzido de informantes, pude verificar o que Coulon (2008) fala da capacidade que o diário proporciona em acessar informações “de dentro”, que muitas vezes não entram na pauta de nossas investigações, mas que são extremamente ricas.

O acompanhamento nasceu da necessidade de realizar uma aproximação do cotidiano do aluno, procurando investigar com maior minúcia as implicações de tempo-espaço envolvidas no processo de afiliação, mas foi na transcrição de uma entrevista que notei que esse olhar seria mais rico se acompanhasse o percurso do estudante até a universidade. A entrevista a que me refiro foi de Gerson, ao relatar com absoluta tranquilidade e certeza que os estudantes passam mais tempo no ônibus e nos pontos do que em sala de aula. Somado a isso, minha experiência em sala de aula, confirmava as informações de Gerson, quando essa informação frequentemente aparecia nos debates.

Na ocasião do acompanhamento, realizado em julho, último mês de aula, eu me dirigia até o local no qual o estudante se deslocava até a universidade, e em sua

maioria, coincidia com sua própria residência, mas houve o caso de uma estudante que ia para a universidade a partir de seu trabalho. Durante o trajeto, e enquanto o estudante terminava de se preparar para ir à universidade, fazia algumas questões referentes ao primeiro semestre quase findo, quais as suas impressões, perguntas sobre o deslocamento, como se deu a relação com amigos e família no interior. Realizava o trajeto junto com o estudante nos horários e com os meios de transporte cotidianamente praticados por eles para se dirigirem até a universidade.

Como realizei esse acompanhamento próximo ao final do semestre alguns estudantes já haviam mudado para bairros mais próximos da universidade e, então, diversos acompanhamentos foram realizados acompanhando a pé o itinerário deles, observando os caminhos descobertos, como lidam em dias de chuva, etc. Com um único estudante fiz o caminho de ônibus e com outro de moto, sentado na garupa. Esse último caso mostrou-se realmente mais arriscado, mas me preocupei em manter os mesmos procedimentos. Esse estudante, no final do ano, bateu sua moto e sofreu múltiplas fraturas por todo o corpo.

Uma das estudantes, contudo, desistiu de frequentar a universidade entre o primeiro semestre e minha tentativa de encontrá-la para marcar o acompanhamento. Não consegui qualquer resposta às minhas solicitações de contato, tanto via endereço eletrônico, como via telefone, embora até aquela data esses canais de comunicação tivessem se mostrado eficientes para contactá-la.

As entrevistas foram gravadas, transcrevi integralmente todas elas, recolhi todas os diários de afiliação, e escrevi o diário do pesquisador, utilizando todo esse material na composição da análise. A partir da análise do primeiro caso, submetido à apreciação da banca de qualificação em agosto de 2010, as principais categorias e unidades de análise foram identificadas e discutidas, servindo como estratégia de análise para os demais casos. O material integral das entrevistas, diários e acompanhamentos foi submetido à leitura minuciosa que buscava rastrear as unidades de análise definidas anteriormente, assim como para identificar outras unidades ou para reconfigurá-las no contexto do material como um todo. Assim, procurei realizar a análise cruzada de casos proposta por Yin (2005). O autor propõe alguns modelos de apresentação do relatório final, e optei pela última modalidade, destinada unicamente para casos múltiplos, no qual não deve haver capítulos ou

seções de casos individuais. O relatório inteiro consiste em análises cruzadas dos casos estudados.

Sempre que houve diferenças importantes entre os casos, apresentei os diferentes resultados “[...] quando participantes diferentes tiverem versões diferentes do mesmo acontecimento – o procedimento deve ajudar a identificar as várias perspectivas [...]” (YIN, 2005, p. 191).

## 1.4 ESCRITA

Antes de continuar, devo esclarecer que utilizei em momentos diferentes, ora a escrita em primeira pessoa do singular, ora na primeira pessoa do plural. Quando me utilizo da primeira pessoa do singular exponho minha participação direta nas etapas do trabalho, a partir da compreensão de que a vinculação com o tema e com os informantes ocorreu e que, somente assim, tive acesso a outra qualidade de informações, sobre as quais a pesquisa etnometodológica tem interesse. Ter a clareza dessa vinculação e explicitá-la auxilia no processo de interpretação das informações, de minha própria participação, e dos vínculos em jogo durante as fases de coleta de dados. A importância da vinculação, espero, ficará clara durante a leitura, mas, é bom salientar, só aos poucos tornou-se evidente para mim. As escolhas metodológicas e teóricas e os dados obtidos contribuíram para compreender a estreita ligação entre tempo-espaço e processos de vinculação.

Quando uso a primeira pessoa do plural, convido você, leitor, a discutir junto comigo as propostas de análise, quando não estou me referindo a ações em conjunto com minha orientadora ou com o estudante informante.

# 2 PASSAGEM À CONDIÇÃO DE ESTUDANTE: BREVÍSSIMA REVISÃO DOS CONCEITOS DE COULON

Para Coulon (2008), a entrada no ensino superior é, para o sujeito, uma transição para o ensino superior, no qual deixa sua condição de aluno para entrar na condição de estudante. A mudança dessa terminologia diz muito, mas o autor não aprofunda esse ponto em seu livro *A Condição de Estudante*. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, aluno deriva da palavra latina *alumnus*, que tem o sentido de “criança de peito, lactente, menino, aluno, discípulo”, e é uma derivação do verbo *alère,* que, por sua vez, traz o sentido de “fazer aumentar, crescer, desenvolver, nutrir, alimentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer etc”. Importante ressaltar que aqui mora um equívoco constante de se atribuir à palavra aluno o significado daquele que não tem luz, como explica o professor Mamede [entre 2000 e 2009], que, segundo ele, trata-se de uma etimologia forjada e levianamente inventada, formada pela negação *a*, e pelo elemento *lun-*, adulteração de *lumen*, *luminis*, do latim, que significa luz. Para o professor, trata-se “[...]de erro grosseiro, destituído de senso crítico e de espírito científico dos inventores da tal etimologia [...]”.

De qualquer modo, *alumnus*, refere-se a alguém que necessita de cuidados, de alimento, de nutrição, necessita ajuda para se fortalecer e se sustentar, enquanto que a etimologia da palavra estudante faz referência a outra qualidade de ação, agora não focada na carência de cuidados e de proteção ou nutrição como é o caso do aluno, mas a uma ação do sujeito em direção ao seu contexto, uma relação de atenção, de cuidado e zelo. Segundo o mesmo dicionário, estudante deriva de *estud-*, também do latim, “[...] *studèo, es, ùi, ére* 'aplicar-se a, dedicar-se a; ter gosto ou zelo; estudar', donde o subst.lat. *studìum,i* 'aplicação, trabalho, cuidado, zelo, empenho; sala, gabinete de estudo', donde o adj. *studiósus,a,um* 'aplicado, cuidadoso, zeloso, estudioso'”.

Essa significativa diferença entre ser nutrido, ser protegido e ser zeloso, ser cuidadoso, não é somente marcada na etimologia do nome de sua nova função, mas também em uma profunda mudança em todas as relações que o recém-ingresso terá com a nova instituição, através dos professores, das regras, dos comunicados,

nas relações com os outros que partilham sua mesma condição. A universidade não se preocupará em cuidar, ou nutrir, cada um de seus milhares de alunos que ingressam todo ano em suas dependências, mas espera de seu aluno que, ele sim, seja aplicado, cuidadoso e zeloso com as regras, os espaços e os tempos da instituição, em funcionamento muito antes da entrada dos neófitos.

Coulon (2008) entende essa mudança como um processo de passagem, assim como Gennep (2008) compreende as transições ritualísticas em que um indivíduo muda de status dentro de seu grupo, passando por três etapas diferentes: separação, transição e incorporação. No livro *A Condição de Estudante*, Coulon (2008) muda o nomes utilizados por Gennep (2008) dessas fases ao estudar a transição para a condição de estudante. O estudante passaria, desta forma, por três tempos: o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação.

O interesse de Coulon (2008) se estabelece na entrada dos alunos na universidade e as transições atravessadas por eles nesse processo importante de passagem para a vida adulta, ingressando em um universo que lhe é estranho e complexo, concentrando rupturas, desestabilizações e aprendizados. A partir da contribuição de Coulon (2008) fica claro como ser estudante requer esforço e está longe de ser um processo natural ou espontâneo, mas sim um aprendizado de um novo ofício e, de certo modo, de um jogo sofisticado com as regras e com os conhecimentos da universidade.

Ao compreender a entrada na universidade como um processo de passagem, Coulon (2008) garante um olhar mais atento para um momento tão delicado na vida do estudante, quanto naturalizado pelo senso comum, visto apenas como um momento de realização de um dever para alguns, das camadas mais privilegiadas economicamente da população, ou como a realização de um sonho para aqueles das camadas mais pobres e excluídas. Ao entrevistar centenas de alunos durante mais de quinze anos na tarefa de orientação de alunos dos primeiros semestres, acompanhando diários escritos pelos próprios alunos, através de entrevistas clássicas, conversas ocasionais e observações intensivas, o autor oferece um quadro rico sobre os etnométodos inventados pelos estudantes para lidar com o novo contexto que lhe é apresentado.

Esse esforço do aluno constitui marco fundamental em sua passagem à condição de estudante, tornando-se zeloso pelo seu próprio sucesso na nova “profissão”: a de ser um estudante.

## 2.1 O OFÍCIO DE ESTUDANTE E AS AFILIAÇÕES

Logo na primeira frase da introdução, Coulon apresenta uma afirmação significativa: “A primeira tarefa que um estudante deve realizar quando ele chega à universidade é aprender o ofício de estudante” (COULON, 2008, p.31). Essa compreensão é a fundamentação da pesquisa que o autor fez na Universidade de Paris VIII, assim como de seu livro, entendendo que ser estudante é resultado de um longo trabalho e aprendizado das regras que compõe esse ofício. No caso do ensino universitário, essa tarefa é imprescindível para a sustentação de seu caminho dentro da instituição, levando o autor a pesquisar os mecanismos e as conexões internas desse processo de seleção e de classificação social que distingue aqueles que permanecerão estudantes daqueles que serão excluídos. Essa é tese de Coulon: aqueles que não conseguem atravessar essa passagem de aluno de ensino médio ao de estudante universitário fracassam, ou terão seu sucesso acadêmico comprometido. Esses estudantes serão eliminados ou se auto-eliminarão porque não conseguiram se tornar membros do novo grupo que encontraram, permanecendo, portanto, estrangeiros.

A esse processo de aquisição de um novo status social e de entrada em um novo grupo, o autor chama de afiliação, e no caso dos estudantes, seu tema de pesquisa, denomina-o de a afiliação estudantil. A afiliação estudantil seria, portanto o desembaraço de quem conseguiu apreender as práticas e os modos de funcionamento correntes na universidade que antes não faziam parte dos hábitos dos estudantes. Dentro desse grande processo chamado de afiliação estudantil, o autor distingue outros dois, a afiliação intelectual e a afiliação institucional.

A afiliação intelectual é entendida como a aprendizagem das regras do uso, da construção, da reprodução, e da exibição do conhecimento, como, por exemplo, saber quando e como falar ou se calar, apropriar-se do vocabulário particular de

palavras eruditas, autorizar-se a pensar, a ler, a escrever sem pensar que a produção não tem importância, desenvolver a concentração como um objeto de aprendizagem técnica, saber exibir sua competência, aprender a trabalhar intelectualmente por conta própria, saber decifrar as tarefas implícitas da universidade, ou saber usar uma biblioteca. De modo semelhante, a afiliação institucional é considerada bem sucedida quando o estudante consegue interpretar, usar e jogar com as regras da instituição, descobrir aquelas que estão escondidas e utilizá-las na construção individualizada de seu percurso. Corine, uma das alunas entrevistadas por Coulon (2008), diz: “ser afiliada significa que conhecemos os mecanismos, sabemos como as coisas acontecem e quando não passamos três horas procurando uma secretaria ou um gabinete quando não estamos enlouquecidos, quando cumprimos os prazos” (COULON, 2008, p. 208). Agora, nas palavras de Coulon: “Se afiliar significa empreender, no momento certo alguns trâmites que cadenciam a vida do estudante: matricular-se nos cursos, devolver trabalhos no prazo determinado, ter entendido o ritmo próprio das múltiplas regras da vida de um estudante e compreender sua ordem temporal.” (COULON, 2008, p. 208).

Considerando a entrada na universidade como um processo de passagem, Coulon, voltamos a repetir, propõe três tempos na afiliação estudantil, que são: o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação. Resumidamente, esses tempos estabelecem o período de profundo estranhamento com a universidade e de rompimento com o mundo familiar (estranhamento), depois o período em que o estudante passa a se adaptar ao cotidiano universitário e já existe uma acomodação (aprendizagem), e finalmente o período em que o estudante já possui capacidade de interpretação, vivência e jogo com as regras e com os conhecimentos universitários (afiliação).

O tempo do estranhamento é particularmente significativo para nosso estudo, uma vez que estamos interessados no momento de ingresso do aluno na universidade, vivenciando o processo de tornar-se estudante, de afiliar-se à universidade. Nas palavras de Coulon, “A universidade é uma experiência de estranhamento radical, o saber, a linguagem, os procedimentos se organizam de maneira diferente daquela do ensino médio.” (COULON, 2008, p.70).

# 3 QUESTÕES CONTEMPOÂNEAS NO COTIDIANO DA UNIVERSIDADE: IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES DE TEMPO ESPAÇO

As discussões sobre a universidade são, muito frequentemente, elaboradas sem o interesse nas discussões que a contemporaneidade nos coloca, como novas e impositivas maneiras de lidarmos com o cotidiano e com as instituições. De fato, se pensar a universidade já é tarefa para poucos interessados, incluir na agenda as implicações das atuais transformações macro-econômicas, tecnológicas, culturais e políticas, parece tornar mais árida a discussão e restringir muito os interlocutores.

Por outro lado, nota-se a implicação profunda desses aspectos em modalidades fundamentais do funcionamento tanto das instituições quanto de nosso cotidiano, que são o tempo e o espaço. Além disso, há constantes referências das transformações tempo-espaciais nas teorias da contemporaneidade, como das implicações da globalização (também chamado de novo capitalismo, capitalismo flexível) que vem afetando decisivamente a universidade e as relações sociais.

Defendo neste capítulo a necessidade de se considerar questões da contemporaneidade para aprofundar discussões sobre a entrada dos estudantes na vida universitária, assim como todo seu processo de afiliação à nova instituição. Como ponto fundamental de estudo escolhem-se as questões de tempo e de espaço, compreendidas em intensa transformação atual e com implicações diretas na vida dos estudantes, assim como na economia global e, portanto, na universidade com um todo.

## 3.1 A UNIVERSIDADE E A CONTEMPORANEIDADE

Alain Coulon (2008), ao escrever o prefácio para a segunda edição de seu livro “A Condição de Estudante”, analisa as mudanças ocorridas nas últimas décadas no ensino francês relativos à universidade, e constata que a democratização ao acesso

do ensino superior não significou democratização do acesso ao saber. Dentre os motivos para os números preocupantes de evasão e de fracasso dos estudantes universitários franceses, o autor apresenta tanto questões que poderíamos chamar de crônicas e outras que chamaremos aqui de novas questões. As questões crônicas são aquelas que acompanham a universidade há muito tempo e constituem-se em práticas que se sedimentaram largamente nessa instituição, como a indiferença quanto a uma pedagogia universitária, a cultura individualista de seus professores-pesquisadores, e a crença comum e equivocada dos estudantes e de seus familiares de que a entrada na vida universitária é uma continuidade “natural” dos estudos secundários.

As novas questões parecem surgir mais recentemente e estariam relacionadas com mudanças mais complexas e mais amplas que envolvem a sociedade como um todo, e como seria de se esperar, atravessaram os muros da universidade e a afetaram também, tanto em sua estrutura quanto nas relações com sua população. Desses pontos, podemos encontrar em Coulon dois deles: o enfraquecimento do sistema de informação e de orientação, e uma nova relação dos estudantes com o saber.

Antes de aprofundar tais questões, o importante aqui é que assim como Coulon, Boaventura de Sousa Santos (2005), no intuito de pensar a universidade, além de levantar questões históricas da universidade, também retoma os últimos acontecimentos desde meados da década de 1990 até o ano de 2005, analisando os impactos das questões macroeconômicas nos Estados Nacionais, e nas relações destes com as universidades públicas e particulares. Podemos observar no pensamento do autor o desenrolar de questões contemporâneas postas à universidade que geraram crise em sua condição até então intocada e lustrosa.

Para Santos (2005) a universidade possuía funções tradicionais que ocupava desde sua fundação, na Idade Média, e relacionavam-se tanto à formação das elites (promovendo uma “alta cultura”, pensamento crítico, conhecimentos exemplares, científicos e humanísticos), quanto na formação de mão de obra qualificada para o mercado, através de uma cultura média, rica em conhecimentos instrumentais. Suas funções tradicionais, no entanto, entram em crise acentuada no século vinte, quando

a universidade passa a ser questionada por não atender cabalmente todas as demandas que o novo contexto econômico e social exige[3].

A partir de então, o autor observa a consolidação mundial do modelo neoliberal de capitalismo, que acaba por pressionar os Estados Nacionais a reduzir drasticamente suas prioridades sociais e seus compromissos políticos com a educação, a saúde, e a previdência. As universidades públicas, por sua vez, passaram por um processo de descapitalização, e em diversos países foram privatizadas ou tiveram que concorrer em condições de competição com instituições privadas nacionais e, depois, transnacionais, em disputa pelo novo serviço à disposição do mercado, o serviço universitário. Assim, em poucas décadas a universidade e o ensino perderam a condição de bem público, para tornaram-se apenas um bem, e, como tal, passível de produção, distribuição, e comercialização por parte de seus produtores, e de uso e consumo por parte dos consumidores.

Ainda segundo Santos (2005), a universidade passa, então, a ser entendida na mesma lógica da globalização e a ser vista e gerida segundo as mesmas bases de uma empresa, no paradigma de maximizar rentabilidade, servindo como incubadora de novos serviços, e como fornecedora de capital humano para a economia de serviços e da sociedade de informação, onde a educação assume um lugar de destaque. Grandes instituições internacionais como a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional, e o Banco Mundial, através de seus empréstimos financeiros, pressionam em seus acordos comerciais os países a adotarem medidas que se ajustem a um regime geral de serviços mundiais, abrindo as fronteiras dessas nações para a comercialização da educação, entendida agora como um serviço como os demais.

Assim como Santos (2005), Almeida Filho (2007), considera as questões macro-econômicas envolvidas na contemporaneidade, entendendo que esses processos estão interferindo no cotidiano universitário. O que esses autores discutem com

[3] Santos (2005) destaca três crises específicas da universidade: Crise de Hegemonia – A partir da incapacidade da universidade dar conta das novas demandas, o Estado e o mercado recorrem a alternativas fora da universidade. Crise de Legitimidade – Ocorre quando a universidade deixa de ser uma instituição consensual, e passa a ser questionada tanto pelas restrições ao acesso de seus saberes quanto pela distância e descompromisso com questões sociais. Crise Institucional – Quando se estabelece a contradição entre a autonomia universitária nas definições de suas funções e objetivos e as pressões crescentes para se submeter a critérios diferentes dos seus, como eficácia, produtividade empresarial e responsabilidade social.

essas obras são propostas para uma outra universidade, desta vez mais porosa às questões sociais, mais comprometida com as comunidades de seu contexto, com os destinos políticos, e com uma outra proposta para os Estados Nacionais, no intuito de se resgatar os compromissos sociais destes com sua população, ao garantir, entre outras coisas, acesso, permanência e qualidade na educação.

Almeida Filho (2007) publica diversas críticas e propostas para a universidade brasileira, e como reitor da UFBA, conseguiu empreender algumas de suas propostas publicadas em “Universidade Nova: textos críticos e esperançosos”. A própria estruturação e implementação dos bacharelados interdisciplinares procura responder às novas demandas sociais, abrindo mais de mil vagas para cada ano de seu curso e abrindo turmas à noite, para que um público tradicionalmente impedido de participar das universidades públicas pudesse retomar seus estudos.

Um dos estudantes entrevistados permaneceu dezoito anos distante da sala de aula, muito embora tenha se mudado para Salvador justamente com o intuito estudar em uma universidade pública. A partir da realidade encontrada na capital, no entanto, compreendeu que na estrutura encontrada na cidade e na universidade, estudar e trabalhar eram mutuamente excludentes.

Para analisar a contemporaneidade, no entanto, precisamos considerar diversos fatores que se entrecruzam, se alimentam mutuamente, e por serem fenômenos tão diversificados, fragmentados, em tão grande número, e aparentemente desconexos, acabam por criar um aspecto ilegível, exatamente por mostrarem-se desarticulados e inacessíveis à análise.

Esse aspecto ilegível foi observado por Sennett (2008) ao analisar as consequências pessoais diante das mudanças que o capitalismo flexível trouxe, transformando a antiga “carreira”, originalmente uma estrada para carruagens, para transformar-se no “job”, que queria dizer um bloco ou parte de alguma coisa, no inglês do século quatorze. Desta forma, os caminhos das carreiras traziam consigo a perspectiva de um caminho conhecido, retilíneo e seguro de seu ponto final, mas o trabalhador que até então sabia de antemão o que esperar na próxima estação, encontra-se agora imerso em uma profusão de “job´s”, trabalhos de curta duração, e assim que termine de construir esse bloco, rumará para a manufatura de outro, mas que não guardam

necessariamente qualquer relação entre si, não terá a segurança de que continuará construindo blocos, nem mesmo poderá levar consigo as experiências adquiridas devido ao caráter de equipe que comanda esse modo de trabalho. Equipes formam-se e dispersam-se na mesma velocidade da duração de execução da atividade específica, e toda a experiência anterior àquela equipe não soma, mas atrapalha. A fragmentação, a intermediação de tecnologias entre o trabalhador e sua produção, e a fragilidade das relações do atual panorama do trabalho, produzem ilegibilidade, no sentido de que o trabalhador não consegue entender o que está fazendo (Sennett, 2008).

Milton Santos (2008), em seu livro “Por Uma Outra Globalização”, enriquece a percepção dessa ilegibilidade, anotando sua relação direta com a “confusão dos espíritos” que se alastrou e que acabou tornando-se um dos motores centrais da globalização. A perturbação do raciocínio e essa percepção fragmentada devido à imensa proliferação de informações, são peças constitutivas da ideologia do pensamento único, que se utiliza dessa confusão para impor a globalização como a única alternativa histórica atual para a humanidade. Por entender esse aspecto ilegível da contemporaneidade como ponto central da produção das “perversidades” atuais, Milton Santos defende o esforço pela análise: “Nossa grande tarefa, hoje, é a elaboração de um novo discurso, capaz de desmitificar a competitividade e o consumo e de atenuar, senão desmanchar, a confusão dos espíritos” (Santos, M., 2008, p.55).

Bauman (2001), ao comentar a obra de Cornelius Castoriadis, concorda com esse autor de que a sociedade atual deixou de se questionar, e em decorrência disto, não reconhece outra alternativa para si mesma, sem qualquer preocupação em justificar-se enquanto modelo, estratégias, e mecanismos. Bauman acrescenta que a contemporaneidade deu “hospitalidade à crítica”, no sentido de que abre a opinião às pessoas, acomodando o pensamento e as ações críticas, mas saindo imune, intacta e sem cicatrizes desse processo, que ao invés de enfraquecê-la, só a faz fortalecer. O modelo que o autor apresenta é a de um acampamento, no qual todos podem usufruir de suas instalações, ninguém irá se incomodar em saber sobre o gerenciamento do lugar, desde que seja suficientemente servido com espaço para seu trailer, com serviços de água e energia elétrica. Os usuários querem ser deixados à vontade pelo administrador do acampamento, sem jamais questionar a

autoridade dele. Acaso se irritem com algum problema, ou queiram reivindicar algum serviço mal prestado, poderão se exaltar e vociferar, mas sempre estarão longe de questionar as políticas administrativas, ou de se comprometer a mudar o local. Desta forma, o acampamento continua sem ser afetado pelos ocupantes anteriores. Canclini (2003), faz analogia semelhante, comparando nossa relação com o país a hóspedes de um hotel, que se adaptam às regras e lidam com um estabelecimento com o qual não se implicam por não lhes pertencer.

Para Castells (1999), observar, analisar e teorizar auxilia a construção de um mundo diferente e melhor. Esse esforço, para Boaventura de Sousa Santos (2005) também é entendido como questão vital da universidade para tentar desvencilhar-se das intensas crises em que está imersa. Embora exista uma forte propensão de uma parcela da universidade em buscar soluções nas experiências passadas, tentando resgatar um possível bom momento histórico, o autor compreende que esse esforço é equivocado e inútil, primeiro porque esse passado áureo somente existiu para alguns poucos privilegiados que encontravam-se na parte de dentro das instalações universitárias, mas que não o foi igualmente, por exemplo, para as comunidades mais periféricas da sociedade que só conseguiam acessar suas dependências para prestar os serviços mais desqualificados e os piores pagos. Santos (2005) entende que é imprescindível tratar os novos tempos com novas perspectivas porque a tendência de ignorar o que se passa será o suficiente para a instituição ser esmagada pelo processo ágil e violento da transnacionalização dos serviços universitários, que em poucos anos têm se alastrado com velocidade e força.

Conforme analisamos até agora, as últimas décadas trouxeram implicações profundas em um nível macro-econômico-social, afetando diversas esferas e instituições, e a universidade não escapou a essas tensões e mudanças contemporâneas. Observaremos agora como as questões de tempo-espaço podem ser tomados como um princípio norteador que possibilita analisar tanto as questões mais gerais, quanto aquelas que afetam diretamente o cotidiano.

## 3.2 UM DOS FIOS DA MEADA

'Você me acha um homem lido, instruído?'
'Com certeza', respondeu Zi-gong. ' Não é?'
'De jeito nenhum' replicou Confúcio.
'Simplesmente consegui achar o fio da meada.

Manuel Castells, 1999

Se uma das características da contemporaneidade é seu aspecto ilegível, uma boa imagem para ela seria a de um emaranhado de linhas confusas, entrelaçadas, mas aparentemente independentes, que em um primeiro instante torna-se indiferente a todo esforço de entendimento. Na tentativa de uma análise mais sistemática, pode-se pegar qualquer uma dessas linhas e investigar até onde ela pode nos levar e verificar sua relação com as outras, e parece ser exatamente isso o que ocorre ao me debruçar nas teorias da contemporaneidade. Escolher uma das linhas parece mais vantajoso do que escolher linha nenhuma e acabar tendo que descrever o novelo todo, emaranhado, e ao final perceber a produção de mais confusão.

Castells (1999) apresenta a história de Confúcio e não demora a apresentar sua opção, puxará a linha da revolução tecnológica nas informações, que, a partir desse aparato tecnológico transformou a nossa "cultura material", estendendo uma linguagem digital comum, com penetração em todos os domínios da atividade humana. Em nossos tempos estaríamos vivendo uma transformação radical no mesmo patamar de importância de que a Revolução Industrial, e ao invés de carvão, a energia dessa nova revolução é a tecnologia da informação. Passamos, assim, de uma tecnologia baseada em insumos baratos de energia para uma outra baseada em insumos baratos de informação, através da microeletrônica e das telecomunicações. Com uma "língua digital" comum, tornou-se possível a integração global, com a distribuição de palavras, sons e imagens através dos novos canais de comunicação.

Outra dessas linhas bem intrincadas do novelo é a transnacionalização da economia, implicada na fragilização das fronteiras comerciais entre as nações, nas novas relações de trabalho, no enfraquecimento dos Estados Nacionais e nas suas transformações sofridas, como o fim do estado de bem estar social. Como já se

comentou aqui, há uma relação direta entre as empresas transnacionais, os organismos internacionais e o enfraquecimento do Estado, e com ele, a ruína dos compromissos dos governos federais com programas sociais, como os de acesso à saúde e à educação.

Sennett (2008) analisa algumas dessas transformações das grandes empresas no "capitalismo flexível", imbuídas com programas de "reengenharia", cuja finalidade maior é a mudança institucional e a destruição das rotinas burocráticas, através de fusões e de enxugamento dos recursos humanos, como se qualquer mudança fosse melhor do que permanecer parado. O autor apresenta dados recentes de empresas que passaram por essas grandes transformações e fica claro que os resultados não validam os esforços pelas reestruturações sofridas nem mesmo para as grandes corporações, e que quase a totalidade dos trabalhadores que acabam "escolhendo" demitir-se acabam sofrendo perdas salariais. Todavia, a "demolição de organizações" no mercado moderno, com a reengenharia administrativa, tornou-se um negócio lucrativo, mas, evidentemente, as perdas sociais não são contabilizadas.

Na análise de Bauman (2001), o imperativo atual é o de ser leve e líquido, e operar o derretimento dos sólidos que atrapalham a consolidação de uma contemporaneidade fluida, de característica cambiante, móvel, inconstante, e imprevisível. Derreter os sólidos significa eliminar as obrigações e embaraços das empresas com a família, e com as questões éticas, políticas e culturais, para deixar somente o dinheiro entre seus assuntos. Para o autor, as transformações que suscitaram a "modernidade fluida" possuem impacto profundo na condição humana, e um dos principais pontos para se investigar as novas condições são as questões de tempo-espaço, apesar de se ter outros "marcadores" que podem ser utilizados. Bauman, no entanto, insiste que a relação cambiante entre o espaço e o tempo é a "diferença que faz a diferença":

> A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos num estável e aparentemente invulverável correspondência biunívoca. (BAUMAN, 2001, p.15)

De modo semelhante posiciona-se Harvey (2009) ao defender a tese de que as mudanças abissais que ocorreram na política, na economia, e na cultura, imprimiram novas maneiras pelas quais experimentamos o tempo e o espaço. Embora nenhum desses autores defenda a primazia das condições de tempo-espaço sobre os outros fatores envolvidos nas mudanças contemporâneas, a análise produzida por eles sobre as implicações desse aspecto contribui significativamente para aprofundar as observações sobre os impactos em nossas relações cotidianas.

## 3.3 QUESTÕES DE TEMPO E ESPAÇO

A história do tempo começou com a modernidade

Zygmunt Bauman (2001, p.128)

Em uma conhecida passagem, Santo Agostinho esforça-se em desvendar os enigmas do tempo, tentando compreendê-lo filosoficamente nessa obra escrita no século IV, entre 397 e 398.

> Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. (AGOSTINHO, 1999, p. 322)

A ansiedade e dúvida sobre a definição do tempo, como um bom problema filosófico, chegaram até nossos dias, assim como certa indiferença no modo como o tema é tratado. Como afirma Harvey (2009), o tempo e o espaço, por serem categorias básicas da existência humana deixam de ser problematizados, e raramente recebem investigações mais criteriosas, ficando a cargo de atribuições do senso comum ou auto-evidentes.

Concordando com Santo Agostinho, Elias (1998), compreende a complexidade da tarefa de se definir o tempo, e, ao mesmo tempo, da necessidade de entendermos melhor os problemas relativos a ele para apreendermos sobre a humanidade, suas relações: “Mas o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor.” (ELIAS, 1998, p.7)

De modo semelhante, Comte-Sponville (2006) compartilha com o santo as mesmas angústias:

> O tempo parece indefinível, inapreensível, como se só existisse em sua fuga, como se só aparecesse com a condição de sempre desaparecer, e tanto mais obscuro como conceito quanto mais como experiência. É uma evidência e um mistério: ele só se revela ocultando-se; só se entrega em sua perda; só se impõe a todos no próprio movimento pelo qual de todos escapa. (COMTE-SPONVILLE, 2006, p.17)

Embora o constrangimento angustiante que o tempo impõe ao pensamento filosófico e das dificuldades de apreendê-lo, Comte-Sponville (2006) opera uma distinção importante entre o tempo da consciência (ou o tempo da alma, tempo subjetivo), e o tempo real (do mundo, natural, objetivo). O relógio seria um mecanismo que mensura o tempo real. Como nos diz Elias (1998), os relógios são padronizações de nossa sociedade em que processos físicos são decompostos em horas e minutos, unidades com regularidade recorrente. A partir dessa padronização torna-se possível as comparações entre dois eventos distintos quanto à extensão dos minutos e das horas.

Ainda sem nossos relógios modernos ou outros recursos técnicos para auxiliá-lo na angústia de não se conseguir medir o tempo, Santo Agostinho confessa: “O meu espírito ardeu em ânsias de compreender este enigma tão complicado” (AGOSTINHO, 1999, p.329). Santo Agostinho relaciona inicialmente o tempo com o movimento dos corpos no espaço, e na comparação entre diferentes durações, mas logo refuta a possibilidade de se conhecer a duração do tempo através desse princípio, uma vez que poderíamos utilizar o próprio tempo para medir o movimento ou a ausência dele. Assim, se um corpo manteve-se parado, poderia se afirmar que ele permaneceu parado por tanto tempo. Na classificação do tempo, o autor determina três categorias: passado, presente e futuro, mas também o tempo “breve” e o tempo “longo”.

Retomando as ideias de Comte-Sponville (2006), o tempo da consciência (da alma, subjetivo, do coração), é aquele em que a duração dos eventos é pesada segundo o prazer ou a dor de nosso mundo interior, passando mais ou menos depressa dependendo desse critério subjetivo, e aqui podemos pensar na distinção feita por Santo Agostinho entre o tempo breve e o tempo longo. Esse tempo da consciência é múltiplo, heterogêneo, desigual. Como lembra Elias (1998), dois discursos seguidos um do outro, com a mesma duração real, podem ter tempos subjetivos muito diferentes.

Segundo Comte-Sponville (2006), o tempo da consciência é a sucessão do passado, presente e futuro, mas para o tempo real o futuro não existe porque ainda não é, e o passado não existe, uma vez que já não é. O presente para o tempo real é um ponto de tempo sem nenhuma extensão de duração, portanto já nem seria tempo: “O tempo é essa abolição de tudo, que parece abolir a si mesma: a fuga do tempo é o próprio tempo”. (COMTE-SPONVILLE, 2006, p.19). Desta forma, sem a alma só haveria esse fragmento de tempo, o presente perpétuo, e, segundo o autor, se não houvesse mais do que o presente não haveria tempo. É a alma que faz existir o tempo, que liga algo que passou com o que ainda pode vir, é a alma “[...] a única capaz de fazer existir juntos, numa mesma presença de si, um antes e um depois [...]” (COMTE-SPONVILLE, 2006, p.29). A esse tempo com passado, presente e futuro, o autor chama de temporalidade.

Comte-Sponville (2006) retoma, então, as noções de tempo para Aristóteles, que entende a existência do tempo em relação à mudança: quando distinguimos uma mudança, aí percebemos a passagem do tempo. Assim, não haveria passagem de tempo sem movimento ou mudança. Essa noção de Aristóteles também pode nos ajudar a pensar as questões de tempo-espaço na contemporaneidade devido sua relação estreita com o movimento e a mudança. Ainda no âmbito filosófico poderíamos pensar que a percepção de compressão de tempo-espaço é disparada não somente pelo crescente velocidade do giro de mercadorias e de capitais, e na flexibilização da economia e das relações de trabalho, mas também, na impressionante sensação de parque de diversões que experimentamos atualmente, numa sucessão veloz e incessante de mudanças, fragmentações e movimento. Na vertigem da velocidade e da flexibilização das estruturas, como destacam Bauman

(2001) e Harvey (2009), a experiência de tempo-espaço é alterada significativamente.

As noções de “longe”, “perto”, “cedo”, e “tarde”, segundo Bauman (2001), quando ainda não havia sido rompida a relação íntima entre tempo e espaço, traziam as noções do quanto esforço era necessário para se percorrer uma determinada distância, assim, quem colocava o limite era a capacidade humana ou animal para transpor um espaço. Com a construção de veículos mais velozes que a capacidade humana e animal, essa noção se rompe e o tempo passa a ser contabilizado como uma questão técnica, uma vez que os veículos podem ser cada vez mais aperfeiçoados. O tempo passa a ser o elemento dinâmico na relação de tempo e espaço, porque pode ser mudado e manipulado com as novas técnicas, passou a ser uma ferramenta para se vencer as resistências do espaço, encurtando distâncias. Em analogia inspirada, Bauman (2001) declara essa relação estreita entre as novas questões temporais e a contemporaneidade, ao dizer que a modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino.

Continuando sua análise, Bauman (2001) analisa que o tempo é fator fundamental nas novas composições, porque ele se tornou dinâmico e passa a ser utilizado como ferramenta para vencer o espaço, encurtando distâncias através do tempo acelerado que as máquinas cada vez mais velozes proporcionam. Por um determinado momento, na “modernidade pesada”, a conquista de grandes faixas territoriais e a manutenção desses espaços a todo custo foi a tônica das relações de poder, mas com a “modernidade leve” o modelo “quanto maior, melhor” torna-se cada vez mais desajeitado. Na “modernidade leve, com as novas tecnologias que conseguem operar na velocidade da luz, o espaço perdeu quase completamente o seu valor a ponto de se desmanchar as distinções entre o “longe” e o “perto”, ambos podem ser acessados instantaneamente por quem acessa o tempo veloz. Se todas as partes do globo podem ser acessadas, visitadas, e abandonadas, o espaço em si é desvalorizado, já que não há lugar privilegiado, nem especial.

Ainda pensando em diferentes conceitos para discutir as relações contemporâneas com o tempo e espaço, importante trazer as contribuições de Giddens (1989),

principalmente de seu conceito “convergência de tempo-espaço”, segundo o qual as distâncias são estabelecidas em função do tempo necessário para mover-se entre as diferentes localizações, e não exatamente em uma relação com uma medição da quilometragem. O exemplo que o autor traz refere-se ao tempo necessário para atravessar da Costa Leste à Costa Oeste dos Estados Unidos, que a pé, a viagem levaria mais de dois anos; a cavalo, oito meses; de trem, em 1910, quatro dias; e, atualmente, de avião, cinco horas, e se for à jato, apenas duas horas. Observa-se que a tecnologia dos transportes opera radicalmente na convergência de tempo-espaço, mas que a isso se impõe o acesso que o grupo ou o indivíduo possui sobre esse recurso, tanto financeiro quanto da disponibilidade de assentos, como ilustra o autor: “[...] um trem expresso pode ligar duas cidades num tempo de três horas. Mas a disponibilidade de lugares pode ser limitada, mesmo para aqueles que podem e estão dispostos a pagar.” (GIDDENS, 1991, p.92)

Milton Santos (2008) acentua a necessidade de um olhar crítico sobre algumas fábulas criadas sobre a globalização e a contemporaneidade, como a criação do termo “aldeia-global” e a concepção de que existe um encurtamento das distâncias, pontuando que isso apenas ocorre para aqueles que têm acesso aos recursos ou podem pagar por eles, seja nos transportes, seja nas informações.

Assim, por exemplo, um estudante que sai da cidade de Madre de Deus, uma pequena ilha com um pouco mais de 11 quilômetros quadrados, e apenas 15.432 habitantes em 2007, segundo dados do IBGE, teria à sua disposição trinta e nove opções de horários de viagem durante o dia, tanto para ir quanto para voltar de Salvador, além dos outros dois ônibus disponibilizados pela prefeitura da cidade aos estudantes, que atende àqueles que estudam pela manhã e pela noite. Aqueles que estudam à tarde recebem vale-transporte. Nota-se, portanto, que um estudante dessa pequena cidade possui acesso ao transporte e encontra-se em uma relação de estreita convergência tempo-espacial com Salvador, e, muito provavelmente, tanto ele como seus familiares e amigos já visitaram a cidade em momentos anteriores à entrada dele na universidade.

Por outro lado, um estudante que chega de uma cidade com menor acesso à capital terá em seu histórico pessoal, familiar, e do grupo dessa cidade, poucas visitas, vivências e vínculos com uma metrópole. Observa-se um estranhamento tanto na

chegada daquele que migra, quanto em seu retorno após um momento de afiliação à nova cidade. Bosi (1987) nos traz seu exemplo ao relatar nesse fragmento, com os olhos da cidade grande, sua pequena comunidade de origem.

> Há casas em cidades tranquilas em que o tempo parou; o relógio das salas é o mesmo que pulsava antigamente e as pessoas que pisam as tábuas largas do assoalho conservam um forte estilo de vida que nos surpreende pela continuidade. Ainda na Semana Santa, em minha cidade, o jejum da “sexta-feira maior” é preparado dias antes com abundante comezaina (menos carne) para a penitência do grande dia. A farinha de milho do cuscuz é preparada pelos mesmos processos, exposta, vendida, cozinhada e comida com a mesma unção. E o manto do Senhor Morto das procissões é feito cada ano por mãos diferentes de costureiras, mas não é o mesmo gesto, a mesma devoção, o mesmo arrebatamento estético que absolutamente não são mais dos dias de hoje? (BOSI, 1987, p.75)

Aqui se observa a contribuição de Aristóteles, entendendo a passagem de tempo através das mudanças. Bosi (1987) ao visitar sua cidade de origem, não encontrou muitas mudanças, mas sim uma surpreendente continuidade dos preparos, dos costumes, e até mesmo dos gestos, dando a impressão para a autora de que “o tempo parou”, apesar do esforço do velho relógio das salas em querer demonstrar o tempo objetivo, ininterrupto, sempre-presente, inabalável.

Outra contribuição para a teorização do tempo-espaço é a “geografia temporal” de Hägerstrand, que tanto Giddens (1991) como Harvey (2009) apresentam como contribuições desse teórico para o estudo das práticas cotidianas e seus deslocamentos no espaço. Para Hägerstrand, cada indivíduo imprime uma trilha no tempo-espaço, seja no decorrer de um dia, com suas rotinas cotidianas de movimento, seja no decorrer de uma vida, como mudanças de cidade, de emprego, de moradia, etc. Nessa análise são considerados os tempos necessários de deslocamento, de alimentação, assim como as “restrições de contato”, como as dificuldades dessas trilhas de vida se encontrarem em “estações”, que são espaços determinados cuja característica é abrigar por um certo período de tempo as trilhas de vida, seja para encontros, compras, trabalho, etc. A intersecção das trilhas de tempo-espaço de dois ou mais indivíduos seriam a condição de qualquer transação social. Apesar das limitações das explicações por não levarem em conta as atribuições de sentido para os lugares, ou por não analisar a formação das “estações”, as propostas oferecem uma interessante base para análises mais críticas, detalhadas e contextuais.

Com relação aos espaços, Bauman (2001) classifica os espaços em lugares êmicos, lugares fágicos, não-lugares, e lugares vazios. O shopping center é, para o autor, um bom exemplo de “lugar sem lugar”, como se ao entrar em um desses templos do consumo o indivíduo estivesse realizando uma viagem no tempo, e principalmente no espaço, é a entrada em um mundo completamente outro, fechado em si mesmo e distante do contexto que existe do lado de fora. Dentro dele, há um caleidoscópio de sensações, cores e variedades, mas todas as diferenças do mundo de fora foram amansadas e higienizadas, ficando para o consumidor a aventura sem risco, sem medo do perigo e de contaminação. Como esses lugares também não conhecem confronto com uma diferença que exija negociação ou compreensão, cria-se uma comunidade sem pertencimento, sem vestígios nem rastros – uma multidão convive, caminha e compra sem se cansar com nenhuma negociação da diferença com estranhos.

Com relação às atitudes tomadas para enfrentar o desafio e o constrangimento de se lidar com o outro, Bauman (2001) traz da definição do livro “Tristes Trópicos”, de Claude Lévi-Strauss, no qual esse autor diferencia as duas atitudes básicas do homem em relação à necessidade de se relacionar com a alteridade do outro, as atitudes antropoêmica e a antropofágica. A atitude antropoêmica consiste em impedir o contato, o diálogo, a interação, e o comércio com os outros indesejáveis, entendidos como incuravelmente estranhos e alheios à comunidade, e como técnicas utiliza-se por exemplo a expulsão. Desta forma, “lugares êmicos” são aqueles em que diante do inevitável de se lidar com o outro, opera separação espacial, cria guetos urbanos, e seleciona o acesso e o uso dos espaços (Bauman, 2001).

O “lugar fágico” refere-se à segunda atitude descrita por Lévi-Strauss, a antropofagia, estratégia de devorar corpos e espíritos estranhos de modo a torná-los semelhantes a si mesmo através do metabolismo, e de suspender e aniquilar a alteridade. Bauman (2001) observa que essa estratégia assumiu diversas formas na história, como as cruzadas culturais.

Os “não-lugares” desencorajam a idéia de se estabelecer ou de se criar história, relações, ambiência, são espaços destituídos de expressões simbólicas cujo único destino é ser atravessado e deixado para trás o mais rapidamente possível.

Exemplos desse espaços são os aeroportos, auto-estradas, quartos de hotel, transporte público, que se expandem cada vez mais nos espaços públicos da cidade contemporânea, e talvez da própria universidade (Bauman, 2001).

Finalmente, os “espaços vazios” são lugares a que não se atribui significado, que não possuem barreiras ou delimitações mas não se visita, principalmente por serem invisíveis para alguns. São vazios nos olhos de quem vê, e são vazios de significado porque nem mesmo são vistos para boa parte da população, que não registra esses lugares nem mesmo como possibilidades de caminhos ou vias de acesso (não-lugares), e ali não se entra com o medo de se tornar vulnerável à presença de estranhos (Bauman, 2001).

# 4 A DIMENSÃO DE TEMPO-ESPAÇO NA CAPITAL

Os deslocamentos dentro de Salvador parecem constituir, de fato, um ponto central na vida dos estudantes que chegam do interior, e isso aparece nas entrevistas através de comentários sobre atrasos dos ônibus, preocupação com a violência e as decorrentes tensões em utilizar esse sistema de transporte, principalmente no período noturno.

As entrevistas com os participantes da pesquisa não seguiram um padrão fixo, mas uma das questões que se repetiu, quase sempre, foi o pedido para que o estudante comparasse sua cidade com Salvador. As respostas foram variadas, mas sempre refletiam sobre a diferença de proporção entre as duas cidades e as dificuldades enfrentadas com os deslocamentos na capital.

Milton, participante da pesquisa, comentou na entrevista as dificuldades enfrentadas nos deslocamentos de ônibus pela cidade, e analisou a importância desse aspecto na vida do estudante:

> E aluno sofre muito com isso. Muito. Porque a maior parte do tempo do aluno, não é só na sala de aula não, ele passa mais tempo no ônibus do que na sala de aula. Pode ter certeza disso, que ele passa menos tempo na sala de aula do que no ônibus. No ônibus ele demora muito mais, na questão da ida e vinda. (MILTON)

Apesar de todas as dificuldades, o ônibus como transporte coletivo é a solução encontrada pelos estudantes para se locomover pela capital, e passa a se tornar um dos meios principais pelo qual passam a conhecer a cidade.

Dentre tantos aspectos citados pelos participantes sobre suas vivências no transporte na capital, organizo-os aqui, a partir de quatro tópicos, os quais parecem reunir os principais desdobramentos da questão. No primeiro, trago as reflexões que os informantes fazem sobre a locomoção nas suas cidades de origem. O segundo ponto é a organização complexa, confusa e ilegível do sistema de transporte coletivo de Salvador, mas considerando-se apenas o ônibus, porque nenhum entrevistado faz uso de qualquer outro meio de transporte coletivo oferecido na capital, como seria o caso do trem. O terceiro ponto trata das próprias características da cidade,

como estrutura e funcionamento, que são citadas nas entrevistas, e que são importantes para o deslocamento dos estudantes. Finalmente, o quarto tópico discute a localização dentro da UFBA.

## 4.1 LOCOMOVER-SE NO INTERIOR: “LÁ É TUDO PERTO”

A locomoção na cidade de origem foi lembrada para contrapor à experiência em Salvador. Falando das distâncias e da “imensidão” da cidade, ato contínuo os estudantes lançavam mão do “e lá não”, e seguiam tecendo comparações. De modo geral, a percepção predominante é de que, em suas cidades de origem, tudo está ao alcance das mãos. Sendo assim, não há motivos para lançar-se com fúria nas vias da cidade, como parece ocorrer na capital “[...] lá é tudo perto, você em dez minutos está em casa, em quinze minutos chegou” (JÉSSICA).

Os desdobramentos desta proximidade seguirão sendo discutidos no decorrer do trabalho, mas desde já são visíveis suas imbricadas relações com a vida que se leva nas cidades, as oportunidades de encontrar-se com amigos, conhecidos e parentes, o tempo disponível para esses contatos, para estudo, ou para, como Mara sente falta, ficar do lado de fora da casa, sentada com sua mãe, olhando a rua, conversando.

> Às vezes eu fico conversando com meu irmão: "ô, meu Deus, que saudade de eu voltar para casa, de eu ficar lá na frente da casa conversando com minha mãe”, porque a gente ficava até altas horas conversando na frente da casa, e aqui se você ficar na frente da casa é totalmente perigoso, lá não. (MARA)

Como as distâncias são muito mais curtas do que em Salvador, há o hábito de se andar a pé, ou de bicicleta, e quando se está com mais pressa, ou se quer atravessar uma distância maior, usa-se o moto-táxi. Não estou dizendo que não existam outros meios de locomoção nessas cidades, mas somente trago aqui aqueles utilizados pelos participantes da pesquisa. Enquanto que em Salvador os estudantes se vêem praticamente obrigados a andar de ônibus, na cidade deles andavam muito a pé.

> [...] na minha cidade me locomovo de pé. É, me locomovo de pé na minha cidade, tem casa, minha casa é perto do centro. Se tenho que ir na rua comprar uma camisa, uma roupa, comprar desodorante, shampoo, tem mercados menores perto no meu bairro, e se quiser um mercado maior é perto, dá, nem quinze minutinhos de caminhada, já chego na praça, já chego em tudo. Quando quero me locomover mais rápido, se me atraso, ou um pouco mais longe, eu utilizo o mototáxi. É, muito mototáxi. Tem bicicleta, que eu tenho bicicleta também, me locomovo de bicicleta. (REGINALDO)

Experiência semelhante relatou Mara:

> Ó, pra falar a verdade eu não estava adaptada à cidade grande, não estava. A diferença é uma coisa assim, tudo perto… é como se fosse um bairro aqui, entendeu? Você vai, quer comprar alguma coisa, você vai, vai ali que ali você acha, você tem certeza que você acha. Se você não achar ali, ou do lado, então você vai lá e pega. E aqui não, se você quer ir para algum lugar você tem que pegar ônibus, você tem que ter aquele horário de voltar para casa, senão o ônibus passa, você fica, você tem que pegar o taxi, e aí o taxi é aquela distância. Aqui sempre você sempre tem que estar com dinheiro em mão, entendeu?

No relato da experiência de Jéssica aparece a confiança que o lugar pequeno e de poucas mudanças dá para seus moradores, e que ela sente tanta falta ao se deparar com as imprevisibilidades da capital.

> Salvador é outro universo, é outro mundo. É porque assim, eu não gosto de me sentir, assim, como se fala, eu gosto de ter o controle de tudo, entendeu? Minha cidade pequena eu sei onde está tudo, sei como é tudo, sei que dia tem isso, que dia tem aquilo. Então eu tenho meio o controle, assim. Eu não gosto de ficar perdida. E aqui, não, não tem nada, não sei como é nada, não sei o que vai acontecer, e lá não. Quer ir no banco, já sei como é, tudo certinho, tudo direitinho, tudo perto, tudo fácil. E aqui, não, chega aqui, fico… eu não gosto de me sentir assim, nessa imensidão. Eu gosto de ter o controle de tudo.

Jéssica, acostumada com a proximidade que sua cidade proporciona, estranha muito a imensidão da capital. Sua fala é marcada pela angústia de se sentir perdida e com pouquíssimo controle sobre a sua nova vida.

Wilson, vindo de Rio da Caatinga, também se movimenta a pé em seu vilarejo, mas justamente devido à pequena dimensão da cidade, necessitava ir para a sede do município continuar seus estudos. Dessa forma, Wilson enfrentava, ainda morando em sua cidade natal, diversas dificuldades para se locomover. Na entrevista ele falou sobre esse momento:

> [...] em todo esse período eu nunca tive um dia de pegar um carro na porta da minha casa, todos os dias eu tinha que andar três quilômetros para o ponto, para esperar o ônibus, quando o ônibus vinha, quando o prefeito não atrasava o pagamento, que era algo assim corriqueiro, o pagamento das linhas, para andar mais vinte e cinco quilômetros de ônibus, percorrer esse quilômetros de ônibus para chegar ao colégio. Sempre foi assim, sempre. Em época de chuva piorava, quando era época de chuva a volta é que era muito pior, porque lama, rio cheio, escorregões, quedas, tudo o que você possa imaginar. Bichos, já encontrei raposas, já me deram carreira as raposas, então, entendeu?

Chama atenção nesse relato a precariedade de funcionamento do serviço de transporte que Wilson enfrenta diariamente, a começar pelo caminho de terra de três quilômetros que fazia para chegar ao ponto de ônibus, onde por diversas vezes teve que atravessar no escuro e com encontrões com raposas e cobras, como comentou no diário de afiliação que pedi a ele. Nesses termos, apesar dos vinte e cinco quilômetros não ser um percurso que, a princípio, seja tão significativo, as condições de acesso de um lugar para outro acabam dando a medida exata da distância entre os dois locais.

Giddens (1991) propõe o conceito de “convergência de tempo-espaço” justamente por considerar que o que definem essas distâncias não são as questões físicas como quilometragem entre um ponto e outro, e sim o tempo necessário para mover-se entre localidades, e aí estão implicados: a qualidade, condições e o acesso a serviços, condições das estradas, tecnologias e tudo o que possa tornar essas distâncias “menores”.

O fato de morar em um povoado de poucas pessoas, além de implicar indisponibilidade de uma linha de ônibus que passe “na porta de casa”, resulta também na restrição da oferta de veículos para a linha. Havia um único ônibus que passava no horário possível para realizar seus estudos à tarde, o que exigia de Wilson mudanças na rotina:

> Então eu tinha que sair cedo [...] mais ou menos umas 8 horas eu vinha, tomava banho, almoçava e saía para fazer esse percurso de casa para o ponto de ônibus, onde o ônibus passava, que era na casa de uma pessoa chamada Chico de Marinho [...] e aí pegava o ônibus e estava no colégio mais ou menos 12h40 da tarde, 12h40 era o horário que eu estava chegando no colégio, aí estudava até 17h da tarde, 17h15 da tarde ia para o ponto de ônibus da cidade, onde as pessoas chamavam de “Feira Velha” de Entre Rios, pegava o ônibus, e só estaria nesse ponto em Chico de Marinho 19h, mais

> ou menos. Aí de 19 h até mais ou menos 20h, 20h e pouco era o horário que eu estava em casa, que era a distância que eu percorria de Chico de Marinho, a pé, pra lá pra casa.

Esse relato nos remete a um tempo materializado em ações certas e com uma margem de mudanças pequenas, em uma rotina de poucas surpresas e improvisos, sendo que as próprias variações, de um ônibus que não passa porque está quebrado ou porque atrasou o pagamento, ou de uma raposa que dá uma “carreira” em uma estrada escura, já tornaram-se rotineiras. Tempo de uma rotina aparentemente tão inabalável que é tentadora a aproximação com um tempo estático, quase parado porque não sofre alterações significativas, sem rupturas ou mudanças inesperadas. Contudo, ainda estou olhando somente os deslocamentos.

## 4.2 ORGANIZAÇÃO COMPLEXA, CONFUSA E ILEGÍVEL: PORRA BICHO, PEGAR QUE ÔNIBUS?

Utilizar o transporte coletivo de Salvador exige dos estudantes um aprendizado complexo. Essa dificuldade decorre da grande quantidade de empresas em operação, pelas diversas possibilidades de trajeto da mesma linha, pela seleção de pontos de ônibus que as linhas fazem, pela grande quantidade de informação em cada ônibus que precisa ser decodificada em um átimo de tempo, devido à alta velocidade com que passam pelos pontos, e, talvez finalmente, pela quase completa inexistência de material informativo disponível aos usuários.

Três pontos, entretanto, serão analisados mais detidamente, obedecendo à própria experiência dos estudantes e suas observações: o número de empresas e de linhas, os trajetos longos, e uma certa indiferença desse sistema para com as necessidades dos estudantes.

Jeferson, que havia morado em Porto Alegre antes de vir para Salvador, comenta sobre o sistema de transporte e faz comparações com a capital gaúcha.

> Salvador, quando eu cheguei aqui, foi muito confuso, se locomover em Salvador é horrível, de coletivo, de transporte, é horrível, Salvador realmente é muito ruim, assim. Eu morei em Porto Alegre e

> o transporte de Porto Alegre, eu considero muito melhor em termos de organização. [...] basicamente é fácil você se locomover pela cidade, porque você chega lá e "quero ir para o Iguatemi", existem vários ônibus para o Iguatemi, mas você está no terminal certo. Aqui, não, aqui você tem trezentas empresas que fazem o mesmo trajeto, e que só muda de R1 para R2, e aí uma que não tem R, uma da Barramar, outra da BTU, outra da Vitral… sabe? São várias empresas fazendo o mesmo, praticamente o mesmo trajeto ou o mesmo itinerário. Isso é muito confuso para uma pessoa que está… que acabou de chegar na cidade. (JEFERSON)

Importante lembrar que Jeferson não é de Porto Alegre, e que lá também ocupou o lugar de recém-chegado em uma grande cidade. Sua contribuição mostra que a própria cidade tem uma organização que facilita o sistema de transporte e que há uma especificidade das empresas para as zonas, linhas e trajetos. Outros estranhamentos que Jeferson experimentou foi a descoberta de que não há um ponto final das linhas, na qual o ônibus para e retorna ao seu ponto de origem, e o hábito das pessoas saberem o nome das linhas e nunca o número, algo muito comum em Porto Alegre, assim como em algumas outras capitais como o Rio de Janeiro.

Em Salvador, o conhecimento das diferentes empresas e suas linhas torna-se útil para que se saiba das especificidades dos trajetos, em quais avenidas e pontos de referência aquela empresa passa, mas esse conhecimento se dá pela memorização de suas rotas e não por uma normalização. Outra forma de se obter esse conhecimento é através das placas que informam o trajeto, que se localizam na frente e ao lado do ônibus. Essas placas acabam por empreender função semelhante ao número da linha na capital gaúcha, mas muito pouco acessível para um novo usuário.

No fragmento que se segue, podemos observar a descoberta da importância das placas que informam o trajeto do ônibus, assim como as longas distâncias percorridas nesses trajetos, o segundo ponto de observação. O trajeto dos ônibus, em muitos casos, não possue o objetivo de seguir pelo menor caminho.

> [...] Bom, são dez minutos do Rio Vermelho até a Barra, eu já levei uma hora, porque assim, o ônibus Lapa… eu tenho costume de pegar a Lapa para ir para a Barra, né, porque ele vai pela Centenário, eu desço ali, pronto, cheguei, aí eu olhei Lapa, pá, peguei Lapa. Aí tem o itinerário ali, só que isso você… eu não estava acostumado a olhar o itinerário do ônibus [...] tenho o nome da linha, para quê vou olhar o itinerário? Não precisa, você julga que não é

> importante, e as pessoas daqui falam que isso é importantíssimo, e realmente isso é importantíssimo [risos] aí de repente estou lá no ônibus, e o ônibus tiuuu [faz som para representar o movimento do ônibus], entrava na Vasco, ia para a Garibaldi, lá para a Lapa, ou seja, não passa na Barra. Aí, pronto, não vou para a Barra, tenho que descer na Lapa, pegar outro ônibus, cansado. [...] então isso é muito louco em Salvador, o transporte é louco, demais assim. Até pouco tempo eu peguei ônibus errado em Salvador, hoje não mais, mas até pouco tempo eu peguei ônibus errado. (JEFERSON)

Jeferson empregou sua lógica habitual de uso do transporte coletivo que desenvolveu em outra grande cidade, mas ainda não tinha observado as especificidades do funcionamento desse sistema em Salvador. Na capital baiana ele é um estrangeiro que necessita passar pelo processo de afiliação para tornar-se membro, o que certamente inclui o uso eficiente do transporte, uma vez que dele se torna dependente para suas locomoções pela cidade. Moradores de Salvador que não são usuários de ônibus, ao necessitarem desse serviço provavelmente passarão pelas mesmas dificuldades, porque esse conhecimento das regras mais implícitas do sistema são compartilhadas apenas com seus membros, os usuários mais experimentados.

Como aparece no diálogo apresentado, eu também passei pelo aprendizado do uso de ônibus em Salvador, e também descobri que estar atento às placas que indicam o trajeto do ônibus é fundamental, assim como certificar-se com o cobrador. Jeferson, sem saber desses recursos, pegou o ônibus da linha Lapa como sempre fazia, e descobriu com a mudança inesperada do percurso, mais uma especificidade no modo de se locomover na nova cidade.

Reginaldo, diferentemente de Jeferson, chegou somente esse ano a Salvador, e enfrenta o desafio de aprender a se localizar na cidade, no campus e nos trajetos que ligam a universidade à sua casa. Em seu relato, abaixo, ele expõe sua percepção da diferença entre distância espacial e o tempo de percurso do ônibus, devido aos longos trajetos, algo que já apareceu no relato de Jeferson.

> Foi passando os tempos, passando os tempos, conheci a rota, tipo, fui conhecendo a cidade de certa forma. Como meu primo me orientou muito "olha, velho, isso daqui, você vai daqui, aqui, aqui..", você vai ligando uma coisa a outra. E eu percebo que eu não moro longe, longe é o percurso do meu ônibus. Eu falo pra muita gente “ah, mas você mora longe daqui”. Não, eu não moro longe, o percurso do meu ônibus que é longo pra chegar em casa, entendeu? (REGINALDO)

Percebe-se, portanto, que em pouco tempo Reginaldo desenvolveu uma percepção sofisticada do espaço da cidade e dos caminhos percorridos pelo ônibus, assim como podemos notar como isso se deve à uma atenção empregada, a um esforço diário, a uma atividade constante em transformar o estranho em familiar, de modo a minimizar sua sensação de encontrar-se perdido em uma imensa malha. Localizar-se na cidade é trabalho desgastante, como também aparece no relato de Jéssica.

> [...] você não tem noção de nada, onde é nada, tudo é longe, e aí fica aquela coisa, vai em um lugar tem que ficar perguntando onde é isso, onde é aquilo, pega ônibus errado […] Como eu morava com minha tia, tinha que ir andando, todo dia, até a orla, para pegar ônibus de dez e meia lá na orla, e é perigoso, né? Daqui até na orla, para depois esperar o ônibus, para depois ele ir lá em cima, o ônibus rodava quase uma hora. Aí é muito cansativo. Aquilo também foi mais… me estressando, assim. Esse período que eu morei com ela foi complicado por isso, pela distância, aí fui ficando mais estressada.
>
> Fábio – Você atravessava a cidade, não é?
>
> Jéssica – É, tem que ir andando até a orla, correndo perigo…
>
> Fábio – Como era a experiência de atravessar a cidade?
>
> Jéssica – Ah, é muito ruim, muito cansativo, você está cansada, doida para chegar em casa para tomar um banho e dormir, e você fica rodando em lugares que você não conhece… primeiro dia, mesmo, eu peguei ônibus aqui para a Estação Pirajá, fui chegar em casa quase uma hora da manhã, nossa, foi horrível. É muito ruim.

No esforço de afiliação à cidade, os deslocamentos resultam em pontos de tensão nesse delicado processo, no qual estão participando os longos percursos, a habilidade de pedir ajuda, e as tentativas de localizar-se. Diante das diversas dificuldades, os estudantes atravessam o medo e o transtorno de pegar ônibus errado, e utilizam com maior frequência a estratégia de informar-se com um usuário mais experimentado, do mesmo modo como um calouro da universidade se interessa pelas informações de um veterano.

Tatiane, em seu diário, escreveu em alguns momentos sobre a necessidade de pedir informações:

> Aprender a pegar ônibus tem sido uma grande dificuldade, mesmo os motoristas sempre estando dispostos a ajudar e geralmente com boa vontade;
>
> Tive uma grande surpresa ao pedir informação a uma pessoa e ela me respondeu mal, eu ficando sem reação, mas para constatar que ainda achamos pessoas dispostas a ajudar, no mesmo momento outra mulher vendo como fiquei se dispõe a me ajudar;

Em outro momento, aparece a figura do membro da comunidade que, ao tentar proteger o estrangeiro que chega, acaba causando constrangimento: “Minha professora de inglês disse que eu não podia sair de casa para não correr o risco de me perder...” (TATIANE)

Há ocorrências como essa com outros estudantes, que acusam o excesso de zelo de alguns conhecidos para com eles, passando uma impressão desagradável. Reginaldo fala sobre isso ao comentar sobre as instruções que recebeu sobre a violência na cidade e como isso limita sua locomoção. Na conversa, falávamos sobre sua sensação de estar privado de liberdade.

> [...] sair da casa dos meus tios, acho que é o principal ponto. Acho que eu sair de lá acho que tem mais força pra fazer, pra conhecer.
> Fábio – Mas eles te restringem?
> Reginaldo – Não, eles não me privam de nada, mas eu não saio justamente pra não... que assim, a ideia que eu tenho, que o povo tem, quem vem do interior é besta, quem vem do interior é jeca, não entende de nada, não sabe de nada, acha que qualquer um vai poder me passar a perna, me ludibriar, me fazer qualquer coisa, e assim... eles pensam nisso, já citou algumas coisa, "ah, não, a cidade é violenta, num sei quê, não chega tarde, porque a cidade é violenta", aí ficam me chamando assim [...] Por isso que eu evito sair mais sair durante à noite, ou fazer qualquer coisa que possa chegar um pouco mais tarde em casa.

O problema para o estudante, nesse caso, é a interferência de outros que, na intenção de ajudar, acabam por limitar suas ações de explorar e conhecer a cidade. Muitas vezes, sozinhos, é que empreendem esse aprendizado, recorrendo aos informantes da rua. De qualquer modo, as informações são imprescindíveis, mesmo aquelas que parecem mais óbvias para um membro da cidade.

> Ah, pra se localizar, outros problemas, porque eu não conheço nada, as pessoas aqui são muito… como é que eu posso dizer, individualistas, elas não gostam nem de dar informação. Acho que não têem nem culpa, né? Acho que é pela violência da cidade, as pessoas ficam meio… até com medo, não gostam muito de dar informação, e eu como preciso de informação para estar, às vezes um local pode estar ao lado do outro, mas eu preciso, infelizmente, eu preciso de informação, porque eu não conheço nada, mesmo estando.. "ah, é em frente ao Teatro Castro Alves", eu não sei onde é o Teatro Castro Alves, apesar de ser um ponto de referência extremamente conhecido na cidade, para mim é desconhecido, totalmente desconhecido. As pessoas não gostam de dar informação, dão com a cara amarrada, dão andando, às vezes correndo, então isso para mim é um pouco estranho, porque de onde eu vim as pessoas estão acostumadas a você perguntar elas

> olharem em seu olho e dizer, realmente, o que você perguntou. (WILSON)

A necessidade em estar sempre em busca de informação esbarra em diversos problemas da dinâmica da cidade, como o medo da violência, a pressa, certa indiferença das pessoas, o individualismo. Por outro lado, os estudantes, enfrentando essas dificuldades, atravessam seu processo de afiliação à cidade, mapeando seus pontos de referência, compreendendo quais as proximidades entre essas localidades, os diferentes trajetos dos ônibus, e até mesmo, aprendendo a lidar com esse modo de interagir das pessoas na rua, aprendendo a pedir informação nestas condições.

> Pegar ônibus foi difícil, mas eu falo demais, perguntava muito e as pessoas sempre me informaram corretamente, graças a Deus nunca peguei ônibus errado, e uma colega me ajudava. Só tem um ônibus que serve para mim e isso é horrível porque se eu vacilar, eu fico. (WILSON)

Aparece, portanto, aqui, uma outra peculiaridade de aprendizagem de uma nova atitude que o novo usuário necessita desenvolver para locomover-se, que é a de manter um estado de prontidão diante da iminência de um ônibus apressado; que em questões de segundos o passageiro no ponto de ônibus necessita provar que sua afiliação está em andamento, ao decifrar códigos específicos, como nome da linha, cor e nome da empresa, as siglas R1, R2, a leitura dos pontos intermediários que estão em letras menores, dispostos em placas na frente e no lado direito do ônibus, o preço, saber se aquela empresa aceita ou não o cartão de meia passagem para estudantes, o “Salvador Card”.

O “Salvador Card” é um cartão de identificação estudantil, que permite que estudantes paguem meia passagem. Para isso, os usuários necessitam estar devidamente matriculados em uma instituição de ensino, que esta informe os dados para a SETEPS[4], e que o estudante compareça em um posto de atendimento, pague por esse cartão e carregue-o com créditos, que precisam ser comprados.

Para encontrar-me com Wilson no dia do acompanhamento de sua casa até a universidade, realizei o caminho que ele faz na volta para casa, pegando o ônibus no mesmo ponto que ele utiliza para esperar pelo ônibus, e, apesar ser usuário do

[4] SETEPS: Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Salvador.

transporte público da cidade há sete anos, senti as dificuldades de quem vai para uma localidade pela primeira vez. Naquele momento pude entrar em contato, também, com os meus etnométodos para me locomover em Salvador, e entre eles, a necessidade de conhecer as características visuais da empresa que faz o trajeto, que facilita muito no dia-a-dia, obter informações anteriores sobre o nome da linha, saber os pontos de referência e, assim que entrar no ônibus, perguntar ao cobrador se aquele veículo irá para o local desejado.

A informação que Wilson tinha me dado era que ele estava morando no bairro de São Rafael, que eu deveria pegar o ônibus “Jardim Nova Esperança – Nova Brasília”, e deveria descer no ponto do hospital. Passado o primeiro momento de tensão em pegar o ônibus certo para não ser obrigado a esperar uma hora pelo próximo, pedi ao cobrador que me avisasse quando estivesse perto do ponto do hospital, e ele me perguntou: “Qual hospital?”. Realmente não estava pronto para aquela pergunta, porque isso me levava a pensar que no mesmo bairro havia outros hospitais, ou que pelo menos o ônibus passaria em frente de alguns durante seu trajeto. Como minha única informação era aquela, arrisquei: “São Rafael”. O cobrador abandonou sua expressão de interrogação para uma um pouco mais tranquila, e então entendi que havia acertado. Sentei-me próximo a ele para que se lembrasse de me avisar, mas avistei antes o hospital, e reparei que meu informante dormia.

Apesar de o ônibus ter passado em breves cinco minutos de espera, e de que me utilizei do serviço às dez e meia da manhã, quando o trânsito ainda não está tão intenso quanto em horários de pico, como no final da tarde e no início da manhã, consegui chegar no ponto do hospital São Rafael após cinquenta e cinco minutos.

O terceiro ponto a ser tratado nessa seção é certa indiferença das empresas de ônibus, ou ainda, do sistema de transporte coletivo de Salvador, quanto às necessidades dos usuários. Em todas as entrevistas surgiu a preocupação dos estudantes em saber os horários finais das linhas para não ficarem sem o transporte, principalmente aos finais de semana, quando a oferta de horários das linhas diminui bastante. Esse fato é mais um aspecto a preocupar e limitar a trânsito dos estudantes pela cidade.

> [...] aqui tem a dificuldade de locomoção, mesmo na cidade, se você não tem o hábito, dificulta, porque se você foi pegar um taxi, mal você saiu do lugar já é uma fortuna, se você pegar um ônibus você tem que ter horário para voltar porque tem um horário que o ônibus para. Aí, pronto bateu aquela coisa, aquele negócio, e "não, não vou ficar aqui não, eu vou embora. (TATIANE)

As dificuldades de localização trazem bastante sofrimento para os estudantes. Nesse momento, Tatiane está dizendo de sua vontade de ir embora da cidade, de desistir, de voltar para a sua cidade. Há pouco tempo atrás eu já havia mostrado a indignação de Jéssica e sua angústia com a “imensidão” de Salvador.

Reginaldo comenta que ele prefere permanecer em casa a arriscar pegar ônibus no final de semana, mesmo com a possibilidade de um encontro romântico.

> [...] eu já tive oportunidades assim... até meninas, “ah, vem aqui que a gente vai sair” . Aí digo "porra bicho, pegar que ônibus?". Pensei, pra ir pra tal lugar eu pergunto "ah, você tem que pegar um ônibus, tem que pegar outro depois". Não vou arriscar não, até por questão de horário né? Até por questão de horário, porque normalmente a galera gosta começa a sair final da tarde pra noite, aí fica complicado pra voltar pra casa, aí evita, "ah bora ir no final de semana, sábado de tarde mais cedo", pra ter uma organização maior de tempo, e é justamente por isso, questão de saber, de conhecer.

Ainda mais preocupante que o final de semana, entretanto é a limitação dos horários de ônibus no período noturno e a escassez de veículos em determinadas linhas, causando grande ansiedade e revolta nos estudantes. Em determinado ponto da entrevista, Milton, o participante de maior idade nesta pesquisa, e há mais tempo em Salvador, comenta indignado as condições que precisa enfrentar para voltar para casa, à noite.

> [...] a universidade tinha que estar junto a essas empresas de ônibus, de uma certa forma algum convênio, alguma coisa, dizer "olhe [batendo com o dedo na mesa], o ônibus tem que rodar no mínimo até à meia noite aqui, até meia noite, com horários definidos, porque os alunos aqui são gente, não são animais não”. [...] Agora, se a aula for até as dez e meia [da noite], tem dificuldade de pegar ônibus ali. Porque você gasta quinze minutos para o ponto, e aí vai chegar quase onze horas [da noite]. Onze horas é o último ônibus que saiu lá do final de linha, e onze horas, ou seja, só tem mais um, se você perder, já era, acabou. Como é que estudante vai para casa de taxi? Gente que mora em Cajazeiras, mora em Pernambués, mora lá na Ribeira, em Periperi, não tem condições, não tem. [...] Você vê que o ponto fica cheio ali, ontem mesmo a gente esperou quase uma hora, foi sair onze horas da noite do ponto, a gente sai daqui umas dez

> horas, chegou lá umas dez e dez, dez e quinze, o ônibus passou onze horas e o ponto cheio!
>
> Fábio – Quanto tempo demora para você chegar em sua casa?
>
> Milton – Em torno de 45 minutos, mais ou menos.
>
> Fábio – Quanto tempo você demorou hoje, para vir para cá?
>
> Milton – Hoje eu demorei uma hora e meia.
>
> Fábio – Por causa da chuva?
>
> Milton – É, por causa da chuva, do engarrafamento. [...] É um efeito dominó, entendeu? [...] Ontem mesmo eu fiquei uma hora no ponto, passou o ônibus, eu falei "porra, porque demorou tanto esse ônibus?", ele disse "meu amigo, o que eu posso lhe dizer", o cobrador falou assim: "meu amigo o que eu posso lhe informar é que o meu carro aqui está atrasado meia hora, agora eu não posso responder pelos outros" ele falou assim, entendeu? Quer dizer, meia hora é ele, mas e o outro que atrasou também, e o outro, o outro? Aí se torna… quando chega no horário, queima um dois horários, porque o ônibus não sai mais da garagem, entendeu?

O que aparece nos relatos é uma possível indiferença desse sistema com as necessidades dos alunos ou, no mínimo, uma grande falta de conhecimento de seu público-alvo. A universidade poderia, portanto, representar seus estudantes, defendendo seus interesses com muito mais poder de negociação do que os próprios usuários, como Milton aponta. As negociações ocorrem, então, na sala de aula, entre estudantes e professores, seja através de conversa franca, seja pelo esvaziamento da sala próximo do horário final da aula. Na minha experiência como professor no primeiro semestre do ano, momento em que se passou a principal fase desta pesquisa, optei por seguir com as aulas sem intervalo, para poder dispensá-los antes do final do período, entendendo a situação, e observando que quanto mais o horário se aproximava das dez horas e trinta minutos, mais dispersa e cansada estava a turma.

Além disso, o campo de atuação dos estudantes, mesmo aqueles que acabaram de entrar, está nas relações que estabelecem. Mara relata em seu diário um dia de chuva e “terror”, no qual teve que atravessar, tanto os problemas internos da UFBA de deslocamento, como todos esses pontos levantados por Milton.

> Pra sair da UFBA foi um terror. Tivemos (eu, Daniel, Tatiane, Jéssica, Marli e alguns rapazes) que ir pelo PAF 1, porque pelo caminho do PAF 3 ninguém passava. Tudo bem. Em Biologia, tudo alagado, tivemos que ir pelo estacionamento, ao conseguir chegar no ponto, todos molhados, a rua alagada, os carros jogavam água para todos os lados, molhando todos, o ponto lotado, ônibus não passava,

> ficamos três horas de relógio no ponto. Minha sorte foi que David não tinha ido embora cedo, havia sete pessoas no ponto comigo e graças a Deus iam com Cabula VI. Quase iríamos dormir na faculdade. Marli já estava preocupada, ligava para Davi por minuto. Quando deu 00:10 Cabula apareceu. Que bom, meu Deus! Te adoro Narizinho [motorista do ônibus]!
>
> Narizinho disse que o gerente da empresa não queria que eles viessem pegar, mas que mesmo assim ele veio, porque imaginou nós no ponto à espera do ônibus. Deus te abençoe, garoto!

O impressionante relato de Mara confere mais segurança para as interpretações de Milton sobre a possibilidade das empresas de ônibus segurarem os veículos em suas garagens, “queimando” os horários, enquanto que os estudantes parecem estar em um lugar de grande fragilidade. Contudo, também fica clara a ação potente desses estudantes, estabelecendo uma cumplicidade com o motorista do ônibus, a ponto deste lembrar dos estudantes, importar-se com eles, enfrentar a ordem de não sair da garagem, e de ter um apelido, o que parece encurtar a distância entre uns e outros.

## 4.3 CAMINHOS EM SALVADOR: POUCO ESPAÇO PARA MUITA GENTE

Não é meu intuito, aqui, falar somente das características de Salvador, sem tocar em outros aspectos relevantes, porque, apesar do esforço que empreendo ser exatamente nesse sentido, tenho absoluta clareza de que é somente uma tentativa de organização, e que os fatores apresentados separadamente estão intimamente entrelaçados, compondo um conjunto. Desta forma, peço, mais uma vez, a compreensão do leitor em ir e vir com alguns temas, ou de retomá-los mais detidamente quando eles já apareceram em outro momento. Assim, falar somente nessa seção sobre a violência da cidade não é ignorar que ela já estava presente em toda a organização do sistema de transporte, tratado anteriormente.

A densidade populacional de Salvador é outro fator que se materializa no cotidiano de deslocamentos. A grande extensão territorial da capital, em comparação com as cidades do interior, combinada com a limitação de vias, com o aumento

extraordinário da frota de veículos na cidade, e a pequena expansão do número de ônibus disponível em determinadas linhas, parece, gera comportamentos agressivos no trânsito e grande desconforto para os estudantes que precisam enfrentar essa realidade diariamente.

> [...] a volta é terrível, a vinda é mais light, mas a volta é muito terrível porque o ônibus vai muito cheio, o ônibus demora muito de passar. Do horário que a gente sai de aula, para esperar o ônibus, a gente demora um tempão porque o ônibus demora muito para passar. Por demorar, acho que por conta de demorar, enche demais… ontem mesmo parecia uma lata de sardinha, entendeu? É essas coisas...
>
> Fábio – Você pegava ônibus também lá, então qual é a diferença?
>
> Wilson – Ah, diferença extrema, primeiro de tudo é velocidade, porque lá não é que o motorista não corra, é que a estrada não permite que o motorista corra. Aqui não, aqui tudo muito rápido, e tal, mas as pessoas, as pessoas realmente iam de pé também, mas não com essa aglomeração que tem aqui, aqui é ônibus lotado, extremamente, e o motorista fica parando em outro ponto para pegar mais gente. É uma coisa absurda, absurda! E a gente não pode falar nada, principalmente eu que sou novato aqui, eu não sei como é que funciona, as pessoas aqui…

Assim como na análise de Peixoto (1998), para se tornar possível uma grande aceleração, há que se materializar as condições para que isso ocorra. No caso referido por este autor, trata-se da disponibilidade das auto-pistas norte-americanas. Olhando para as diferenças apontadas pelo próprio Wilson, há, claramente, restrições tecnológicas para que um ônibus de seu povoado faça seu caminho mais rapidamente. Como foi dito, “[...] não é que o motorista não corra, é que a estrada não permite”. Ainda restaria investigar se apesar das restrições materiais, teria esse motorista que percorre a estrada do povoado, a vontade de correr muito mais. Dado o estranhamento de Wilson diante da aceleração, tendo a considerar que em se instalando todas as condições necessárias para um fluxo rápido que ligasse o Rio da Caatinga e Entre Rios, a velocidade não equivaleria àquelas praticadas em Salvador. Isso se deve, em tese, não somente às rotinas cristalizadas durante décadas nessa região, mas também pelo fato de que o ônibus não possui mais demanda do que a que ele já possui, e que melhores condições trariam conforto e, evidentemente, a disponibilidade para acelerações, mas, não mudaria o fato de que esse motorista necessita aguardar o carregamento das pessoas, das encomendas para Entre Rios, dos alimentos que serão vendidos na feira.

Em Salvador, contudo, como observou Wilson, o número de usuários do transporte coletivo é superior à capacidade desse sistema servir com conforto e presteza, levando a reflexão para o fato de que a cidade, dentre suas características principais, possui uma alta densidade demográfica e poucos investimentos públicos em transportes coletivos, no decorrer das últimas décadas.

Segundo Fernandes (2008), a Bahia possui uma nítida concentração espacial em sua região metropolitana, enquanto que outras regiões são consideras "'vazios' populacionais". Enquanto o estado apresenta concentração populacional de 23,15 habitantes por $km^2$, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) possuía, no ano 2000, uma densidade 46 vezes maior do que a média da Bahia, com uma média de 1.065 habitantes por $km^2$. Ainda segundo a autora, Salvador, no ano de 2003, tinha uma densidade demográfica estimada pelo IBGE de 3.616,91 habitantes por quilômetro quadrado. Com os dados obtidos no Censo 2000 deste instituto, Fernandes (2008), mapeia a RMS segundo a densidade demográfica, e aponta boa parte da extensão do território da capital com esse índice acima dos 17.500 habitantes/$km^2$.

Segundo dados do ano de 2008, divulgados pelo jornal eletrônico A Tarde Online, Salvador possui a maior densidade populacional do Brasil, ultrapassando a cidade de São Paulo nesses últimos anos. Apesar de ter uma população de 10.990.249 habitantes, a capital paulista possui um território quatro vezes maior do que Salvador. Segundo a reportagem, Salvador possui 9.000 habitantes por $km^2$, e teve um crescimento populacional de 20% no período que compreende o intervalo entre o ano 2000 e o ano de 2008 (FONSECA, 2008).

Para o portal eletrônico da Superintendência de Trânsito e Transporte em Salvador, a Transalvador, em dezembro de 2009, a frota operante de ônibus na capital foi de 2.452 veículos operando em 505 linhas, e atendendo 40 milhões de passageiros por mês (SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO E TRANSPORTE DO SALVADOR, 2010). O próprio órgão compreende as limitações do sistema diante dos insuficientes investimentos públicos no setor e aumento significativo da frota na capital:

> Numa cidade como Salvador, com quase 3 milhões de habitantes e uma topografia bastante peculiar, torna-se ainda mais importante um bom planejamento neste setor; ainda mais que, nas últimas décadas,

> foi aberto um número insignificante de novas vias, enquanto o volume de veículos mais do que duplicou, com as implicações no trânsito que todos conhecemos. (Superintendência de Trânsito e Transporte do Salvador, 2010)

Diante de uma realidade completamente diferente da encontrada no Rio da Caatinga, Wilson reclama da experiência cotidiana dessa densidade: “[...] aqui é ônibus lotado, extremamente, e o motorista fica parando em outro ponto para pegar mais gente”. No dia em que pegamos ônibus juntos para realizar o acompanhamento, acompanhei seu trajeto diário de casa até a universidade. Nesse dia ele comentou um pouco mais sobre a lotação dos ônibus: “As pessoas passam roçando em você. No começo foi estranho, complicado. Você se encolhe para que a pessoa roce menos, e acaba incomodando a outra pessoa (a pessoa da frente)”.

Há, evidentemente, muitos desconfortos e dificuldades nessa aprendizagem para deslocar-se até a universidade, como as longas esperas nos pontos de ônibus, os congestionamentos, e os ônibus lotados que no caso de Wilson, parecem consistir no principal incômodo, viajar apertado, como se estivesse dentro de uma “lata de sardinha”, e, por conta disso, ainda sofrer o desconforto de lidar com pouco espaço para muita gente, em que esbarrões e pessoas que passam “roçando”, acabam deixando de ser “estranho, complicado”. Aos poucos, ele aprende modos de minimizar o desconforto, como sua tentativa de encolher-se para diminuir o contato indesejado. Pode-se notar, portanto, que apesar da frota de mais de 2.400 veículos que circulam diariamente em Salvador, Wilson tem à sua disposição apenas uma linha que o leve da universidade para casa.

Com uma densidade no trânsito cada vez maior e com um número de vias que aumentam de modo “insignificante”, como classificou a Superintendência de Trânsito e Transportes de Salvador, o engarrafamento aparece como uma consequência previsível e com uma frequência, extensão, e duração, que tendem a aumentar.

Milton, estudante que tinha veículo próprio até os primeiros dias de aula, fala de sua estratégia para evitar o engarrafamento “[...] de carro tenho que sair às cinco horas, porque se eu sair mais tarde, eu chego atrasado aqui, porque pega a Paralela, tem muito engarrafamento” (MILTON).

A própria viabilização dessa pesquisa sofreu diversas consequências desses aspectos que interferem na vida do estudante e do morador da capital. Várias

entrevistas foram desmarcadas devido a longos atrasos, faltas, ou devido aos engarrafamentos. Reginaldo conta para mim, após marcarmos uma segunda entrevista, como foi o engarrafamento que o prendeu.

> Fábio – É uma diferença grande entre as cidades, ficou até claro pela última vez que a gente marcou você estava em um engarrafamento. Isso muda muito, não é?
> Reginaldo – Tava um engarrafamento... não me fale não, [...] Naquele dia que eu liguei pro senhor, que a gente marcou, que eu peguei ônibus cinco, que geralmente ele não engarrafa cinco horas, começa a engarrafar cinco e meia, seis horas, quando dá esse horário já estou livre do engarrafamento, eu pego só um trechozinho. Nesse dia empacou, que pra eu fazer o percurso de... quinze metros, eu levei uma hora e meia. Foi o dia que eu fiquei mais... não sei por que eu, a gente tinha marcado um compromisso, e eu gosto de cumprir meus compromissos, tipo, me quebrou, aí foi quando você ligou, aí eu fiquei mais tranquilo.

Observa-se que, como etnométodo, sair às cinco horas de casa, geralmente funciona, porque o horário de maior extensão de engarrafamento e de veículos na rua é a partir das seis horas da tarde, mas, como Reginaldo falou, naquele dia “empacou”, e uma extensão de apenas quinze metros foi vencida em uma hora e meia. Ir mais cedo para a faculdade é também o que faz Mara, embora morasse muito mais próximo da universidade, e que não tivesse que passar pela mesma avenida que Reginaldo, Milton e Wilson tinham que atravessar, o temor que ela tinha de ficar presa no engarrafamento a fazia sair de casa bem mais cedo.

> Só para você ver como eu estava tão nervosa nesses dias que saía de casa quatro horas da tarde e a aula começava seis e meia, com medo de chegar atrasada, de pegar engarrafamento.
>
> Fábio – Você já pegou engarrafamento aqui?
>
> Mara – Eu já peguei um dia, mas… normal, nem foi nem tanto mas eu ficava com medo, aquela coisa, "meu Deus do céu, eu vou me sair cedo". Aí meu irmão até brincava comigo "daqui a pouco a UFBA está lhe contratando como porteira".

Depois da brincadeira do irmão com Mara, de que ela seria contratada como porteira na UFBA, os motivos para a risada continuaram. Na continuação da conversa ela contou essa passagem que nos mostra a tensão envolvida no processo de aprendizado, que envolve nada menos que a localização, e o desejo de não sentir-se perdida no novo espaço em que acaba de chegar.

> [...] meu irmão falou assim, "Raquel, para você não pegar o mesmo ônibus todo dia e correr o risco de ser seguida ou alguma coisa

> assim, você modifica a linha [...] você pega Vilas do Atlântico. [...] aí eu peguei e fui para o ponto, só que eu fiquei tão nervosa que eu esqueci o nome do ônibus e aí veio de lá para cá "Vale dos Lagos", "é esse o ônibus", aí, “pam”, peguei o Vale dos Lagos, quando eu estou… e ele não estava nem no caminho, assim, porque eu estava desconhecendo o caminho que era costume de ir para a UFBA, eu "Meu Deus, esse não é o ônibus, não, porque não está indo pelo mesmo caminho que eu vou", aí eu fui e perguntei para o cobrador, "moço esse ônibus vai para a UFBA?", ele disse "moça, vai, mas você esta falando de que UFBA?", aí eu fiz, "não, da de Ondina", aí ele fez "não, não passa por lá, não", aí eu "moço, então pare aí no próximo ponto", [...] peguei outro ônibus e fui. Quando deu seis e meia o trânsito parou, aí pronto, e o ônibus lá parado [...] aí quando eu puxei a cordinha, eu não lembrava onde o ônibus dobrava, e eu "meu Deus, não é aqui não, onde é que eu vou parar, não é aqui, pelo amor de Deus, não é aqui, eu peguei o ônibus errado de novo" aí eu disse "não, vai ser aqui", aí quando pensa que não, eu vi lá "UFBA" [...] aí eu já fui me acostumando, aí no outro dia eu já saía mais cedo com medo já de pegar engarrafamento, entendeu? E aí agora eu saio, geralmente, eu saio de casa cinco e quarenta, cinco e quarenta e cinco, para eu chegar lá, descansar um pouco, reler os textos que os professores passam.

A ansiedade que Mara experimentou foi tão grande que a fez trocar o nome do ônibus, mas ela ainda conseguiu reconhecer a mudança no trajeto do ônibus e tomar a decisão de pedir informações e descer do ônibus.

A entrada na universidade é um rico processo com impacto profundo na vida do estudante, e em muitos casos, é um período de intensas rupturas e deslocamentos, no qual o aluno repensa suas relações com o conhecimento, com as instituições, com a família e consigo mesmo.

Embora seja claro que a entrada na universidade não se reveste da mesma intensidade existencial que vai estar presente quando as pessoas mudam de cultura, considero interessante os paralelos que podem ser traçados nas duas situações. Grinberg e Grinberg (1984), no livro **Psicoanálisis de la migración y del Exilio**, chamam a atenção para o elevado número de transtornos psíquicos que se verificam em imigrantes, abrindo uma discussão sobre uma possível “psicopatologia da migração”. Os autores referem-se aos diferentes contextos envolvendo os indivíduos nas migrações, desde situações em que a motivação parte de crise pessoal, como aquelas em que são impostas ao sujeito a partida e a impossibilidade do retorno, o que configuraria o exílio. Em todos os casos, esses autores estão analisando as distintas ansiedades que são despertadas naquele que migra.

O conceito de identidade que os autores apresentam é fundamental na discussão sobre a migração, considerando que esse “sentimento de identidade” se desenvolve baseado nos vínculos com os outros, e é o resultado de uma interação contínua entre três vínculos de interação: espacial, temporal e social. A migração, de um modo geral, afeta os três vínculos, mas pode predominar a perturbação de um sobre os outros (GRINBERG e GRINBERG, 1984). A perturbação do vínculo de integração espacial faz as pessoas se perguntarem “onde estou?” e “o que estou fazendo aqui?”.

Os casos apresentados até então não apresentaram esse grau de ansiedade e transtorno apontados pelos autores, mas também não podemos desconsiderar a importância de um aspecto que pouco é tomado em sua relevância, e que continua causando sofrimento naquele que passa por tais condições. Já citamos o relato de Jéssica em que fala sobre o estresse que vivenciou exatamente pelas grandes extensões percorridas e por passar longos momentos em regiões que desconhecia completamente. Retomando a fala de Jéssica: “[...] você não tem noção de nada, onde é nada, tudo é longe, […] Aquilo também foi mais… me estressando, assim.”

Não podemos, por outro lado, cometer o equívoco de considerar, apressadamente, que esse fator em si poderia ser o responsável por abandonos, fracassos, ou casos de adoecimentos psíquicos, mas acredito que esses elementos compõem os principais fatores que vão decidir uma afiliação bem sucedida na universidade.

A sensação de segurança que Jéssica sente na cidade do interior, muito além dos índices de violência, está diretamente relacionada com o tamanho da cidade. Salvador apresenta, como já comentei, intensa concentração populacional, com uma grande quantidade de eventos ocorrendo simultaneamente, sua grande aceleração no trânsito, apesar dos congestionamentos, contribuem para a vulnerabilidade que ela sente, percebendo que, diferentemente de sua cidade, ali não há uma rede de segurança e de cuidados. Como Mara lembrou sobre a diferença entre estar no interior e na capital, sua segurança é estar sempre com dinheiro em mãos, e Jeferson complementa, com dinheiro extra.

Essa discussão merece maiores observações, mas será realizada na seção dedicada aos vínculos. Retornando aos engarrafamentos e finalizando esse assunto,

convoco mais uma fala de Reginaldo, para falar sobre uma outra forma de experimentar essa estagnação no meio da multidão de veículos.

> [...] os primeiros contatos com engarrafamento é legal, velho, [...] eu até pensei, o engarrafamento não é isso tudo de ruim que o povo reclama, na primeira semana né, comecei a pegar o ônibus sozinho, tudo novo, como uma descoberta né? Foi passando os tempos, passando os tempos, conheci a rota, tipo, fui conhecendo a cidade de certa forma. [...] Você vai conhecendo aí vai ficando cada vez mais maçante, mais maçante, mais maçante, você sabe que já não tem mais novidade, já vira rotina pra você. Vai ficando cansativo. [...] Agora assim, engarrafamento tem o lado bom e o lado ruim. Bom que você conhece pessoas no ônibus, conversei com pessoas é, você vê solidariedade, umas pessoas segurando mochila, segura outro, sabe?, você também vê...vê muita coisa, tem tempo pra tudo, pelo menos eu fico aproveitando, tipo, eu aproveito engarrafamento. Eu fico ouvindo gente estressada “ah, que foi que travou?”. É, eu sei que isso trava, então eu sempre levo um livro comigo, estou sempre lendo um livro, lendo uma apostila, escrevendo alguma coisa, desenhando, pensando coisas que eu vou escrever, coisas que eu quero fazer, fico imaginando, distraído. Escuto música pra dar uma distração maior.

Reginaldo, que no momento da entrevista mostrava-se muito mais disposto a enfrentar os desafios que apareciam em sua recente vida de estudante universitário, esclarece sobre os etnométodos que usa para lidar com o engarrafamento, aproveitando um tempo “livre”, que se abre inesperadamente em seu dia, para avançar em suas leituras, para pensar, escrever, desenhar, conhecer a cidade, observar as pessoas, escutar música, e ver como a generosidade pode aparecer entre pessoas que não se conhecem. No entanto, ele ajuda a refletir, também, que esse momento fez parte de seu momento de estranhamento da cidade e do próprio evento engarrafamento, e que quanto mais se afilia à cidade, quanto mais o novo torna-se habitual e cotidiano, ele se alia mais com as pessoas que se entediam com mais um engarrafamento. No diário que pedi que fizesse, ele escreveu “A cada dia Salvador e a faculdade ficam comum aos meus olhos, junto com seus locais e seu povo.”, e ainda fala do quão habitual têem se tornado os engarrafamentos: “Aos poucos estou me sentindo mais à vontade na capital, tão seguro a ponto de tirar cochilo dentro do ônibus, em engarrafamento”.

Tatiane, ainda estranhando bastante os engarrafamentos, comenta em seu diário: “Vou caminhando todos os dias para a universidade, mas percebo o congestionamento que ocorre na avenida e aparentemente as pessoas já se acostumaram”.

Já no final de seus relatos no diário, Reginaldo escreve uma frase que resume bem o processo de afiliação à cidade, e que também mostra como sua impressão sobre os engarrafamentos fez parte de um momento inicial: “Os dias em Salvador... não vejo nada de diferente, tudo já se torna normal aos olhos, já estou até com cara de quem é natural de Salvador. Só continuo achando que estou perdendo tempo dentro do ônibus”.

### 4.3.1 As Chuvas e Os Bairros

As chuvas em Salvador intensificam os problemas de locomoção, como já foi comentado por Milton, ao falar da sequência de atrasos que começam a se suceder. Em dias de chuva o número de veículos circulando nas ruas aumenta bastante em Salvador, e juntamente com alguns pontos de alagamento ou de formação de poças, o trânsito torna-se muito mais lento e os engarrafamentos mais frequentes. Reginaldo fala de como as chuvas limitam sua movimentação.

> Teve a festa do SACI, que foi a primeira festa assim, que eu não vim, não vim por conta da chuva, disse "rapaz, está chovendo demais, Salvador quando chove é uma merda velho", falei "não vou não, esse toró e pegar buzu chovendo…". Fiquei em casa. [...] Fica mais complicado com chuva, fica mais difícil, eu não sei como é que funciona na minha rota, ponto de alagamento, eu vi fechado, toró, aquela chuva forte, "é velho, se a chuva não cessar a cidade alaga", porque essas coisas em cidade grande, até Santo Antônio mesmo alaga, ai disse “rapaz, não vou correr esse risco não”.

Mais uma vez observamos como as dificuldades de locomoção dificultam o processo de afiliação, limitando possibilidades de contato com outros estudantes e com a cidade, dificultando encontros entre os estudantes, e colocando-os em situação ainda mais adversa. Diversos relatos falam sobre a desistência de sair de casa, e a chuva é um fator sempre levado em conta. Tatiane, em abril, escreve em seu diário “Com a chuva do dia 14 e 15 fico muito decepcionada com a situação da cidade”.

Uma mudança importante ocorre na vida do estudante quando ele muda de bairro, e de modo geral, eles procuram realizar essa mudança para melhorar sua relação com a cidade e com o curso. No caso de Jéssica, mudar-se para o Garcia a reaproximou da experiência do interior, em que tudo estava mais próximo, tudo estava mais fácil.

> É depois da Paralela [o bairro de Sussuarana, onde morava], já periferia, só que é muito longe… entendeu? Eu saía daqui às dez, chegava em casa às onze e meia, e é perigoso, é longe demais e é cansativo, aí as meninas me chamaram para ficar com elas, aí fica melhor. [...] Porque lá [no interior], não, lá é tudo perto, você em dez minutos está em casa, em quinze minutos chegou.
>
> Fábio – E agora que você está no Garcia, facilitou?
>
> Jéssica – Facilitou bastante, já estou me sentindo bem melhor, a gente já vem andando, é tudo pertinho, já está melhor [...]

Jeferson escreve em seu diário sua mudança de residência. Na ocasião da entrevista ele ainda morava na Pituba.

> 30/05/10 Mudei de residência. Saí da Pituba e fui morar na Ondina. É possível ir andando, além de ser mais cômodo, porque saio na hora que eu quiser e vou à faculdade quando precisar economizo a grana do transporte.

Tatiane escreve em seu diário suas dificuldades de se locomover, mesmo morando no Garcia, bairro central, e próximo à UFBA, “Mesmo eu estando bem localizada ainda sinto dificuldade em me locomover pela cidade, sendo que tem muitos órgãos públicos que ficam distantes”. Meses depois, ela consegue um trabalho e tem que se mudar de casa devido a problemas com as amigas. Nesse período, ela escreve: “Minha vida mudou muito, devido à mudança de casa e o trabalho”.

Podemos notar que com o carreto da mudança, de um bairro para o outro, seguem também diversas repercussões na vida do estudante, em seus relacionamentos, no tempo dedicado aos deslocamentos, aos estudos. Jeferson mostra também que ao mudar-se de bairro, todo o aprendizado sobre os transportes recomeça, mesmo com ele já morando na capital há alguns anos. Nesse período ele havia se mudado para a Pituba.

> Agora como eu estou morando há um mês apenas na Pituba, então eu não sei os ônibus que vêem para cá ainda. [...] e agora eu estou com problema, porque eu não sei qual ônibus eu pego para voltar, com o Salvador Card, eu acho que nem tem, então eu estou pagando integral, só que para vir eu estou pegando Barra 3 [...] e ele tem bem menos frequência do que o Praça da Sé, bem menos mesmo, eu fico no ponto muito mais tempo. [...] Então já aconteceu, por exemplo, de eu chegar no ponto seis e cinco para chegar aqui às seis e meia, isso era tranquilo, mas o ônibus só passou às seis e meia, eu cheguei sete, cheguei atrasado, passaram vários Praça da Sé, eu falei "não, agora eu estou com o Salvador Card, eu vou esperar [risos] até meu ônibus passar”. [...] Aí para voltar realmente eu não estou sabendo qual o ônibus, ainda, eu estou pegando esse

> ônibus que todo mundo está pegando também. Pessoas que moram ali também, pelo que eu percebo, também estão fazendo o mesmo, sabe? Tem uma senhora que está na mesma sala que eu e ela também não sabe, nós conversamos a respeito disso, ela falou "eu realmente não sei.

O que Jeferson comenta é que a linha Praça da Sé/ Vilas do Atlântico é interurbana, porque atravessa Salvador, mas chega até o município de Lauro de Freitas e, portanto, não faz parte da SETEPS, Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Salvador. Desta forma, embora seja um ônibus excelente para muitos estudantes da UFBA, porque passa na frente do portão de algumas unidades, incluindo o campus do Canela, essa empresa não aceita o cartão de estudante, chamado de Smart Card. Sendo assim, alguns estudantes precisam escolher entre permanecer mais tempo no ponto de ônibus ou pagar a passagem integral.

Wilson optou mudar-se do bairro da Mata Escura para o bairro de São Rafael, mesmo tendo que pagar o dobro do preço, entre suas contas de hospedagem, energia elétrica e água. Com essa mudança, também, sai de um pensionato que ele considera desorganizado para morar na casa de sua “prima”, uma conterrânea há mais tempo em Salvador que já se organizou em um apartamento, com móveis, eletrodomésticos e utensílios. No acompanhamento que realizei, tive a oportunidade de conhecer a casa e verificar seu aspecto agradável, limpo e organizado, contrastando com as informações da sua antiga morada, um pensionato que ele considera desorganizado.

Na ocasião da entrevista inicial, Wilson comentou sobre o bairro em que morava, então, Mata Escura, e de seu descontentamento:

> Eu estou na Mata Escura, provisoriamente, porque foi o único local acessível economicamente que eu consegui encontrar, mas eu estou provisoriamente, qualquer outro bairro que possa me oferecer uma certa segurança para eu chegar à noite, eu vou estar me mudando, assim que eu tiver condições, financeiras, é claro.

Na troca de endereço, Wilson encontra um bairro em que se sente mais seguro, apesar da grade na porta, ganhou mais privacidade e conforto. Referindo-se à casa da amiga com quem passou a morar e a chamar de “prima”: “Comparado com lá, aqui é um hotel 5 estrelas. Como ela está aqui um tempão, eu aproveito as coisas dela: ferro, fogão, geladeira...”. Além disso, Wilson conseguiu, também, dar um

pouco mais de tranquilidade aos pais: “Minha família fica menos preocupada, porque estavam com o coração na mão comigo morando lá na Mata Escura”.

Dada a grande preocupação da família, Wilson utiliza-se de outro etnométodo para lidar com seus familiares, que é ocultar detalhes de sua vida na capital. Falando sobre seu antigo bairro, ele confessa que mentia para não deixá-los alarmados em demasia: “Só ia deixar minha mãe louca, então eu tinha que mentir”.

Finalmente, essa mudança também garantiu alguma melhora no deslocamento para a universidade. Segundo Wilson, o pior retorno da universidade ocorreu no antigo endereço, quando chegou à meia-noite e meia em casa. Jéssica, em seu primeiro dia, chegou em casa quase uma hora da manhã, e Mara, em um dia chuvoso, acompanhada do irmão e de Tatiane, passaram três horas no ponto e chegaram mais de meia-noite em casa.

#### 4.3.1.1 A Violência e o Medo

O medo da violência de Salvador aparece em todas as entrevistas e parece interferir constantemente na vida dos estudantes, e quando se referem aos deslocamentos em Salvador, a opção mais segura não é acessível, que seria o uso de taxi.

> Aqui eu nunca fui para lugar nenhum. Só venho para a faculdade, porque também não conheço ninguém… além de não ter tempo não tem dinheiro para sair, né? Porque aqui é tudo caro, lá é mais fácil, e aqui não. Porque aqui para você ir para um lugar mais seguro, assim, mais… um lugar bom para você ficar, é muito caro. Não tem nem como.
>
> Fábio – Tem segurança…
>
> Jéssica – Tem segurança, é, com certeza. Se você for para qualquer lugar tem muita briga, e aí não dá.

Sem essa opção, e com receio dos horários finais dos ônibus, os estudantes limitam bastante sua vida na cidade ao mínimo necessário, ou seja, os deslocamentos da UFBA para suas casas.

Alguns estudantes entrevistados já passaram pela experiência de ser assaltado ou tiveram alguém próximo a eles que sofreram essa agressão. Um dia antes da entrevista com Mara e Tatiane, o irmão de Mara havia sido assaltado, exatamente no ponto de ônibus que eles utilizam para voltar para casa.

> Meu irmão, ontem foi assaltado. [...] quando ele estava no ponto, ele disse que vem dois rapazes e assaltam ele, aí ele pegou, na UFBA e mandou uma mensagem para mim "[Mara] Raquel, não venha para o ponto de ônibus de baixo porque eu acabei de ser assaltado" [...] E eu sou nervosa, eu fiquei em choque, em estado de choque, parada, aí eu comecei a chorar, aí eu, "meu Deus eu aqui sozinha, com quem que eu vou conversar, meu Deus, e agora?", aí eu peguei e liguei para a minha mãe [...] quando eu saí de casa para ir para a faculdade eu saí assim, amedrontada, olhando para trás para ver se alguém…, todo mundo que passava do meu lado, para mim já era assaltante, isso porque não tinha sido comigo, tinha sido com meu irmão, mas eu já fiquei naquele medo. Ela fez "olhe você vai ter que se acostumar, vai trabalhar seu psicológico para você já ir se acostumando a isso, porque caso alguma vez acontecer com você, você não reagir, e agir com naturalidade", e aí eu "meu Deus, vai ser muito difícil agir com naturalidade", muito difícil.

No período no qual realizei os acompanhamentos com os estudantes pelo percurso de suas casas até a universidade, o noticiário televisivo comunicou que, em um único dia, foram registrados seis assaltos a ônibus somente na capital, embora houvesse o reconhecimento que nem todos os eventos são devidamente registrados. Esse aspecto eu vivenciei no dia do acompanhamento de Wilson, depois de deixá-lo na universidade, o ônibus que me levava para casa foi assaltado por dois jovens, em um trajeto de apenas cinco minutos entre o ponto de ônibus e minha residência.

Jeferson, ultimamente, passou por experiências como essa, na entrevista ele também falou sobre a experiência de ser assaltado:

> [...] Mais de uma vez. Uma em frente ao meu prédio, na Sabino Silva, às dez e meia da manhã, em um sábado, assim, eu reagi, tal, não queria dar a carteira, eles me derrubaram, tal. Feri meu joelho na queda… [...] E da outra vez na farmácia [...] os caras entraram atrás de mim, anunciando assalto, assim. [...] os dois estavam com revólver e assaltaram os clientes, assaltaram a farmácia, assaltaram o caixa, assaltaram tudo, e levaram, tal. Aí, depois, eu voltei na farmácia e aí você já fica meio tenso, ali na farmácia, eu entrava na farmácia, mas entrava já querendo sair logo, olhando para a rua, já querendo sair. Aí eu conversei com os funcionários [...] falei "essa farmácia já foi assaltada alguma vez?", ele "ah, sempre, uma vez no mês a farmácia é assaltada", ou seja, para os funcionários esses assaltos já estavam comuns, sabe? Mas para [risos] mim, não, para eles era uma coisa já corriqueira, do dia-a-dia "assalto? Nossa, tranquilo, de boa". Realmente é, porque você está sujeito a isso, mas… assim, isso foi recente, tudo isso foi recente que aconteceu, então eu acho que por conta disso, também, eu fiquei um pouco meio que assustado na cidade, tal. Eu ando realmente com medo na cidade, ando mesmo, não me sinto muito seguro andando na cidade,

> no ônibus, assim, já fico olhando… enfim, para quem já vivenciou um assalto, né?

O estranhamento de Jeferson, justamente, é pela tranquilidade com que os funcionários trataram do evento, que para ele foi tão marcante e que modificou seu modo de andar nas ruas. Será que para afiliar-se a Salvador torna-se necessário passar algumas vezes pela experiência de ser assaltado, para começar a agir com naturalidade diante da ação dos infratores?

A entrevista com Milton, morador de Salvador há mais tempo, mostra como ele relaciona o processo de adaptação a Salvador também ao fato de já ter passado por experiências de violência.

> Fábio – Você já está mais acostumado com a cidade?
>
> Milton – Já, já, a cidade já conheço bastante a cidade, ando muito aqui tudo, entendeu? Já tenho uma experiência de violência, de coisa, de acidente, de tudo aqui na cidade, já passei por tudo.
>
> Fábio – De assalto?
>
> Milton – Ah, inclusive agora, logo quando comecei, a primeira semana que eu comecei estudar aqui na UFBA, tomaram meu carro de assalto lá em casa, estava vindo para cá, na UFBA. Umas cinco horas da tarde, aí fui pegar minha esposa no trabalho, vim deixar em casa, aí ela só ia descer e eu nem ia sair do carro, porque já estava voltando para cá, porque eram cinco horas, aí eu moro lá, de carro tenho que sair às cinco horas, porque se eu sair mais tarde, eu chego atrasado aqui, porque pega a Paralela, tem muito engarrafamento, aí fui deixá-la em casa, aí a hora que ela abriu a porta, que começou a descer do carro, aí chegou dois caras em uma moto, ‘desce do carro senão morre!’.

A movimentação dos estudantes, portanto, acaba bastante limitada ao essencial, e mesmo nos momentos livres, mesmo com a vontade de sair, eles encontram diversas barreiras. O final de semana, que poderia tornar-se um momento de descontração, passa a se tornar um dos momentos mais delicados do processo de afiliação, quando as saudades aumentam, e eles não vencem as dificuldades de locomoção.

> [...] o pior momento é final de semana, o pior de todos é o final de semana, bate o final de semana, não tem ninguém para você ligar, dar um oi, conversar, "vem aqui, vambora para tal lugar, vambora sair", e aqui tem a dificuldade de locomoção, mesmo na cidade, se você não tem o hábito, dificulta, porque se você foi pegar um taxi, mal você saiu do lugar já é uma fortuna, se você pegar um ônibus você tem que ter horário para voltar porque tem um horário que o ônibus para. Aí, pronto bateu aquela coisa, aquele negócio, e "não, não vou ficar aqui não, eu vou embora". (Tatiane)

Embora Tatiane e Mara tenham marcado sair no final de semana, isso até o momento não aconteceu. Provavelmente, devido aos empecilhos que a própria Tatiane listou. Jéssica comenta, até com uma certa ironia, sobre as diferentes maneiras de se conhecer Salvador, e a imagem que se tem da cidade estando fora do cotidiano dela.

> [...] a pessoa quando olha Salvador na TV só mostra aquelas partes bonitas, né? Não sei o quê, ponto turístico, e tal, aí tem até uma amiga minha que estava toda iludida para vir morar aqui. Eu disse a ela, "só que você tem que ver que a realidade aqui é outra, esse Salvador que você vê é o Salvador para turista, para quem tem condição, Salvador para quem vai morar, para quem não tem condição é outra realidade, não é aquilo tudo, aquela lindeza que você vê na televisão, não sei o quê, não e por aí não, isso dai é mais marketing, isso é só coisa da mídia"
>
> Fábio – Como é a Salvador que você conhece, que você conheceu?
>
> Jéssica – Acho um lugar tumultuado, entende? Eu acho elitizado demais.
>
> Fábio – De que jeito? Me fale mais.
>
> Jéssica – Porque tudo o que a gente vê na tevê que a gente acha que vai ter alcance, não tem quando chega aqui, entendeu?

Jéssica, claramente frustrada com o que encontrou em Salvador, aponta para o fato de que as imagens divulgadas da cidade aumentam as expectativas de milhares de estudantes que pretendem mudar-se para a capital. Além de estudar, muitos desejam conhecer a cidade, ir para a praia, conhecer os pontos turísticos, mas acabam limitando suas experimentações devido às evidentes restrições financeiras e às dificuldades de locomoção. Como Jéssica ressalta, a Salvador turística não é acessível para estudantes com poucos recursos.

Utilizar o tempo livre do final de semana é, realmente, um aprendizado que pode levar muito tempo para conseguir administrar todas as suas atividades de estudante, além de tentar estabelecer novos vínculos em Salvador, com a cidade e com as pessoas, ao invés de recorrer às lembranças dos parentes e amigos que ficaram.

O custo de vida em Salvador, por sua vez, completa nossa análise dos principais desafios no deslocamento dos estudantes na cidade. Fator esse, evidentemente, que atravessa diversos aspectos de sua afiliação à vida universitária.

> [...] aqui tudo é muito caro, eu não acredito que exista uma cidade nesse pais mais cara que Salvador. Tudo aqui é muito caro. Tudo aqui é caro, tudo. Absolutamente tudo aqui é muito mais caro que lá, muito. Eu fui fazer uma… eu que estou preparando as minhas

> refeições, então, você vai ao supermercado tem que estar antenado porque senão você deixa mais da metade do que você pegou no caixa. (WILSON)

O custo de vida em Salvador é um aspecto importante e que desafia os estudantes constantemente, e isso já apareceu em diversos relatos, sempre mostrando os limites de ação deles na cidade. Tatiane, escrevendo em seu diário, em um momento mais difícil, desabafa, e resume em poucas linhas suas dificuldades em se deslocar na capital: “Tudo é tão caro, tão longe, tão complicado, e para estudante com situação financeira complicada como eu fica tudo mais difícil”.

Por outro lado, a mesma Tatiane declarou como procura lançar-se diante desse desafio de aprender novos caminhos, de ter conhecimento sobre os espaços que frequenta, desafiando seu medo da violência.

> Eu cheguei com uma amiga, mas ela é medrosa, ela não sai de casa [risos] aí eu falo "eu vou sozinha", aí eu já ando em tudo, às vezes eu vou em um lugar e eu não quero voltar pelo mesmo lugar, eu já volto por outro, mesmo não sabendo aonde vai dar, eu tenho curiosidade, assim… e eu vou, eu já fui para o teatro, de ir só, já fui para o bairro lá para Tancredo Neves, de ir só, à noite, voltei, eu pergunto mesmo, assim, que ônibus eu pego, eu chego para as pessoas, converso, me viro, não tento me fechar, com medo do mundo, entendeu? Com medo do que está lá fora. Eu tenho uma facilidade de não deixar as dificuldades tomarem conta de mim e acabar vivendo presa, então eu saio, eu ando [risos]
>
> Fábio – Mas, ao mesmo tempo, há uma preocupação, porque se você diz que não tem medo é porque ao mesmo tempo existe uma preocupação.
>
> Tatiane – É, com certeza, ao mesmo tempo que não tem medo está preocupada: “eu vou parar aonde, onde é que eu estou andando? Se vir um ladrão? não sei o quê…” você fica preocupada porque você sabe que está propício a várias coisas, mas eu não deixo com que essas circunstâncias me impeçam de fazer o que eu quero, entendeu? Aí eu peço permissão a Deus e já vou eu. Aí, pronto, mas assim, a preocupação a gente sempre tem, não tem como ficar sem, porque tem, né?

Essa passagem mostra bem o empenho de Tatiane em seu processo de afiliação, lançando-se a novos aprendizados e enfrentando seus medos. O seu estranhamento relativo à cidade é de diferentes tipos, mas um deles diz respeito justamente aos deslocamentos: “[...] para mim é muito diferente em Salvador, é tudo morro, é tudo subindo, é tudo escada, e lá em Feira é tudo plano, você pode andar a cidade toda e é tudo plano, e não é apenas na periferia, no centro da cidade é morro [...]”

E nesse processo de afiliação, o engarrafamento passa a ser visto como habitual e os caminhos muito mais conhecidos; como já disse Reginaldo, o estudante vai se afiliando à cidade, “tudo já se torna normal aos olhos, já estou até com cara de quem é natural de Salvador”. Para isso, ele, Reginaldo, também passou pelo mesmo esforço de Tatiane, inventando caminhos, investindo em sua afiliação, como escreveu em seu diário: “A cada dia desbravo ruas, becos e bairros de Salvador, hoje não me perco tão facilmente”.

## 4.4 UFBA

Localizar-se na UFBA também é tarefa difícil nos primeiros contatos dos estudantes com o campus, e nas entrevistas isso ficou bastante evidente.

> O campus é grande, né? Muito grande, né? Tem vários prédios, cada um é um instituto, tal, etc. Nos primeiros dias, para você se locomover é horrível [risos], terrível. Cheguei às seis e meia e só consegui encontrar minha sala às sete e meia, mas eu não achei ruim, acho que você vai ouvir bastante relatos, eu já ouvi bastante relatos, é a mesma coisa. Eu chegava atrasado, eu achava que chegava atrasado, quinze minutos depois chegava alguém [risos] mais atrasado do que eu, eu me sentia aliviado de não estar tão atrasado assim. (Jeferson)

Embora Jeferson já tenha uma experiência em Salvador, ao conhecer a UFBA inicia-se outro aprendizado, que o coloca na mesma condição com todos os outros estudantes calouros. Na sequência do diálogo, eu queria saber como ele explicava essa dificuldade.

> Fábio - Por que essa dificuldade de encontrar os lugares?
>
> Jeferson - Ah, porque não tem as informações, as placas de direcionamento, não tem nada. Realmente, se tivesse, seria muito mais fácil, placas informativas, informando compus tal pra cá, você está aqui, se você quiser ir para cá… não tem, realmente não tem. Então, realmente, você tem que conversar com as pessoas, e você tem que dar sorte em encontrar alguém que conheça, se você encontrar uma pessoa que não conheça muito bem ainda vai te informar errado, aí você vai para o lugar errado, foi o que aconteceu… eu estava procurando a disciplina Território ali perto do Instituto de Matemática, sabe? Eu estava procurando Globalização e Território ali, quando eu falei Globalização e Território, o pessoal

> falou que eu, provavelmente faria no Instituto Geoquímico, que fica lá próximo ao Instituto de Física, fica lá longe. Eu fui lá… não era lá, aí eu voltei, sabe? Lá tinha um cara que também ia fazer Globalização e Território, aí a gente voltou junto, assim tal, e foi aí que eu consegui encontrar a sala.

Novamente o estudante enfrenta as dificuldades de localização que já experimenta na nova experiência de habitar uma grande cidade. Muito embora a unidade do Canela seja extensa, a universidade não disponibiliza material informativo, seja impresso, seja fixo, que poderia auxiliar muito a localização dos estudantes. Assim como no processo de afiliação à cidade, o estudante precisa recorrer aos pedidos de informação, que nem sempre são precisos. No caso de Jeferson, seu informante interpretou que sua disciplina era no instituto de Geoquímica, e indicou o caminho do instituto, até porque ele procura informações sobre uma disciplina e não sobre uma localidade, como os institutos e os pavilhões de aula. Ou Jeferson recebeu a informação incompleta de algum funcionário da universidade ou de algum material impresso, ou ele não avaliou a importância de saber o nome do edifício em que se daria a aula.

Tanto em um caso como em outro, e também a partir de outros relatos semelhantes e de minha experiência como estudante na universidade, desenha-se um quadro de uma instituição que pouco se esforça em contribuir nesse processo de conhecimento do grande labirinto no qual a UFBA se apresenta para os novatos. Talvez isso se deva mais ao hábito do membro da comunidade, que observa tudo, com a grande obviedade de que tudo está onde sempre esteve e, acostumado com a própria facilidade com que atravessa os caminhos, não nota o esforço angustiado daquele que acaba de chegar.

> [...] uma grande dificuldade que eu tive quando fui fazer a matrícula aqui, principalmente no primeiro dia de aula, foi encontrar sala de aula e o prédio, entendeu? Inclusive fui até Geografia, lá em cima no alto, caminhando. Tudo deserto, tudo muito escuro, muito mato. Aí é meio complicado para você que não conhece, porque você passa a ter medo, é uma coisa que quem não conhece Salvador, quem veio do interior, pode até ser que desista na primeira semana, porque o impacto é muito grande, tem um susto aqui, "ah, eu não vou estudar em um lugar deserto deste não, não tem segurança nenhuma", então tem muita gente e pouca informação, aqui. Às vezes você procura informação, "olha, não sua aula continua aqui na sala vinte e três", aí você chega lá não tem ninguém, "não, pode esperar lá que não chegar, deve chegar mais tarde". Quer dizer, passei uma semana, praticamente aqui, procurando uma aula. Então não, sua aula está aqui está marcado, você está na turma vinte, no caso, você está na

> turma vinte. "Sim, mas não tem aula", "não está lá na sala, pode ir", quer dizer, não é assim. Tem que olhar aqui, quem é o professor? Alguma coisa esse professor falou lá, se tinha turma, se não tinha turma, se tinha sala, se não tinha sala, deve ter em algum lugar anotado aí. Mas a pessoa, "não, está lá, se não chegou ainda você espera quinze minutos, se não chegar você pode ir embora". (Milton)

O aprendizado espacial de Salvador, tanto quanto da UFBA, passa pela questão da insegurança e do medo, através do discurso da violência, e das notícias de colegas e de outros estudantes que passaram por eventos de assalto, por exemplo. Aprender a localizar-se, simplesmente, não é o bastante, é necessário saber identificar os “locais mais seguros”, além de mapeá-los, também, com a ajuda das informações que os relatos de agressão trazem, como, por exemplo, as características físicas e o comportamento do agressor, o local do incidente, os objetos roubados, o horário, etc. O tempo e o espaço, então, passam a ser identificados e mapeados, ganhando características específicas, que em relação ao medo e à violência passam a ser consideradas as informações ouvidas, além das próprias observações relativas à luminosidade, à intensidade de movimentação de pessoas, atitude das pessoas nesses locais de tranquilidade, ou de tensão.

> [...] foi passado para a gente, que a UFBA é muito perigosa, foi passado para a gente que a UFBA é muito perigosa, principalmente à noite, então além da questão de localização, ainda tem o problema de localização e ir para um local que aparentemente seja mais seguro, entendeu? Então tem essas questões, mas minhas aulas, mesmo, eu já sei todos os dias onde é, como vai, os locais mais seguros, os locais, o IHAC, tudo, a biblioteca, eu já estou bem… interessante, mas com o passar do curso vai melhorar porque eu vou ter que aprender mais coisas, porque provavelmente eu vou ter aulas em outros prédios.

O aprendizado que Wilson prevê refere-se ao convívio nas aulas em prédios diferentes dentro do mesmo campus, o que acaba por dar aos estudantes mais áreas para serem mapeadas, em um processo no qual espaços se tornam lugares. Segundo Certeau (2009), um “lugar” é uma ordenação objetiva e permanente de elementos, uma configuração, uma disposição desses elementos uns ao lado dos outros, em seus lugares próprios e distintos, enquanto que espaços levam em consideração o que há de movimento e de peculiar, tomando em conta as composições de velocidades, temporalidades e vetores. Nas palavras do autor, em síntese: “O espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2009, p.184).

Mas novamente retornamos a certo descomprometimento da instituição com seus espaços, seja dando orientações à sua comunidade, seja cuidando deles, garantindo, pelo menos, condições de ser transitado.

> Fábio – E o campus, aqui, a UFBA em geral, como você se localiza? Você já conhece a UFBA?
>
> Jéssica – Conheço pouco, agora, essa entrada aqui, do… do PAF 3 é cheio de lama, achei isso um absurdo, deveriam cuidar porque quando chove não tem nem como passar ali, poderiam jogar umas pedras ali, uns cascalhos, alguma coisa, porque assim é impossível, né? E também acho que tem muito mato, e mal iluminado, realmente quando as pessoas falavam UFBA eu achava que era um hotel cinco estrelas, quando eu vi… o único prédio bonito é o PAF 3, esse aqui, né? Porque os outros… parece um lugar abandonado. Eu acho que falta estrutura.

Jéssica, nesta passagem, se refere ao caminho para o Pavilhão de Aulas da Federação[5] 3, o PAF 3, que sofreu modificação no início do ano para que uma obra fosse realizada no espaço em frente ao prédio. Tapumes foram colocados para que não houvesse acesso de pessoas no espaço reservado para as obras, e para se chegar ao prédio, os usuários passavam por um caminho que, em parte, é de terra. Além da lama constante que se formou nos meses de chuva em Salvador, a passagem é estreita e a sensação de abandono e de precariedade era compartilhada. Como usuário do prédio, também me indignei com as condições a que fomos expostos. Escrevi em meu diário no dia 12 de abril, sobre a ambiência no campus nesse dia de intensa chuva:

> Continua chovendo em Salvador e os espaços transformam-se em incômodo empecilho que se deve enfrentar.
>
> As obras parecem tornar tudo ainda mais inóspito no campus de Ondina. Os tapumes espremem os passantes, e a terra revolta se transformou rapidamente em lama. Os corredores improvisados não são calçados em muitos pontos, gerando esse efeito.
>
> O incômodo do alto se dá pela chuva, de baixo pela lama, de um lado temos um matagal, e do outro os tapumes. Passagem desconfortável.

[5] Embora com este nome, o pavilhão de aulas que está sendo citado não se localiza no bairro da Federação e sim no de Ondina. Segundo o site do próprio PAF "As Instalações Especiais de Ensino vinculam-se à Superintendência Acadêmica, destinando-se, prioritariamente, à alocação de atividades de ensino e outras de natureza acadêmica. Englobam os Pavilhões de Aula da Federação - PAF I e II, conjunto que corresponde a 2 auditórios e 49 salas de aula", e situa-se no bairro de Ondina. Disponível em: http://www.paf.ufba.br/. Acesso em: 1 jan.2011.

> Ao final do trecho de lama, e início do calçamento se observa as marcas de lama deixadas por aqueles que nos antecederam no caminho.
>
> Dentro do prédio do IHAC sempre há estudantes ocupando mesas, que ficam espalhadas pelos corredores, que dá uma vida ao ambiente, mas sempre restrita ao número de mesas.
>
> Durante a noite o movimento é intenso, mas os locais que antes abrigavam os pequenos grupos nos bancos agora estão muito mal iluminados. Com a chuva, a concentração fica mesmo dentro dos prédios com muitas pessoas pelos corredores, andando, conversando, sentadas, em pé...

No dia 13 de abril, continuei a escrever:

> Ouvi de uma menina, conversando com a amiga no banco, a expressão que definia o lamaçal, chamando-o de “lamaçal infernal”.
>
> A chuva continua e o “lamaçal infernal” do caminho que leva ao IHAC piora. Difícil atravessar sem se sujar um pouco. Eu mesmo não consegui.
>
> Dentro do prédio (PAF3) o calor é muito grande. A entrada principal está com suas portas trancadas, provavelmente para evitar que os alunos entrem por lá e tragam sujeira (ou lama), porque em frente a essas portas há uma “construção” de, provavelmente, um canteiro central. Aparentemente é por conta dessas obras que se colocou os tapumes, modificando e engessando o caminho das pessoas.
>
> Para se entrar no prédio, agora, a única opção é a porta lateral, e somente ela serve como ponto de ventilação natural no piso inferior. Até mesmo hoje, dia chuvoso, dentro do prédio a sensação é de calor e de falta de ventilação. As salas de aula são dependentes de ar condicionado.
>
> Por esses dias o prédio está sem água nos banheiros, obrigando a todos a usar o prédio ao lado. Isso passa certo sentido de precariedade.
>
> Sobre as reclamações dos alunos quanto aos transtornos da obra, e sobre o lamaçal, ouvi de uma professora, mais ou menos assim: “como é que se quer fazer uma praça sem causar algum transtorno?”. Interessante que depois de falar isso ela dirigiu-se para um caminho calçado, pegou seu carro e foi embora, enquanto que eu e a maioria dos alunos somos constrangidos a passar pelos inevitáveis transtornos.

As reclamações, certamente, não podem fazer o mesmo sentido para aquele que convive diariamente com “algum transtorno”, seja a falta de água, a pouca iluminação, a lama, ou a falta de sinalização. Tanto a universidade quanto a cidade, talvez devido às suas proporções, mostram-se despreparadas para olhar com mais atenção e cuidado para os aspectos mais cotidianos da convivência. “Ah, eu acho

uma bagunça, aqui [...] eu acho que a sensação… é que é tão grande, que ninguém tem tempo de estar perto, assim" (JÉSSICA).

O cuidado com os espaços, assim como uma relação de amizade, descrita pelos estudantes na seção sobre a afiliação afetiva, necessita de presença constante e próxima. A vinculação dos estudantes com a universidade não se restringe às ementas, às titulações dos professores ou à situação diante os órgãos governamentais, mas parece que passa muito mais por essas relações cotidianas, por mensagens enviadas e decifradas ininterruptamente. A composição dos espaços, assim como os cuidados que a universidade pode ter com o fornecimento de informações e com sua organização são vivenciadas como aspectos preciosos na vinculação dos estudantes com a instituição.

> Aí, quer dizer, essas coisas aí, você vem com um astral "pô, estou estudando na UFBA!" aí, você começa a murchar, aí a luz começa a apagar, apagar, "não, eu vou desistir desse negócio. Não, ninguém se interessa por nada. Como é que eu vou aprender alguma coisa? Primeira semana de aula já faltando, uma semana sem ter aula, sem nada, aí você chega, pede informação, não tem", entendeu? Então tem coisas assim que precisa mudar, mas isso a gente sabe que com o passar do tempo, a gente vai se adaptando, porque o choque cultural é muito grande, entendeu? É muito grande. (MILTON)

Milton expressa como passou a "murchar", em tão pouco tempo, seu entusiasmo com a UFBA, chegando a pensar em desistir de seu sonho de voltar a estudar depois de dezoito anos fora da sala de aula, quando enfim poderia concretizar o desejo que o trouxe até Salvador, e depois de uma grande luta para validar sua matrícula. Afinal, seu pensamento mostra-se bastante coerente: "como é que eu vou aprender alguma coisa?". Se a instituição cuida assim de seus espaços e de seus alunos, como posso aprender?

> Na primeira semana, até então, eu fiquei poxa, isso aqui tá complicado, porque foi aquela zona, nunca tinha feito faculdade antes. Foi uma zona porque, desorganizado pra achar a sala, aquela bagunça [...] foi meio que trágico, eu acho. Porque assim, misturou tudo, todos os sentimentos. [...] A matrícula foi cansativa, cheguei aqui duas horas, saí seis horas. Cansativo, chama o nome, vai pra lá, muda pra cá, troca de sala, vai...[...] Chegava na faculdade não tinha aula, não sabia pra onde que ia, não sabia para onde fazer, "ah, teve aula num sei aonde, tu perdeu aula, num sei o quê". Eu não tinha me identificado ainda com a ideia de faculdade. Tava sem identificação. Tava perdido. Aí pegava as matérias assim, tentava ler alguma coisa, não entendia. Aí tinha que pegar ônibus, preocupação

> com horário, saudade de casa, [...] trânsito, cidade grande, pensei isso aqui é maluquice, isso aqui já não dá para mim, isso aqui já está ficando ruim, fico mais em casa, ficava assim meio que... Aí tive, a matéria do senhor não tava pronta, aí já não tinha aula. Aí também veio outra matéria de Língua Portuguesa que não tava com professor, aí eu disse "é velho, tá começando a desandar as coisas aqui". Bate aquele sentimento de “poxa, vou jogar essa porra pra cima e vou–me embora”. Pensei até em fazer alguma coisa por lá mesmo. Até pensei, pensei mesmo “não, acho que isso aqui né minha cara não, não sei se vou aguentar mais de um mês".

Se esses aspectos não importam muito para a instituição, para os alunos não passam despercebidos, e já provocaram em muitos a dúvida sobre a continuidade dos estudos.

# 5 VÍNCULOS NO TEMPO E NO ESPAÇO

De acordo com a literatura, as questões de tempo-espaço estão intimamente relacionadas com os novos modos de viver nas grandes cidades nos últimos anos, e que as formas de estabelecer relações, vínculos, ou redes de confiança e intimidade, estão diretamente afetadas nessa nova configuração mundial.

Os dados da pesquisa apontam para interpretações semelhantes, muito embora esteja focada em uma única cidade e em curto espaço de tempo. O que ouvi nas entrevistas e vi pelos corredores da universidade são depoimentos eloquentes de que a entrada na vida universitária para esses novos estudantes promove intensa mobilização afetiva, de que o fato de virem do interior do estado os colocam em situação diferenciada em relação aos demais estudantes, e que os etnométodos empregados e o desempenho obtido na construção de novos laços afetivos estão diretamente associados ao sucesso no processo de afiliação à universidade.

Assim, dialogo aqui com minhas referências da literatura e com os participantes da pesquisa, através dos dados da pesquisa, no intuito de promover generalizações analíticas (YIN, 2005). Retomo, primeiro, as contribuições da literatura, para depois poder recorrer a esses recursos com maior fluidez.

## 5.1 VÍNCULOS: UMA QUESTÃO DE TEMPO E ESPAÇO

Para Coulon (2008) na entrada dos estudantes na vida universitária, estão em jogo três modalidades diferentes, todas fundamentais no processo de afiliação do estudante ao contexto universitário e que sofrem intensas transformações nessa passagem ao ensino superior, que são as questões de tempo, de espaço e das regras do saber e da aquisição do conhecimento. Questões relativas ao espaço e ao tempo são importantes em todo o processo de afiliação, nas relações práticas da vida do estudante: prazos das provas, das inscrições, das matrículas, tempo das aulas dilatado, volume de estudo, ritmo de trabalho, espaços de convivência,

distâncias entre instituições, deslocamentos, universidade como um espaço imenso perto dos colégios, dificuldade de localização.

Harvey (2009) afirma que desde meados da década de setenta vem ocorrendo uma intensa “compressão do tempo-espaço”, e que esse fenômeno tem impacto direto sobre as práticas políticas e econômicas, bem como sobre a vida social e cultural. O autor aponta como importante nesse processo a aceleração do tempo de giro do capital, que teria sido uma solução encontrada para os graves problemas do fordismo da década de 1970, que produziram inúmeras consequências para os trabalhadores, como a aceleração da desqualificação e da requalificação para se atender às novas necessidades do trabalho. Com a necessidade de maior velocidade no giro da produção, tornou-se evidente a urgência da aceleração do consumo, da racionalização das técnicas de distribuição, da circulação de mercadorias, e das condições de pagamento. Para possibilitar esse processo investiu-se na mobilização da moda em mercados de massa em oposição aos mercados de elite, e uma diminuição do “tempo de vida” dos bens e dos serviços.

Ainda segundo Harvey (2009), essas mudanças e acelerações trouxeram diversas implicações nas maneiras pós-modernas de pensar, sentir e agir, como o acento na volatilidade e efemeridade de tudo (modas, produtos, valores, ideias, trabalho, práticas), a instantaneidade (de alimentos, de refeições), a descartabilidade (guardanapos, pratos, estilos de vida, relacionamentos estáveis, etc.), o bloqueio dos estímulos sensoriais, a negação e o cultivo da atitude *blasée*, a especialização míope, a dificuldade em planejamentos em longo prazo, a manipulação do gosto e da opinião.

No artigo de Peixoto (1988) sobre o olhar de estrangeiro, o autor reflete sobre as grandes cidades contemporâneas, seus habitantes e as consequências para suas percepções e experiências em comparação a contextos mais lentos. Peixoto (1988) pensa as mudanças operadas na estrutura urbana da cidade pela arquitetura, os meios de transporte, e os meios de comunicação, que mudaram a própria constituição da realidade. Para ele, as autopistas de alta velocidade e a informatização transformaram não somente o perfil da cidade como também imprimiram uma nova experiência e uma nova maneira de olhar. O indivíduo

contemporâneo tornou-se um “passageiro metropolitano em constante movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido” (PEIXOTO, 1988, p.361).

Explorando a ideia, o autor afirma que quanto mais rápido o movimento, as coisas ficam mais chapadas, com menos profundidade e relevo, como se estivessem em frente a uma tela, a um muro ou a um *outdoor*, o que aconteceria com aquele que trafega acelerado em um veículo. Com as transformações ocorridas nas cidades, que abrigam cada vez mais a alta velocidade, tanto a paisagem urbana quanto seus habitantes passariam por um processo de superficialização. Em contrapartida, as cidades tradicionais, com suas casas e prédios, eram construídas para serem vistas em detalhes por aqueles que caminhavam devagar pelas calçadas, ou, no máximo, na velocidade de uma carroça, e, portanto, recebiam ornamentos e acabamento em relevo.

A relação da velocidade com a paisagem urbana ou com a construção de “não-lugares” (BAUMAN, 2001) em lugares íntimos podemos observar na análise fina e poética de Manoel de Barros:

> Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2010, p.67)

A construção da intimidade requer condições para ocorrer, e são exatamente as condições de tempo e espaço que afastam diametralmente o quintal de Manoel de Barros (2010) de um lado, e do outro lado as cidades analisadas por Peixoto (1988), assim como Salvador pelo olhar dos estudantes.

Essa característica dos espaços íntimos não escapou à análise de Santos (2001) em seu livro **Pensando o Espaço do Homem**, onde comenta que a emotividade e a presença humana nas coisas inanimadas e na arquitetura foi sacrificada, e agora resta-nos, citando Conrads, uma arquitetura desprovida de afetividade.

Nessa discussão sobre a intimidade que experimentamos com os espaços, ou sentido mais amplo, com a cidade e a comunidade, as contribuições de Larrosa (2002) apresentam-se muito pertinentes para se discutir a experiência do homem contemporâneo imerso em grandes centros, e da proposta que faz para novos

caminhos com a cidade, com as pessoas, e com o conhecimento, objeto que tanto nos importa para a discussão da universidade.

O autor entende por experiência aquilo que nos passa, nos acontece ou que nos toca, ao contrário daquilo que se passa, acontece ou o que toca. Desta forma, podem-se passar muitas coisas, mas nada nos acontecer, nada nos serviria como experiência, e, segundo o autor, tudo o que se passa em nossa contemporaneidade está organizado para que nada nos aconteça. “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (LARROSA, 2002, p.21).

Larrosa (2002) atribui a ocorrência desse fenômeno ao excesso de informação, à prática da opinião, o periodismo, a falta de tempo, e o excesso de trabalho. Segundo ele a informação não é experiência, mas, pelo contrário, a informação não deixa espaço para a experiência, sendo quase uma antiexperiência, constituindo, assim, em um grande atrativo para a sociedade contemporânea, mobilizada para constituir um número crescente de sujeitos informantes, informados e que opinam. Há uma indústria das opiniões periódicas, que alimenta a exigência de se ter, supostamente, uma opinião pessoal e crítica sobre “tudo o que se passa”. O homem contemporâneo, segundo essa linha de raciocínio, está cada vez mais enovelado pelo excesso de trabalho e consequentemente pela falta de tempo. O autor afirma que a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo.

A humanidade, para Larrosa (2002), estaria vivenciando a fugacidade em que tudo passa cada vez mais depressa, em uma multiplicação de estímulos instantâneos, que se substituem instantaneamente após o término do anterior. O sujeito moderno está permanentemente excitado, é um curioso eternamente insatisfeito, consumidor voraz de notícias, opiniões e sensações, que se dão em constantes choques de estímulos fugidios, ágeis e fragmentados. Essa velocidade vertiginosa das informações, fatos e acontecimentos dificultaria uma conexão significativa entre acontecimentos, e tornaria cada vez mais rara as experiências e o silêncio. Como não ocorrem experiências não nos sobrariam vestígios e, sem esses vestígios, não construiríamos memória.

Bosi (1987), ao falar sobre a narração, comenta que a arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação de imprensa, que não é pesada e medida pelo bom senso do leitor, como também possui uma descartabilidade imediata, uma vez que

só é atraente enquanto novidade, enquanto que a narração está concentrada em limites “como a da semente e se expandirá por tempo indefinido” (Bosi, 1987, p. 87). A autora também comenta a falta de memória que afeta o “receptor” da comunicação de massa, justamente pelo “[...] excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação” (BOSI, 1987, p. 87).

Larrosa (2002) e Bosi (1987) mostram-se, nessas passagens, muito próximos sobre as questões da memória e da falta de vestígios que o excesso de informação e a velocidade trazem, como também ao se referirem à perda da capacidade de escutar. Para Bosi, “O homem moderno não cultiva o que ele pode simplificar e abreviar [...]” (BOSI, 1987, p. 88). Milton Santos (2008) traz para esse diálogo a compreensão de que esse processo é fundamental no funcionamento atual da economia global, interligada com a produção de informação, com a publicidade, a violência, a competitividade, e a compressão de tempo-espaço. Intrincada com a publicidade, a difusão imediata de notícias não tem compromisso em informar as pessoas, mas antes de confundi-las, e, assim, dominá-las. Esse domínio pela informação e pela “confusão dos espíritos” aparece na adesão irrestrita dos “consumidores” à tirania do dinheiro, do consumo, da informação, e da competitividade. De um lado a competitividade comandando nossas formas de ação, e do outro lado o consumismo comandando nossas formas de inação (SANTOS, M., 2008).

Segundo Milton Santos (2008), a concorrência que existia anteriormente foi substituída pela competitividade. A guerra teria se tornado a norma nesse novo modo de convivência que se torna regra entre as pessoas, fragilizando a compaixão e intensificando as rivalidades, na qual a todo custo um indivíduo necessita vencer o outro, no esforço de tomar seu lugar. Como base desse processo, o autor aponta o individualismo arrebatador que constitui o outro como coisa, a perda de influência da filosofia na formulação das ciências sociais, o abandono da solidariedade, da educação, e o aumento do desemprego, gerando uma violência estrutural (SANTOS, M., 2008).

Em decorrência do consumismo e da competitividade, Milton Santos (2008) observa um emagrecimento moral e intelectual das pessoas, borrando a distinção entre ser cidadão e ser consumidor, muito embora, segundo o autor, no Brasil “nunca” existiu

essa figura, porque os pobres “jamais” puderam ser cidadãos, e os ricos e aqueles que pertencem à classe média “jamais” quiseram ser cidadãos: “As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios e não direitos” (SANTOS, M., 2008, p. 49-50).

As consequências pessoais do trabalho no capitalismo flexível foram discutidas por Sennett (2008), e caminham na mesma direção dos argumentos apresentados até agora. A nova lógica da flexibilidade trouxe novas maneiras de organizar o tempo que influenciam diretamente a vida das pessoas. Sennett (2008) afirma que acima de tudo é a dimensão do tempo no novo capitalismo que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas, e não a transmissão de dados *high-tech*, os mercados de ação globais ou o livre comércio. Criou-se um lema no mundo dos negócios de que “não há longo prazo”, sendo assim as empresas fundem-se, fragmentam-se, despedem, contratam, sem os compromissos sociais sobre os quais já falamos anteriormente. Esse lema no cotidiano dos laços afetivos das amizades ou da familiar, para o autor, significa mudar, não se comprometer e não se sacrificar, além de corroer a confiança, a lealdade, o compromisso mútuo, e o caráter: “[...] o capitalismo de curto prazo corrói o caráter [...], sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável” (SENNETT, 2008, p.27).

Bauman (2001) contribui para o entendimento do esvaziamento dos pactos coletivos, entendendo que há uma redefinição da esfera pública como um palco de dramas privados, publicamente expostos e assistidos. Para o autor, a política, que outrora era a atividade de tradução dos problemas privados em questões públicas e de questões públicas em problemas privados, desaparece, porque o fato de se expor questões privadas não as tornam questões públicas. As questões hoje consideradas públicas são os escândalos, “problemas privados de figuras públicas”, encenados em larga escala através dos “espetáculos de sinceridade” – rituais de perguntas pessoais e confissões públicas –, cujos atores sob os holofotes são esportistas, estrelas do cinema, ministros do governo. Com a fragilidade das questões públicas e o imperativo de criar-se a si mesmo em um universo imenso de possibilidades e direções, Bauman (2001) compreende que essa tarefa comum a todos, mas individualizada como compromisso pessoal e intransferível, induz à competição ríspida e fragiliza as possibilidades de cooperação e de solidariedade.

O fim da era do engajamento mútuo, com a desintegração da rede social, das ações coletivas não é apenas o resultado de uma nova técnica de poder, mas antes a condição desse novo modelo. As redes afetivas funcionam como barreiras para um poder que se quer fluido, desengajado, fugaz, livre de cercas e de fronteiras (BAUMAN, 2001).

## 5.2 A TEORIA DO VÍNCULO DE PICHON-RIVIÈRE

A Teoria do Vínculo é uma psicologia das relações interpessoais, dinâmica, e construída a partir de contribuições da Gestalt, mas seu principal referencial são os postulados da Psicanálise. Tem como material de trabalho a maneira como as pessoas se relacionam umas com as outras, criando modos de interação particulares em cada caso, como estruturas dinâmicas de relação, chamados de vínculos. Para Pichon-Rivière (2007) a psicologia é sempre psicologia social, porque qualquer indivíduo está constantemente em relação com alguém, e deve ser considerado nos diversos grupos de que participa, sendo o primeiro deles sua própria família.

Assim, para se ter um quadro mais completo do indivíduo, o autor propõe diversos níveis de observação, uma investigação psicossocial, outra sociodinâmica e uma última, institucional. A análise institucional estuda os grandes grupos, suas estruturas, origens, composições, história, economia etc., enquanto que a observação sociodinâmica analisa o grupo no qual o indivíduo faz parte, as tensões internas, as ansiedades compartilhadas, os segredos do grupo. A investigação psicossocial estuda a ação do sujeito no grupo, suas expressões, sua participação, “[...] a parte do sujeito que se expressa para fora, que se dirige aos diferentes membros que o rodeiam [...]” (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.6).

Para melhor compreender o conceito de vínculo de Pichon-Rivière (2007) é importante destacar sua relação sempre da totalidade da relação a partir de dois campos aparentemente opostos. Há, então, dois campos psicológicos no estudo do vínculo, um interno e outro externo. Além da dimensão intrapsíquica da relação interna que o sujeito faz com o objeto externo, há também a dimensão externa, na

qual o sujeito opera no mundo, age através de condutas mais ou menos fixas com os objetos, o que para o autor poderia se chamar de caráter:

> Podemos definir o caráter de um sujeito em termos de vínculo dizendo que seu caráter, ou seja, sua maneira habitual de se comportar, pode ser compreendido por uma relação de objeto interno; quer dizer, por um vínculo mais ou menos estável e mais ou menos permanente que dá as características do modo de ser do sujeito visto de fora, condicionado por um vínculo interno. [...] Se analisarmos o caráter de uma pessoa, vemos que ele é a maneira que tem de se relacionar com o objeto interno. Por conseguinte, o caráter recebe o impacto da compreensão dinâmica, no sentido de que o caráter se torna analisável quando descobrimos o vínculo interno, ou seja, a natureza do objeto e o tipo de relação que o eu estabelece com o objeto interno. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.18)

Para Pichon-Rivière (2007), o vínculo interno e o externo estão em relação incessante, são como duas faces de uma mesma moeda, uma só existindo em função e em dependência da outra: "O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculo determinados em um tempo e em espaços determinados" (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.32).

A relação entre sujeito e objeto é, para Pichon-Rivière (2007), uma relação de interdependência, ambos realimentam-se mutuamente, e na qual ocorre a internalização dessa estrutura relacional, adquirindo uma dimensão intra-psíquica. As características dessa internalização ganham qualidades próprias, a partir das experiências de gratificação ou de frustração com o objeto. Será a partir dessas estruturas relacionais, ou seja, através de seus vínculos, que o sujeito realizará seu processo de aprendizagem da realidade.

> As relações inter-subjetivas, ou estruturas vinculares internalizadas, articuladas num mundo interno, condicionarão as características de aprendizagem da realidade. Na medida em que o confronto entre o âmbito do intersubjetivo e o âmbito do intra-subjetivo seja dialético ou dilemático, essa aprendizagem será facilitada ou dificultada. Ou seja, dependerá de que o processo de interação funcione como um circuito aberto, com uma trajetória em espiral, ou como um circuito fechado, viciado pela estereotipia (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p.6).

O processo de aprendizagem da realidade adquire qualidade saudável quando o sujeito consegue operar em um circuito aberto, não estereotipado, enquanto que a doença e a própria loucura são circuitos fechados de lidar com o mundo externo, e

para o Pichon-Rivière (2007, 2009), sempre de um modo comunicativo, mesmo nos circuitos mais fechados.

> O sujeito sadio, à medida que aprende o objeto e o transforma, também modifica a si mesmo, entrando num interjogo dialético, no qual a síntese que resolve uma situação dilemática se transforma no ponto inicial ou tese de outra antinomia, que deverá ser resolvida nesse contínuo processo em espiral. A saúde mental consiste nesse processo, em que se realiza uma *aprendizagem da realidade* através do confronto, manejo e solução integradora dos conflitos. Enquanto se cumpre esse itinerário, a rede de comunicações é constantemente reajustada, e só assim é possível elaborar um pensamento capaz de um diálogo com o outro e de um confronto com a mudança. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p.12)

O processo de mudança coloca o sujeito em situação de tensão diante do que emerge em sua nova realidade. O aprendizado dessas mudanças depende de um mínimo de habilidade para lidar com os medos básicos, que Pichon-Rivière (2007, 2009) define como medo da perda do objeto, e medo de ser atacado. Pichon-Rivière (2009) considera que na situação de migração o medo e as ansiedades podem ser tão intensos que causem uma situação de paralisia, provocando marginalizações sociais, como seria o caso de camponeses que migram para os centros urbanos. A ansiedade diante das mudanças pode se estabelecer como patologias, como modo de resistência, compreendida pelo autor como ansiedades compartilhadas pelo grupo.

> Uma determinada *insegurança social* instala-se no interior do grupo. Essa insegurança está ligada à ansiedade *diante da mudança*. Essas ansiedades são de dois tipos, tal como indicamos anteriormente: *ansiedade depressiva*, expressa como temor ou medo da perda de um *status* determinado, e *ansiedade paranóide* diante de novas condições de vida ou medo do ataque. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p.12).

Passar no vestibular e cursar uma universidade trazem consigo, inevitavelmente, a vivência de novas condições de vida, mas as mudanças mostram-se ainda mais intensas na vida dos estudantes que precisam sair de pequenas cidades do interior do estado. Esses estudantes vivenciam, então, tanto as ansiedades referentes à sua nova vida, as ansiedades de ataque, quanto o temor de perder os vínculos, o status e tudo o que já havia estabelecido em sua cidade de origem.

Encontro nesse autor uma compreensão mais completa e complexa do fenômeno que estudo. Com Pichon-Rivière (2007, 2009) o conceito de afiliação retorna, mas

enriquecido pela compreensão do jogo entre o intersubjetivo e o intrasubjetivo, e pela noção de que é a partir dos vínculos que o sujeito estabelece sua relação nesse novo grupo que deseja entrar. Será a partir do modo como o indivíduo lidar com as suas ansiedades emergentes, que ele fará suas leituras do mundo, e as compreensões da realidade que se apresentam a ele. Os conceitos de aprendizado, vinculação, mudanças, ansiedades, inseguranças aparecem juntos, compondo, ainda, com a compreensão sempre dinâmica entre o social e o intersubjetivo.

A partir de minha experiência de cursar duas graduações em cidades tão diferentes, tinha o conhecimento de que as características da cidade eram indissociáveis das características da vida universitária e, portanto, da qualidade de vida do estudante. Em outros termos, pensar nos vínculos que o estudante começa a formar com a universidade e com a cidade é também pensar em sua relação com os outros estudantes e consigo mesmo ou, ainda, pensar em sua saúde psíquica. Com o conceito de vínculo de Pichon-Rivière (2007), procuro articular a discussão da contemporaneidade e os novos modos de relação interpessoal, com uma visão intrapsíquica dinâmica, que considera as relações sociais em movimento dialético, gerando sínteses entre o interno e o externo, que alimentarão novos modos de estar no mundo e de se relacionar.

Com esse pensamento, acredito, torna-se importante a pesquisa macrosocial existente nesse trabalho, porque são essas condições que garantem as especificidade do caso estudado e, quem sabe, da própria pertinência do estudo. Reafirmo, desta forma, que essa pesquisa necessita tanto do olhar macrosocial quanto do microssocial, observando tanto as análises econômicas, políticas, e as condições da cidade, quanto os aspectos mais idiossincráticos da vida do estudante, porque, é nesse interjogo, que se dá o processo de entrada do estudante na vida universitária. É justamente através dos inúmeros vínculos produzidos pelo estudante nos primeiros momentos na nova cidade, que se estabelecerá boa parte do sucesso ou do fracasso em seu novo momento da vida.

O conceito de intimidade anteriormente mencionado passa a ser entendido, agora, nos termos dos vínculos produzidos em um tempo e espaço específicos. Barros (2010) apresenta o tema de modo exemplar, localizando no tempo da infância e no espaço do quintal a maturação da experiência da intimidade. A pedrinha do quintal

dele, então, passa a ter proporções maiores do que a de qualquer outra pedra no mundo. A correspondência torna-se ainda mais importante nesse trabalho, porque podemos compreender a dimensão dada aos objetos a partir do vínculo criado com eles, e que esse processo demanda tempo e espaço. O poeta também passeou por outros lugares, mas seu contato mais íntimo se deu em seu quintal, um lugar protegido da aceleração da cidade: “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade.” (BARROS, 2010, p.67)

No decorrer deste capítulo a articulação entre tempo dedicado às pessoas e aos espaços, e os vínculos produzidos nessa interação será examinada a partir dos relatos dos estudantes.

## 5.3 O VÍNCULO E O TEMPO

O tempo e o espaço são categorias integrantes de estudo do vínculo. Com suas especificidades, armam a rede na qual se tecerão as relações internas e externas, sejam com pessoas, com relações ou com objetos

> […] podemos estabelecer um vínculo com uma caixa de fósforo, com o isqueiro, com um livro, com uma cadeira, com uma mesa, com uma casa, etc. Cada um desses vínculos tem um significado particular para cada indivíduo. No vínculo está implicado tudo e complicado tudo. A pessoa se move com um jogo harmônico ou desarmônico de suas partes integrantes […] (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.31,32).

Se as dimensões de tempo e espaço já foram assinaladas por Coulon (2008) como duas das três modalidades que entram em jogo no processo de afiliação, essa compreensão ganha outro patamar se levarmos em conta que esses espaços e esses tempos são vividos internamente, segundo as propostas de Pichon-Rivière (2007, 2009).

Separo aqui o tempo do espaço somente para organizar o material de leitura, mas minha compreensão é de que ambos atuam conjuntamente, oferecendo múltiplas composições. Dentre essas composições, já comentei as especificidades das grandes cidades e dos aspectos da globalização ou mundialização, que operam no

sentido de comprimir essa dimensão, tornando, como diria Bauman (1998), o espaço um obstáculo a ser vencido pelas novas tecnologias. Vencer grandes extensões de terra no intervalo da instantaneidade oferecem novas composições com o tempo e com o espaço. Segundo Harvey (2009), Bauman (1998), Giddens (1989), é justamente essa mudança na experiência que compõe a contemporaneidade.

Nos relatos dos estudantes, aparece uma relação muito estreita entre o tempo dedicado aos outros ou aos espaços com a criação e cuidado com os vínculos.

> Só que aí foi bacana, ter participado de um processo de seleção, de inauguração de uma empresa [...] nós tivemos, basicamente, quinze dias de workshop, que foi a integração dos funcionários, a metodologia da empresa [...] foi fantástico, realmente, porque depois que o hotel abre, qual a oportunidade, mesmo que você entre depois, qual é a oportunidade que você vai ter de se reunir com os seus colegas de trabalho? Nunca mais, cada um vai estar nas suas funções, cada um vai estar em seus horários, cada um vai estar com suas atribuições, nunca mais. Então você nunca mais vai se reunir com eles, e ali tivemos quinze dias, duas semanas que a gente se reunia todos os dias, e era muito legal, eu gostava pra caramba.
>
> Fábio - Você acha que isso gerou unidade?
>
> Jeferson - Gerou demais, demais, demais, amigos que assim, bom, eu saí de lá em 2005, amigos que eu tenho até hoje. Foi muito bacana mesmo, sabe porque, amigos que eu considero, são amigos de um frequentar a casa do outro, sabe? Não são amigos de, tipo assim, a gente se ver, mas amigos de frequentar a casa mesmo, de dormir um na casa do outro, de conhecer o pai e a mãe. [...] na universidade isso é mais fácil de acontecer, porque você tem aqui pessoas que você fica ali com elas, quatro horas, você tem um vínculo maior, mas na empresa você não tem esse vínculo, e até mesmo na empresa o ar competitivo muitas vezes atrapalha essa aproximação.

O comentário de Jeferson diz respeito ao período que passou na empresa hoteleira no qual estava ingressando logo em sua abertura. Assim, ele pode participar de um momento raro no cotidiano de uma grande empresa em uma grande cidade, um tempo dedicado justamente para aproximar as pessoas. O tempo atua aí, em uma dimensão quantitativa que, então, transforma-se em uma dimensão qualitativa, diferenciando desconhecidos em conhecidos, depois em colegas, para depois em amigos. As definições de amizade variam bastante entre os estudantes, e oportunamente serão apresentadas.

A competitividade aparece, também, como empecilho à formação dos vínculos, mas isso estava em suspensão por quinze dias, quando tiveram oportunidade de conviver.

Jeferson já estava na cidade antes de entrar na UFBA e pode perceber as diferenças entre a criação de vínculos dentro e fora da instituição, principalmente nas empresas em que trabalhou. Em outra passagem da entrevista, retorna a relação entre tempo e a formação de vínculos de amizade:

> [...] na verdade tem uma colega minha que fez o… que eu conheci no pré-vestibular [...] e eu encontrei outro dia ela no campus, aqui, e foi bacana, porque realmente ela é uma pessoa que é um vínculo de amizade que eu já conheço desde 2008, então… já somos amigos, assim, porque já frequentamos um a casa do outro, sabe? Ela vai na minha, eu vou na dela, então somos amigos.

Na visão de Jeferson, ser amigo, verdadeiramente, é quando um frequenta a casa do outro, mas essa sua amizade ocorreu não somente pelo fato de conhecê-la desde 2008, há dois anos até a data da entrevista, mas, principalmente pela disponibilidade de tempo, ou ainda, pelo tempo em comum que passaram juntos.

> [...] eu acho que a maioria das pessoas que eu conheci, que eu tenho envolvimento no grupo, trabalham durante o dia, então isso dificulta um pouco a aproximação, né? Se as pessoas estão trabalhando elas tem as atribuições dela. Como essa colega que nós nos conhecemos no pré-vestibular, durante o dia, então nem ela e eu trabalhávamos, então a gente tinha o dia livre, então eu acho que isso… hoje ela já tem as atribuições dela, mas aquele vínculo que nós estabelecemos, aquilo permanece, né?

As outras pessoas que conviveram com Jeferson não formaram amizade com ele, mas essa amiga sim, e ele observa que isso se deu pelo tempo que tiveram juntos, justamente porque não trabalhavam nem tinham muitas “atribuições”. Essas atribuições aparecem depois para a amiga que começa a trabalhar, mas o vínculo já estava estabelecido. Na universidade, então, ele observa que as pessoas estão mais dispostas a estabelecer amizades.

Antes de entrar na UFBA, porém, Jeferson passou no vestibular da UFRB, mas confirmou logo em seu primeiro dia de aula que aquela escolha estava equivocada, que não ficaria ali, e resolve sair da cidade o mais rápido possível:

> [...] "bom, eu vou tomar uma decisão de sair daqui mais rápido, porque quanto mais eu ficar aqui, a probabilidade de você sair é

> menor", pelo menos para mim, é, porque tem o envolvimento emocional, depois, né? "Poxa, já faz me apeguei às pessoas, aqui, ou já fiz um mês do curso, porque não fazer um semestre inteiro e terminar?"

Reginaldo, por sua vez, não desejava se envolver na casa dos parentes, onde morou nos primeiros meses em Salvador, e esforçava-se para manter-se “neutro” dentro da casa.

> [...] toda casa tem, tem discussões em casa, toda casa tem discussões, brigas. Se está brigando eu estou saindo, me mantendo neutro porque assim, eu não vim pra cá com a meta de ficar na casa deles, é como uma passagem de chuva, estou passando a chuva lá, até eu conseguir me organizar, arranjar um emprego, arranjar um canto pra morar e eu vou me mudar e eu vou sentir realmente que eu estou morando em Salvador, de certa forma. Lá eu estou passando chuva, então, se eu estou passando chuva eu não quero me envolver pra não criar um vínculo, como é que se diz… um... um... Meu Deus!... não arrumar para mim uma preocupação a mais, entendeu? Pra não estar se envolvendo em alguma coisa a mais, do que eu quero, porque eu penso assim, não quero estar lá, me meter em discussões, "ah não, eu acho que é assim", ficar dando opinião porque eu acho que é deles, eles tem que resolver, é coisa deles, eu estou lá só pra... só pra… vamos dizer assim, estou lá só pra dormir e acordar, entendeu?

Embora Reginaldo tenha passado algum tempo na casa dos parentes, sua atitude de “neutralidade” era como se ali não estivesse, que estava ali apenas “passando uma chuva”. O tempo aparece aqui como aquele que o separa de uma liberdade maior, que ele nomeia como um tempo em que poderá “puxar o próprio barco”. Nessa passagem aparece, então, o desejo de Reginaldo mediando a criação de seus vínculos, planejando não se envolver “[...] para não arrumar para mim uma preocupação a mais [...]”, porque parece compreender que o envolvimento implica uma dimensão de responsabilidade. Reginaldo limita-se, na casa de seus parentes a “dormir e a acordar”, sem ocupar-se de nenhuma função dentro da nova configuração da família, e sem abrir espaço interno para novas vinculações significativas.

Ocorre que não possuímos controle consciente dos vínculos que estabelecemos, como exemplifica o relato de Jeferson:

> Bom, na verdade, como minha proposta inicial, aqui em Salvador, era trabalhar, então o envolvimento emocional que ocorreu, de amizade, tal e etc., acho que foi fora do previsto, porque isso não estava previsto para acontecer, para mim o interessante era vir para cá, trabalhar, e tal, juntar uma grana, e poder fazer pequenos objetivos, era esse o objetivo, era direto, enfim.

Milton também fala sobre esse aspecto:

> No trabalho muitas amizades, até marcava, até para sair, jogar bola e tal, entendeu? Quer dizer, aí você, sem… o processo de aproximação quando você chega no trabalho ele é totalmente involuntário, entendeu? É involuntário. Você não pede para fazer amizade, as amizades vem até você e você tem que se associar a eles, entendeu? Aí é uma questão, é uma coisa que chama… é igual no colégio, quando você chega aqui à primeira vez.

Na conversa com Milton, ele reflete um pouco sobre as diferenças entre fazer amizade no trabalho e na faculdade, e observa a formação de “tribos” conforme os bairros ou classes sociais. Para ele, várias pessoas já se conheciam antes de entrar na faculdade. No relato que segue, volto a destacar a relação temporal, mínima que seja, na formação de novos vínculos, e de como esse aspecto é central na vida do estudante:

> Por enquanto ainda estou novo aqui ainda, mas já tenho algumas amizades, já tenho, já tenho algumas amizades, pessoas boas, já, entendeu? Nesse dia do trote mesmo, saí com o pessoal aí, a gente foi ali no São Lázaro, tal, voltou. Dei carona para algumas pessoas. Perguntaram se eu estava de carro, porque queria ficar em algum lugar, entendeu? Essas coisas a gente vai tirando como coisas boas que está ocorrendo na vida da gente. A pessoa que entrou em um meio totalmente escuro e aí começa a clarear, devagarinho, entendeu? Mas é uma coisa que é demorado.
>
> Fábio – Agora está claro ou está escuro?
>
> Milton – Não, está começando a clarear. Ontem no ônibus, já, encontrei pessoas que eu nem conheço, "ah, você é calouro, estava lá na coisa de ontem… quer dizer, as pessoas já começam a te notar.
>
> Fábio – Quer dizer que o trote te ajudou.
>
> Milton – Eu eu conhecia algumas pessoas já, eu comecei a conversar com algumas pessoas, algumas pessoas começaram a conversar comigo, entendeu? Porque antes a gente passava só, só no visual.

O trote, que durou poucas horas, contribuiu para Milton formar novos vínculos. O desconhecimento de sua nova vida aparece representado por “meio totalmente escuro”, e são as novas relações, mínimas que sejam em suas expressões iniciais, que começam a “clarear, devagarinho”. Sua vinculação com a universidade se fortalece ao passo que se vincula com seus pares e ultrapassa a fase inicial em que as relações permaneciam somente à distância, “só no visual”, sem aproximação. Sentir-se reconhecido por outras pessoas parece conferir uma materialidade diferente à sua presença na universidade, como se estivesse mais encarnado, mais

visível, outras pessoas já o percebem, falam com ele, e ele já começa a ensaiar o desempenho de novos papéis.

### 5.3.1 Projetos

O projeto é o tempo dos desejos, das fantasias e das possibilidades. É um tempo fundamental para quem quer entrar em uma universidade, principalmente para quem deseja ou precisa, para isso, mudar de cidade. É o momento de mobilização de seus próprios recursos internos, de recolher informações sobre sua vida futura e criar internamente novas realidades.

Na construção do conceito de vínculo de Píchon-Rivière (2009), a temporalidade é presente, e marca momentos da passagem do sujeito pelas tarefas, como um processo a ser atravessado que mobiliza ansiedades decorrentes das mudanças em andamento. Se Coulon (2008) estabelece três momentos da passagem do estudante ao ensino superior, que são o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem, e o tempo da afiliação, Pichon-Rivière (2009) pensa também em três etapas subsequentes no processo do grupo ou do indivíduo na tarefa, que seriam, abertura, desenvolvimento e fechamento. Vale lembrar que a proposta de Coulon (2008) compreende grandes intervalos temporais, que não são definidos a priori, mas sim pelas habilidades conquistadas pelos estudantes em seu processo. Um estudante pode passar o primeiro semestre, por exemplo, somente no tempo do estranhamento, decifrando os primeiros códigos para sua afiliação, enquanto isso, pode ter atravessado diversas e diferentes mudanças em sua vida, que estariam relacionadas a várias tarefas, ou seja, a múltiplos processos de abertura, desenvolvimento, e fechamento.

A esse processo Pichon-Rivière (2009) chama de adaptação ativa à realidade, que marcaria uma abertura para o novo, o emergente, a elaboração desse material com o já existente, e finalmente uma síntese desse processo, no qual o sujeito estabelece uma nova pauta de conduta. De modo semelhante, o autor considera que a passagem pela tarefa propriamente dita, seja ela em grupo ou individualmente, ocorre em três momentos: pré-tarefa, tarefa e projeto. A pré-tarefa caracteriza-se por esse momento de abertura, mas também de intensa mobilização

afetiva devido às ansiedades e aos medos básicos que atuam nesse momento. O medo da perda do que o sujeito já possuía na situação anterior e o medo de ser atacado na nova situação são os dois medos básicos que mobilizam ansiedades nesse processo. Devido a essas ansiedades, entram em cena técnicas defensivas de resistência à mudança através de mecanismos de postergação que conduzem o sujeito em diversas atividades para “passar o tempo”. A postergação central, para Pichon-Rivière (2009), é a da elaboração dos medos básicos que estão mobilizados com a tarefa ou com a mudança, e se deve à impossibilidade do sujeito em suportar frustrações de início e término de tarefas.

Na tarefa, por sua vez, o sujeito opera uma ruptura de uma pauta de conduta esteriotipada, a partir de uma elaboração das ansiedades e de uma abordagem mais flexível da realidade. Nesse ponto, segundo Pichon-Rivière (2009), o projeto torna-se possível, e como características principais, estão a conduta adaptativa criadora e a capacidade de planejamento e de formulação de um projeto pessoal. O planejamento do futuro, segundo esse ponto de vista, é uma atividade que indica uma adaptação criativa da realidade, no qual o sujeito abre a possibilidade de novos estilos de vida, tanto permitindo-se ser modificado pelo grupo ou pelo ambiente, mas também, e fundamentalmente, transformando-se em um “agente de mudança social”.

É através do projeto que o indivíduo se prepara para a mudança, construindo e reconstruindo, internamente, ou seja, fantasiando a “assunção” (Pichon-Rivière, 2007, 2009) de novos papéis. Quando estabelecemos vínculos, antecipando o que poderemos esperar de cada relação, criando um horizonte de expectativas. A partir desse desenho inicial, vamos, constantemente reavaliando e recriando esse projeto, através de frustrações, de surpresas, de antecipações ou de adiamentos. Uma vinculação plena acomoda muitos projetos, construídos, consciente ou inconscientemente, de modo coletivo, em um interjogo de conflitos e de acomodações, como em qualquer relação.

Assim, ver-se apartado, repentinamente, de criar projeto em uma relação, parece amputar grande parte de um vínculo, antes tão pleno. Reginaldo traz em seu relato elementos para pensar nesse contexto.

> Deixei uma banda minha, tinha uma banda lá, sinto saudades de tocar, aí quando eu volto a gente toca umas notas ainda, mas não é

> aquele negócio de, "pô velho, tem aquele compromisso, tal, quarta tem ensaio", "ah, bora ensaiar hoje, tal", e realmente me relaxava muito.

Reginaldo passa a elaborar a perda de seus projetos com os vínculos criados na sua cidade do interior, lidar com a frustração de não poder mais compor tempos futuros, novos projetos, da mesma forma como quando ainda fazia parte da banda e comprometia-se em ensaiar e concretizar os planos coletivos. Ao mesmo tempo, Reginaldo começa a se aproximar de um grupo de estudantes da UFBA, com o qual passa a fazer praticamente todos os trabalhos acadêmicos e, também, a desenvolver atividades para-acadêmicas.

Atividades para-acadêmicas, para Coulon (2008), são ações que o estudante desempenha, geralmente com outros estudantes, e que não se relacionam diretamente com as exigências da universidade, como grupos de música, de teatro, grêmio estudantil, prática de esportes, organização de eventos, etc. Essas atividades são, para o autor, excelentes agenciadores de afiliação.

Reginaldo, com esse grupo, começa a se envolver em atividades para-acadêmicas, assumindo tarefas que a princípio não são suas, como a criação de vídeos, mas que assume em nome do novo grupo, estreitando seus laços com os outros integrantes e, juntos, dão um passo importante para a afiliação, que é a criação de projeto, principalmente nesse momento em que se desfaz dos projetos antigos.

> Estou criando um vínculo sim porque, assim, a gente até pensou alto "ah, vamos montar uma produtora de áudio e cinema", mas assim, eu fico na dúvida se eu quero realmente fazer cinema. Entendeu? Assim, a gente está fazendo, eu acho legal, eu estou... o que a vida está me dando de oportunidade, eu estou abraçando. A gente faz, mas sem comprometimento, tem união, eu não sei bem... está sendo um… como se diz, assim, um início de flores, tudo tranquilo, a gente está se organizando, a gente se deu bem, sabe? Aquela pessoa que você conhece e diz: “porra, essa pessoa é bacana”. Dá pra você manter uma relação tranquila. A gente tem uma relação tranquila, tem, a gente tem os projetos da gente, já me fez pensar muita coisa, eu gostei disso. Estou criando algumas coisas, me botou mais pra pensar, tipo, projeto. Eu acho que amanhã a gente já grava de novo.

Reginaldo, a partir dos sonhos coletivos, dos novos projetos, do recente projeto, consegue investir nas novas vinculações, enquanto que por oposição, não investia afetivamente na família com a qual morava. No novo grupo, assume papéis, passa a tornar-se mais criativo, como todo processo saudável de vinculação, opera em um

circuito aberto: “o que a vida está me dando de oportunidade, eu estou abraçando”. Para se fortalecer, Reginaldo investe energias para fortalecer o grupo, porque com essas novas vinculações percebe que se “firma” mais na universidade e em sua nova vida na cidade.

> [...] eu estou gostando, porque assim, de certa forma é uma cosia que você já tem a mais pra se firmar aqui. Coisa que para mim era difícil, primeira, primeira semana. [...] eu tive que pegar aula lá no departamento de física. Foi até bom eu ter ido no departamento de física, porque foi quando eu conheci a galera. Entendeu? Assim, depois a gente olhando, eu pensei, foi destino, assim.. encontrou a galera, a gente ficou conversando um tempão, e depois daquele dia a gente sempre está se vendo, pegou o telefone, “se souber onde é a aula me liga”, e assim foi, foi construindo, ajeitando tudo certinho, hoje está ajeitado, todas as aulas certas, está ok, está pegando aula junto.

Diante da “zona”, como é descrita por ele e a desorganização da universidade, muita ansiedade concentrava-se em seus primeiros dias de vida universitária, e o grupo aparece como solução criativa e coletiva de diversos estudantes em situação semelhante. Fecham-se como grupo, então, nesse primeiro momento, pegando todas as atividades juntos, diminuindo as liberdades individuais, mas aumentando a ação do grupo e suas defesas diante das ansiedades que a desorganização e as incertezas geram.

## 5.4 O VÍNCULO E O ESPAÇO

Como já começou a ser discutido no tópico anterior, uma dos etnométodos utilizados pelos estudantes que chegam na universidade é filiar-se a um grupo, formado por outros estudantes em situação semelhante. O grupo de Reginaldo organizou-se para permanecer junto a maior parte do tempo na instituição e, para isso, alguns membros precisaram mudar de turma, remanejar horários.

Dentre os participantes da pesquisa, escolhidos a partir da disponibilidade dos estudantes e pelo tamanho das cidades, três delas eram amigas e mantinham uma dinâmica semelhante ao grupo de Reginaldo. Mara Raquel, Tatiane e Jéssica

também organizaram seus horários para ficarem sempre juntas, ficando apenas uma matéria sem se encontrar, justamente a aula que eu dava. Fui professor, então, de Mara Raquel e de Tatiane, mas não de Jéssica.

Quando marquei a entrevista com Mara Raquel e Tatiane, elas preferiram realizar a entrevista juntas, e compreendi que aquele procedimento, por mais que não estivesse previsto, acabou tranquilizando as jovens diante das ansiedades que poderiam surgir de uma entrevista como essa, com o professor que elas acabavam de conhecer.

Na conversa que tivemos, quis saber a relação que esses vínculos ou mesmo os grupos tinham com o espaço:

> [...] na verdade a gente se divide como grupos, aí você sempre vê o pessoal que sempre está no mesmo lugar, naquele ponto ali, assim eu vou dizer da parte ali de Ondina, a partezinha que eu conheço, entendeu, que eu sempre estou. Aí você vê aquele grupo ali, aí você já vê um grupo de umas pessoas ditas como as patricinhas, já se localizam em um outro lugar, sempre estão por ali, os calouros sempre ficam mais atraídos, vai pro lugar onde está sobrando [risos], aí sempre uma divisão de onde estão os grupos, entendeu? Aí tem o pessoal de saúde, sempre está por ali, o pessoal de humanidades, sempre está por ali, entendeu? Eu vejo assim, uma divisão de mais de grupos, assim, sempre tem um lugar que aquele grupo gosta mais de ficar. Eu vejo, até o momento eu só vejo assim, nunca parei pra…
>
> Fábio – E você fica onde?
>
> Tatiane – Eu, particularmente, eu gosto muito de ficar na sala, né? As meninas que ficam me puxando, "bora, bora", aí de tanto me azoar eu acabo saindo da sala assim, aí geralmente a gente fica pelas beiras, pelas escadas, no jardinzinho embaixo, para conversar, mas não tem assim… a gente não fixou um ponto certo ainda não.

Os espaço vão sendo mapeados pelos estudantes também como ponto de encontro, criando seus próprios espaços (CERTEAU, 2009) dentre tantos lugares. Os estudantes vão estabelecendo seus vínculos com os grupos e com os lugares, investindo de significado os espaços utilizados por eles. Tatiane e seu grupo, porém, ainda não construíram um espaço como sendo delas, se deslocam pelos corredores, pelas beiras, pelas escadas. Provavelmente, estabelecer-se em um espaço tenha um significado e uma importância no processo de se afiliar à instituição, porque somente assim transforma internamente e externamente um espaço impessoal com suas referências pessoais e coletivas. Esses lugares transformados em espaços tornam-se, de alguma forma, seus.

A precariedade de sua condição sem espaço aparece logo na sequência de nossa conversa a três, com Tatiane e Mara, quando descobrem juntas o único espaço transformado em ponto de encontro, em certo sentido, o espaço mais especial para elas, onde encontram uma estação (HÄGERSTRAND apud GIDDENS, 1989), na qual as trilhas de tempo e espaço se encontram.

Importante sinalizar que a universidade opera como uma ‘estação’ que abriga os trilhos de tempo-espaço individuais por um determinado período. Giddens (1991) traz esse conceito de Hägerstrand para analisar os percursos individuais que fazemos ao longo de um dia, de um mês, ou de uma vida. Utilizar esse referencial implica observarmos as dificuldades e os tempos de deslocamento, de permanência, ou as ‘restrições de contato’ que as trilhas individuais enfrentam, assim como das possibilidades de encontros em ‘estações’. A permanência na universidade, portanto, corresponderia a oportunidades de intersecção de duas ou mais trilhas de tempo-espaço, trazendo para o estudante condições de afiliar-se.

> Fábio – Não achou ainda um lugar?
>
> Mara – Não, não.
>
> Tatiane – Não, ainda não achou um lugar ainda não, calouro, calouro…
>
> Mara – Às vezes as pessoas ficam naquelas mesas que ficam… sentam ali para conversar, tal… a gente mais conversa no ponto de ônibus, né? Quando está lá aquele grupo, o grupo mesmo, se junta para esperar o ônibus, ai a gente fica lá conversando.
>
> Tatiane – O tempo disponível, onde a gente acha, onde a gente passa mais tempo é o ponto de ônibus. Todo mundo sai junto, vai pro ponto de ônibus, aí pronto.
>
> Mara – E foi basicamente ali que a gente se conheceu.
>
> Fábio – E aí passa quanto tempo ali no ponto de ônibus?
>
> Mara – Rapaz, umas meia hora.
>
> Tatiane – Depende do ônibus que for pegar.
>
> Mara – É, se a gente for pegar o Cabula VI, a gente passa uns quarenta minutos.
>
> Tatiane – Uns quarenta minutos, a gente chega a ficar uma hora ali.
>
> Mara – Uma hora.
>
> Tatiane – Um bom tempo, muita gente a gente já conheceu no ponto de ônibus. "Vai pegar que ônibus?", aí daqui a pouco já esta querendo saber a vida inteira [risos] o ponto de ônibus é uma boa coisa.

Essa informação realmente me surpreendeu muito, e juntamente com a informação de Milton sobre o tempo gasto nos deslocamentos, contribuiu para direcionar minha observação na pesquisa para esse aspecto. A aceleração é tão grande no cotidiano dos estudantes, que parece estar esvaziando os espaços de possibilidades de encontro e estabelecimento de vínculos, tornando-os, cada vez mais, em “não lugares” (BAUMAN, 2001). Nesses espaços seus usuários não criam história, relações, ambiência, ou, com os conceitos de Pichon-Rivière (2007, 2009), os sujeitos ali não criam vínculos. Os espaços da universidade podem estar passando por um processo de esvaziamento de sentido, tornando-se “não-lugares”, assim como as autopistas, os aeroportos, os quartos de hotel, cujo objetivo é ser utilizado e deixado para trás.

O processo de afiliação, entretanto, possui estreita relação com o espaço. Ser um membro competente desta nova comunidade exige do estudante conhecimentos que extrapolam os trabalhos acadêmicos, diz mais sobre as competências cotidianas na nova cultura que começa a conhecer, implica uma apropriação de uma série de códigos que compõem o senso comum, nas práticas e interações aparentemente mais insignificantes. Desta forma, Coulon (2008) considera que permanecer na universidade o menor tempo possível, como faziam alguns estudantes na pesquisa que realizou na França, acaba por tornar ainda mais árido esse aprendizado, isolando esse estudante e interrompendo uma imersão na nova cultura. O autor demonstra claramente que ser estudante é um ofício muito mais complexo do que se supõe à primeira vista, depende de um aprendizado minucioso e sofisticado da ‘linguagem natural do grupo’, que requer tempo e, certamente, espaços de observação e convivência. Esse tempo na universidade requer um espaço que acolha uma permanência.

### 5.4.1 O Caso Raul Seixas

Apoiado no conceito de estudo de caso (YIN, 2005), trarei outras informações relevantes para a pesquisa, no intuito de contribuir para a discussão da importância

da relação espacial dos estudantes com a universidade, e as criações de vínculo envolvidas.

Durante o período no qual realizava o levantamento de dados desta pesquisa, frequentava também outras unidades da universidade, e observei as intensas mudanças de convívio entre os estudantes no campus de São Lázaro, unidade da UFBA, a partir das interferências arquitetônicas operadas pela universidade. Nessa ocasião o grupo de pesquisa do qual participo realizava uma série de estudos sobre a vida dos estudantes, visando sua primeira publicação[6]. Entrevistei alguns usuários daquele espaço que vivenciaram essas mudanças, um estudante do Centro Acadêmico (C.A.), um professor, e um livreiro.

O Pátio Raul Seixas, dentro do campus de São Lázaro da UFBA, parecia operar bem a função de estação que Giddens (1991) aponta, como aparece na entrevista com um estudante que participou do Centro Acadêmico durante o processo de interdição do prédio. Nas entrevistas, os informantes relataram que o pátio, quando ainda estava aberto, era utilizado como um centro de convivência, onde sentava-se para conversar, tomar café, fazer fotocópias, fazer refeições na cantina.

Do ponto de vista físico, o Pátio Raul Seixas, apesar da precariedade de suas condições de conservação, apresentava uma disposição espacial e estética aconchegante e agregadora das mais diversas atividades culturais proporcionando troca de experiências, novos esquemas de pensamento, elaboração de opiniões e interação na comunidade acadêmica promovendo a qualidade da sua convivência.

Neste espaço de São Lázaro o estudante vivenciava o estranhamento das referências, linguagens, regras de conduta e outros, ao mesmo tempo em que, sendo um lugar de todos, era também acolhido em seus primeiros contatos: “de modo precário, mas amoroso” parafraseando o professor entrevistado.

O interesse pela cantina que ali existia, aparece como preocupação do destino do Pátio na fala de um professor da unidade. O professor entrevistado lembrou do sentido cultural que era vivenciado no pátio através do elemento de mistura, de

[6] Pesquisa realizada com o auxílio dos estudantes de psicologia Amanda Alves e Luis Alberto Menezes Cerqueira, e da professora Sueli Barros da Ressurreição, todos pesquisadores do Observatório da Vida Estudantil (OVE). Esse trabalho resultou num capítulo de livro, que será publicado pelo OVE, com previsão de lançamento para o primeiro semestre de 2011. Os textos utilizados aqui são todos de minha autoria.

frequentação de diferentes grupos, comparando-o tanto com um mercado de trocas de bens e informações, de interação, como também a uma *ágora* da Grécia antiga. O pátio parecia ocupar a função de principal estação do campus, ponto de encontro, de convivência, de trocas culturais e financeiras, com a utilização de serviços de fotocópia, de alimentação, de compra de livros, de materiais audiovisuais, camisetas, etc. Espaço propício para a permanência na universidade, para o aprendizado de tornar-se um estudante e, mais especificamente nos termos dos entrevistados, na construção da "*patiologia"*:

> Pode ser até questionável o que estou dizendo, mas enquanto mercado de variedades que se prestava, é bem a *ágora* dos gregos antigos, que se prestava como lugar de encontro, de conversa, de formação de novas amizades, de matar tempo, de uma '*patiologia'*, que é matar tempo e ficar conversando, conversando sobre a vida, e ali era um espaço de legitimação do sistema todo. Eu acho que esse espaço, que eu arriscaria dizer que é um espaço de formação ética. Quando você falou que vai sobrando só a dimensão instrumental, é, é bem isso, o colégio é isso, é uma pressa de passar no vestibular, então junta-se todos os meios, apostilas, material padronizado, alguém na entrada marcando a entrada das pessoas, cadeiras em fila, vira um mecanismo operatório, maciço, de chegar ao fim. É bem isso que vai restando, não que isso seja dispensável, um modelo formalizado como se fosse um grande colégio. Vai ficando com o que sobra na ausência desses outros lugares, de outros afazeres, que eu acho que tinha um papel fundamental na formação enquanto ética, preparação ética. Ética não se informa, não se ensina, mas se aprende.

Um espaço transformado em *ágora* é a afirmação de uma cultura universitária, na qual 'matar o tempo' aparece como condição indispensável, através da permanência no espaço universitário, em oposição clara ao modelo fortemente presente nos colégios de ensino médio particulares, em que o tempo é utilizado como ausência, como escassez, atualizando o discurso da competitividade, da pressa, e da objetividade urgente de se passar em um vestibular, e o espaço entendido e utilizado como passagem, como corredor para um fim particular. Assim, o estudante ao iniciar seu processo de afiliação ao ensino superior encontraria além de todas as novas relações com as regras, com o saber, também novas experiências com o tempo e com o espaço. O Pátio Raul Seixas representa bem um modelo de espaço universitário, ocupando a função de possibilitar aos frequentadores da universidade a criação de uma 'patiologia', somente viável na permanência e no convívio, e a partir daí, abrir possibilidades para as discussões, os encontros, um sentimento de

pertencimento ao novo lugar, a criação de atividades para-acadêmicas (COULON, 2008) que extrapolam as exigências acadêmicas, a criação de vínculos afetivos e ainda a possibilidade de uma prática ética e política.

O professor ainda reflete nas implicações das interferências no espaço, assim como nas condições de encontros e de convivência. A escassez desses espaços e, portanto, das condições de encontros e de permanência parecem andar ao lado do desinteresse por assuntos coletivos e políticos. A revelação do professor expressa o que poderíamos chamar de perda da qualidade da afiliação do estudante. No seu rito de aprendizagem, o estudante constrói novas configurações subjetivas e intersubjetivas através da formação de novos vínculos. Desse modo, na universidade, sendo um lugar onde “todos falam com qualquer um” (COULON, 2008, p, 175), se configura também como um espaço de convivência que deve proporcionar a interação entre os estudantes que extrapolam as relações em sala de aula como uma das estratégias para formação psicológica, ética e cultural do jovem.

No entanto, a universidade parece estar passando por um processo de esvaziamento de sua função formadora, da criação e da vivência de uma cultura universitária que implica uma relação diferente dos estudantes com a instituição, com o conhecimento e com um círculo de amizades. As transformações na contemporaneidade parecem ter atravessado as rotinas da universidade em seus aspectos mais sutis, implicando o enfraquecimento do coletivo em detrimento dos interesses particulares, de uma despolitização generalizada, da fugacidade dos encontros e no utilitarismo das ações. O professor ajuda a retratar uma época e pensar nesse processo, ao comentar sobre sua experiência na vida universitária, vivida em “tempo integral”, porque a formação de repúblicas de estudantes transformava a vida universitária uma prática ininterrupta, e de intensa convivência. Devido às características das pequenas cidades que abrigam universidades importantes, a maioria dos estudantes mudam-se para realizar seus cursos, e a formação de repúblicas e de novos vínculos compreende a centralidade da vida do estudante. Ali são organizados eventos como olimpíadas, campeonatos universitários, que juntamente com as festas, a frequentação de bares, das repúblicas, contribuem para ocupar o cotidiano dos estudantes, em contrapartida a atual experiência na UFBA parece não atribuir a mesma importância à convivência:

“[...] a formação vai tendo um lugar menor na vida das pessoas que arrumam outras ligações, outros compromissos fora do espaço universitário”.

A dispersão no espaço universitário tem implicações no sentimento de pertencimento e na formação da identidade do grupo discente. Na entrevista, o estudante do C.A. mostrou-se preocupado com as novas construções na UFBA que, segundo ele, cumpre apenas a função de proporcionar mais salas de aula, enquanto que esvazia suas possibilidades de convivência: “Esse prédio novo aqui de São Lázaro, o PASL, é um tipo de estrutura fria, anti-convivencialidade, sabe? Uma coisa que você fica limitado a assistir a aula e ir embora. Botaram um jardim ali, mas ninguém usa”.

Outra constituição arquitetônica característica de nosso tempo e cada vez ganha mais exemplares nos espaços públicos são os “não-lugares”, definidos por Bauman (2001) como destituídos de construção simbólica, de história, de relações, de ambiência, uma vez que seu único destino é o de serem atravessados e deixados para trás o mais rapidamente possível. A partir dessa definição poderíamos começar a pensar como a universidade tem sido pensada através da mesma lógica de um aeroporto ou de um quarto de hotel.

> Uma vez uma aluna trouxe um bebê e a turma dela estava em prova e eu peguei o bebê para ela poder fazer a prova à vontade, e descobri isso, não tem lugares para que você possa sentar com a criança e brincar com ela, é tudo lugar de passagem, ou então embaixo de uma árvore, uma grama, nenhum lugar acolhedor. Até ali fora não tem nenhum banco de concreto. Eu chego um pouco antes e a professora demora de sair, eu fico em pé do lado de fora, não tem uma cadeira, não tem um banco de concreto, não tem um lugar que você possa ficar acomodado. Ou seja, é inóspito, é um prédio que informa a você o tempo inteiro: vai embora logo, terminou a aula, vai embora logo. Sob esse ponto de vista tem uma eficácia, não há dúvida. Não sei se foi proposital, que sentou um comitê para pensar nisso, mas sem dúvida nenhuma, a arquitetura que temos visto surgir por aí é adversa aos lugares, ou seja, aos espaços de conviviabilidade, de formação de opinião.

O professor, com sua postura etnográfica, olha com estranhamento a universidade e observa características de como utilizamos seus espaços e como ela envia mensagens para seus frequentadores através de suas disposições arquitetônicas.

No relato do estudante do C.A. aparece a tentativa de reverter o processo iniciado e de reconstruir intimidade e vínculos com o local:

> [...] a gente tentou revitalizar ele culturalmente, a gente lançou uma campanha ‘toca em Raul’, o que era exatamente essa questão de tocar nele, de fazer ele voltar, e tornar aquele espaço, já que estava inútil, ocioso, tornar ele um espaço onde a gente pudesse se manifestar essas coisas que você falou antes, culturais, políticas e até acadêmicas, a gente levava palestra pra lá, entendeu? E ali quando a gente chegou, tava tão abandonado que tinha foco de dengue, a gente chegou ali tinha muito palha de palmeira, palha de tudo [...]

O campus de São Lázaro, atualmente, por mais que seja um dos mais acolhedores da UFBA, com várias árvores e vista privilegiada para o mar, não consegue receber bem uma criança, pessoas com deficiência, ou idosas, por exemplo. Utilizando suas dependências no cotidiano das aulas, fica clara a dificuldade encontrada pelo professor. São raros os bancos, e os espaços em comum estão quase todos comprometidos com a função de abrigar os carros. O campus transformado em estacionamento. Na louvável proposta de se aumentar o número de vagas, muito da configuração dos espaços está se transformando e, como temos visto, tem trazido implicações ao cotidiano dos estudantes. A mesma distância, fragmentação e pressa apresentadas como características contemporâneas das grandes cidades apresentam-se no intenso processo de reformas que a UFBA atravessa, refletindo descuido com questões que extrapolam as estatísticas de ingresso de estudantes, o número de salas de aula ou a quantidade de prédios.

### 5.4.2 Assis e Salvador

A experiência relatada pelo professor me fez lembrar muito a minha própria vivência, até mesmo porque fizemos a graduação na mesma cidade, Assis, e na mesma instituição, UNESP. O fato de a quase totalidade dos estudantes do curso de psicologia naquela instituição virem de outras cidades, geral uma diferença quantitativa e qualitativa no uso dos espaços da universidade. Esses alunos, assim como eu e o professor da entrevista fizemos, ocupam os espaços do campus durante longo tempo, primeiro pela característica da grade curricular ser de tempo integral, depois pelas dificuldades de transporte e limitações financeiras. Contudo, acredito que a principal característica deva-se ao fator motivacional do conceito de vínculo de Pichon-Rivière (2007, 2009), que é a necessidade de estabelecer imediatamente novos vínculos.

A UFBA, na maioria de seus cursos, estrutura as grades curriculares de modo fragmentado, distribuindo suas aulas através dos diferentes institutos que compõem a universidade. A iniciativa que poderia proporcionar uma integração ainda maior entre estudantes de cursos diferentes, muitas vezes contribui para acentuar as características de fragmentação, pressa e desorientação nos estudantes, porque a Universidade Federal da Bahia é composta por diversos prédios, sendo que muitos encontram-se fora do campus central. Embora se encontrem relativamente próximas umas da outras, essas unidades espalham-se entre os bairros do Canela, da Federação, de São Lázaro e de Ondina, compondo um complexo difícil de ser assimilado para um estudante que acaba de ingressar.

A Unesp de Assis, até o momento em que cursei a graduação, contava com apenas quatro cursos, concentrados em um único campus. Além disso, a cidade também possui uma estrutura muito mais modesta do que Salvador, o que refletia em menores possibilidades de dispersão desses estudantes em muitos espaços, afazeres, equipamentos de lazer, serviços, estágios, e deslocamentos. Além de ocupar os espaços da universidade, os estudantes ocupavam constantemente as casas de outros estudantes ou de professores.

## 5.5 TEMPO QUASE PARADO: O CASO DO INTERIOR

Ainda discutindo os desdobramentos de tempo-espaço no estabelecimento dos vínculos, reúno aqui as referências que os estudantes fazem sobre suas cidades de origem.

Se a construção do mito de que os baianos são hospitaleiros estiver correta, isso deve se aplicar às pequenas cidades do interior, porque os estudantes atribuem às suas cidades a hospitalidade, e enfrentam muitas dificuldades para estabelecer vínculos na capital. Em diversos relatos aparece a referência do estranhamento da relação interpessoal com pessoas desconhecidas. No interior, os estudantes possuem o hábito de cumprimentar as pessoas, enquanto que esse comportamento em Salvador não possui o mesmo sentido.

> Bem, minha cidade, assim, é pequena, mas aquela coisa assim, tudo com aquela grande hospitalidade, sabe aquela coisa de tudo família, aquela coisa, sabe? Assim, todo mundo é carinhoso, todo mundo conhece todo mundo. Tem aquela coisa de passar na rua, aquela educação de falar com todo mundo, sabe? E é uma coisa assim, pra mim, foi uma transformação, ainda estou conseguindo, tentando me adaptar aqui [...] quando eu passo às vezes na rua eu dou boa tarde e tem gente que não me responde, e lá é totalmente diferente, entendeu? Quando você sai enfrente da casa, todo mundo "bom dia, Mara, e aí como foi a noite?" [fala com entusiasmo], aquela coisa toda, sabe?

Jéssica nota algo semelhante ao que Mara comentou.

> [...] você tem mais contato com as pessoas [na cidade do interior], acho que as pessoas, sei lá, são mais carismáticas, tem aquele afeto, aquela amizade mais forte, não sei. Parece que no lugar pequeno todo mundo está perto, entendeu? [...] as pessoas aqui [em Salvador] são mais frias, assim. [...] cada um na sua, e tal, por mais que trate bem, e tudo, mas não tem o que eu tinha lá.

Na capital, está em operação um modo muito diferente de viver coletivamente, e tanto Mara como Jéssica estranham muito esse desinteresse pela vida das outras pessoas. O interesse pela vida das outras pessoas, que para um morador do interior é visto como hospitalidade, educação, carinho e cuidado, na capital a mesma atitude pode ser interpretada como intromissão, controle, bisbilhotice, vigilância.

> Lá, por exemplo, na minha casa, tem o costume de ir para a frente da casa, de tardinha, de ficar lá na frente da casa, conversando… os vizinhos vêm, conversam, sabe, fica aquele grupinho lá conversando lá. Aqui você não pode sair na frente da casa porque você não sabe o que vai encontrar pela frente, entendeu? E quando você fica na frente da casa as pessoas ficam lhe olhando, sabe? Como se você estivesse observando a vida dos outros, essas coisas chatas, e lá não, é uma coisa normal lá. [...] a gente ficava até altas horas conversando na frente da casa, e aqui se você ficar na frente da casa é totalmente perigoso, lá não. (Mara)

Se a segurança é um dos principais valores do interior, na capital esse lugar cabe à liberdade, portanto, as ações de observar, contar histórias uns dos outros, ficar na rua conversando, possuem lugar central na rotina das pequenas cidades, criando através dessas práticas uma rede de informações e de segurança.

> Quando você chega, assim, uma pessoa de fora vem para a sua casa, sempre tem aquela coisa de os vizinhos virem falar, conversar, aquela coisa toda, e aqui, por mais que eu não tenha saído tanto, mas eu percebo que é diferente. Os vizinhos, cada um cuida de sua vida… tem aquela diferença entre lá e aqui. Aqui, por exemplo, cada

> um sai do trabalho, chega a hora que quer, essas coisas todas. Lá não, lá é uma coisa mais segura. Por exemplo, lá quando você sai certo horário, você tem que voltar para a casa, entendeu? E você sabe que vai voltar em segurança, mesmo que seja um lugar pequeno e você saiba que tem violência em todo lugar, mas você sabe que você vai voltar em segurança porque todo mundo que está ali lhe conhece, lhe defende, aquela coisa. E aqui, não. Você passa na rua, pessoas desconhecidas, você não sabe com quem você esta falando, se esta falando com uma pessoa de bem, se não, entendeu? Tem uma coisa diferente que eu estou tentando me adaptar. (MARA)

Como escreve Bauman (1998), no tempo em que Freud escreveu “O Mal-Estar na Civilização” a humanidade trocava um quinhão de sua possibilidade de felicidade por um quinhão de segurança, mas ao escrever seu livro “O Mal Estar da Pós-Modernidade”, sessenta e cinco anos após a publicação da obra do pai da psicanálise, Bauman (1998) constata que a liberdade individual reina soberana como valor máximo entre todos os outros, e segundo esse valor todos os outros passam a ser avaliados.

Nas referências ouvidas sobre as pequenas cidades do interior da Bahia, parece que o valor moderno da segurança ainda segue como princípio e moderador da vida cotidiana, enquanto que Salvador já vive o desejo pós-moderno de mais liberdade, que Bauman (1998) observou.

> Lá, por exemplo, se você namora com uma pessoa você sabe quem é a família toda dela, entendeu? Então você já sabe como é lá e, o estilo dela, e aqui não, você namora e você não sabe com quem você está se metendo, com quem você vai vivenciar, você não sabe, só com o tempo mesmo para você ir aprendendo, e lá não. (MARA)

Em mais de uma vez esse modo como a comunidade gere a vida em comum aparece associado à proteção. Quando Mara não tem dinheiro para pagar alguma coisa na mercearia isso não é um problema, porque os donos conhecem sua família, que também conhece toda a família do dono da mercearia.

> O custo de vida aqui é muito grande, muito diferente do de lá, o de lá para você comprar alguma coisa, por exemplo, se você não tivesse com dinheiro naquela hora, você sabia que você podia ir lá e pagar depois, aqui não, você tem que pagar na hora, entendeu? Lá você tem o vizinho que… você sabe que se faltar alguma coisa em sua casa, você pode correr no vizinho, mas aqui não, se aqui faltar você vai comprar.

Ela pode sair mais tranquila na rua porque sente que as outras pessoas, por conhecê-la, irão protegê-la. Os riscos, ao que parece, já foram todos mapeados, já são conhecidos, enquanto que em Salvador ela não sabe o que vai encontrar pela frente. As pessoas são muitas, são desconhecidas para ela, e também não se dão a conhecer.

> Lá onde eu moro eu conheço a dona da casa, conheço os vizinhos e quando eu dou bom dia eles sempre me respondem, mas às vezes quando eu saio na rua mesmo, que eu saio dando bom dia pelo costume já, lá de minha cidade, que eu saio dando boa tarde, alguns respondem e outras nem fazem questão de olhar para a minha cara para saber quem é que está dando boa tarde a eles, entendeu? (MARA)

Se na capital a vizinhança limita-se ao bom dia, na cidade do interior, ao que parece, os vizinhos fazem parte do convívio diário, alimentando a rede de troca de informações, e compartilhando o cotidiano. Quando Mara passou no vestibular, os vizinhos perceberam uma mudança na movimentação foram até a casa dela, e já ficaram sabendo da novidade.

A comunicação ocorre, portanto, ainda no modo de relação face a face, como Giddens (1991) compreende as comunidades tradicionais, ao contrário das relações desencaixadas do mundo moderno: “Por desencaixe me refiro ao ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço.” (GIDDENS, 1991, p.29)

> [...] quando você vai lá para Antônio Cardoso, para uma cidade menor como a cidade de Raquel, é mais fácil, às vezes agricultor, às vezes funcionário da prefeitura, então chega no fim de tarde é reunir para falar um da vida do outro [risos], então cria uma afinidade, cria um… um tomando conta da vida do outro, por isso, por ter o tempo [...] (TATIANE)

Apesar do porte pequeno das cidades, os estudantes não viam problema com o número de atividades ou o número de pessoas. Na verdade é como se a equação estivesse invertida, quanto mais pessoas na cidade, menores as possibilidades de você encontrar alguma ao seu lado. Ainda trarei relatos e novas reflexões sobre esse aspecto em Salvador, mas agora, trago o relato de Tatiane e de Mara sobre essa característica em sua cidade de origem:

> Tatiane – Por mais que seja em cidade pequena e não tenha muita opção, mas tem aquele negócio, ou ia para a casa de uma amiga, ou

> a amiga estava em sua casa, outro dia a gente viajava, tinha uma festa em outra cidade, assim, então, como era uma cidade pequena, sempre tem muita cidade ao redor, muita cidade pequena, aí a gente saía, uma estava na casa da outra, às vezes vinha um pessoal de Feira [de Santana], um pessoal de outra cidade para a casa da gente, então sempre estava tendo alguma coisa, algum movimento.
>
> Mara – Minha casa mesmo, final de semana, é lotada, entendeu? Todo mundo vem, os familiares, quando tem festa vem para lá, passa o final de semana lá, aqui não, é só eu e meu irmão.
>
> Tatiane – E lá do lado de minha casa tinha uma igreja e sempre o pessoal estava lá, sempre minha casa estava lotada, então era sempre gente, sempre alguém conversar, sempre alguém para você resenhar, para você falar de alguma coisa, então sempre tinha alguma coisa pra fazer, e se não tivesse a gente inventava [risos] tinha como inventar, aí vem aqui, aí você não…

Através dos relatos fica visível que nessas cidades os encontros são constantes e permitem a comunicação constante. Nesse sentido, diante das inúmeras referências aos contatos pessoais diários entre as pessoas, e o tempo e o espaço, nessas cidades, não são empecilhos para a presença.

> Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, doninadas pelas “presença” – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentado relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. (GIDDENS, 1989, p.27)

A partir das referências dos estudantes e com a proximidade das reflexões de Giddens (1991) com as falas, considero, segundo as categorias desse autor, que os estudantes encontravam-se em comunidades tradicionais antes de chegar à Salvador. Se entrar na universidade já é um processo que começa a ser estudado em sua complexidade, ressalto que esses estudantes que saem de pequenas cidades do interior atravessam um processo de afiliação ainda mais complexo. Além da afiliação institucional e da afiliação intelectual, o recém-chegado à universidade precisa passar por uma afiliação à cidade e outra à modernidade, para os casos de universidades em grandes cidades, como é o caso de Salvador.

### 5.5.1 Tempo Estagnado?

Ao retomar a Teoria de Vínculo de Pichon-Rivière (2007), relembro que a relação do sujeito com o objeto é dialética, em um movimento constante de internalização de estruturas externas, e de externalização de estruturas internas, constituindo padrões de comportamento, modos de operar no mundo que o autor chama de pautas de conduta, ou “padrão de conduta”. Essa “pauta de conduta” corresponderia a um modo de agir e compreender a realidade, que se estabeleceu de uma determinada maneira segundo as características dos vínculos construídos. Entretanto, o autor compreende essa pauta como um sistema temporariamente fechado e que deve dar lugar a um sistema aberto, a partir de um processo de mudança.

Desta forma, segundo Pichon-Rivière (2007), oscilaríamos entre situações transitoriamente fechadas a situações transitoriamente abertas, no processo espiralado que envolve uma visão dialética. Há, entretanto, situações de “perturbação do desenvolvimento”, e essas poderiam produzir tanto um estancamento do sistema fechado, quanto uma situação totalmente aberta. No primeiro caso, no estancamento do sistema fechado, a situação de aprendizagem não avança, porque não se abre para incorporações de novas informações. Assim, uma pauta de conduta se repetiria sem discriminar as diferentes situações, comprometendo a comunicação e a compreensão da realidade. A essa postura rígida e estereotipada, Pichon-Rivière (2007) associa às condutas dos psicóticos e à angústia agorafóbica.

O caso contrário, em que o sistema mantém-se inalteradamente na posição de abertura, Pichon-Rivière (2007) considera um comportamento maníaco ou claustrofóbico, e que não deixa de ser uma perturbação no processo de desenvolvimento e de aprendizagem da realidade. A descrição que o autor faz desse quadro parece bastante ilustrativa:

> Podemos falar também da situação totalmente aberta, provocada por uma relação particular com o objeto a ser conhecido. Trata-se de uma fuga permanente do sujeito que está sempre aberto. É, por exemplo, o caso do comportamento maníaco ou da relação maníaca com o objeto, em que mal se sente prazer no objeto de conhecimento, já se passa a outro e a outro, sucessivamente. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, 79,80)

Se, ainda na companhia de Pichon-Rivière (2007), seguirmos seus conselhos e ampliarmos sua conceituação de vínculo e de aprendizagem para os grupos, e desses, ir dos pequenos aos maiores, poderíamos observar as nações enquanto grupos. Através desse recurso teórico utilizado pelo próprio autor, arrisco observar, por minha vez, a cidade de Salvador como um grupo, e as cidades do interior como um segundo grupo. Sendo assim, Salvador, como grupo, e como sistema, estaria mais perto do comportamento maníaco, como um sistema permanentemente aberto, no qual a troca de um objeto por outro se estabeleceria em uma constante acelerada.

Essas características, como já foi apresentado nesse trabalho, aproximam Salvador das particularidades das análises teóricas realizadas sobre a contemporaneidade. A "novidade" aqui é associar essa tendência ao esquema conceitual de Pichon-Rivière (2007), e de distingui-las das outras cidades menores.

Por outro lado, as características apresentadas pelos próprios participantes da pesquisa, parecem indicar uma semelhança entre o sistema fechado de Pichon-Rivière (2007) com a "pauta de conduta" da cidade. Se por um lado esse sistema garante segurança e controle para seus habitantes, por outro, pode gerar dificuldade de aprendizado de novas realidades, e uma estagnação.

> A gente veio para cá visando um crescimento, porque lá no interior não tem, ou você sai de lá ou você continua lá, mas sua vida é limitada. Você vai viver o resto da vida aquilo, porque não tem o que fazer, não tem como, ou você é rico ou você é pobre no interior. No meu caso eu era pobre e não tinha condições nenhuma de crescer, então o único recurso que teve foi vir para cá através da minha irmã. (MILTON)

Fernandes e Neto (2008) na introdução do livro **Como Anda Salvador**, consideram Salvador como um "espaço de esperanças", apesar dos indicadores revelarem intensa fragmentação, segregação e exclusão social:

> No entanto, as cidades, particularmente as metrópoles, por sua história, por sua complexidade e por suas contradições, geram espaços de esperanças, onde as diferenças, a liberdade, os conflitos e o interesse comum trazem a possibilidade efetiva de construção de horizontes sociais alternativos. Não há por que duvidar disso. (FERNANDES e NETO, 2008, p. 11)

Salvador, portanto, apesar das características maníacas de intensa aceleração e mudança, apresenta-se, por essas mesmas qualidades, como uma cidade de

esperança, onde novas possibilidades estariam à disposição dos “estrangeiros”. A capital exerce grande fascínio para esses estudantes que chegam do interior, vendo aqui uma possibilidade de expansão de seus horizontes culturais, entrando em contato com um universo muito maior de pessoas e de diferentes formas de convivência, além de sua vida cultural mais intensa, com seu sistema aparentemente sempre aberto às mudanças.

As praias, os cinemas, os teatros, os *shows*, as “outras culturas”, aparecem como os principais atrativos, mas essa expectativa permanece como tal durante os primeiros momentos na cidade, porque não são vivenciados de fato por eles em seu cotidiano, principalmente devido às restrições financeiras e ao medo da violência.

## 5.6 O TEMPO FUGIDIO DE SALVADOR: “NINGUÉM TEM TEMPO PARA AQUELA COISA DE AMIZADE”

Será que Salvador apresenta, realmente, características diferenciadas que influenciam na formação dos vínculos? Acredito que até agora essa questão já foi parcialmente respondida, principalmente pela contribuição da Teoria do Vínculo de Pichon-Rivière (2007), e pelos relatos dos participantes.

Nesse tópico continuarei a explorar esse tema porque, assim, terei maior clareza sobre os desdobramentos da conformação de tempo e espaço da cidade na formação dos vínculos ou, pelo menos, obter uma primeira ideia e a formação das primeiras impressões a respeito.

Na entrevista com Tatiane fiz uma pergunta para tentar buscar essas informações, propondo uma comparação entre a cidade dela e Salvador.

> A diferença de cidade grande é porque você tem uma carga horária mais corrida, então tem muita gente que trabalha muito, às vezes não nem porque não te dá atenção, mas a vida é diferente, entendeu? Aí tem aquela correria de casa, de trabalho, de tal e aquilo, e não tem aquele tempo, aquela disponibilidade de parar com você, de conversar, entendeu? E eu acho que é a mesma coisa, a

> diferença é essa, o que a pessoa… a vida da pessoa, acho que o que determina isso é a vida da pessoa e como a pessoa… o lugar reflete na vida da pessoa, isso determina, entendeu? Assim, no lugar que eu moro é mais fácil, porque tem pessoas que trabalham mas tem muito tempo em casa, tem pessoas que estudam, tem pessoas que trabalham em casa mesmo, mas aí eu vou, diferente de outras pessoas que eu me relaciono mas que tem uma carga horária de trabalho, de preocupações maior, então de estar, de conversar comigo é menor, às vezes um boa noite, ou às vezes mal um boa noite dá, mas eu procuro entender [...]… a cidade grande reflete por isso, entendeu?

No princípio, Tatiane não considerou pertinente atribuir ao local essa diferenciação, buscando no âmbito pessoal essas particularidades. Não estávamos falando, naquele momento, sobre a formação de novos vínculos, mas podemos perceber nessa fala, que ela percebe sim como a cidade, e a vida que se leva nela, acabam imprimindo mudanças no modo de lidar com o tempo, com o espaço e, então, com as pessoas.

Ter mais tempo em casa ou ter uma sobrecarga de horas de trabalho são condições muito diferentes. As cargas de preocupações ou de atribuições são referências constantes dos estudantes com relação aos moradores da capital, e é esse ponto que Tatiane considera determinante para que essas pessoas tenham menor disponibilidade: “[...] diferente de outras pessoas que eu me relaciono mas que tem uma carga horária de trabalho, de preocupações maior, então de estar, de conversar comigo é menor, às vezes um boa noite, ou às vezes mal um boa noite dá [...]”.

Esse relato assemelha-se muito com as características de falta de experiência que Larrosa (2002) investiga na contemporaneidade. A referência dele sobre isso já foi comentada anteriormente, mas retomo um fragmento de seu pensamento, que fala justamente sobre a necessidade da pausa para escutar, para estar com as pessoas. Com as palavras dele a investigação seguirá melhor.

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

É como se o autor estivesse falando sobre as cidades do interior, mas não está. Está falando sobre a falta de experiência em decorrência do excesso de trabalho, da falta de tempo, do excesso de informação, e da indústria da periodicidade. Sua proposta é interromper a aceleração, suspender o fluxo incessante e sempre insaciável de informações e de novos estímulos, sair da pista de corrida, parar de correr pelo que virá pela frente e dar espaço ao silêncio e a um gesto de interrupção.

Os moradores de Salvador, através do retrato dos estudantes, parecem compor bem o quadro que Larrosa (2002) desenha sobre a contemporaneidade.

> Até agora as [pessoas] que eu tenho contato está indo até bem… é porque é muita correria, ninguém tem tempo para aquele, para aquela coisa de amizade, entendeu? É corre pro trabalho, corre pro estudo, corre pro trabalho, corre para a casa, então fica aquela coisa meio automática, assim, vê, dá um tchau e pronto, não tem aquela coisa de se reunir, sentar. Lá em casa, todo dia, o pessoal ia lá pra casa, de final de semana, reunia todo mundo. Mesmo na correria, sempre dava tempo, assim, de quem trabalha, né? De quem estuda… e aqui não, aqui o pessoal acorda seis horas, vai trabalhar, e sai correndo para faculdade, e volta de novo para dormir cedo para acordar no outro dia às cinco horas, então… fica aquela coisa "cada um em seu mundo". É como estar no meio de mil pessoas e você estar sozinho, entendeu? É isso que eu piro, aqui é cheio de gente mas eu estou sozinha, cada um está no seu mundinho ali, separado, cuidando de sua vida, como se você não estivesse aqui, entendeu? (JÉSSICA)

Apesar de uma certa “correria” também em sua cidade, Jéssica observa que na capital é diferente. As pessoas estão mais interessadas em seus projetos particulares, sem disponibilidade “para aquela coisa de amizade”. Assim, em meio a “mil pessoas”, ela se sente sozinha, porque ninguém está com ela, cada um cuida somente de si mesmo, cada um “em seu mundinho”, como se ela não tivesse materialidade, não fosse visível ou importante, ou seja, como se não estivesse ali.

Na sequência da entrevista, Jéssica tenta explicar os motivos dessa solidão mesmo estando ao lado de tanta gente:

> Talvez até porque as pessoas não tenham tempo, né? Tem que cada um ficar com sua preocupação pessoal, da sua vida, né? Então, não tem nem tempo de estar se abrindo para as outras pessoas… acho que por conta da cidade mesmo, da correria do dia–a–dia de cada um. Você, às vezes, vem na rua de manhã para resolver alguma coisa, você sai às oito horas vai chegar duas, três horas da tarde, e se chegar cedo, né? Porque é tudo longe, tudo tem trânsito, tem engarrafamento, então as pessoas não tem tempo. Aí sai cansada do trabalho, tem engarrafamento, chega aqui já atrasada, aí vai assistir

> aula, então não tem aquela coisa "como foi seu dia, como é que está?", entendeu? De estar… eu sempre tive muito isso com minhas amigas, a gente sempre se cuidou… [...]

A aceleração parece ganhar mais força devido à proporção territorial da cidade, aos grandes deslocamentos que as pessoas são obrigadas a cumprir, às condições dos sistemas de transporte de massa, e também, ao que outros autores já mencionaram, como Harvey (2009), às exigências constantes de consumo através da indústria da moda e da informação.

Essa aceleração parece não se restringir aos deslocamentos, transferindo-se também às relações pessoais, como antecipou Peixoto (1998), em um processo que ele chamou de superficialização. Assim como a arquitetura foi perdendo seus relevos e detalhes, devido às acelerações sofridas nos deslocamentos, também as relações passaram por um achatamento, perdendo espessura e o tempo de olhar com mais atenção para as pessoas e as coisas diminuiu.

Jéssica, ao falar dos cuidados que existia entre ela e as amigas quando ainda morava no interior, comenta como em Salvador fica com a sensação de estar abandonada:

> Fábio – E aqui, quem cuida de você?
>
> Jéssica – Ninguém [risos] ninguém.
>
> Fábio – É só você?
>
> Jéssica – É, só eu. Lá não, lá tinha muito isso. Da gente estar sempre ligando, perguntando, tal. Vai para um lugar, vai todo mundo junto, vai fazer uma coisa, vai todo mundo junto. E eu não gosto de ficar sozinha, tenho pânico de solidão, e eu me sinto muito só aqui, muito abandonada.

Se realmente existe essa diferença entre a capital e o interior quanto às disponibilidades em se estabelecer novos vínculos de atenção e cuidado, o estudante que chega em Salvador para estudar, terá que despender grande acervo de habilidade inter-relacional, tolerância e manejo para administrar as ansiedades derivadas dos medos de ficar sozinho, de estar abandonado, de perder os vínculos já conquistados anteriormente, e de permanecer vulnerável na nova cidade.

Os vínculos garantem uma segurança e sem eles, na nova cidade, essas ansiedades aumentam. A relação com o espaço aparece como referência dessa

situação: “É, eu acho que a sensação… é que é tão grande, que ninguém tem tempo de estar perto, assim” (JÉSSICA).

Jéssica, em outros momentos, também se referiu com muito desconforto sobre a “imensidão” de Salvador, a uma grande exposição ao imprevisível. Como Pichon-Rivière (2007, 2009) comentou, os processos de mudança já colocam em operação um processo de intensa ansiedade, que envolvem medos básicos, e no caso dos estudantes que chegam em Salvador de outra cidade, esse momento parece potencializado quanto às ansiedades, medos, mas também de novas possibilidades.

> [...] eu cheguei psicologicamente abalado em relação… eu estava deixando minha família, minha família ficou muito triste… muito feliz por saber o que eu vinha fazer aqui, mas muito triste porque um filho estava saindo de casa, indo para uma cidade totalmente desconhecida, extremamente violenta, né? E todos os problemas que Salvador tem, que eles conhecem, eles temeram por conta disso. Eu vim.

No diário de afiliação que pedi para Wilson escrever, ele retoma o momento da chegada em Salvador, relembrando com mais detalhe a despedida dos pais, que acabou não aparecendo na entrevista:

> Chegou o grande dia, hoje (01/03/2010) viajarei a Salvador para dar inicio a uma nova vida: a de universitário da UFBA. Desde ontem que meus familiares choram (em especial meu pai) que sente muito medo do que pode me acontecer em uma cidade grande como Salvador.
>
> Tanto meu pai quanto minha mãe me acompanharam até Entre Rios. Fomos todos no ônibus da “feira” como é chamado o transporte que leva as pessoas até a sede do município.
>
> Em Entre Rios nos despedimos (emocionados é claro) e segui rumo a Salvador. Parecia sem fim, acho que na verdade era minha ansiedade que não me deixava relaxar. Ao chegar me senti uma pequena e insignificante formiguinha no deserto, mas não desanimei.

A contribuição de Wilson, nesse caso, mostra como todo o grupo familiar entra em um processo de ansiedade diante da mudança. Os medos e a grande ansiedade, contudo, não impedem o estudante a enfrentar esse desafio que poderá conduzi-lo a uma nova vida. Se a tradição garantia a tranquilidade da certeza na ordem dos acontecimentos, Wilson demonstrou que queria mais do que seu povoado podia oferecer. Salvador apresenta-se como uma terra onde poderá semear novas esperanças, enquanto que a casa de seus pais tinha um roteiro bem definido de trabalho e vida no campo.

O primeiro contato com a “imensidão” de Salvador, no entanto, parece potencializar os medos de Wilson, fazendo-o se sentir “uma pequena e insignificante formiguinha no deserto”.

Outra questão do espaço no caso de Salvador, e também da UFBA, é o relativo esvaziamento deles quanto às possibilidades de espaço de encontro. Esse aspecto já foi comentado anteriormente, mas trago agora o relato de Milton sobre a experiência na universidade. Nesse ponto da entrevista, Milton falava do trote, e como esse momento de encontro fora da sala de aula foi importante, mas que ele sentia falta de espaços dentro da universidade.

> Tem espaço demais, tem espaço físico demais, mas não tem espaço social. O que falta aqui é isso. Falta um espaço social, para que essas turmas se juntem, para que essas turmas se conheçam, e, troquem ideias, entendeu? Para falar de onde vieram, porque estão aqui, o que estão fazendo aqui, o que querem aqui. Isso não tem espaço aqui. Termina de uma aula para outra, você vai para ali, aí você sai de um pavilhão para outro, se molha, toma chuva, bota o pé na lama, se atola todo, se mela, entendeu? Aí entra no ônibus sujo. Você não tem nem tempo de conversar e sentar. O que falta aqui é uma área social, entendeu? Se fosse uma área… não digo assim que fosse uma lanchonete, uma coisa, mas um local que você sentasse para estudar, que não fosse a sala de aula, entendeu? O que tivesse importando entre os alunos. Isso aí que seria interessante. E aqui espaço para isso aqui tem, espaço para isso tem, entendeu? [...] E o que precisaria é isso, um espaço social, comum aos alunos, entendeu? Onde você dissesse "ah, vamos lá no espaço tal, para gente estudar, bater um papo, se conhecer melhor. É assim que as pessoas se conhecem, entendeu? É no local comum a todos, e qual é o lugar comum a todos? É a sala de aula, e não é comum a todos, é comum a poucos, é comum à sua turma, mas não é comum a turma de lá, não é comum à turma dali, entendeu? E aqui precisava disso, entendeu? Um espaço que fosse comum a todos [...]

Na continuação, Milton observa como um espaço como esse, dentro da universidade poderia ajudar a minimizar o impacto que a cidade provoca devido sua grande extensão territorial e também às suas dificuldades no transporte.

> Às vezes você junta aqui cinco pessoas, uma é da Boca do Rio, o outro é lá de Sussuarana, a outra é da Barra, como é que você vai juntar esse grupo? Não tem possibilidade alguma. A única possibilidade que você tem de juntar esse grupo para fazer um trabalho em conjunto, é só em troca de email, entendeu? Porque hoje a questão da internet ela facilita muito isso. porque no meu tempo não tinha nada disso, ou você ia para a casa da pessoa, presencial, ou não tinha trabalho em grupo, e hoje isso já facilita, essa questão da internet. A tecnologia, hoje, ela aproxima mesmo estando distante, entendeu? Não precisa você estar corpo a corpo,

> ali lado a lado, cara a cara. Você num ponto da cidade e outro do outro, você está junto ali num bate-papo, num “MSN”, trocando um texto, "olha, entre nesse site, veja isso, faça essa parte aqui, vamos juntar", mas mesmo assim ainda precisava, ainda precisava estar todos juntos ali, presencial, para discutir.

As novas tecnologias da informação aparecem, então, para tentar resolver as dificuldades de encontros face a face, da falta de disponibilidade de todos diante as agendas repletas de compromisso, e diante as grandes distâncias espaciais que precisariam ser vencidas para que os encontros acontecessem. O trabalho em grupo, que é uma metodologia amplamente praticada no ensino universitário encontra, então, obstáculos novos e decisivos no direcionamento das atividades que o professor planeja.

Como já comentou Giddens (1991), os encontros face a face minguaram à escassez no advento da modernidade, sendo substituídos por tecnologias que possibilitam o “outro ausente”, ou seja, a nossa relação cada vez mais cotidiana com pessoas que não se encontram no mesmo local. Segundo o autor, os espaços passam, também, a ser penetrados e moldados por essa “presença ausente”, por influências sociais distantes do local em específico.

A vizinhança, aparece, então como um bom termômetro da relação cotidiana. Já trouxe vários relatos sobre a vizinhança, de como ele se apresenta próxima e presente nas cidades de origem dos estudantes. Milton relata uma experiência semelhante, e comenta o estranhamento quando chegou em Salvador:

> [...] quando eu cheguei aqui, eu passei dois anos morando num prédio que eu não conhecia o vizinho, eu não conhecia o vizinho. Eu comecei a trabalhar saía seis e meia, sete horas da manhã para trabalhar e chegava oito, nove, dez da noite, e aí subia direto, subia no elevador. Aí quando encontrava alguém no elevador que você via, fulano mora no primeiro, no segundo, terceiro, quarto andar, mas não sabia que apartamento, não estava olhando até ele entrar, entendeu? No entanto as pessoas aqui elas, se você fala um bom dia elas respondem, se não fala elas não respondem, e alguns que você fala nem responde, entendeu? Aí eu também não era muito de conversar, e tudo, porque eu sempre entrei "bom dia, boa tarde, boa noite". Quem respondia, todo dia que entrava eu falava, quem não respondia, também não perguntava mais, entendeu? [...] morei dois anos que eu não conhecia ninguém no prédio.

Apesar da proximidade espacial, as relações de vizinhança são bem distanciadas. Esse tema ainda irá retornar para observar como os estudantes tentam atuar nesse

contexto, mas antes, um novo relato de Milton ajuda bastante a constatar as diferenças entre essa relação no interior e na capital:

> [...] lá você dorme na casa do vizinho, o vizinho almoça em sua casa, e aqui não tem isso em Salvador, esse contato presencial, das pessoas estarem te visitando, aqui não tem isso, porque aqui alguém vai para sua casa, a gente do interior não tem isso, a gente sente o maior prazer que alguém vá para nossa casa, vá dormir, vá almoçar, vá tomar um café, alguma coisa, sente o maior prazer, pra gente que é do interior, mas se você for para a casa de uma pessoa que nasceu e se criou aqui, está tomando um café e no outro dia for tomar um almoço, o cara, você já sabe que ele vai te olhar atravessado… e, já olha assim. [...] "Ah, esse vizinho aí, não pode dar um dedo que já quer logo a mão toda, não sei o quê". Lá é um prazer você receber uma pessoa, e ainda pede para levar "quer levar alguma coisa, quer não sei o que?" [...] "não, pêra aí, leva uma abóbora para casa, leva uma galinha, leva um não sei o quê, que trazia da roça, leva uma dúzia de ovos, leva um litro de leite, olhe vou para a roça amanhã e vou trazer um leite para você". Lá é assim, lá as pessoas trocam.

O “estrangeiro” desavisado do interior pode gerar um grande empecilho na formação de novos vínculos com seu vizinho da capital se não observar as novas regras que estão em jogo. Se até então sua compreensão de vizinhança era o “compartilhar”, agora talvez estivesse mais próximo do “não incomodar”, ou do “não se intrometa”. Um sentido absolutamente inverso, então, rege a convivência, que antes era vivida no compartilhar da casa, da comida, das histórias de vida, de seu cotidiano, das informações.

Tentando aproximar-se com os mesmos comportamentos e hábitos que sua vivência no interior lhe ensinou, o emigrante, o deslocado, o estrangeiro do grupo, só intensificará sua marginalização, porque suas atitudes podem ser interpretadas como abuso, intromissão, ou bisbilhotice.

Sua afiliação na cidade passa a depender da decodificação e uso hábil de novos modos de interação com a vizinhança e que são praticados no grupo que deseja entrar, seja no prédio em que mora, seja na universidade ou no trabalho.

O espaço e o tempo, que anteriormente era compartilhado e coletivo, passa a ser vivido isoladamente, em composições individuais.

### 5.6.1 Os Sabores da Capital: “Muitas Coisas Aqui Não Tem o Mesmo Sabor Que as Coisas de Casa”

O segundo encontro que tive com Wilson foi durante a entrevista, na qual ele chegou comendo um bolo. Enquanto procurávamos um local dentro da biblioteca, Wilson reclamava do sabor do bolo, dizendo que não tinha sabor de nada. Entendi imediatamente que ali se encontrava ponto de grande interesse para pesquisar suas relações de estranhamento com a cidade, como também para entender até que ponto essa frase poderia se desdobrar em outros aspectos de sua vida em Salvador. Comecei a entrevista querendo saber mais sobre aquelas reclamações:

> Fábio – Vamos começar do bolo, do bolo que você estava comendo, você falou que o bolo não tinha muito sabor em relação ao bolo…
>
> Wilson – ...de casa, não tem. Realmente. Muitas coisas aqui não tem o mesmo sabor que as coisas de casa, porque em casa, não sei, a maneira de preparar é outra, os ingredientes são outros e aqui é muito mecânico, tudo é muito mecânico. muito simples, você vai pega o bolo, pega… isso para mim é estranho, paga, pega, sai comendo. Lá não, lá tem aquele momento de… "o bolo é pro café da manhã, ou o bolo é pra noite", todo mundo aguarda aquele momento para degustar, cada um tem o seu pedaço, e aquilo tem muito mais sabor, muito mais sabor.
>
> Fábio – Entendi. Então como é o momento de comer?
>
> Wilson – O momento de comer a gente se reúne, todo mundo, a família inteira, no meu caso a família não é muito grande, a gente se reúne todo mundo na mesa da cozinha – como a gente fala, ninguém fala lá mesa de jantar, mesa de refeições, é a mesa da cozinha. A gente se reúne e faz as refeições. Ao término, vamos assistir alguma coisa do tipo, agora que já temos televisão em casa.

O “lá” apresenta-se de modo muito diverso do “aqui”, porque em seu povoado de origem, Wilson nos fala de uma ritualização do ato, no qual as pessoas se reuniam: “todo mundo aguarda aquele momento para degustar”, e em que todos sabiam das regras envolvidas. Primeiro, o de não comer antes do momento certo, sozinho, e depois de que haveria um pedaço para cada um. Não há fartura, mas não há desespero para comer logo o seu pedaço, porque ele estará garantido, porque cada um tem o seu, e também porque o fato de aguardar por aquele momento parece consistir em um ingrediente importante nessa degustação.

A ritualização de um momento aparentemente simples e corriqueiro de se comer um bolo, demonstra relações profundamente diferentes entre o tempo e o espaço do Rio da Caatinga e de Salvador, sendo que nesta última cidade, para Wilson, as pessoas

apresentam uma relação com o alimento muito diversa, uma relação “mecânica” e esvaziada de sentido, de espera, e de ritual: “isso para mim é estranho, paga, pega, sai comendo”. A ritualização garante uma outra relação com o tempo, uma relação marcada pela presença e não pela fuga e escassez.

Segundo Giddens (1991), antes das sociedades modernas as relações entre o tempo e o espaço coincidiam amplamente e as atividades eram dominadas pela “presença”. Na modernidade, há uma quebra importante no vínculo entre tempo e espaço, e, então, temos que lidar com os “outros ausentes”, outros que se encontram distantes e que se relacionam sem a necessidade de interações face a face. A separação entre tempo e espaço é fundamental na análise de Giddens (1991) sobre a modernidade, porque, para ele, essa separação gera “desencaixe”:

> A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, penetram as conexões entre a atividade social e seus “encaixes” nas particularidades dos contextos de presença. As instituições desencaixadas dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. Este fenômeno serve para abrir múltiplas possibilidades de mudança liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais. (GIDDENS, 1991, p.28)

Na história de Wilson, e provavelmente na de muitos outros estudantes vindos do interior, o deslocamento de uma cidade para outra implica outros deslocamentos, que é como Giddens (1991) entende o “desencaixe”, como deslocamentos das relações sociais de interação. Essas interações sociais passariam, então, por reordenações de tempo e espaço, desta vez não mais com vínculos diretos e praticamente indissociáveis, mas agora moldados indeterminadamente.

Retornando ao comentário de Wilson, agora a partir dos conceitos de Giddens (1991), notamos que o cotidiano da alimentação em sua casa e em seu povoado está marcado por essa relação direta de tempo e espaço, assim como pela presença e pela relação face a face. Por outro lado, Wilson nota uma diferença no modo como se dá essa relação aqui, em que não há a mesma interação. Quem fez o bolo, por exemplo? Wilson, ou qualquer um que queira comprar um bolo “[...] paga, pega, sai comendo”, não há nada mais a considerar, não há o que esperar, não há com quem dividir o pedaço ou o momento, e não há a mesma tranquilidade de saber que seu pedaço estará guardado. Não há, enfim, investimento afetivo entre as partes,

porque não há pouco espaço e tempo para o afeto, são relações já previamente esvaziadas dos vínculos envolvidos no ato da alimentação, como da troca de mercadorias.

Bauman (1998) comenta as características das relações na “modernidade líquida” de se evitar qualquer vinculação permanente, como se os pólos da interação estivessem lisos, sem qualquer aderência a possíveis “viscosidades” totalmente indesejáveis, que modificariam as características dos encontros, sempre fugazes, rápidos e descompromissados. Sennett (2008) observa nas últimas décadas o mesmo fenômeno na relação das empresas com seus funcionários e com suas vizinhanças, ou seja, nos locais em que estão instaladas.

Wilson ainda estranha esse distanciamento. A observação sobre a mecanicidade das ações que Wilson comenta, ele como um legítimo representante de um olhar de estrangeiro sobre Salvador, nos remete à discussão que Peixoto (1998) traz sobre o estrangeiro na cidade como o único capaz de observar o que o hábito já tornou demasiadamente corriqueiro e sem necessidade de novas apreciações. Essa condição de estrangeiro se aproxima do “absurdo” a que Camus (2008) se refere no livro *O Mito de Sísifo*, definindo uma situação em que a normalidade se esfarela diante desse olhar que a tudo interroga e investiga, inclusive sobre a própria mecanicidade dos gestos, tornando-se estranho a si mesmo, a ponto de questionar-se sobre o sentido da vida.

O bolo à venda nas barracas próximas à universidade está disponível para aquele que passa, que simplesmente “paga, pega e sai comendo”, sem qualquer vínculo de maior duração a não ser esse, de cumprir o único ritual de trocar um bolo por uma quantidade de dinheiro. A partir da teoria de Giddens (1991), aqui podemos encontrar outros elementos de “desencaixe”, ou seja, outros distanciamentos entre tempos e espaços, porque o dinheiro serviria como uma “ficha simbólica” que, para o autor, é um dos dois mecanismos de “desencaixe”, sendo o outro os “sistemas peritos”. O dinheiro representa bem as “fichas simbólicas”, como sendo um dos “[...] meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (GIDDENS, 1991, pag. 30).

Quando Wilson troca seu dinheiro pelo bolo, o vendedor não entra em relação com todo o processo que fez do cotidiano da roça produzir uma pequena safra de milho e de farinha, que foi trocada na feira de “Chico de Marinho”, por uma quantidade de dinheiro equivalente à cotação da época, assim como por outros produtos para o uso da família. Do mesmo modo, Wilson não teve acesso à produção do bolo, seu modo de preparo e seus ingredientes, que ele considera importante para se conferir sabor ao alimento, e também não possui conhecimento sobre como esse bolo foi transportado até aquele local em que se torna disponível para a venda.

Assim como os demais, Wilson “paga, pega e sai comendo”, e sente falta do bolo da mãe, algo que não se pode conseguir em qualquer lugar, mas que está localizado em um povoado específico. Ao ler seu relato podemos imaginar a cena de todos em volta de uma mesa degustando o bolo, que se torna ainda mais saboroso por poder acompanhar toda a história do preparo e, talvez, até mesmo a história de alguns ingredientes. Além disso, o momento da degustação foi antecedido pelo tempo da expectativa, e assim vão se construindo condições suficientes para que muito investimento afetivo seja empenhado por todas as etapas, do preparo ao momento de degustar o bolo, juntos. Em volta de uma mesa não se encontra apenas o ato de comer, mas um ritual que aprofunda os laços da família, e que também vincula a tranquilidade de que tudo segue como tem que seguir, que o mesmo acontecimento se repetirá indeterminadamente, do mesmo modo, com as regras que todos compartilham e respeitam.

As tradições, no entanto, não serão o cartão de visitas que Wilson encontrará em Salvador, e nem foi atrás disso que ele se mobilizou para estar na capital, para estar na UFBA em que sempre se imaginou. Romper com o tradicional também foi um modo para fugir do tempo aparentemente parado, onde a ordem dos fatos era religiosamente respeitada, e que em seu caso, assim como de outros estudantes entrevistados, a repetição não era nem um pouco desejada. Abandonar essas tradições exigiu dele todo o esforço, a invenção de inúmeros etnométodos, a mobilização de todas as suas forças para frustrar as expectativas que faziam sobre ele, mas se sua trajetória abre o contato com novas dinâmicas, também o distancia de muitos sabores e vínculos que a tradição o havia acostumado.

# 6 AFILIAÇÃO AFETIVA

A partir das articulações realizadas nos tópicos anteriores entre tempo-espaço, a formação de vínculos, as cidades e a contemporaneidade, trago agora uma organização das implicações desses aspectos no cotidiano dos estudantes a partir dos instrumentos utilizados na pesquisa. Desde já compreendo que esse é apenas um esforço que não alcança o objetivo de traçar um quadro completo, mas talvez seja uma razoável cartografia do que encontrei.

Desse modo, aqui continuo a tratar dos vínculos, do tempo-espaço e da vida dos estudantes nos processos iniciais de sua entrada na universidade, mas dedico a esse último tópico, agora, um pouco mais de espaço.

## 6.1 DEFINIÇÕES DE AMIZADE

Para iniciar essa seção considerei interessante buscar as definições de amizades formuladas pelos próprios estudantes. Os participantes da pesquisa traçaram algumas características que eles consideravam importantes na amizade, embora não fossem perguntados sobre isso. Ao se falar sobre suas vinculações na nova cidade, geralmente traçavam diferenças entre os conhecidos, os colegas e os amigos.

> [...] a gente já está com um coleguismo, mas um coleguismo meio que ainda todo mundo com ressalvas porque é muito recente, tem uma semana só de aula, mas a gente já estabeleceu, já temos grupo de estudo, em relação a trabalhos, já montamos grupos de seminários, já temos um seminário para apresentar, então já marcamos um grupo de seminário, já marcamos até para estudar juntos, já está bem legal, a sensação de que já está começando a formar certos grupos de estudo. (Wilson)

Apesar da aparente obviedade da informação, destaco a importância, mais uma vez, do tempo na composição dos vínculos. Uma semana apenas não parece ser

suficiente para que o estudante estabeleça uma relação de amizade, mas sim de coleguismo.

> [...] as únicas amizades que eu vejo que é verdadeira mesmo é Tatiane e da amiga dela, porque as outras assim, eu converso e tal, entendeu? Mas não é aquela coisa assim de contar. Tatiane, mesmo já sabe coisas minhas de segredo, essas coisas, a única por aqui que sabe. Ela e meu irmão, porque meu irmão é minha confidência ali, ele tem todos os meus segredos, e aquela coisa toda, entende? É quem me dá apoio, e quem está para todo momento comigo. (MARA)

Mara considera importante na amizade a confiança para poder compartilhar seus segredos. Seu irmão, seu principal amigo nesse momento, é aquele que "tem" todos os segredos dela. Ela, ainda, outras dimensões que considera importantes, como a companhia constante e o fato de lhe dar apoio.

Parece mesmo que a presença constante é característica importante na constituição da amizade. Diversos estudantes relatam situações semelhantes, como o relato de Jéssica, que já foi citado nesse trabalho, dizendo da sensação de estar abandonada, como se ela não estivesse presente ali, entre as pessoas. Nas palavras de Tatiane, o que as amizades podem fazer de importante nesse momento de transição "[...] é não deixar o outro à toa".

> O senhor vai perceber, não sei se já percebeu, na minha turma, assim..a galera é bem unidade, o pessoal que pega aula comigo, que é da mesma turma, que pega a maior parte das aulas, que é Marta, Rita, Silvia, Rodrigo, se você perceber está sempre na maioria dos grupos, juntos. Fica tipo, um comprometimento assim, uma... deixa eu ver um termo que eu possa falar.. um companheirismo, tá sempre um conversando com o outro, perguntando, interagindo, tendo um contato maior com pessoas. A gente já tem um contato no MSN, Orkut, já tem maior... vamos dizer, hoje, no mundo de hoje, um contato mais íntimo. Tenho Orkut de algumas pessoas, apesar de eu não conversar, mas já tem um maior contato. Participo de um projeto com Rodrigo, Silvia, e Marcos, que é uma produção de vídeo sobre o caminhar das pessoas. Aí tipo assim, tenho maior contato assim, está mais assim, está bom o contato.

O companheirismo aparece como um atributo importante na constituição da amizade, e já aparece aqui com o uso de novas ferramentas de comunicação para garantir a presença constante. Se as condições contemporâneas nas grandes cidades restringem o contato face a face, é também a partir do uso de suas tecnologias que os estudantes conseguem entrar nesse jogo de novas condições de encontro e de experiência no tempo-espaço.

Ter o contato da pessoa no MSN[7], no Orkut[8], aparece no relato de Reginaldo como um passo a mais na construção da intimidade na relação de amizade. Todavia, os projetos em conjunto e as atividades para-acadêmicas também constituem pontos importantes na construção dos novos vínculos, como já foi discutido.

Para Jeferson, um ponto característico da amizade é um amigo frequentar a casa do outro e conhecer a família: "[...] amigos que eu considero, são amigos de um frequentar a casa do outro, sabe? Não são amigos de, tipo assim, a gente se ver, mas amigos de frequentar a casa mesmo, de dormir um na casa do outro, de conhecer o pai e a mãe".

Jeferson também elaborou um senso para saber se uma relação é de amizade ou de coleguismo:

> Depois que eu saí da empresa eu consegui enxergar quem eram meus amigos, e quem foram os meus colegas. Quem foram os meus colegas, simplesmente foram ali, e acabou, nunca mais vi, nunca mais tive contato, nada mais, e os amigos, não, os amigos continuam, sei onde eles estão hoje, tenho o telefone, tenho email, enfim, tenho um contato maior com essas pessoas.

Então, tentando desdobrar as definições de Jeferson, há circunstâncias em que você entra em contato com uma pessoa ou várias, mas essas situações acabam. Ao final dessas circunstâncias, então, o reconhecimento entre colegas e amigos torna-se possível: colegas serão aqueles com os quais não se tem mais contato, enquanto que as amizades serão aquelas relações que deixam um rastro, que permanecem, quando as pessoas continuam sabendo seus contatos e, provavelmente, se comuniquem regularmente. Enquanto os amigos permanecem como presença, os colegas são circunstanciais.

Nem sempre esse processo de construção de uma "nova vida" transcorre de forma tranquila. Em algumas vezes, a fragilidade desse momento abre a possibilidade do abandono da cidade e do curso.

A partir das definições dos estudantes, sistematizo assim as características que eles identificaram como próprias um amigo, e que as diferenciam de um colega: a.

[7] MSN é um portal que dá acesso aos usuários conversarem entre si via internet, através de contas pessoais gratuitas. A sigla deriva de "The Microsoft Network".

[8] Orkut é um site de relacionamentos pessoais muito popular no Brasil, no qual os usuários, também gratuitamente, constroem uma página pessoal e conseguem postar fotos, comentários, informações, promover eventos, e trocar essas informações com usuários do mundo inteiro.

constância, porque ao contrário de uma relação menos próxima ou indiferente, a amizade se caracterizaria também pela continuidade dos encontros, um amigo não deixa você “à toa”, ou “abandonada”, a amizade requer insistência, repetição; b. confiança: na amizade encontramos uma relação de confiança que possam acolher nossos segredos e fragilidades; c. partilha: presente nas outras características, com o amigo partilhamos nosso cotidiano, familiares, outros amigos, confidências, projetos, Orkut, MSN; d. cuidado: a amizade se caracterizaria por ser uma relação cuidadosa com o outro, ocupando-se em prestar atenção nele e buscar compreender suas necessidade; e. perenidade: a relação de amizade não é passageira, é perene, sobrevive à circunstancialidade que uniu em um primeiro momento duas ou mais pessoas.

## 6.2 MEDOS E ANGÚSTIAS

Falar da formação de vínculos é também observar as ansiedades e angústias que envolvem essa tarefa. Como já repeti suficientemente, o processo de afiliação para o estudante que migra para Salvador corresponde a um processo de mudança intensa, no qual a habilidade para formar novos vínculos torna-se ação da primeira hora, mobilizada pela necessidade.

Wilson, ao contrário, mostra um caminho diferente dos demais estudantes entrevistados. Depois de passar por um história de muita superação para entrar na universidade, vencendo distâncias geográficas, sociais, e financeiras, chega a Salvador com “a faca entre os dentes”, absolutamente consciente de sua condição instável na capital enquanto não garantisse uma sustentação básica para continuar lutando por seu projeto universitário. Ele investe todas as suas forças para conseguir uma bolsa de estudos imediatamente, e com impressionante habilidade atinge seu objetivo na primeira semana na universidade.

Mesmo depois de obter a bolsa, Wilson concentra-se mais nos estudos do que na formação de novos vínculos, mas isso não ocorre sem tensões e constrangimentos que precisa lidar diariamente. No dia do acompanhamento que realizei com ele de

sua casa até a universidade, Wilson relata uma crítica que alguns colegas fazem a ele:

> “Wilson, nós fazemos UFBA, você não faz UFBA, você vive UFBA”. Essa ansiedade também afasta as pessoas, eu cobro muito de mim e acabo cobrando muito das pessoas. Vivo um momento de homem barroco, no conflito entre aproveitar as coisas da vida ou dedicar-se às coisas da educação para ter e proporcionar um futuro melhor para as pessoas que eu amo.

Na “batalha barroca” entre “as coisas da vida” e “as coisas da educação”, a educação permanece em grande vantagem, sendo que o valor desta pesa sobre as demais dimensões de sua vida, como o grande rigor que aplica em seus trabalhos e no desempenho de outras pessoas. Na ansiedade de que os trabalhos em grupo se materializem na melhor forma, e de que sua nota seja a maior possível, as relações com os demais acabam sendo prejudicadas.

Nesse mesmo dia, Wilson confessou que às vezes se sente só, e que abre mão de constituir amigos, de construir vínculos de socialização para dedicar-se com mais intensidade aos estudos, mas também reconhece que sua situação ainda é frágil e bastante diferente daquela de outros estudantes.

> Para ela [estudante que o critica de “viver a UFBA”], se não der certo o B.I., ela tem um plano B, que é a família, que é de classe média alta, só que eu não tenho essa opção, e as minhas opções são duas, uma é dar certo, e a outra é dar certo. Não tenho como não dar certo. Eu não tenho essa possibilidade.

Diante de sua grande ansiedade por “dar certo”, Wilson abre mão de investir energia e tempo em uma dimensão importante da vida de estudante que é a formação de novos vínculos, sofrendo um pouco com a solidão, com a falta de amizades, e com o conflito que começa se instalar, abrindo interrogações se o mais importante é dedicar-se às “coisas da educação” ou às “coisas da vida”, como se fossem absolutamente distintas e antagônicas.

De qualquer modo, parece que a dimensão que menos avançou em sua vida em Salvador foi a consolidação de vínculos com seus pares. Em nossa primeira entrevista Wilson relatava que havia apenas “coleguismo” entre alguns estudantes, e ao final do semestre comenta: “Eu não sou de muitas amizades, mas de poucas com qualidade. Tenho dois colegas mas ainda há um pé atrás. Amizade, amizade, não”.

Entretanto, Wilson continua investindo em relações com pessoas que, potencialmente, podem ajudá-lo praticamente, como os funcionários do instituto em que estuda, passando algumas horas por dia na secretaria do IHAC, conversando. Wilson investe mais suas energias em relações com seus superiores, funcionários, pessoas mais velhas, enfim, do que com alunos com quem compartilha a sala de aula, tanto quando morou em Alagoinhas, quando morava no Rio da Caatinga, e, ao que parece, também agora, em Salvador. Sobre o momento no Rio da Caatinga essa relação parece estar vinculada com o fato de ser notado por essas pessoas de modo especial, mas não pejorativamente.

> [...] desde pequeno eu sempre tive algo que as pessoas diziam, que me conheciam, diferente. Alguns atribuíam essa diferença como algo benéfico, sempre quem atribuía essa diferença como algo benéfico eram as pessoas mais, como e que eu posso dizer, cultas, vamos colocar assim, as pessoas que tinham um nível superior, que às vezes iam lá no povoado, por exemplo, na época de vacinação, as enfermeiras que iam vacinar as pessoas, os animais, então elas sempre perceberam, essas pessoas, professores meus, que eu tinha algo diferente dos outros.

Wilson esforça-se, então para se manter visível pelas pessoas, um etnométodo que se utiliza constantemente para vencer as muitas resistências que teve que enfrentar para alcançar seus objetivos, mas, em compensação isso lhe trazia muitas dificuldades com seus colegas:

> Os professores, ao verem minha vontade e determinação nos estudos consideravam-me um exemplo a ser seguido, porém os alunos... Nunca entenderam como um “roceiro”, como gostavam de pejorativamente me chamar, poderia ser tão determinado e ousar sonhar tanto.

Em algumas passagens, Wilson chega a relatar que se sentiu humilhado com a perseguição que sofria por parte de alguns alunos. Os mesmos etnométodos de lutar para se manter observado pelas pessoas mais “cultas”, é adotado em Alagoinhas, quando realizou o pré-vestibular, como em Salvador, porque talvez tenha percebido quem é que pode ajudá-lo mais concretamente. Em Alagoinhas, por exemplo, os professores e o dono do cursinho, realmente, puderam auxiliá-lo decisivamente para enfrentar suas dificuldades mais urgentes. Em Salvador, Wilson demonstrou essa peculiaridade logo no primeiro dia em que o vi, quando foi procurar

diretamente o Reitor da UFBA para tentar conseguir uma bolsa de estudos, muito mobilizado para resolver a viabilidade de sua permanência em Salvador.

Mara e Tatiane, por outro lado, procuraram estabelecer novos vínculos logo que chegaram à universidade, conversando com muitas pessoas nos primeiros dias para tentar aliviar o medo de ficar só.

> [...] estar conversando com todo mundo, para não ficar perdida, porque esse foi um dos meus medos, também, "pô, se eu chegar na sala e não conseguir fazer amizade com ninguém?", ficar tipo excluída na sala, esse é um medo grande de quando a gente entrar, porque é tipo assim, a gente tem aquela visão, cada um e por si e pronto. (Tatiane)
>
> Fábio – Você achava isso também, Mara, que era cada um por si?
>
> Mara – Cada um por si. Eu achava assim, meu Deus, lá vai ser uma concorrência, ninguém vai querer falar com ninguém, todo mundo vai dizer assim "ó, não vou falar com aquela menina porque aquela menina ali vai ser minha concorrente", entendeu? Aquela coisa...

O receio de encontrar um grupo de pessoas que as vissem como concorrentes já estava mais aliviado quando realizamos a entrevista, mas o medo de ficar só, ou mesmo a sensação de solidão ainda persistia. No diário de afiliação, Tatiane escreveu:

> Começando viver novamente, sem conhecer nada, sem amigos, sem família, só com Deus;
>
> Medo de não conseguir me enturmar com o pessoal da universidade, mas graças a Deus consegui logo uma amiga que tinha os mesmos meus medos: Mara Raquel.

A ansiedade das duas serviu como um catalisador no estabelecimento de vinculação. Pichon-Rivière (2009) considerou que esse fator se deve à necessidade, o princípio motivador na formação dos vínculos.

> Assim, da UFBA eu não tenho medo, assim, eu tenho medo do que vai vir pela frente, do como vai ser, se eu vou dar conta disso, se eu vou ter capacidade disso, se eu vou conseguir meus objetivos lá dentro, acho que esse é o meu maior medo, entendeu? Por eu conviver, como eu convivia com minhas irmãs, minhas irmãs na mesma situação, porém elas sempre tiveram eu, meu irmão, gritava um, um ajudava, outro ajudava, e aqui meu maior medo é por eu achar que eu não tenho uma família perto para estar ajudando, não tenho ninguém, entendeu? É como se eu tivesse praticamente só. Acho que meu maior medo na minha vida universitária é essa, entendeu? Está começando agora, aí pronto. Um trabalho que está chocando. Assim, pelo que eu vi, pela minha família, eu tenho medo de chegar aquele momento de eu entrar em desespero, de eu chegar

> e não conseguir passar, acho que meu maior medo é esse, entendeu? (Tatiane)

Não encontrar segurança nos vínculos estabelecidos contribui para que Tatiane receie seu “tempo futuro”, porque pela experiência que teve com sua família, percebeu como os irmãos acionavam uns aos outros para conseguir lidar com a tarefa de estudar. Seu medo é por sentir-se ainda distante de relações próximas e generosas, ao contrário da imagem das pessoas individualistas que pensou encontrar em Salvador. Será que Tatiane não teria encontrado justamente o que temia, e se deparou com pessoas muito preocupadas consigo mesmas? Wilson, por exemplo, percebe as pessoas muito distantes umas das outras na capital.

No final de semana, quando as atividades da faculdade cessam e os estudantes ficam com bastante tempo livre, surge um novo desafio para lidar com esse tempo ainda preenchido de ausências. Tatiane, escreve sobre esse momento em seu diário de afiliação: “Em um fim de semana ao ficar em casa sozinha, sem ter nada o que fazer, nem a quem recorrer, penso deixar tudo e voltar para casa; recorre a Deus e vejo que foi permissão dele e só voltaria quando ele permitir.”

Apesar de sua fé, Tatiane realmente vacila quando se vê mais sozinha, nesses finais de semana:

> [...] o pior momento é final de semana, o pior de todos é o final de semana, bate o final de semana, não tem ninguém para você ligar, dar um oi, conversar, "vem aqui, vambora para tal lugar, vambora sair", e aqui tem a dificuldade de locomoção, mesmo na cidade, se você não tem o hábito, dificulta, porque se você foi pegar um taxi, mal você saiu do lugar já é uma fortuna, se você pegar um ônibus você tem que ter horário para voltar porque tem um horário que o ônibus para. Aí, pronto bateu aquela coisa, aquele negócio, e "não, não vou ficar aqui não, eu vou embora".

Com as vinculações frágeis, somam-se às dificuldades já apontadas para o estabelecimento e o fortalecimento de novas relações em Salvador, como os deslocamentos, os custos de transporte, o desconhecimento da cidade, o medo da violência.

## 6.3 VÍNCULOS QUE FICARAM

Tatiane ao falar de sua passagem por Feira de Santana antes de chegar em Salvador, comenta o momento mais angustiante, no qual teve que construir novos laços de amizade em um lugar desconhecido, embora estivesse morando com familiares.

> [...], logo no início foi um choque, logo no início eu chorei um pouquinho, assim, com saudade do… de tudo lá, porque você tem uma vida lá, uma certa vida lá, você construiu algo lá e, de repente e você volta cá, mesmo que eu tivesse com meus irmãos, mas era diferente, só que meus irmãos cada um tinha sua vida, cada um ia fazer suas coisas, acabava eu ficando só, aí eu fiquei meio isolada, assim, chegava o fim de semana não tinha para onde ir, não tinha o que fazer, só a televisão salvava, só que depois você se adapta e eu construí uma nova história em Feira, entendeu? Aí foi que me deu tesão, foi tudo maravilhoso, aí vieram novas amizades, é… a vizinhança, você se familiariza com todo mundo, e aí é como se você construísse tudo de novo, para mim quando eu cheguei em Feira, foi construir tudo de novo.

O “começar uma nova vida” que Tatiane falou na entrevista aponta de modo pertinente ao que está em jogo na transição. A vida já conhecida pode servir como um lugar de conforto e refúgio, porque já é um convívio seguro, com suas restrições e ameaças já mapeados, e onde encontra parceiros para lidar com o cotidiano.

Esse período inicial, portanto, aparece para vários estudantes entrevistados, como um momento em que se permanece ainda em transição: “[...] estou só com um pé aqui e outro lá. Tanto que eu estou fazendo… se hoje tivesse um vestibular da UNEB eu faria, para lá, assim, agora, esse início, essa semana” (Jéssica).

O que ficou na cidade de origem não representa o passado, mas uma nova dimensão da vida do estudante, e às vezes uma dimensão bastante presente. O fato de irem muito para a casa dos pais pode ser um fator que atrapalhe na vinculação com a nova cidade.

> [...] eu já voltei lá duas vezes, foi bom demais [risos]. Só é ruim na hora de voltar de novo. Eu vou para lá semana que vem. No final de semana que vem… só é ruim na hora de fazer as malas para voltar para cá.
>
> Fábio – Como está o processo de fazer novas amizades aqui em Salvador?
>
> Jéssica – Está bem, só que sei lá, não me sinto em casa.

Na minha primeira experiência pessoal com uma graduação em uma cidade distante notei que os intervalos com que visitava a antiga cidade que morava interferia em meu cotidiano na nova cidade. Quando ia visitar meus pais e amigos e chegava no domingo em Assis para estudar, percebia que só na terça-feira ou na quarta-feira é que eu estava novamente “encaixado” naquele espaço, e algo semelhante acontecia quando fazia o caminho inverso. Os amigos da faculdade que iam muito para sua cidade de origem pareciam ser os estudantes mais distanciados da vida em comum com os demais estudantes. Ali parecia estar atuando a importância do tempo na formação dos vínculos, mas também uma mudança interna, na qual o sujeito se coloca à disposição para acolher novas realidades, como ensina Pichon-Rivière (2007, 2009) sobre a aprendizagem e a formação dinâmica dos vínculos. Se na mudança enrijecemos nossas formas de se estar no mundo, acabamos estereotipando nossa conduta e empobrecendo a aprendizagem de novas realidades.

Outro aprendizado importante em minha passagem por Assis é que a nossa casa passa, aos poucos, a ser considerada e chamada de casa de nossos pais, e aquela que moramos na nova cidade, que geralmente dividimos com outros estudantes passa a ser considerada nossa casa. Assim, ter um bom relacionamento na casa em que se vive foi muito importante para minha adaptação e pude notar com a experiência de outros colegas que se esse aspecto não estiver minimamente tranquilo, toda a vida na cidade fica fragilizada.

Tatiane passou por uma situação delicada em seus primeiros meses em Salvador, e escreveu em seu diário de afiliação:

> A pessoa com quem moro pede para eu sair da casa, dizendo coisas que me deixou muito triste e revoltada com ela, mas não perdi minha razão e entreguei-a nas mãos de Deus;
>
> No momento a minha força é minha família e meus amigos (os distantes e os de perto que construí);
>
> Fiquei muito feliz em saber que tenho pessoas que conheci há tão pouco tempo, mas que já gostam, confiam e sempre estão a disposição para me ajudar;
>
> Tive que sair rapidamente da casa que estava e ir para um lugar que jamais imaginei ficar, a situação é imaginável a qualquer pessoa, estou desesperada;
>
> Tenho aprendido e surpreendido muito com as pessoas e visto que nada é como perece;

A afiliação pode mesmo estar por um fio se essas condições não conseguirem ser resolvidas com agilidade, e geralmente esse tópico na vida dos estudantes ganha boa parte do espaço das conversas diárias com outros estudantes, porque é nesse fórum que procuram novas estratégias para se manter na universidade.

## 6.4 A DIFICULDADE DE CHEGAR: “EU SOU (75)”

Wilson, como já comentei, investiu pouco em suas novas vinculações, em consequência mantém uma relação estreita com sua família, que permanece sempre presente, desde o momento da matrícula até o dia do meu último contato com ele. No dia em que realizamos o acompanhamento de sua casa até a UFBA, sua mãe ligou para ele, e ao término da ligação ele me explicou que fala todos os dias com sua mãe: “minha mãe liga todos os dias, por isso meu celular é (75)[9], para ela poder me ligar, mas em compensação fico incomunicável com as pessoas da faculdade.”

Vemos por outro ângulo, agora, a forte vinculação de Wilson com seu povoado e sua família, que, ser por um lado oferece a ele suporte para enfrentar os desafios em Salvador, por outro acaba por restringir a criação de novos vínculos na cidade em que mora atualmente. A manutenção de uma linha 75 possui forte significado nesse contexto, atuando duplamente. Primeiramente em facilitar a “ligação” com sua mãe e com a cidade de origem, e depois em cobrar, taxar qualquer contato com pessoas 71[10]. Desta forma, na linguagem da telefonia, um telefonema de um estudante residente em Salvador, e com telefone da área 71, para Wilson, pagará, assim como ele, uma “taxa de deslocamento”. O deslocamento de Wilson significa, para a operadora de telefonia, que Wilson não é da área 71, mas sim da área 75, que ele está em deslocamento e que, provavelmente, logo retornará para sua região de origem. Do mesmo modo, Wilson ainda não se transferiu para a nova região, mantendo-se do Rio da Caatinga, identidade que se utiliza por diversas vezes como

[9] Código telefônico referente à área que cobre a região de Entre Rios e Rio da Caatinga, entre outras cidades.
[10] Código telefônico que referente à região metropolitana de Salvador.

instrumento para vencer as primeiras dificuldades, mas que, como temos visto, impõe limites para sua afiliação.

### 6.4.1 Eu Estou Me Sentindo um ET

Abandonar tudo o que ficou para trás é tarefa que envolve muitas ansiedades e medos, tanto em deixar uma "vida" como em iniciar uma outra. Como Pichon-Rivière (2007, 2009) esclareceu, esse processo de abandono de um esquema para ingressar em outro compõe a aprendizagem dinâmica da realidade, porque estamos sempre tendo que abandonar velhas estruturas e incorporando novas, a partir das mudanças que emergem. Estancar esse processo geraria estereotipia e um engessamento dessa aprendizagem.

> Por isso, dizemos que para dar um passo à frente é necessário abandonar as relações objetais anteriores, romper um vínculo interno de tipo arcaico primitivo e ousar enfrentar o espaço aberto, agorafóbico, no qual o perseguidor está localizado. Todo estancamento é definitivamente uma situação repetitiva para controlar a ansiedade e um equilíbrio relativo entre a situação claustrofóbica do círculo vicioso e a situação agorafóbica do espaço de fora. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.122)

O estudante precisa enfrentar, repentinamente, as duas situações de modo muito mais agudo do que em seu cotidiano, porque encontra muitas diferenças na nova cidade que passa a morar e precisa reorganizar sua participação em sua antiga cidade. Essa reorganização é uma reposicionamento dos vínculos com a cidade, com os amigos e a família, de modo a redimensionar os papéis que ocupava.

Os papéis são composições intrincadas com a formação dos vínculos, porque em cada um deles assumimos funções e papéis determinados, assim como atribuímos funções e papéis aos outros: "Na medida em que um adjudica e o outro recebe, estabelece-se entre ambos uma relação que denominamos vínculo" (Pichon-Rivière, 2007, p.115).

> A teoria dos papéis baseia-se na teoria das relações de objeto. As relações de objeto são estruturas nas quais estão incluídos um sujeito e um objeto estabelecendo uma relação particular entre eles. Denominamos vínculo a esse conjunto, a essa estrutura especial. O conceito de vínculo é operacional, configura uma estrutura de relação interpessoal que inclui, como já dissemos, um sujeito, um objeto, a relação do sujeito ante o objeto e a relação do objeto ante o sujeito.

> Por isso, à ideia de um papel individual temos que agregar o conceito de papel do vínculo configurando uma estrutura social mais integrada. (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.113-114)

Para o autor, em nossa vida diária assumimos e atribuímos papéis a todo momento, e devemos, em condições normais, assumir vários papéis ao mesmo tempo, como o de filho, marido, patrão, amigo, conselheiro, aluno, etc. A “adjudicação” e a “assunção” de papéis, como todos os conceitos de Pichon-Rivière (2007, 2009) operam de modo dinâmico e dialético, e quando ocorre alguma paralisação, deve ser observada como uma comunicação de estereotipia, ou ainda como porta-voz de grande ansiedade dentro dos vínculos de um grupo.

Reginaldo, por exemplo, ao vivenciar sua transição para Salvador, precisou reelaborar seus papéis e suas vinculações com o grupo de pessoas de sua cidade.

> Sem contar minha mãe né, porque eu estava sempre com ela, meu pai viaja muito, aí sempre com ela em casa, tipo, cuidando, sendo o homem da casa, saí um pouquinho, mas eu conversei com ela esse final de semana aí, isso tá tudo mais tranquilo, isso já se resolveu bastante. Porque até então, na primeira semana, tudo muito rápido.

Reginaldo falava do que teve que deixar, e antes de falar da mãe, falou da namorada e da banda. Com a mãe, precisou resolver essa nova composição dos papéis, afinal, como continuar sendo “o homem da casa” se, assim como o pai, não se encontra nela? Essa pode ter sido a questão que precisou ser resolvida na conversa que tiveram. A partir da aparente tranquilidade com que diz ter resolvido a situação, pode ser que a mãe o tenha liberado dessa função, ou a abrandado.

Jéssica, por sua vez, tinha a função de conselheira entre suas amigas:

> [...] eu sempre tive muito isso com minhas amigas, a gente sempre se cuidou… elas ficam me ligando direto contando, "ah, não sei o quê", e ainda fica me pedindo conselho, "olha, aconteceu isso aqui, você acha o que?", e aí fico "não, faz isso assim, tal, não sei o que. Peraí que eu vou chegar aí para a gente conversar" então fica meio que de longe cuidando delas, um pouco. Por eu ser mais velha, assim, eu cuido delas assim, e todo mundo cuida de mim também, entendeu?

Parece que Jéssica não abandonou suas funções com as amigas que ficaram em sua cidade, tentando manter-se por dentro das informações e, do mesmo modo, as amigas a mantém nesse mesmo lugar, pedindo conselhos. Como ele é a mais velha, sua função pode ser ainda mais difícil de resolver dentro do grupo formado pelas

amigas, que ela mesma nomeou como uma família. Como substituir, de uma hora para outra, a matriarca do grupo? Segundo Pichon-Rivière (2009), as funções básicas dentro do grupo são de pai, de mãe, e de filho. Por outro lado, será necessário que Jéssica lide com grande dose de medo e ansiedade para deixar sua função central nesse grupo.

> Fábio – E como foi a chegada em Salvador?
>
> Jéssica – Ah, eu não gostei não. Já na matrícula, já estava arrependida. Já querendo voltar.
>
> Fábio – O que foi esse impacto? O que te impactou?
>
> Jéssica – Eu não sei, eu achava que ia ser outra coisa, eu senti falta, eu me senti sozinha, e eu tenho pânico de solidão, sabe? Eu tenho pavor de me ver só, aí… ficava lembrando do pessoal todo indo lá em casa, todo mundo lá e eu aqui, sozinha, fazendo o quê? E lá tem faculdade, poderia ter feito lá, não esse curso, mas… por isso que eu me arrependi…
>
> Fábio – Em sua casa quem iam? Familiares, parentes?
>
> Jéssica – Minhas amigas, que elas moram lá comigo, entendeu? Minha mãe mora em São Paulo. Fez a casa e foi morar em São Paulo, porque ela tem que… tem um irmão meu que está em tratamento, aí eu fico lá com minha amiga. Aí eu já estava acostumada, já fazia parte da minha rotina, aquelas pessoas… e eu senti esse choque.
>
> Fábio – Falta de seus amigos?
>
> Jéssica – É, eu tenho medo de perder essa… deles me esquecerem, assim, sei lá [risos]

Seu relato assemelha-se ao que já Pichon-Rivière (2007, 2009) considerou sobre o medo da perda do equilíbrio anterior, ou medo da perda do objeto. Sem avançar nesse conflito, Jéssica não se estabelece na nova cidade, não cria espaço para que isso aconteça, e seu estranhamento permanece no estágio inicial.

> Jéssica – Ah, eu não me acostumo mais, sei lá, eu sinto falta de casa, sinto falta de minhas amigas, de todo mundo. Eu estou me sentindo um E.T., aqui [risos]
>
> Fábio – E.T.? Por quê? Você não esta se dando bem com as outras pessoas?
>
> Jéssica – Não, eu sou bem sociável, eu me dou bem com todo mundo, tanto que eu acabei de chegar, já fiz amizade e já estou morando com as meninas, entendeu? Mas é que eu não consigo me desligar de Jacobina, não.

O estranhamento de Jéssica continua inalterado, e ela de tão estrangeira na universidade e na cidade, chega a se sentir um E.T. O interessante é que ela não

atribui isso à uma dificuldade de socializar-se com as outras pessoas, mas pelo fato de ainda estar na antiga cidade. Em Salvador, Jéssica continua habitando Jacobina. O personagem do filme de 1982 de Steven Spielberg, durante todo o tempo que permaneceu na Terra fazia referências constantes à sua terra natal, e suas poucas palavras que aprendeu, como, “telefone” e “minha casa”, eram utilizadas para tentar estabelecer contato com seu planeta.

Jéssica sente corpo essa ansiedade: “[...] eu sinto falta de lá, de todo mundo, eu não consigo me encontrar aqui, sei lá. Eu tenho meus amigos que estão lá, agora. Eu não sei, eu sinto um vazio, eu sinto… uma sensação no corpo, né? Ah, sei lá”. Para Pichon-Rivière (2009), o vínculo expressa-se em três áreas diferentes, na área 1, na mente; na área 2, no corpo; e na área 3, no mundo exterior, no campo social. Nessas três áreas o autor compreende uma sistemática de ver, de sentir e de explicar, e na qual o sujeito pode manejar suas ansiedades.

## 6.5 ETNOMÉTODOS

Na tentativa de consolidar-se na nova cidade, os novos estudantes e novos moradores de Salvador recorrem a diversos etnométodos para improvisarem relações mais próximas e evitar a solidão.

Já trouxe em outro momento o relato de Reginaldo falando sobre como já havia aderido a um grupo e como eles se organizaram para ficarem sempre juntos, fazendo as mesmas disciplinas e realizando sempre em conjunto os trabalhos em grupo. Segundo a própria definição de Reginaldo, “a galera é bem unidade”.

O que importa é destacar as diferentes estratégias utilizadas, e parece que uma das principais é criar essa “unidade” com outros estudantes, encontrar o mais rápido possível as parcerias, como também aconteceu entre Mara, Tatiane, e talvez em menor medida com Jéssica.

Mara e Tatiane parecem estar bem próximas desde o início das aulas, como mostra o relato a seguir:

> Mara – Porque eu tinta medo, eu não sabia como ia ser faculdade, entendeu? Aquela coisa, costume de escola, e meu irmão falava que

> era totalmente diferente de escola, faculdade. Aí, ai meu Deus, foi quando eu encontrei uma menina que estava na frente de minha sala, sentada, aí eu comecei conversando com ela, aquela coisa, tal, aí depois que eu olhei pro lado estava Tatiane, aí eu comecei conversando com Tatiane, aí eu perguntei quais eram as matérias que Tatiane ia pegar, quando Tatiane me falou eram as mesmas que eu ia pegar, aí eu falei "ai, eu encontrei, senhor Jesus, que glória, eu encontrei uma pessoa na minha vida", e eu pedia muito a Deus, entendeu, a colocar uma pessoa que fosse comigo, que fosse a minha mão direita, a esquerda e até tudo. Aí eu encontrei com Tatiane, aí eu fiquei, assisti à primeira aula.

Ocorre que Mara encontra-se em situação privilegiada por contar com seu irmão que mora com ela em Salvador.

> Mara – Ele já faz cursinho, e eu vou fazer também. É como se eu fosse crescendo aos passos dele, o que ele faz depois eu faço, entendeu? Ele experimenta primeiro, depois eu vou lá e experimento, aquela coisa. Eu tenho certeza que Deus não quer, de forma alguma, me separar dele – tanto é bom para mim, quanto é bom para a minha família, entendeu? Porque ela sabe, minha mãe, meu pai, que eu não vou estar só, que eu vou estar com meu irmão. Mas é ótimo, eu acho que se eu fosse para outro lugar eu não iria me dar assim, me adaptar assim tão rápido quanto eu me adaptei aqui.
>
> Fábio – Porque seu irmão…
>
> Mara – Porque meu irmão está aqui.
>
> Fábio – Isso te ajuda na adaptação.
>
> Mara – Me ajuda, muito.

Na angústia dos primeiros momentos, encontrar “alguém em sua vida” e estabelecer de imediato algum vínculo, torna-se a primeira necessidade para alguns estudantes, e somente a partir desse primeiro passo que eles conseguem, então, assistir à primeira aula. A experiência de Mara mostra como as outras afiliações, como a afiliação intelectual submete-se à uma vinculação afetiva, ou a uma afiliação afetiva, entendendo que essa dimensão da afiliação atua em todo o processo de passagem ao ensino superior, e permeia as outras afiliações, como a intelectual, a institucional, e à cidade em que passa a morar.

Nesse intuito, os estudantes nos primeiros dias falam muito, com todos, e a todo instante:

> Graças a Deus, assim, eu tenho facilidade imensa, eu chego na fila de banco, a pessoa que está atrás, na frente, eu já estou conversando, então assim, primeiro dia de aula eu já conheci Mara, entendeu? Aí já foi à primeira vista, amizade à primeira vista, já estava super entrosada, não saía mais uma detrás da outra, assim o

> pessoal da sala, me comunico com todo mundo, tenho aquela possibilidade de estar conversando com todo mundo, para não ficar perdida, porque esse foi um dos meus medos. (TATIANE)

Quase todos os estudantes falaram com um certo orgulho de suas habilidades para estabelecer novos contatos, de como conversavam bastante com diversas pessoas, até mesmo Jéssica que, aparentemente, sentia mais dificuldade para vincular-se à sua nova vida.

Tatiane usa os mesmos recursos também em sua vizinhança:

> Aí pronto, eu com o pessoal da minha cidade foi ótimo, eu converso com todo mundo da sala também, aí na rua eu falei, "é, bora", vizinho, eu acredito que vizinho acaba sendo, em alguns momentos seu braço direito, aí fui na mulher do armarinho, cheguei lá comecei a conversar, comecei a conversar, comecei a conversar, já tinha pegado amizade com a mulher do armarinho, aí fui para a mulher do bar, aí comecei a conversar, comecei a conversar, aí subi para os andares de cima, que tem o pessoal que mora lá encima, aí eu converso [...] são pequenas atitudes que você acaba criando afinidade com um, afinidade com outro, às vezes você sai na rua, chega onze horas, dá um boa noite "oi, tudo bem", entendeu? Para criar aquela afinidade, porque quando as pessoas percebem que você tem um mundo fechado, não dá muita atenção, cria até aquele rancor, entendeu? [...] Por eu ser evangélica eu tenho o meu mundo, entendeu? Muitas pessoas dizem que "ah, evangélica é isso, evangélica é aquilo", não, eu tenho os meus momentos e eu sei dividir as coisas, então assim, um vizinho, não é porque ele faz aquilo que eu não concordo que eu vou estar criticando, não, eu vou lá converso com ele, trato ele normal, deixo essa outra parte de lado, porque eu não vou estar aqui julgando uma pessoa ou outra, então assim, não olhar para o que o vizinho faz, o que o vizinho deixa de fazer, quem é aquele quem é o outro, não procuro saber da vida em particular, eu quero saber que hoje eu passei e falei com ele, quero saber se está bem, esta ótimo, entendeu? Pra criar uma amizade ali, não um amigo do peito.

Embora ensaie um conflito entre as concepções religiosas de Tatiane e o comportamento de alguns vizinhos, fala mais alto nesse momento em sua vida a necessidade de cultivar os relacionamentos e, portanto, ela recolhe seus julgamentos para encontrar na vizinhança uma amizade, mas “não um amigo do peito”. Esse, provavelmente, precisa passar pelo crivo religioso também.

### 6.5.1 Pertencimentos: Somos do mesmo “lá”

Em sua religião Tatiane encontrou recursos para ajudá-la em seu momento de transição. A relação que se estabeleceu entre ela e o grupo da igreja foi tão intenso que ela passou a considerar esses laços de modo mais significativo do que alguns familiares. Nesse ponto da entrevista, eu perguntei a Tatiane sobre seus familiares que moram em Salvador:

> [...] quando eu me mudei para Salvador, eu já entro em contato com os irmãos daqui pra já criar aquela… pra já saber "tem uma irmã nova, de tal lugar". e tudo muito assim, eu trago já uma carta de Feira [de Santana] pra aqui, pro pessoal daqui, "irmã nova, de Feira, que está morando aqui, que está estudando", eles já ficam informados de tudo isso, ai já tem toda aquela preocupação "está congregando? Vou te buscar. Vem congregar comigo", tem aquele contato "como é que está? Você foi para Feira?". [...] Se torna mais uma família do que a de sangue [...] A menina que mora comigo é católica, católica, católica mesmo. Aí ela chega para mim "ó Tatiane tem uma coisa fantástica, que vocês da igreja uma não vê a outra, nunca se viu, não conhece, mas falou duas palavras de Deus, falou que é daquele lugar, já é aquele amor, bora pra minha casa, não sei o que", é uma cumplicidade que um tem com o outro. Aí ela fala assim, a gente conversa, e ela fala assim que admira muito, porque assim, é não deixar o outro à toa, entendeu? Ter... é criar aquela afinidade pra, estar precisando estar ali.

Para Tatiane, então, ser da família é muito mais do que os “laços de sangue”, mas estar presente em seu cotidiano sem deixá-la “à toa”. O pertencimento ao mesmo grupo religioso contribuiu para Tatiane sentir-se mais aliviada, e depois do medo de não ser bem recebida, declarar: “agora eu estou bem”.

O sentimento de pertencimento a um grupo parece atuar de várias formas como proteção a seus membros, mesmo que de modo mais indireto do que no caso da igreja de Tatiane, onde existe essa ação de um ajudar o outro. Jeferson vivenciou algo que me parece próximo ao caso de Tatiane.

> A sorte que a grande maioria das churrascarias daqui de Salvador, elas são gaúchas [risos], ou são paulistas ou são gaúchas, então isso, basicamente quando você sai da sua, do seu estado, e que você encontra com pessoas do mesmo estado, já cria uma identidade cultural "ah, você é do Rio Grande do Sul, tal, eu sei como é isso de mudar de estado, chegar aqui", então as pessoas se sentem sensibilizadas porque um dia passaram pela mesma experiência que você. Por telefone "não, vem aqui, conversa com o gerente, e tal, e acho que ele vai te empregar", então basicamente eu consegui emprego por telefone [risos], só porque eu era gaúcho, entendeu?

O pertencimento a um grupo parece contribuir muito no processo de afiliação do estudante, deixando-o mais tranquilo quanto à sua permanência da cidade. Os estudantes do segundo grupo, ou seja, aqueles que já moravam na cidade há mais de cinco anos, Jeferson e Milton, apresentam características diferentes nesse processo de formação de novos vínculos. Ao invés de se fecharem em um grupo como os demais estudantes, eles se permitem transitar e conhecer diversos deles: “Cada grupo, eu estou tentando fazer com pessoas diferentes justamente pra… interagir com a sala mesmo, e não ficar [risos] só com as mesmas pessoas. O bacana é isso, você conhecer outras pessoas e tal, né?” (Jeferson).

Talvez essa característica ocorra justamente pelo fato de que esses dois estudantes já passaram pela afiliação à cidade, ou seja, já conquistaram sua permanência na cidade através de outros vínculos que continuam operando, independente da experiência na universidade. Isso não quer dizer que a vinculação afetiva na universidade não seja importante, mas os relatos sugerem que eles não mergulharam na formação de grupos fechados.

Pode ser que isso se deva ao fato de se encontram seguros o suficiente para prescindirem da segurança que esses grupos podem oferecer. Em outras palavras, as características motivacionais para a formação de vínculos não estão tão acentuadas, não possuem a mesma necessidade de lançarem-se ao encontro de parceiros, porque seu cotidiano e sua vida na cidade já transcorrem com certa margem de segurança.

Há ainda a possibilidade de que esses estudantes que já moram em Salvador tenham se adaptado ao modo mais “liso” de se relacionar com as pessoas, ao contrário do modo mais “viscoso”. Para Bauman (1998), as relações pós-modernas aproximam-se das relações líquidas e sem qualquer visgo, sem que nada se prenda ao corpo e ao cotidiano desse homem que experimenta vorazmente todos os prazeres, mas que não se deixa prender a nada. De modo bastante perspicaz, Bauman (1998) compõe esse conceito da “viscosidade” na perspectiva da relação, e complementa dizendo que o estranho e o viscoso são temidos por essa característica de possuírem poucos poderes em relação às suas próprias vidas. Quanto maior a intensidade de poder, maior seria a liberdade, e menores os “ressentimentos” das pessoas com suas condições de vida.

Segundo esse raciocínio, considero possível que os estudantes do caso complementar, Milton e Jeferson, tenham entrado em um outro modo de operação de novas vinculações, agora não mais catalisadas pela necessidade imediata de estabeleceram novas relações, o que corresponderia ao mecanismo motivacional da teoria do vínculo de Pichon-Rivière (2009). De modo semelhante a contribuição de Bauman (1998) ajuda a pensar que esses estudante já atravessaram a afiliação à cidade e, portanto, sob esse aspecto já conquistaram maior liberdade.

Por outro lado, os estudantes que acabam de chegar à Salvador, possuem como características iniciais um menor domínio sobre as condições de suas vidas, e atravessam grandes mudanças, compondo um quadro de grande ansiedade para a construção de novos vínculos que, no primeiro momento, tendem a ser mais viscosos, mais aderentes.

A partir da concepção vincular que uma afiliação afetiva pode ter, as peculiaridades de cada caso em especial, tanto da dimensão pessoal quanto das características do contexto, acabam trazendo informações importantes na composição desse primeiro momento. Desta forma, pensar nessas duas condições distintas entre estudantes que já atravessaram a afiliação à cidade e aqueles que acabam de chegar, não elimina a possibilidade da análise de cada estudante especificamente.

Wilson, que chegou em Salvador plenamente mobilizado para resolver primeiramente sua condição financeira na cidade, parece ter deixado seu processo de vinculação com outros estudantes em segundo plano. Contudo, utilizando-se da mesma estratégia de conversar muito com todos, ele também buscou aproximar-se das pessoas, tentando improvisar alguma intimidade.

### 6.5.2 Forçar Uma Aproximação: Relações próximas e distantes

Com Wilson fiz minha primeira entrevista e com ele, também, realizei o primeiro acompanhamento do trajeto de sua casa até a universidade. Encontramo-nos em sua casa, no bairro de São Rafael, e lá, enquanto aguardava que ele terminasse de se arrumar, fomos conversando sobre o primeiro semestre, que já caminhava para o

seu final. Dentre diversos assuntos, retomei com ele a conversa sobre a diferença entre os sabores que havia começado na primeira entrevista.

> Wilson – As coisas aqui não tem gosto como lá na roça… o feijão por exemplo, não tem gosto de nada, uma coisa distante, uma coisa fria… é preparada sem que a pessoa que esteja próxima esteja se aquecendo com a lenha do fogão a lenha, é uma coisa muito automática, muito fria. Lá não, lá é diferente, lá você faz, você volta, você mexe, você experimenta, você coloca, vai no quintal, coloca um tempero do quintal, é muito bom…
>
> Fábio – Você viu alguém aqui fazendo?
>
> Wilson – Vi, vi fazendo, essa prima minha, quando faz, quando ela fica… às vezes ela fica no final de semana e às vezes ela faz feijão e coloca na geladeira, estoca.
>
> Fábio – Que prima?
>
> Wilson – Essa que eu chamo de prima
>
> Fábio – Ah, está bem.
>
> Wilson – Pra forçar uma aproximação, entendeu? Aí, é muito distante. Eu acho muito distante
>
> Fábio – Mesmo ela sendo de lá?
>
> Wilson – Mesmo sendo de lá, ela faz no fogão a gás, compra aqueles temperos prontos, é só jogar dentro, mexeu… não é a mesma coisa, não é a mesma coisa do que você ir no quintal tirar o coentro, tirar a hortelã, tirar o alho e colocar, experimentar e dosar e botar mais um pouco, colocar um pouquinho de água, é muito diferente, é muito diferente, porque perde o gosto.

Nesse outro fragmento voltamos a observar as ponderações de Wilson sobre a relação distanciada das atividades vinculadas à alimentação em Salvador, notando muitas diferenças entre a ação direta e próxima de ir até o quintal e coletar os ingredientes que ele conheceu em seu povoado, e uma relação aparentemente mais "desencaixada" da capital. Esses "desencaixes" podemos observar na "ficha simbólica" do tempero pronto, distanciando a prática da coleta do quintal para uma compra no supermercado, entre cozinhar em um fogão a lenha e utilizar-se de um fogão a gás, talvez pelo fato da relação direta com o combustível do processo culinário.

Esse aspecto assemelha-se bastante com o exemplo que Sennet (2008) traz ao falar do distanciamento que a prática do padeiro teve nas últimas décadas nas cidades norte-americanas. O padeiro que até então possuía uma valorização de sua profissão justamente em uma ciência e arte do fazer os pães, agora relacionava-se nessa prática de modo indireto, através de uma máquina muitas vezes ilegível para

ele. Entre ele e o pão agora apresenta-se uma máquina, e para efetuar bem sua tarefa precisa, agora, operar uma tela digital. Guardadas as devidas proporções, talvez Wilson nos traga essa mesma noção na diferença entre um fogão à lenha e um fogão a gás. Se no primeiro caso preciso ter essa habilidade, também de saber alimentar convenientemente o fogão, saber escolher a lenha adequada, considerar as condições de armazenamento e limpeza, etc., no caso do fogão, limito-me a buscar um fornecedor de gás e apertar botões, sem considerar aqui, é claro, o preparo dos alimentos.

Wilson também comenta as sensações de estar cozinhando em um fogão a lenha, através do calor desprendido naturalmente desse processo, e podemos pensar, também, na produção sonora dos estalidos, do cheiro característico, e das imagens geralmente belas de uma lenha sendo queimada. Enquanto isso, realmente, o processo do fogão a gás está destituído dessas peculiaridades, contribuindo para uma prática e uma estética mais limpa, menos trabalhosa, e, como nos informa Wilson, automática, fria e mais distante.

Sobre a distância, notamos um de seus etnométodos para vencer esse obstáculo com a pessoa que divide o apartamento com ele, chamando sua conterrânea de irmã, e, assim "forçando uma aproximação". Interessante notar que a referência de uma pessoa que cozinha de forma distanciada se dá justamente com alguém, assim como ele, nascido e criado em seu povoado, descarta a possibilidade de atribuir essa característica ao fato de pertencer ou não a um lugar, e também retoma a discussão sobre o processo de afiliação à Salvador.

Antes de falar sobre esse processo, ainda nos resta falar sobre as distâncias observadas no cotidiano, e agora não somente na culinária. Na sequência dessa conversa, perguntei a Wilson:

> Fábio – Em relação a estar distante, existe isso em outro lugar que não só na comida?
>
> Wilson – Existe, existe, no relacionamento com as pessoas essa relação é gritante, as pessoas são individualistas, as pessoas não pensam no outro, não é que lá todo mundo é perfeito, todo mundo ama o próximo, não. É que lá as coisas são mais próximas. Lá no meu povoado, por exemplo, se você for analisar a fundo todo mundo é parente de todo mundo. Brigam muito, mas todo mundo é parente de todo mundo, por isso é que sempre acaba bem. Todo mundo é primo do primo do primo do primo… é afilhada, madrinha… então, as pessoas são muito mais próximas, mesmo que não sejam parentes,

> estão mais próximas. Aqui é muito distante, tudo automático, as pessoas saem, pegam seus ônibus, pegam seus carros, vão para suas faculdades, vão para seus trabalhos, tudo muito automático e vivem uma vida que trabalham, trabalham, trabalham, e acho que não sabem porque estão trabalhando.

Novamente nesse fragmento reaparece questões ligadas ao automatismo das ações e do esvaziamento de sentido que havíamos comentado ao discutir a obra de Camus (2008). Nas entrelinhas nota-se também que uma importante diferença entre os dois cotidianos é a prevalência de caminhos individuais sobre os coletivos, em que há uma profusão de obrigações individuais a serem cumpridas.

> A modernidade viveu num estado de permanente guerra à tradição, legitimada pelo anseio de coletivizar o destino humano num plano mais alto e novo, que substituísse a velha ordem remanescente, já esfalfada, por uma nova e melhor. [...] A pós-modernidade, por outro lado, vive num estado de permanente pressão para se despojar de toda interferência coletiva no destino individual, para desregulamentar e privatizar. Tende, pois, a fortalecer-se contra aqueles que – seguindo suas intrínsecas tendências ao descompromisso, à indiferença e livre competição – ameaçam exibir o potencial suicida da estratégia, ao estender sua implementação ao último grau da lógica. (BAUMAN, 1998, p.26)

Na segunda conversa que tivemos, Wilson comentou o importante processo de "rapar" a mandioca na "Casa de Farinha", dentro do povoado, em que as pessoas trabalham juntas no prepara da farinha, e onde elas "aproveitam para socializar as questões acontecidas e as que supostamente acontecerão". Na linguagem que Giddens (1991) traz sobre a geografia do tempo-espaço da obra de Hägerstrand, a Casa de Farinha serviria nesse povoado como uma "estação", na qual as trilhas individuais de tempo-espaço, que cada um traça em seu cotidiano, teriam abrigo e forneceriam condições de "convergência de tempo-espaço". Nas trilhas da capital, entretanto, as trilhas possuem poucas estações em comum entre um indivíduo e outro, mesmo que estes morem sob o mesmo teto. Wilson, por exemplo, comenta que como chega da faculdade tarde, sua "prima" já se encontra dormindo, e que pela manhã ainda consegue vê-la porque ainda mantém o hábito de acordar cedo, que cultivou em seu tempo no povoado.

Quando Wilson comentou esse aspecto na primeira entrevista, ele havia dito que a principal diferença entre Salvador e sua cidade é que as pessoas aqui eram muito individualistas, a ponto de não desejarem nem mesmo dar informação, e ele sofria

bastante com isso porque necessitava constantemente de informações para se localizar.

### 6.5.3 Grupos

A entrada do estudante na vida universitária implica uma afiliação afetiva, e esta não se direciona unicamente à instituição, mas também, e em grande parte, aos pares que encontrar, sejam eles estudantes, vizinhos, funcionários, etc.

Com as contribuições de Pichon-Rivière (2007, 2009), observei como se deram as formações de novos vínculos com os estudantes entrevistados, e com essa teoria, compreender que esse processo depende tanto das características pessoais quanto pessoais, compondo uma interlocução dinâmica.

A formação de vínculos grupais (PICHON-RIVIÈRE, 2007, 2009) também não ocorre de modo mecânico ou natural, assim como nada na nova vida do estudante. A partir da teoria deste autor, não seria exagero propor que, de fato, será a partir desse processo de vinculação, onde entram em jogo as dimensões sociais e pessoais, que as outras etapas da vida universitária serão configuradas. Nessa perspectiva pesam, não custa repetir, tanto as condições externas, como as condições da cidade, ter ou não ter uma bolsa de estudos, ter ou não ter condições financeiras suficientes, estrutura da universidade, como também as condições internas, que farão leituras muito particulares de cada um desses aspectos.

Se há pouco tempo atrás propus que a formação de grupos ocorre com bastante intensidade logo nos primeiros dias de aula, devido à grande ansiedade característica desse intenso processo de mudança, a mesma teoria que me serve de apoio volta para apontar para as infinitas possibilidades de configuração dos vínculos e, portanto, dos grupos.

Bleger (2007) observa que mesmo em situações aparentemente desprovidas de vinculação, podem estar operando ali formas não-verbais de interação a partir de estruturas básicas de sociabilidade, presentes em todos os grupos, mesmo naqueles que nem identifiquemos como tal. Silenciosamente, compartilham os mesmos códigos.

> Podemos nos comportar como indivíduos em interação na medida em que *participamos* de uma convenção de modelos e normas que são mudas, mas que estão presentes e graças às quais podemos, então, formar outros modelos de compartilhamento. Para que haja interação, deve haver um fundo comum de sociabilidade. (BLEGER, 2007, p. 109)

Assim, decifrar os códigos compartilhados pelos membros de um mesmo grupo, como sugere Coulon (2008), é de suma importância para trânsito da condição de estrangeiro para a de membro do grupo, e a vinculação em um grupo contribui para o compartilhamento das ansiedades e na produção de estratégias coletivas para lidar com os novos desafios.

Para Bleger (2007) as características desses grupos irão variar de acordo com os modos de interação, de vinculação e de individualização de seus membros:

> [...] alguns grupos formados por pessoas que não alcançaram um certo grau de individualização ou de identidade individual buscam, de início, o estabelecimento de uma situação simbiótica de dependência e de identidade grupal; e esta última é tudo o que podem obter. (BLEGER, 2007, p. 111)

Retomando as concepções de Pichon-Rivière (2007, 2009), as situações de mudança, principalmente as mais intensas, podem provocar um processo de regressão acentuado no modo do sujeito lidar com seus vínculos. Assim, considero que as situações de simbiose que Bleger (2007) observa poderiam ocorrer com maior frequência nesse primeiro momento do processo de transição.

Os caminhos que os estudantes encontram para essas configurações, ao que parece, não possuem atalhos. Entre seduções e rejeições, os estudantes procuram por seus pares, e os grupos também atuam selecionando, aderindo ou se fechando.

> Milton – A universidade também é assim, ou você faz amizade… você só não faz amizade se você não quiser. Você só não faz amizade se você não quiser, mas a cultura é diferente, as amizades são diferentes, os interesses são diferentes, entendeu?
>
> Fábio – Quais interesses?
>
> Milton – A questão até social, do poder aquisitivo, entendeu? Aí, às vezes tem um grupo ali, "ah, porque eu fui para uma festa tal, uma festa de camisa, tal, não sei aonde, a festa na boate tal, gastei duzentos reais, gastei cem, gastei quinhentos, voltei para casa de taxi… quer dizer, naquela conversa ali, ele acaba te excluindo sem você nem entrar no grupo, porque você sabe que não é para você aquilo ali, entendeu? Então são coisas que já te expulsa, mesmo antes de você entrar.

Outros estudantes, mesmo com algum pertencimento a núcleos familiares demonstram que não buscam a afiliação nesses grupos. Esses são casos em que a família não ajuda:

> Fábio – Você, Tatiane, tem alguém da família aqui?
>
> Tatiane – Tenho, tenho prima por tudo que e canto aqui, mas não tenho contato, assim, direto com ninguém, até porque depois que eu cheguei aqui não fui até ninguém, entendeu? Tenho primas, mas que… a gente se vê uma vez ao ano, no São João, quando eles vão para lá, e não tinha aquela proximidade, então para mim é a mesma coisa que estar só, aqui.

Reginaldo, morando na casa de parentes, procurou manter-se “neutro”, e esforçou-se para não criar vínculos:

> Agora eu estou morando na casa de minha tia... aí é... eu, no caso meu tio, minha tia, meu primo, minha prima, tem um rapaz que trabalha com ela lá, que ela faz tempero, essas coisas, e tem o empregado que, vai lá durante o dia. Mas, basicamente, o maior contato que eu tenho na casa é com meu primo. A situação é só… um "oi, oi", mais traquilidade assim. Você vê, tá sempre preocupado, sempre saindo.

Por mais que Reginaldo se esquive de comprometimentos na casa de seus tios, ocorre algum nível de vinculação porque, como entende Bleger (2007), sempre ocorre alguma vinculação, mesmo quando a comunicação é não-verbal ou entre estranhos. De qualquer modo, a estratégia de Reginaldo o ajuda a permanecer em um nível superficial na estruturação dos vínculos com a família, comportando-se nessa casa como alguém que está por ali, realmente, somente até a chuva passar. Com muito menos tempo de contato e sem vínculos familiares, entretanto, Reginaldo afiliou-se à “galera unidade”.

Jéssica, sem obter sucesso em sua afiliação afetiva, mostrou-se bastante angustiada na entrevista:

> Fábio – Você está triste?
>
> Jéssica – Ah, eu estou, direto. Todo final de semana eu choro, quero ir embora, já liguei para minha mãe, disse que ia desistir [...]

Em seu caso em especial, mas também no de outros estudantes entrevistados, a afiliação parece estar por um fio, um fio tenso, que pode se partir a qualquer momento. Aliás, partir é algo sempre cogitado nesse momento em que os

estudantes manejam sua nova condição e suas vinculações que ficaram e aqueles que pretendem se estabelecer.

Na entrevista com Jéssica, pude observar o quanto os antigos vínculos ainda ocupavam muito espaço de sua vida, e quis saber dela como isso afetava a formação de novas relações em Salvador:

> [...] cada um vem com um objetivo. As pessoas que eu estou mais próxima também são de cidade fora, entendeu? Aí fica com aquele vínculo com aquele seu lugar de origem, aí não consegue [...] eu acho que não fica aquela coisa, integral, entendeu? [...] fica todo mundo preocupado com estudo, preocupado em ter que trabalhar, aí não tem aquela coisa. Não vai ser, nunca vai igual lá, isso é certeza. E também eu acho que eu mesmo me bloqueio um pouco, assim, com medo de, sei lá, tomar o espaço, entendeu?

Jéssica desistiu da faculdade pouco tempo depois de nossa entrevista. Tentei entrar em contato com ela por telefone, por email e pelas amigas que ela fez aqui, mas não obtive nenhum retorno, como se sua partida não tivesse deixado nenhuma marca de sua passagem, nenhum ponto de ligação. Sua narrativa me pareceu bastante eloquente quanto à importância desse processo inicial do estudante na nova cidade, de como passa a ser difícil abrir mão não somente de um cotidiano repleto de atividades, mas de uma vida cheia de vínculos, no qual esse estudante ocupava funções muitas vezes difíceis de abandonar.

Talvez para Jéssica, abrir-se para um sistema aberto de vinculação a colocasse em uma posição de traição das antigas relações, assim como teria que permanecer por um tempo com ansiedades, tanto da perda desses vínculos, como também do receio de ficar abandonada, como ela mesma comentou.

Na entrevista piloto que realizei para essa pesquisa, Camila, uma estudante de psicologia da UFBA, mas já nos últimos semestres do curso, comentou como foi difícil sair de um lugar em que o mundo era dela. Apesar de não compor o quadro de estudantes participantes, considero oportuno trazer essas informações porque as considerações de Camila dialogam intimamente com algumas posições de Jéssica.

Voltávamos de uma reunião do OVE[11]. Eu e Camila tínhamos um trecho em comum naquele retorno para a casa, quando ela começou a me contar um pouco de sua

[11] OVE: Observatório da Vida Estudantil é um grupo de pesquisa coordenado pela professora doutora Sônia Sampaio, e se dedica ao estudo e observação do ingresso e da permanência de estudantes na

itinerância, ao sair de Campina Grande na Paraíba, até chegar em Salvador, e mais ainda, o que isso significou em sua vida. Em um breve registro de apenas quatro minutos, com ruídos de uma avenida em final de tarde, e mesmo com buzinas, caminhões passando, voz ofegante, passos apressados, e o improviso de uma gravação com poucos recursos técnicos, surge uma entrevista que me ajuda a pensar o processo de estranhamento, principalmente a partir dessa frase poderosa:

> Não é que eu tinha um mundo, é que o mundo era meu. Não era simplesmente fazer parte de um mundo. Eu me sentia dona do mundo porque eu conseguia agir nesse mundo, eu tinha força. E força política conquistada no meu dia-a-dia. Eu fui aprendendo a conhecer o mundo, mas depois eu consegui ser o mundo.

Assim como Jéssica, Camila tem que deixar um lugar para trás, não somente o espaço geográfico, e não somente um, possivelmente vários lugares de destaque em diferentes grupos, que a tornavam uma figura central para diversas pessoas. A dificuldade desse rompimento parece aumentar bastante o sofrimento dessa despedida.

> Quando eu cheguei aqui, esse mundo que eu criei na minha cabeça, que era o meu mundo, na minha cabeça ele continuou a existir, na cabeça dos meus pares também, das pessoas com quem eu convivia, que me relacionava, eu era líder do movimento estudantil, DCE, DA, sabe, envolvida com o movimento nacional, CONER... então, eu era fluxo de informação, principalmente de informação. E eu sempre fui muito assim, dada, então eu sempre consegui me jogar muito. E quando eu cheguei aqui eu continuei com o meu mundo. Até hoje, ainda hoje, meus amigos vêem até mim “Ó ta rolando um evento tal no departamento tal, como é que a gente faz, mobiliza quem, mobiliza o quê? Está acontecendo esse problema, como é que a gente pode agir?”. Eu sou meio conselheira desse mundo, mas esse mundo já não existe, não é mais o meu mundo, o mundo de Camila foi naquele período, eu tenho plena consciência disso, eu fui embora de lá há muito tempo. (CAMILA)

Ir embora de um lugar, como sugerem esses exemplos, requer muito mais que a mudança de endereço, e o processo de luto e de ansiedade diante da perda do objeto conquistado, que Pichon-Rivière (2007, 2009) esclareceu, ganha um relevo especial nesses casos. As funções dentro de um grupo são construções coletivas, que necessitam tanto da atribuição de uns como da assunção de outros, e são específicas daquela configuração de pessoas envolvidas. Para Jéssica e Camila, a

---

vida universitária. O grupo é composto por professores, mestrandos, doutorandos, e bolsistas, que pesquisam esse campo.

ida para uma nova cidade exige delas abrir mão desse lugar já conquistado e, portanto, já seguro e confortável, já estabilizado e, talvez, estereotipado.

Elas poderiam participar de grupos em Salvador nos quais ocupassem lugares similares de liderança, mas sempre vale lembrar que cada grupo possui configurações específicas que correspondem às características do conjunto de pessoas envolvidas. Como Jéssica já ressaltou, também é necessário abrir espaço para que novas vinculações aconteçam.

> Agora está mais tranquilo, mas no início eu sofria porque eu era completamente *outsider*. Eu abri mão de toda a minha vida, de todos os meus projetos lá, de tudo, porque eu percebi que estava encerrado meu momento lá, aquele momento era o momento e eu precisava fechar e dar início à minha carreira profissional, há uma outra coisa que lá eu não ia conseguir viver nunca.

Camila conseguiu fazer essa travessia, mesmo sofrendo com a perda dos projetos criados em sua cidade de origem, que também tiveram que ser sepultados. Sua necessidade decorre da sistema fechado que se constituem as cidades menores, com limites mais estreitos de oportunidades e de mudança de vida para esses estudantes, como Milton já comentou anteriormente.

Esse último relato de Jéssica, que se segue, me remete à importância que essa afiliação afetiva possui na entrada do estudante na universidade. Durante a entrevista, compreendendo um pouco melhor o que ela estava me contando, propus uma hipótese para investigar a relevância dessas relações:

> Fábio – Deixa eu ver se realmente é isso. Se essas pessoas com quem você criou praticamente uma família, se elas não tivessem lá, tivessem em outra cidade, e Jacobina, portanto, não tivesse mais essas pessoas, você teria vontade de voltar lá, estar lá, você acha que a cidade te cativou ou é basicamente pela presença dessas pessoas?
>
> Jéssica – É, eu acho que é pelas pessoas, claro, tanto que se viessem todas para cá eu não ia embora [risos]
>
> Fábio – Você ficava aqui?
>
> Jéssica – Ficava [risos] aí eu ia me acostumar, de todo jeito.
>
> Fábio – Mesmo a cidade lá sendo mais organizada…
>
> Jéssica – É, mas aí eu ia ter o apoio das amigas para a gente ir se acostumando, entendeu?
>
> Fábio – Conseguir transformar esse estranho em algo mais familiar.
>
> Jéssica – É.

> Fábio – Tem algo que você conseguiu transformar em familiar, já?
>
> Jéssica – Não.
>
> Fábio – Está tudo ainda… isso e difícil no cotidiano?
>
> Jéssica – É, bem complicado.
>
> Fábio – Mas você já criou um cotidiano já.
>
> Jéssica – Já.
>
> Fábio – Mas não se torna familiar?
>
> Jéssica – Não, é como algo temporário, sabe? Está ali só de passagem, e já vai acabar, já vai passar.

Esse processo é tão importante e tão desafiador para os estudantes, que uma das estratégias de Jéssica é entender Salvador apenas como algo temporário, assim como a casa da tia é passageira para Reginaldo, onde não se criam vínculos, do mesmo modo como os “não lugares” de que falou Bauman (2001).

# 7 CONTRIBUIÇÕES

A partir dos conceitos e da teoria de Coulon (2008) sobre a aprendizagem do ofício de estudante na passagem para o ensino superior, acredito que cabe agora às diferentes universidades e seus pesquisadores, e dentre esses aqueles que compartilham pontos de vistas semelhantes com Coulon (2008) sobre esse processo, e que compreendem a complexidade envolvida nessa transição, investigar as condições específicas de cada unidade universitária.

Ampliar e discutir a obra deste autor, nesse caso, certifica sua importância como teoria de investigação e abre novas possibilidades de aplicação, proporcionando ao seus conceitos uma composição dinâmica e apropriada com as características de cada instituição, e ainda de cada unidade. Assim, como lembra Yin (2005) o objetivo de pesquisas qualitativas como os estudos de caso é expandir e generalizar teorias, que ele denomina como generalização analítica.

No caso dessa pesquisa, a partir do material coletado em entrevistas e observações, acredito que houve espaço para algumas propostas e que foram compondo o próprio texto dessa investigação, porque foram sendo desenvolvidas durante a análise dos dados e a escrita.

Corresponde, também, ao modo como me posiciono no campo de pesquisa, compreendendo que minha experiência como estudante e pesquisador do próprio universo acadêmico influencia minhas opções metodológicas e teóricas.

## 7.1 AS DIMENSÕES DA AFILIAÇÃO

Como assinala Coulon (2008) há vários fatores relacionados na passagem do estudante para a vida universitária que precisam ser investigados para analisar de modo mais preciso os abandonos e os fracassos. O autor, apresenta, primeiramente, as rupturas que alguns estudantes se submetem nesse processo: 1. Nas condições de existência; 2. Na vida afetiva, como uma passagem da vida com a

família para uma vida mais autônoma; e 3. Ruptura psicopedagógica, como as diferenças na relação com os professores, passando de um “tutelamento” a quase um anonimato, com pouco tempo de contato com o professor.

Ainda segundo Coulon (2008), nesse processo de afiliação concorrem três modalidades fortemente presentes em toda a aprendizagem, que são: 1. o tempo; 2. o espaço; 3. as regras do saber.

Embora concorde com as proposições de Coulon (2008), considero que em seu livro “A Condição do Estudante”, o autor desenvolva de modo mais sistemático apenas as modalidades relacionadas com a relação com as regras e com o saber, daí apresentando os conceitos de afiliação institucional e afiliação intelectual, respectivamente. Acredito que os outros pontos apresentados pelo próprio autor são suficientemente significativos para merecerem mais investigação que incrementem a discussão da vida universitária, dos abandonos e dos fracassos.

Compreendo, também, que um dos exercícios do trabalho de pesquisa é buscar estabelecer um diálogo entre os resultados obtidos e as referências, criando nesse intercâmbio os desdobramentos do material teórico em novas práticas teóricas, novas compreensões e novos olhares sobre o fenômeno e sobre a teoria.

Somente esse exercício, acredito, pode tornar possível o estudo da realidade brasileira, e em seus casos específicos. No mesmo grupo de pesquisa de que participo, por exemplo, o Observatório da Vida Estudantil (OVE), Carneiro (2010) pesquisou as condições e estratégias de permanência de estudantes de classes populares, enquanto que Urpia (2009) investigou a condição das estudantes que tornam-se mães no contexto acadêmico.

Portanto, a partir de minha experiência de pesquisa, proponho alguns arranjos na teoria da afiliação de Coulon (2008) para atender as necessidades do próprio trabalho, e também como possibilidade de generalização analítica. A primeira proposta é compor as principais dimensões da vida do estudante universitário da seguinte forma: 1. dimensão de tempo-espaço; 2. dimensão afetiva; 3. regras do saber e regras do conhecimento; 4. condições materiais e financeiras.

A mudança aqui constitui considerar a dimensão afetiva e as condições materiais e financeiras modalidades, juntamente com as demais já apresentadas por Coulon (2008), e em unificar a modalidade tempo com espaço.

As dimensões, de tempo-espaço, afetiva, e material/financeira compreendem aspectos que atuam intermitentemente na vida do estudante e influenciam todo o conjunto das afiliações. Assim, se uma dessas dimensões estiver representando problemas, haverá repercussões em outras áreas ou dimensões de sua vida. Um estudante, por exemplo, que está com graves problemas em sua casa, que rompeu relações com os outros moradores, como foi o caso de Tatiane, pode atravessar uma fase de intensa perturbação também nos estudos, modalidade de construção do conhecimento, na relação com a instituição, ou ainda financeiramente, porque esses problemas podem representar mudança de casa, e novos encargos financeiros.

Os exemplos podem ser muitos, e é através da dinâmica dessas dimensões da passagem à vida universitária, que o estudante pode manejar suas estratégias para tentar um equilíbrio. Se há sérias restrições financeiras, como no caso de Wilson, o investimento na afiliação intelectual e institucional foi a solução encontrada, mas outros estudantes encontram abrigo na dimensão afetiva, procurando se fortalecer e encontrar soluções dentro de um grupo.

Se há grande dificuldade na dimensão de tempo-espaço pode haver repercussões na dimensão afetiva do estudante, como tentei apresentar durante boa parte do trabalho. A dimensão de tempo e de espaço implica em condições para as relações, para o estudo, para a universidade e também para o trabalho. Restringir essa dimensão a uma questão de orientação, acredito, torna-se um empobrecimento desse aspecto, que influencia tanto a afiliação à cidade quanto à universidade. Se a universidade situar-se em um grande centro urbano e o estudante vier de uma pequena cidade, o tempo e o espaço apresentam-se como uma das principais dimensões que se encontra em jogo na afiliação desse estudante.

Assim, entendo que as dimensões afetiva, de tempo-espaço e financeira atravessam todo o processo de entrada da universidade e que irá acompanhar o estudante durante todo seu trajeto. Será, então, sua habilidade e o apoio recebido para lidar com essas dimensões, que conduzirão sua história na universidade.

Embora defenda a importância da dimensão material e financeira do estudante, não irei tratar desse aspecto devido às limitações desse trabalho, que nunca possuiu esse interesse de investigação, mas destaco novamente o trabalho de Carneiro

(2010), como pesquisa que se debruça sobre as estratégias de permanência de estudantes de classes populares.

### 7.1.1 A Dimensão de Tempo-Espaço

A dimensão de tempo-espaço está na base de quase todos os fenômenos, e acabam se tornando mais importantes nas discussões sobre a contemporaneidade e a vida nas cidades, principalmente nas metrópoles. Esse debate foi meu ponto de partida e acredito que centralizou minhas principais discussões, desdobrando-se em outros aspectos também centrais nessa passagem à condição de estudante.

Não irei repetir todas as implicações de tempo e espaço para a contemporaneidade, mas vale salientar que diversos autores, entre eles Harvey (2009), Bauman (2001), e Giddens (1991), apontam para uma experiência diferenciada de tempo e espaço como o principal aspecto da vida contemporânea.

Não vivemos do mesmo modo que nossos vizinhos do interior, nem como nossos antecedentes de duas gerações anteriores, as mudanças foram intensas e possuem implicações em diversas áreas. Aqui nesse trabalho busquei traçar esses paralelos com a produção de vínculos, antecipando essa intenção de pesquisa a partir de minha experiência pessoal como também pela própria literatura sobre a nova modernidade.

Larrosa (2002), Bosi (1987) e Santos, M. (2008) discutem as repercussões do excesso de informações que circula entre nós, movidos por uma indústria ágil em renovar instantaneamente as notícias por novas que possuem vida e importância cada vez mais curtas. A economia, a indústria das informações e da moda, movem um cotidiano ávido por novidades, por novas excitações, por novas distrações, como diriam Bauman (2001) e Larrosa (2002), incorporando ao cotidiano dos espaços coletivos, da cidade de um modo em geral, dos encontros e dos relacionamentos, a mesma dinâmica da aceleração e da pressa.

Os estudantes que acabam de chegar na cidade compreendem que em Salvador os espaços são tão extensos que perde-se a possibilidade de criar relações e cuidados daquele que está próximo. A proximidade era a garantia de uma dinâmica de relações que eles vivenciaram no interior, mas aqui experimentam as longas

distâncias, os longos corredores que precisam ser atravessados. O significado desses longos trechos de cidade caracterizam-se apenas pelo aspecto de que precisam ser superados o mais breve possível. Toda paralisação e todo engarrafamento trazem transtorno, irritação e tensão. Os lugares precisam ser superados.

Com as novas tecnologias, segundo Giddens (1991) o espaço e o tempo se “desencaixaram”, e assim não prescindimos mais das relações face a face, podemos nos comunicar com “outros distantes”. Os breves encontros entre as pessoas, podem estar, então, sendo cada vez mais vazados pela “presença” de “outros ausentes”. Duas pessoas dividindo o mesmo local, mas falando com outros, distantes daquele espaço.

Se essas características podem ser vistas com certa naturalidade e desinteresse por um morador da capital baiana, não ocorre o mesmo com os estudantes que chegam de pequenas cidades do interior para estudar. Chegando sozinhos, procuram dar sentido e criar relações com as pessoas e com os espaços, e encontra dinâmicas de relação cada vez mais “flexíveis” e sem “viscosidade”. Para Sennett (2008), as empresas e as pessoas entraram em um padrão flexível de lidar com os empregos, com suas carreiras e com as pessoas. Cada vez mais o trabalhador encontra-se em trânsito, sem fixar-se a lugar algum e sem saber qual será a próxima estação. As relações de compromisso, de lealdade, e de longo prazo minaram diante desta nova dinâmica e, para este autor, isto corresponderia a uma corrosão do caráter.

Ao entrar em uma universidade, vindo de uma cidade do interior, esses estudantes situam-se em duas afiliações simultâneas, uma relacionada à universidade e outra à cidade. Haveria, assim, uma afiliação à cidade. As questões de tempo e espaço entram em jogo em qualquer mudança de endereço, mas acrescento que se essa mudança ocorre de uma cidade muito pequena como a de Wilson, em que moram cerca de umas doze famílias contando com a dele, para uma cidade muito grande, com cerca de três milhões de habitantes, como é o caso de Salvador, entram em jogo as implicações de tempo-espaço da contemporaneidade em ação nesta cidade de destino. Certamente, que esse percurso ainda possui muitos aspectos a serem investigados, mas desde já observo que o caminho inverso também poderia oferecer rico material de investigação.

Os deslocamentos foram foco deste trabalho porque apresentaram-se como o ponto que mais sobressaiu no contato que mantive com esses estudantes, caracterizando um aspecto que ocupa boa parte do tempo do estudante em seu relacionamento com a universidade. Segundo Milton, o estudante passa mais tempo no transporte coletivo e no ponto de ônibus do que em sala de aula.

Mara, contudo, apresentou outro aspecto interessante dessa relação de tempo e espaço na capital, que seria essa compressão de tempo-espaço. Wilson já havia comentado esse estranhamento devido à grande quantidade de pessoas no mesmo ônibus, mas Mara fala do pouco espaço que possui para habitar na cidade.

> Fábio – Você estranhou a casa, como é a casa?
>
> Mara – Estranhei. Porque assim, lá no interior minha casa é enorme, eu tenho quarto, meu irmão tem o quarto dele, tem o quarto… tudo, tudo, entendeu, aquela casa enorme, e quando eu cheguei aqui, que eu olhei assim, cozinha americana, que é sala e cozinha, um banheiro pequeno, minúsculo, um quarto só para eu e meu irmão e uma área, só. Aí eu "meu Deus, eu vou ficar aqui, vou passar três anos aqui nesse casa?", aí minha mãe disse "olha, Raquel, você vai ter que acostumar até o contrato vencer" o contato vence em agosto e aí a gente já está procurando um apartamento maior para a gente ficar, mas pense, eu ficava "não, eu não vou ficar aqui, imagina", porque eu só sei estudar falando alto, como se fosse explicando para alguém, entendeu? E eu "meu Deus, como é que eu vou estudar, eu e meu irmão, nesse jeito?" aí, às vezes meu irmão vai para a varanda e eu fico no quarto, ou às vezes eu vou para a varanda e ele fica no quarto. E aquela coisa, sabe? Porque é muito pequeno.

Nesse mesmo fragmento operam as dimensões financeira, de tempo e espaço e a afiliação intelectual atuando juntas, porque não se trata apenas de uma questão financeira que os impede de morar em uma casa tão espaçosa como na cidade de origem, também diz respeito à composição tempo-espacial da habitação em Salvador, pressionada pela alta densidade demográfica.

Nessa composição de tempo-espaço que os colocam tão próximos aos vizinhos, e também os dois irmãos entre si, promove a necessidade de encontrar alternativas para não se atrapalharem na afiliação intelectual.

A relação nas grandes cidades entre pessoas próximas, porém distantes, já foi debatida nesse trabalho com a contribuição de Bauman (2001), ao se referir, por exemplo à composições de espaços contemporâneos que são meticulosamente organizados para evitar o confronto entre estranhos, embora convivam muito

próximos uns aos outros. As áreas públicas esvaziam-se de permanência, engajamento e participação.

Para Bauman (2001) existiriam duas categorias de espaços públicos, sendo que uma delas está destinada a servir os consumidores, ou de transformar os habitantes em consumidores, como *shopping centers*, pontos turísticos, salas de cinema, cafés. Para o autor a característica desses lugares é encorajar a ação e não a interação, no qual seus usuários devem permanecer concentrados no consumo:

> A tarefa é o consumo, e o consumo é um passatempo absoluta e exclusivamente *individual*[12], uma série de sensações que só podem ser experimentadas – vividas – subjetivamente. [...] Por mais cheios que possam estar, os lugares de consumo coletivo não tem nada de "coletivo". Para utilizar a memorável expressão de Althusser, quem quer que entre em tais espaços é "interpelado" enquanto indivíduo, chamado a suspender ou romper os laços e descartar as lealdades. (BAUMAN, 2001, p. 114)

A outra categoria de espaços públicos, que Bauman (2001) classifica, são os espaços civis, que atualmente sofrem as consequências dos "medos urbanos": "O espectro arrepiante e apavorante das "ruas inseguras" mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta da busca da arte e das habilidades necessárias para compartilhar a vida pública." (BAUMAN, 2001, p.110). O autor observa como algumas praças são projetadas para desencorajar a permanência de seus usuários e restringir a hospitalidade.

#### 7.1.1.1 A Dimensão de Tempo-Espaço na Universidade

Ao debater os desdobramentos da dimensão de tempo-espaço na formação dos vínculos, apresentei o caso da interdição do espaço Raul Seixas para pensar na conformação dos espaços da universidade e suas interações com a formação de vínculos, com a vida universitária, e portanto, com o processo de afiliação.

Sem querer redundar no exemplo já discutido, utilizo, então, a reflexão de Carneiro (2010) em seu estudo sobre a estrutura espacial da UFBA, embora seu foco de pesquisa estivesse voltado para a permanência de estudantes de origem popular.

> Para os estudantes do interior, o processo de afiliação não se restringe ao ambiente acadêmico; antes de se localizarem nas suas

[12] Destaque do autor.

> faculdades, precisam localizar-se nos espaços urbanos. Situar-se espacialmente na cidade é pré-requisito para uma compreensão posterior dos seus respectivos campi e para o deslocamento entre as unidades e serviços universitários. A UFBA, diferente de outras universidades públicas, constituiu-se geograficamente de forma descentralizada, o que compromete a apreensão desse espaço e o deslocamento dos estudantes.
>
> Todas essas questões, que se tornam risíveis aos estudantes após certo tempo na educação superior, são, inicialmente, vivenciadas por eles com grande aflição frente a um espaço desconhecido, com modos e regras específicos e cuja incompreensão poderá comprometer o seguimento do curso. (Carneiro, 2010, p. 96)

Carneiro (2010) observou que entre os estudantes participantes de sua pesquisa, todos de origem popular, aqueles que são do interior necessitam atravessar outros processos de aprendizagem, muitas vezes aflitivo, e que concerne aos deslocamentos e à localização na cidade e na universidade. A UFBA por si só parece compreender um aprendizado difícil para esses estudantes, devido à sua constituição em campi descentralizados em alguns bairros da cidade. Como a autora ressaltou em suas considerações finais, enfrentar muitas dificuldades nesse processo de aprendizagem das regras e dos espaços pode comprometer a afiliação dos estudantes.

A dispersão de suas unidades da UFBA e sua descentralização podem constituir características desafiadoras para seus estudantes que acabam de ingressar, mas em especial àqueles que também desconhecem Salvador. A sensação de encontrar-se perdido ou desorientado é nesse caso bem mais acentuada e pode gerar grande ansiedade nesse intenso processo de mudanças.

O modo como a universidade cuida de seus espaços, portanto, pode contribuir para a permanência dos estudantes. Essa permanência pode ser observada em horas, em dias ou em anos. Inclino-me a considerar que quanto melhor a instituição interferir em seus espaços no sentido de criar condições de encontros, de estudo, de hospitalidade e de permanência, melhor será sua passagem à condição de estudante, à condição de membro competente da vida universitária. Sentindo-se mais à vontade nessa dimensão de sua vida, provavelmente as outras dimensões entrariam em operação de modo mais tranquilo.

A primeira etapa de qualquer obra ou interferência da universidade em seus espaços poderia ser um estudo nos possíveis impactos no cotidiano dos estudantes, e de viabilizar alternativas aos transtornos e interdições, antes do início das obras.

A configuração um tanto dispersa e fragmentada da universidade também parece afetar a afiliação intelectual, porque os estudantes necessitam não somente aprender a localizar-se, mas também a vencer distâncias em curtos espaços de tempo, e às vezes entre uma aula e outra.

Diferentes aspectos referentes às composições de tempo-espaço aparecem na entrevista com Milton, que apesar de ter vindo para Salvador estudar, permaneceu dezoito anos sem entrar em uma sala de aula. Seu grande estranhamento no retorno às aulas se deu na metodologia de ensino dos professores, no ritmo das aulas e nas novas tecnologias utilizadas. Segundo Milton, as aulas a que estava acostumado eram mais de contato com a lousa, com o caderno, e com o professor, enquanto que agora observou que as aulas são mais faladas e há pouco para escrever: “E essa questão de passar os slides, apresentando, mesmo você perguntando, mas você acaba não escrevendo nada, e você ou presta atenção no que ele está falando, na explicação, ou você vai escrever”.

Milton, entretanto, também sofre com algo que ele chama de “falta de ritmo”, classificando seu modo de aprendizagem como em um ritmo lento, e que precisa equilibrar com o ritmo mais acelerado da UFBA.

> Eu acho que é por questão mesmo de evolução tecnológica, entendeu? Essa evolução em que as coisas passam mais rápido, eu não sei se o tempo da aula que é curto, também, as coisas tem que ser mais rápido. Vocês devem ter uma grade, aqui, tem que cumprir aquilo ali em determinado tempo. Por exemplo "não, hoje eu tenho que dar, tenho que passar esse assunto aqui todo aqui hoje e vocês tem que coisar", aí começa ali “pa, pa, pa", aí daqui a pouco "boa noite!", termina, e só tem aula uma vez por semana, aí daqui a pouco chega já tem outro assunto para dar "tá, pa pa pa…", entendeu? Então, essas coisas que passam muito rápido fica difícil de a gente pegar de uma vez só. Aí ficou assim, um, … eu não sei se a UFBA que é rápida ou se sou eu que sou lento.

A dimensão de tempo-espaço, como já havia comentado, também estende seu raio de ação à afiliação intelectual, e isso aparece de modo ainda mais nítido na experiência de Milton, distante no tempo e no espaço da prática pedagógica da

universidade. Ele ainda reflete sobre a quantidade de informação e o modo como as aulas são organizadas:

> [...] muita informação em pouco tempo, então a capacidade de se associar muita informação em pouco tempo que ela não está tendo consistência, aí às vezes você fica assim com alguma dúvida [...] Aí a gente sai de uma aula de duas aulas aí você fica com aquele assunto na cabeça que não pegou ainda e já começa a pegar outra de mais duas horas, aí você já entra na sala preocupado.

Na conversa com Milton, ele acreditava que nas aulas maiores, com quatro horas de duração, havia condições mais favoráveis para a aprendizagem. Além de concentrar em um único componente programático, os estudantes não precisavam deslocar-se de uma unidade da universidade para outra.

> [...] às vezes termina uma aula lá e você vem correndo para pegar uma outra aqui, porque às vezes é lá no PAF1 a aula, né? Quando é de terça-feira, uma aula é lá e uma aqui, aí você sai correndo porque às vezes o professor estende um pouquinho mais [...] Quando chega aqui, passou dez, quinze minutos caminhando, de lá para cá, chega aqui a aula já está num certo adiantado. Às vezes a gente pede "olhe, tem uma aula lá que a gente vai apresentar um trabalho, lá na outra aula e tal, termina mais cedo a aula um pouquinho e tal, aí termina oito horas, oito e dez, aí dá tempo para a gente chegar aqui, que está começando a outra aula, entendeu? [...] aí você vai para a casa com um problema "pô, não peguei nada daquelas duas aulas hoje, tal…" aí chega para fazer um trabalho, aí quer fazer um, mas é o seguinte, você pensa em fazer o outro porque o outro é mais importante, mas tudo é importante, porque o semestre é rápido, a impressão que a gente chega aqui "pô, seis meses fazendo essa matéria?" mas quando você começa a estudar parece que ele voa, entendeu? porque não é só essa matéria, tem mais cinco [...]

Aqui como em grande parte desse momento do estudante que inicia seus estudos, a negociação com os professores acaba sendo o principal etnométodo dos estudantes, mas Milton também comenta que nem sempre é possível um acordo. Do modo como suas aulas estão organizadas, considerando as distâncias entre os prédios e sem essas negociações, ficaria impraticável conciliar os dois períodos de aula integralmente. Como as aulas dos estudantes de Bacharelado Interdisciplinar não são organizadas em blocos fechados de disciplinas obrigatórias, mas em um quadro de possibilidades organizado pelo próprio estudante, muitas vezes esses intervalos entre as aulas, ou essas distâncias entre os prédios não são conhecidos pelos estudantes e, portanto, não são levados em consideração.

Milton, por exemplo, comenta que não tinha qualquer condição de realizar a matrícula sozinho e contou com a ajuda espontânea de um funcionário da secretaria de seu curso. Mapear os espaços e os tempo da universidade o ajudarão, provavelmente, para uma composição mais adequada no próximo semestre.

### 7.1.2 Afiliação Afetiva: “Quando eu Cheguei eu Chorei”

A dimensão afetiva, que proponho aqui como um aspecto presente em todo o processo de entrada na vida universitária, também pode ser estudado em seu caráter afiliativo. Ou seja, os afetos comporiam ininterruptamente o processo de afiliação dos estudantes na comunidade universitária, como seria de se esperar e poderíamos investigar suas articulações com a afiliação intelectual ou com a afiliação institucional. Outra investigação possível, e não excludente, é observar os afetos, as angústias, os medos, as motivações, as emoções envolvidas, enfim, do mesmo modo como Coulon (2008) observa a afiliação intelectual ou institucional, e nomeá-la de afiliação afetiva.

Não tenho o interesse de retomar toda a discussão já realizada sobre essa afiliação e todas as repercussões na vida do estudante, mas somente de tentar organizar essa proposta no quadro teórico de Coulon (2008). Desta forma, entendida como uma afiliação, explicito seu aspecto processual, dinâmico, e assim como as demais afiliações, inclui rupturas e aprendizados. Certamente que esta ideia caracteriza-se unicamente como uma proposta, e que, bem da verdade, já encontra suficientes subsídios ainda na obra de Coulon (2008), mas não sistematizada por ele desse modo.

Em seu primeiro momento da afiliação, no Tempo do Estranhamento, também seria o período de maior tensão, que concentra as principais rupturas e desafios. Para os estudantes que chegam de outra cidade, como no caso dessa pesquisa, esse momento torna-se ainda mais complexo por intensificar as transições envolvidas.

Acredito que nesse mesmo instante operam dois processos complementares e complexos. O estudante tanto passa pela despedida de seu mundo anterior, do colégio, da casa dos pais, do ensino tutelado, como também atravessa terreno desconhecido e abre-se para novas vinculações afetivas. Desta forma, as

ansiedades básicas estudadas por Pichon-Rivière (2007, 2009) encontram-se envolvidas nesse estágio, e ambas em escala superior para quem vivencia mudanças mais severas, como a mudança para uma nova e grande cidade.

Em minha vida de estudante universitário, também atravessei uma experiência de cursar uma graduação sem precisar realizar a mudança de endereço. Na mesma cidade e prédio em que cursei meu ensino médio, meses depois, iniciava meu curso de Direito. Trago esse exemplo porque vivenciei essa transição de modo tão pouco perceptível como mudança em minha vida que contribuiu para notar as diferenças quando, dois anos depois, mudei-me para Assis a fim de cursar Psicologia.

Isso não quer dizer, contudo, que o rito de passagem não ocorra para quem não precisa mudar de cidade. Em seus momentos iniciais, o estudante nativo e afiliado à cidade continua sendo um estrangeiro para a comunidade acadêmica, e o rito de passagem ocorrerá se conseguir operar a aprendizagem dos novos códigos e conseguir afiliar-se afetivamente com à universidade. Do mesmo modo, enfrenta situações novas para as quais criou expectativas e fantasias, e também precisa manejar algumas despedidas e rupturas com o que fica.

Entretanto, para quem permanece na mesma cidade, não muda de casa, não precisa morar distante de amigos e parentes, não vê sua agenda de compromissos, atividades e sonhos, suspensa indeterminadamente, provavelmente não se encontra com os mesmos desafios de afiliação do que esse estudante que se encontra em estado de alerta, atento aos novos códigos, às oportunidades para transformar sua aventura e sua exposição ao imprevisto em um lugar um pouco mais seguro, confortável, e porque não dizer, previsível.

Desligar-se de tudo o que ficou para trás não é tarefa obrigatória, mas como Jéssica ressaltou, os vínculos anteriores podem ocupar tanto espaço na vida afetiva do estudante que ainda se sente muito inseguro, que este pode abrir-se muito pouco às novas oportunidades de vinculação. Talvez, na medida em que novas conquistas ocorrem no novo lugar, os laços que ligam esse estudante à cidade e à universidade se fortaleçam, e com isso torna-se possível novos arranjos com os laços antigos.

A presença e a constância em suas vidas, que as amizades e a família possuíam até então, não serão mais possíveis à distância, pelo menos do mesmo modo. As tecnologias como o telefone e a internet, assim como as visitas constantes para a

cidade de origem, ajudarão na tentativa de tentar preservar o mesmo lugar que ocupava antes, como no exemplo de Jéssica. Reginaldo, por sua vez, mostrou como essa ‘negociação’ pode ser estabelecida para que outros arranjos em casa, com os amigos e com a namorada podem dar ao estudante a tranquilidade para investir afetivamente em novos vínculos. Jéssica, ainda bastante ligada às amigas, sente-se com receio de traí-las ao ligar-se a outras amizades, e também o medo de que seu lugar entre as amigas seja ocupado ou perdido. Para Pichon-Rivière (2009) o medo da perda que entra em operação em processos de mudança ocorrem “[...] não tanto pelo medo da perda do objeto em si, porém, muito mais, pelo medo da perda das próprias partes do sujeito que ele depositou nesse objeto.” (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 77).

Os estranhamentos observados pelos estudantes, nesse aspecto, dizem respeito a modos mais individuais de conduzir suas rotinas, ao contrário do que estavam acostumados, com modos mais coletivos e compartilhados. O modo de vida da cidade, como já apresentei anteriormente, mostra-se como uma dificuldade para eles desempenharem suas “pautas de conduta” (PICHON-RIVIÈRE, 2007, 2009) anteriores, e aqui precisarão decifrar esses novos códigos, também no âmbito das relações, desenvolver seus etnométodos, para operar sua afiliação.

## 7.2 O TEMPO DO DESEJO: O TEMPO QUE ANTECEDE A MATRÍCULA

Na teoria de Coulon (2008), o primeiro tempo da afiliação, como já foi discutido anteriormente, é o “tempo de estranhamento”, no qual o aluno enfrenta os primeiros obstáculos para se tornar estudante, e ainda não se constituiu como tal, porque ainda não se tornou membro do novo grupo, permanecendo na condição de estrangeiro.

Como no presente estudo tenho interesse pelas relações do estudante com sua cidade de origem, e durante as entrevistas procurei investigar sua narrativa que antecede o ingresso na universidade, considero pertinente falar de um tempo anterior ao que Coulon (2008) propõe como o primeiro no processo da afiliação, porque parece uma etapa tão importante quanto as demais. Esta etapa fornece

informações importantes para pensar as relações da universidade com sua comunidade, que Boaventura (2005) propõe como elemento nuclear para repensar a universidade, assim como para investigar mecanismos que facilitam ou dificultam a afiliação como um todo, e que tem seu ponto central em um período anterior à entrada na universidade.

Em diálogo com outros pesquisadores do OVE, Observatório da Vida Estudantil, principalmente com Ava da Silva Carvalho Carneiro, observamos a necessidade dos estudantes de iniciarem suas narrativas em um ponto antes da matrícula, muitas vezes a despeito do interesse dos pesquisadores. Os estudantes falam pelo menos a partir do ensino médio, relatando suas vidas, expectativas e dificuldades que, ao que parece, conduziram suas histórias até a universidade.

A partir dos relatos de Wilson, por exemplo, podemos começar a pensar que tornar-se estudante universitário é uma tarefa que inicia cedo, e que inúmeros fatores concorrem nesse processo. Retomaremos, então, alguns fragmentos das falas de Wilson para olhá-los nessa nova perspectiva. A princípio observar como surgiu a vontade de ingressar na universidade:

> [...] desde pequeno eu sempre tive algo que as pessoas diziam, que me conheciam, diferente. Alguns atribuíam essa diferença como algo benéfico, sempre quem atribuía essa diferença como algo benéfico eram as pessoas mais, como e que eu posso dizer, cultas, vamos colocar assim, as pessoas que tinham um nível superior, que às vezes iam lá no povoado, por exemplo, na época de vacinação, as enfermeiras que iam vacinar as pessoas, os animais, então elas sempre perceberam, essas pessoas, professores meus, que eu tinha algo diferente dos outros. (WILSON)

Muito compreensível que Wilson, muitas vezes visto como diferente em sentido pejorativo pelas pessoas com quem convivia, encarasse com muito bons olhos aqueles estrangeiros que visitavam sua comunidade para uma vacina ou para dar aulas. Através do olhar do estrangeiro, Wilson, ao que parece, experimenta a vontade de se tornar um diferente “bem reconhecido”, assim como as enfermeiras, mais “cultas”, diferentes dos demais por conseguir ver nele “algo benéfico”.

A partir do desejo, Wilson cria expectativas para esse sonho que começa a alimentar, e como é esperado para os sonhos diferentes, recebeu muita desqualificação e descrédito:

> Ah, minhas expectativas começaram cedo, porque eu desde pequeno sempre soube que eu queria isso aqui para mim, só que isso era um sonho para as outras pessoas, distante. Para mim não, para mim, possível, sempre foi possível, sempre. Eu nunca, em momento algum, pensei que isso aqui seria algo impossível, sempre acreditei que fosse possível, mas as pessoas até mesmo riam, quando um filho de trabalhador da roça que estudou a vida inteira em uma escola pública, que saiu do ensino primário, de primeira a quarta série, sem saber fazer operações direito, que ele pudesse sanar todas essas dificuldades e conseguir hoje estar na Universidade Federal da Bahia.

Embora essa bela declaração de que nunca duvidou de seu sonho, pude verificar através do relato que realizou em seu diário de afiliação, que houve momentos que suas esperanças fraquejaram:

> Muitas vezes me perguntei por que as pessoas não me deixam em paz e cuidam de suas vidas? Ao invés de criticarem o fato de um pobre menino (no sentido mais exato da palavra) não se conformar com sua realidade miserável e sonhar em mudar de vida. Essa incompreensão por parte de todos, principalmente dos familiares, começou a me desmotivar, e por pouco não desisti de tudo, quer dizer, por Nina Maria. A amiga mais especial que já tive na vida. Talvez sem seus conselhos, motivações e compreensões eu não tivesse conseguido nem terminar o Ensino Médio.

Além do nítido boicote que os outros alunos impunham a Wilson por ousar sonhos aparentemente inacessíveis a ele, e do apoio da amizade como sustentação para seus desejos, conseguir conviver em ambiente hostil e cumprir com a etapa obrigatória do ensino médio, esta passagem mostra que havia uma naturalização da dificuldade material, da manutenção desta normalidade sem abalos, e um ceticismo diante de qualquer aventureiro menos cônscio da ordem das coisas: “Nunca entenderam como um “roceiro”, como gostavam de, pejorativamente, me chamar, poderia ser tão determinado e ousar sonhar tanto”. “Roceiros” serão sempre “roceiros”, e seus filhos herdarão sua sina.

O cotidiano de Wilson em sua cidade no interior também mostra sua face menos atraente, porque além de cruel em suas condições de vida e de acesso aos recursos de educação, alimentação e saúde, também estrangulava suas esperanças de mudar de vida.

Do lado de sua família, por exemplo, a educação não era uma prioridade, e Wilson ouvia de seu pai: “pra que estudar?”. Podemos observar, contudo, que a ausência de histórias anteriores de pessoas do povoado que escolheram a educação como

caminho de mudança de vida, contribuía para o descrédito da opção de Wilson. Outras pessoas, em sua própria família, como foi o caso de sua irmã, já haviam partido do povoado. Ela se mudou para São Paulo, mas Wilson comenta sucintamente que ela não foi bem sucedida, que não conseguiu alcançar todos seus objetivos. Sair do povoado não consiste, em si, a crítica das pessoas ao projeto de Wilson, mas sim sua opção pela educação ao invés do trabalho.

Em contextos como esse também podemos pensar que o esperado para uma família com um único filho homem, que este auxilie e venha a substituir seu pai nos trabalhos duros da roça. Se as condições de vida já são bastante limitadas, a posição do pai em querer seu filho concentrado no trabalho é fácil de compreender, dobrando sua força de trabalho, garantindo um sustento e uma profissão para o filho. Trata-se, portanto, em uma importante estratégia de sobrevivência que seu povoado desenvolveu ao longo de gerações, enquanto que seu projeto novo é ilegível. Descumprir essa obrigação é quase como rebelar-se contra o amor paterno.

Sua obstinação na entrega aos estudos, agora em Salvador, e às “coisas da educação” mostram-se bastante compreensíveis, assim como sua fala: “Não tenho como não dar certo. Eu não tenho essa possibilidade”. Wilson, ao inventar uma trilha para seu sonho de viver a educação, traz consigo a atenção e a esperança de uma comunidade inteira. Ele sabe como passou a ser visto e do peso que isso representa: “Já sou visto lá como alguém que deu certo. Está entendida a responsabilidade. Além de eu considerar um fracasso, obviamente as pessoas também considerariam. E eu não sei o que é mais difícil”.

Nessa nossa conversa, ao final do semestre, Wilson comenta que em uma das visitas que fez ao povoado durante estes primeiros meses, foi recebido pela comunidade da igreja, para um evento de jovens, no qual foi tratado com especial atenção pela representante do evento, e que palestrou para todos os participantes na noite de abertura. Depois de enfrentados os diversos desafios e obstáculos, Wilson, para sua comunidade, passa da condição de estranho para a de estudante bem sucedido.

Antes de acessar seu novo status, porém, Wilson teve que lidar com os desafios de não desistir de seu sonho, vencendo a pressão da desqualificação constante exercida pelos alunos do ensino médio, em parte pela família, mas também teve que

vencer o medo que a instituição UFBA e seu vestibular exercem sobre seus alunos. Mais do que o medo, Wilson também teve que superar as deficiências do ensino a que teve acesso.

> [...] o que eu acho que o que precisa para estar aqui, na verdade, claro que precisa de uma certa inteligência, mas o que na verdade precisa para estar aqui é uma grande motivação, até pelo processo seletivo que a UFBA submete seus alunos, que eu não concordo, acho um processo seletivo fora da nossa realidade.
>
> Fábio – Por que?
>
> Wilson – Porque eu acho de uma dificuldade desnecessária para submeter os alunos, ou seja, o grau de dificuldade que o vestibular da UFBA oferece, ele é diferente de todos outros vestibulares, ele é um grau muito elevado, e eu acho que isso não é benéfico, entendeu? não vejo em que isso e benéfico. Acho que tem que haver sim um processo seletivo, que de fato como o próprio nome diz, que selecione as pessoas, mas com esse grau de dificuldade eu acredito que seja desnecessário, porque tem pessoas que se auto-excluem do vestibular da UFBA. Eu tenho colegas, da minha sala, no meu colégio, eu estudei inclusive num colégio de 3.600 alunos, o único que passou no vestibular fui eu, só que, não sei, no máximo não fizeram o vestibular da UFBA.

Podemos começar a entender, então, que para o aluno tornar-se estudante da UFBA, por exemplo, ele necessita primeiramente da motivação de Wilson, e parece realmente que sua análise é pertinente, porque mesmo que um aluno de pré-vestibular seja muito inteligente, se ele se auto-excluir será eliminado do processo em seu princípio. Além do forte desejo, Wilson empenhou-se inteiramente para construir etnométodos que o permitissem acessar um curso pré-vestibular, e sua grande motivação para enfrentar todo esse percurso e a temida prova da UFBA.

Assim, pensar em um tempo anterior à entrada na universidade inclui esse momento decisivo de seleção individual e social, no qual o aluno alimenta seus projetos com fantasias e expectativas de uma outra vida, uma vida universitária. Para Pichon-Rivière (2009), o projeto relaciona-se a uma adaptação ativa à realidade, e ocorre quando o sujeito não se encontra paralisado diante as mudanças ou ao seu contexto externo, mas mantém a capacidade de realizar novas aprendizagens.

A recepção com que cada estudante teve sobre a notícia de sua aprovação no vestibular pode ser um indício do quanto esse tempo do desejo foi alimentado pelo estudante. Alguns entrevistados, como Tatiane e Jéssica, mal se lembravam que naqueles dias o resultado do vestibular sairia. Tatiane, por exemplo, passou em

outros vestibulares, e sua permanência em Salvador pareceu estar sempre condicionada aos primeiros resultados, e sua desistência sempre esteve em pauta.

Mara e Wilson, ao contrário, fizeram festa com a notícia da aprovação:

> Quando pensa que não, saiu o resultado do BI, meu irmão foi normal para uma *lan house*, né, porque a internet em casa não estava prestando, ele foi normal para uma *lan house*, quando chegou lá, esta lá: resultado do BI tinha saído. Quando ele olha lá, esta lá o meu nome. Rapaz, eu estava na frente de casa com minha mãe, de repente é vem meu irmão lá meu irmão, pulando, gritando, e eu "meu Deus, mainha, olha Daniel vem pulando ali, porque?", aí minha mãe fez "Raquel, porque alguma coisa aconteceu", quando Daniel chegou ele fez "Raquel, levante porque você acabou de ser aprovada", eu "meu Deus", eu comecei a gritar, os vizinhos logo começaram a perceber a alegria da gente, aquela coisa, todo mundo começou a encostar, perguntar o que foi, minha mãe mandou fazer uma faixa, a gente fez uma faixa, colocou meu nome em oração lá na igreja, aquela maior coisa, sabe? Aí a gente ficou naquela maior felicidade, fizeram uma festa para mim. Aí tudo bem, "vamos agora preparar sua ida para Salvador, comprar suas coisas para você ir para lá, se adaptar", aquelas coisas tudo, aí quando eu vim para cá eu fiz minha matrícula, eu fiz "pronto, agora eu estou dentro da UFBA". (MARA)

Para esses dois estudantes, em diversos momentos verbalizaram a necessidade de “dar certo”, de vencer os obstáculos encontrados no processo. Cada um a seu modo permanece empenhado a encontrar caminhos para fortalecer sua permanência e garantir sua afiliação.

Talvez o tempo do desejo incorpore recursos internos para o estudante utilizar em sua afiliação. Esses recursos, arrisco a dizer, também são recursos do grupo, que como aparece na fala de Mara, o grupo familiar, da igreja e da vizinhança faz parte de sua nova trajetória, acompanhou com ela seu rito de passagem, tornaram-se cúmplices. Reginaldo também relatou a importância que o apoio dos amigos, da família e da namorada possuiu para seu novo momento. Wilson, por sua vez, mesmo contrariando a tradição do trabalho em detrimento do estudo, conta com o apoio de seus pais, e já se tornou uma pessoa importante para que outros jovens de sua pequena cidade construam seus projetos e avancem no tempo do desejo.

## 7.3 A PRESSÃO DA NOTA: A AFILIAÇÃO INTELECTUAL TENSA

No dia em que realizei o acompanhamento com Wilson, de sua casa até a universidade, ele tinha clareza da distribuição de seus horários de estudo. Disse que pela manhã, estuda das 7 horas até às 11h30, depois toma banho, se arruma, vai para o ponto de ônibus ao meio dia e só chega na universidade às duas horas da tarde. Almoça no restaurante universitário, depois fica até umas 15 horas conversando com os funcionários do IHAC, quando se dirige até a biblioteca, próxima ao instituto, e lá permanecendo até às 17h30, 18 horas, para depois retornar ao restaurante universitário para jantar. Depois disso, dirige-se para sua aula.

A sua entrada no grupo de pesquisa para conseguir a bolsa, trouxe também a ele algumas exigências de tempo-espaço em sua rotina. Apesar do recebimento da bolsa ser condição para sua permanência na cidade, Wilson analisa o quanto as atividades envolvidas interferem em seu cotidiano, trazendo a reflexão de seus colegas de curso:

> Está sendo muito corrido. Principalmente por causa do projeto. Meus colegas não entrariam jamais agora, porque requer uma dedicação de uma cota de tempo. Um dia ou dois da minha semana é perdido para os estudos. A pressão do BI é muito grande, a questão da nota, também.

Wilson parece não considerar o aprendizado envolvido em suas ações no projeto, as relações estabelecidas com outros bolsistas, estudantes de outros cursos, e outros pesquisadores, limitando-se a avaliar o tempo “perdido”, um ou dois dias na semana que poderia estudar para alcançar uma nota maior.

A pressão pela nota faz com que suas relações com outros estudantes sejam enfraquecidas, ficando Wilson muito mais focado nas “coisas da educação” do que nas “coisas da vida”, como foi observado anteriormente na seção sobre vínculos.

Essa pressão em trabalho em grupo se dá tanto pela ansiedade da nota, quanto no que ele se refere como “falhas em trabalhos”, ao que ele relaciona com seu histórico de estudo em escola pública: “Como eu vim de escola pública, as pessoas interessadas são exceção. Sempre tomei as rédeas de tudo. Na universidade todos

são interessados, e agora tenho dificuldades em distribuir tarefas e não centralizá-las".

A grande tensão nessa dimensão de sua vida, como uma das suas principais ações para transformar sua realidade e lutar por seus sonhos, aparece exagerada no momento em que se depara com alunos tão interessados quanto ele em tirar boas notas, em dedicar-se aos estudos, ao contrário de todo seu percurso até aqui. Essa sua grande vontade, podemos observar no relato que faz do período que ia para a escola de ensino médio: "Ao chegar, mesmo com muita fome, eu me dedicava o máximo possível, como se aquela fosse a minha única chance de mudar de vida (o que acredito que tenha sido)".

Wilson, deparando-se com novos comportamentos dos estudantes, consegue observar seu comportamento de querer centralizar tudo, e ainda identifica uma história para esse seu comportamento, justificado pela apatia de seus colegas. Os desentendimentos com seus colegas universitários o auxiliam a encontrar novas soluções para continuar em sua busca tensa por boas notas, mas que não inviabilize o trabalho em conjunto. Wilson passa a reavaliar sua postura com os demais estudantes, ouvindo, por exemplo, a observação da colega de que ele não faz UFBA, mas vive a UFBA.

No processo de afiliação intelectual de Wilson, o estudo é seu foco principal, e a UFBA sua casa. No acompanhamento realizado, ele comenta que adora ir para a UFBA cedo, e completa: "Eu não me sinto em casa lá [no apartamento], eu me sinto em casa aqui [na UFBA]".

## 7.4 A AFILIAÇÃO À SALVADOR: UMA FORMIGUINHA NO DESERTO

Existem peculiaridades importantes no processo de afiliação por quem vem de uma cidade do interior, porque esse processo não é vivenciado da mesma forma para todos os indivíduos, mas irá variar de acordo com seu itinerário anterior. Dentre essas diferenciações, Coulon (2008) também considera as experiências dos estudantes que vem do interior, vivenciando rupturas diversas, submetendo-se a uma ruptura tripla de deixar o colégio, sair da casa dos pais e deixar sua cidade do

interior para morar em Paris. Outros alunos na mesma condição relatam ao autor as dificuldades de se viver nessa grande cidade, referindo-se ao modo de vida das pessoas, aos rompimentos de vínculos afetivos com pessoas da cidade de origem, e às dificuldades relativas aos deslocamentos.

Na afiliação à cidade, todas as dimensões anteriormente citadas entram em jogo. Assim, essa afiliação não se restringe apenas a uma questão de tempo e espaço, embora determinante, mas também operam a dimensão afetiva e o aprendizado das regras e dos códigos locais.

Nem sempre os candidatos à vida universitária migram de uma pequena cidade para uma metrópole, ou muitas vezes não mudam de cidade nem de casa, o que nos leva, portanto, a inúmeras composições específicas que se constituem em cada caso em particular.

Grandes diferenças nessas dimensões podem representar aspectos desafiantes para a afiliação do estudante. Ainda sobre a dimensão de tempo-espaço, um estudante que sai de uma grande cidade e chega para morar em uma cidade muito menor, também enfrentará uma aprendizagem.

Grandes diferenças na dimensão do aprendizado das regras institucionais, ou seja, no funcionamento da cidade, poderia ser traduzido como diferenças culturais entre as regiões, cada qual com sua linguagem e significados próprios. São códigos novos que o estudante precisa decodificar e aprender a utilizar com desembaraço para se tornar um membro competente na nova comunidade. No caso desse estudo, pose ser que também entre em operação uma afiliação à modernidade.

Assim como as demais afiliações, também na afiliação à cidade é marcada em seu primeiro momento, pelo estranhamento. Tanto Tatiane, Jéssica, Mara, como Reginaldo classificaram o primeiro contato como um choque.

> [...] eu cheguei psicologicamente abalado em relação… eu estava deixando minha família, minha família ficou muito triste… muito feliz por saber o que eu vinha fazer aqui, mas muito triste porque um filho estava saindo de casa, indo para uma cidade totalmente desconhecida, extremamente violenta, né? E todos os problemas que Salvador tem, que eles conhecem, eles temeram por conta disso. Eu vim. (WILSON)

No diário de afiliação que pedi para Wilson escrever, ele retoma o momento da chegada em Salvador, relembrando com mais detalhe a despedida dos pais, que acabou não aparecendo na entrevista:

> Chegou o grande dia, hoje (01/03/2010) viajarei a Salvador para dar inicio a uma nova vida: a de universitário da UFBA. Desde ontem que meus familiares choram (em especial meu pai) que sente muito medo do que pode me acontecer em uma cidade grande como Salvador.
>
> Tanto meu pai quanto minha mãe me acompanharam até Entre Rios. Fomos todos no ônibus da "feira" como é chamado o transporte que leva as pessoas até a sede do município.
>
> Em Entre Rios nos despedimos (emocionados é claro) e segui rumo a Salvador. Parecia sem fim, acho que na verdade era minha ansiedade que não me deixava relaxar. Ao chegar me senti uma pequena e insignificante formiguinha no deserto, mas não desanimei.

Depois dos momentos de resistência que Wilson teve que passar, chega o momento que todos, e em especial seu pai, ficam emocionados com a despedida, além do fato de distanciar-se de um filho, seus pais se preocupam muito devido às notícias de violência: "[...] muito medo do que pode me acontecer em uma cidade grande como Salvador". Embora essa frase possa conter os ingredientes suficientes para trazerem medo e inquietação para seus pais, no caso de Wilson aparece como bendita possibilidade de, realmente, começar uma "nova vida". Se a tradição garantia a tranquilidade da certeza na ordem dos acontecimentos, Wilson, assim como Milton, declararam explicitamente o desejo por algo mais do que seu povoado poderia oferecer. Salvador apresenta-se como uma terra onde poderá semear novas esperanças.

Salvador apresenta-se uma cidade que exerce grande fascínio para esses estudantes que chegam do interior. As praias, os cinemas, os teatros, os *shows*, as "outras culturas", aparecem como os principais atrativos, mas essa expectativa permanece como tal durante os primeiros momentos na cidade, porque não são vivenciados de fato por eles em seu cotidiano, principalmente devido às restrições financeiras e ao medo da violência.

Wilson já havia vindo para Salvador algumas poucas vezes para resolver assuntos referentes à saúde, sem deixar muito claro se isso se referia a ele ou a parentes, mas o que importa agora, é que ele já tinha alguma experiência com a cidade, mas, justamente o caráter transitório de suas passagens anteriores, conferiram

experiência muito diferente daquele que ele vivenciou em sua chegada no início do ano:

> Já tinha vindo, a gente de vez em quando, raramente, a gente vem pra, em relação à saúde, um exame, uma consulta, uma coisa do tipo, já tinha vindo já aqui algumas vezes, mas nada como essa. Porque você vem com a impressão de que você tem que ficar aqui, hoje você não vai embora tal dia, você vai ficar por tempo indeterminado. A primeira impressão é terrível, você vê essa cidade imensa, você se sente uma formiguinha no meio dessa cidade imensa, muito medo em relação à violência, mas o que me coloca medo em relação à violência, porque eu nunca tive medo do novo, mas tenho muita apreensão, como de fato ainda tenho, em relação à violência, né? [...] vim com minha mãe para fazer a matrícula. [...] minha mãe achou muito estranha a UFBA, achou muito estranha.

Os estranhamentos muitas vezes são depreciativos, porque também trazem consigo incômodos, restrições e imposições, não só da violência, mas também, como no caso de Wilson, devido às suas restrições financeiras ele teve que se mudar para um bairro distante e que considera violento. Contudo, ao falar mais sobre as impressões de sua mãe sobre Salvador pode-se perceber que nessa primeira entrevista o olhar sobre suas origens também é depreciativo:

> [Ela] Achou muito feia a UFBA, disse que parece uma caatinga, porque lá a gente tem uma caatinga que chama-se "caatinga do engenho", que é uma caatinga muito grande, chama-se caatinga do engenho porque lá ha muitos anos, uma questão histórica, houve uma, foi uma localidade indígena, e tal, chama-se caatinga do engenho… e ela comparou a UFBA com essa caatinga porque aqui é muito arborizado, ela comparou com a caatinga do engenho, achou muito feia, e tal, estranha, e aí eu ate ri com ela e disse, é aqui parece realmente a caatinga do engenho, mas o mais importante daqui mãe é a produção científica que sai daqui, a produção científica, a produção científica, a produção de conhecimento que sai daqui a senhora não tem nem noção, mas, primeiro porque ela não sabe o que é produção cientifica, muito menos produção de conhecimento. Produção de conhecimento pode ser que ela saiba, mas meio que por alto.

Mesmo concordando com a mãe das semelhanças entre a universidade e sua cidade, Wilson desqualifica a opinião dela, trazendo informações que ela desconhece. Somente depois, quando do segundo contato com ele, já ao final do segundo semestre notaremos uma mudança nessa perspectiva sobre sua cidade de origem.

Outros estranhamentos que Wilson relatou, além das questões já discutidas da diferença de velocidades, do tempo-espaço, são as transmissões locais de televisão que o deixaram indignado:

> Uma coisa que me deixou muito assustado e que eu detestei, porque lá a gente não tem a transmissão dessas outras emissoras, a única emissora que chega lá, local, é a TV Bahia, então eu fiquei assustado quando eu vi os programas que aqui são transmitidos da TV Aratu, se eu não me engano, essa ainda é mais light, parece que a TV Itapoan, da TV Record, que é a local da TV Record, é, a principal é isso, acredito. Muita violência, um programa terrível. Eu não sei como podem permitir um programa daquele num horário daquele, porque é assustador, e para quem é novo na cidade, liga e esta passando aquilo ali, pelo amor de Deus, então terrível, mas, voltando ao ônibus, é muito cheio também mas nada que se compara aqui, vai muito devagar, o tempo que leva pra escola, apesar da distancia ser muito menor aqui, o tempo, apesar da distancia ser parecida, aqui é tudo muito rápido.

Se a vinda de Wilson foi marcada pelo medo dos pais, e também dele, diante das notícias de violência, podemos supor que essa reação teria sido ainda maior e que talvez até trouxesse outros impedimentos para sua vinda à Salvador, se a família tivesse acesso aos programas locais que são exibidos na capital, cujo tema e estética é de se fazer espetacularização da violência. O povoado de Wilson só foi receber energia elétrica em meados do ano de 2002.

Outro aspecto importante de Salvador, comentado por quase todos os estudantes entrevistados, é o custo de vida na cidade, que eles consideram exorbitante, e os obrigam a aprender rapidamente a calcular com os preços da capital os produtos que tem que comprar, um etnométodo importante no cotidiano:

> [...] aqui tudo é muito caro, eu não acredito que exista uma cidade nesse pais mais cara que Salvador. Tudo aqui é muito caro. Tudo aqui é caro, tudo. Absolutamente tudo aqui é muito mais caro que lá, muito. Eu fui fazer uma… eu que estou preparando as minhas refeições, então, você vai ao supermercado tem que estar antenado porque senão você deixa mais da metade do que você pegou no caixa.

No momento dessa primeira entrevista, Wilson ainda não estava se alimentando no restaurante universitário, o que implicava em outra organização de suas despesas e de seu tempo, como o tempo despendido nas compras e no preparo dos alimentos. Em nosso segundo encontro, todavia, sua indignação com o preço dos produtos

continuava: “Banana é uma das coisas que mais me deixa indignado, porque lá é de graça, aqui é um absurdo de caro. Lá, você vai no quintal e escolhe”.

### 7.4.1 Tempo de Aprendizagem

Poder realizar dois encontros com cada estudante proporcionou a possibilidade de observar algumas diferenças entre as primeiras semanas e as últimas do semestre. Observo, então, que há um processo em andamento, que Wilson também está se tornando membro da cidade, assim como da universidade. Como no dia do acompanhamento notei que Wilson via em sua “prima” traços característicos da capital, perguntei a ele:

> Fábio – Você acha que morando aqui, como no caso da sua amiga, você mudou de alguma forma, houve alguma mudança? Você está sofrendo alguma mudança?
>
> Wilson – Sofre, sofre, tanto ela, eu, acho que ninguém está protegido de sofrer essas mudanças porque você acaba, eu diria que acostumando com algumas atitudes, e daqui a pouco além de você achar normal, você já está fazendo a mesma coisa, você, por exemplo, eu já, já… quando chego, quando vou para a roça, já sinto uma certa falta da correria disso aqui, que quando eu vim, eu sentia falta da paz de lá, hoje já sinto falta da correria daqui quando eu chego lá.

Muito significativa essa passagem, em que Wilson observa uma mudança em sua relação com os acontecimentos, sentido falta da “correria” daqui, da universidade, como da cidade, começando a se acostumar com as mudanças, começando a considerar o estranho normal, e a paz do interior que antes fazia falta para ele na capital, agora, quando está na roça, essa paz incomoda, porque já está em pleno processo de aprendizagem do tempo da metrópole, repleto de mudanças e de acelerações.

O tempo de aprendizagem, marcado justamente por estar entre o tempo inicial de estranhamento e o final, de afiliação, marca este período em que o estudante começa a ter domínio sobre os novos códigos, mas ainda não é um membro definitivamente, assim como já não se encontra mais na situação anterior, posicionando-se em uma situação um pouco incômoda de não se sentir nem de cá, nem de lá.

Essa mudança em Wilson, além da inquietação ao interromper o fluxo de alta velocidade da capital, trouxe também uma outra visão sobre seu povoado e as pessoas de lá:

> Fábio – Quando chega lá você fica um pouco inquieto?
>
> Wilson – Eu fico um pouco inquieto, e eu olho as coisas, eu consigo hoje ver as coisas lá por outro ângulo, que eu não consegui quando eu estava lá, um ângulo muito mais bonito, eu diria. Eu diria que muito mais bonito. A forma de falar das pessoas, eu valorizo mais, a forma de ser das pessoas, eu valorizo mais a forma de ser das pessoas de lá, de falar, de agir, de pensar, eu valorizo mais. Eu olhava antes com um certo olhar de preconceito. Hoje não, eu olho com um certo olhar de admiração, e as pessoas lá não são muito ricas, mas elas tem uma riqueza incalculável. A simplicidade e as coisas mínimas. O valor que elas dão às coisas pequenas, isso é indispensável para viver bem, isso é indispensável.
>
> Fábio – Que coisas pequenas?
>
> Wilson – As coisas pequenas como por exemplo o relacionamento com o outro, as coisas pequenas como por exemplo acordar cedo e presenciar o sol nascendo, as coisas pequenas do dia-a-dia que elas dão mais valor. A religiosidade. A religiosidade é algo presente lá, algo forte, algo que eu tenho também, que eu trouxe para cá, algo que me fez vir para cá e permanecer esse tempo todo aqui, também foi a religiosidade que eu também adquiri lá, né? A religiosidade de, nas noites de reza você ajoelhar perante um altar feito especialmente para um santo e você orar, e você pedir proteção e você sair de lá crente que você tem essa proteção. Isso, eu diria, que é a válvula de escape e ao mesmo tempo a recarga que eles recebem anualmente, porque essas festas acontecem anualmente. A fé que lá se encontra, ela é responsável, e muito pela sobrevivência e força de vontade daquele povo.

O tempo de estranhamento deu a Wilson a possibilidade de olhar de modo diferente para sua povoado de origem e para os hábitos que passou a enxergar quando foi confrontado com um cotidiano muito diverso. Ao deparar-se com as constantes fragmentações de tempo-espaço, com as relações desinvestidas de afeto e de presença, volta-se para suas origens e recorre a esse farto estoque de referências de ser, de falar, de pensar que conhece desde que nasceu, para repensar sua própria identidade, e sua postura diante dessa comunidade que, segundo ele, “[...] olhava antes com um certo olhar de preconceito”. A própria religiosidade apresenta-se na forma de uma relação direta, face a face, como Giddens (1991) observa nas práticas religiosas tradicionais marcadas pela transferência direta da confiança individual às figuras personalizadas de um santo, por exemplo. O que Giddens (1991) chama a atenção aqui, e que podemos pensar para o caso de Wilson, é que

nessas tradições religiosas, assim como na relação direta de tempo e espaço há dois princípios fundamentais que estão presentes, porque estão mantidas as relações pessoais. Esses dois princípios são a “mutualidade” e a “intimidade”.

Talvez a mesma intimidade que Manoel de Barros identificou ao olhar para o seu quintal, e, através desse parâmetro, medi-lo:

> Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2010, p.67)

Wilson, no início do semestre mediu sua mãe com os valores de mundo “mais culto”, que ele tanto valoriza, mas sua vivência no primeiro semestre permitiu mudar seus parâmetros para algo próximo ao que estamos chamando, aqui, de intimidade.

Além de voltar-se para sua cidade e reavaliá-la, a afiliação à Salvador, mostrou-se para Wilson, como uma possibilidade de reavaliar também a capital. No dia do acompanhamento, ele diz que seu objetivo antes de voltar para o Rio da Caatinga no final do semestre é ir ao *shopping center*, tomar um *milk shake*, e comer um lanche do *Mc Donald´s*. As referências de Salvador que obteve através de seus colegas, convocavam-no a experimentar novos sabores da capital. Se o bolo não tem muito sabor, a propaganda desses produtos enchiam-no de expectativas.

Devido a intimidade que desenvolvi com Wilson através das atividades do grupo de pesquisa em comum, propus a Wilson uma visita a um *shopping center*, com direito a esses produtos desejados e a um filme. Apesar da oferta que, aparentemente, bastante prazerosa dada a força de sua intenção transformada em objetivo, foi difícil marcar um dia que ele não estivesse estudando. Já na quarta tentativa, prestes a desistir, Wilson aceitou o convite. Pedi a ele que escrevesse algo sobre esse dia:

> Fui convidado a ir a um *shopping* pela primeira vez e aceitei na mesma hora. Foi uma visita muito estranha, pois eu não imaginava que ele poderia ser tão grande e que poderia juntar tantas pessoas. As lojas são muito lindas e caras... Pelo menos para mim no referido momento.
>
> Tive medo até de me perder dentro daquela imensidão de pessoas e luxo. Porém apesar disso me diverti muito e a melhor parte ficou por conta do filme que assisti (*Shrek*) ahh... Assistir tomando *milk shake* “pense em uma chiqueza”. Se eu contar no Rio da Caatinga (meu

> interior) ninguém vai acreditar, e se eu disser que depois fui comer no *Mc Donald's* aí é que vão me chamar de mentiroso.
>
> Cheguei em casa incrivelmente feliz, cantarolando, sorrindo e me sentindo útil. Como pude viver tanto tempo sem conhecer essas maravilhas da vida moderna? E como ainda tem tanta gente que só sabe que existe pele TV? Como é o caso de todos que vivem em meu pequeno povoado do interior da Bahia.

Wilson, em processo de afiliação à vida moderna.

Para Milton, morador há dezoito anos em Salvador, a afiliação à cidade já ocorreu, transformando-o em um membro da capital, e agora estrangeiro em sua cidade de origem:

> [...] já me adaptei a Salvador, hoje quando eu vou para o interior, quando chego lá no interior não me acostumo mais, passa um dia dois já quero voltar porque lá é muito parado. Enquanto aqui está voando, lá está tentando caminhar, ainda, ainda está engatinhando, lá a criança nasceu, está querendo andar, e aqui não, já está voando, pegou vôo já, as coisas aqui passam muito rápido [...] (Milton)

# 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No movimento pendular entre teoria e pesquisa, chegou o momento de retomar as principais contribuições que esse trabalho espera ter. A própria organização dos aspectos discutidos sinaliza novas perspectivas de estudo, no movimento de retorno do pêndulo às bases teóricas que deram origem ao projeto de pesquisa. Se os resultados da pesquisa me levaram a novas propostas, certamente que estas sofrerão novas revisões ao serem retomadas e confrontadas com o cotidiano dos estudantes, sempre mais complexo e rico do que qualquer teoria.

A esfera das dimensões da vida universitária foi o ponto mais ambicioso a que me atrevi rever na obra de Coulon (2008). À lista das regras do conhecimento e da instituição, do tempo, e do espaço, acrescentei a dimensão afetiva e a dimensão material ou dimensão financeira, além de preferir tratar conjuntamente o tempo e o espaço, passando a considerá-los uma única dimensão.

As dimensões, de tempo-espaço, afetiva, e material/financeira compreendem aspectos que atuam intermitentemente na vida do estudante e influenciam todo o conjunto das afiliações. Assim, se uma dessas dimensões estiver representando problemas, haverá repercussões em outras áreas ou dimensões de sua vida. Essas dimensões atravessam todo o processo de entrada da universidade e irão acompanhar o estudante durante todo seu trajeto. Será, então, sua habilidade e o apoio recebido para lidar com essas dimensões, que conduzirão sua história na universidade.

Os exemplos podem ser muitos, e é através da dinâmica dessas dimensões da passagem à vida universitária, que o estudante pode manejar suas estratégias para tentar um equilíbrio. Se há sérias restrições financeiras, o estudante pode encontrar apoio e instrumentação na afiliação intelectual e institucional, outros procuram abrigo na dimensão afetiva, buscando se fortalecer e encontrar soluções dentro de um grupo.

Durante todo o trabalho sinalizei a presença da dimensão financeira, mas não me dediquei a ela, porque sempre compreendi que fugia muito das ambições e das

condições desse estudo, que se empenhou em estudar o processo de afiliação nas relações do estudantes com uma cidade nova, observando os aspectos relacionados com tempo e espaço.

Decorre daí que as observações realizadas a respeito do tempo-espaço me levaram a considerar a dimensão de tempo-espaço como atuante em todo o processo de afiliação, mas ainda mais decisivamente no período em que o estudante chega a uma nova cidade para estudar. Além disso, essa dimensão apontava para a existência de outra, a afiliação afetiva, complementar e mutuamente relacionada com as composições de tempo-espaço, e aparentemente mais destacada aos olhares de quem chega de uma pequena cidade do interior.

Se há grande dificuldade na dimensão de tempo-espaço pode haver repercussões na dimensão afetiva do estudante. A dimensão de tempo-espaço implica condições para as relações, para o estudo, para a universidade e também para o trabalho, influencia tanto a afiliação à cidade quanto à universidade. Se a universidade situar-se em um grande centro urbano e o estudante vir de uma pequena cidade, o tempo e o espaço apresentam-se como uma das principais dimensões que se encontra em jogo na afiliação desse estudante. Essa dimensão está na base de quase todos os fenômenos e acaba se tornando mais importante nas discussões sobre a contemporaneidade e sobre a vida nas cidades, principalmente nas metrópoles.

Em decorrência dos diversos desdobramentos observados nas dimensões de tempo-espaço, afetiva e financeira para os estudantes que chegam do interior, identifiquei uma afiliação deles não somente à universidade, mas também à cidade. Nessa passagem um complexo aprendizado está em jogo, e aqui mais do que nunca sua situação de estrangeiro está revelada e o condiciona a um aprendizado de novas regras e às tensões que as mudanças promovem. Aqui, então, com a afiliação à cidade, trago outra proposta de composição teórica.

Ao considerar a afiliação à cidade, abre-se um panorama imenso que colocaria todo deslocamento como possível processo a ser investigado e não somente nos casos de estudantes que entram na universidade. No presente caso, com o foco nos estudantes, vale considerar que nem sempre estes partem de pequenas cidades para as metrópoles, porque as universidades estão distribuídas em diversas regiões

e cidades, sendo muitas delas de pequeno porte, mas que recebem regularmente muitos estudantes dos grandes centros.

No caso de Salvador, pude verificar o tempo do estranhamento com os estudantes que acabavam de chegar, e com as replicações teóricas, observar processos mais avançados da afiliação. Os principais estranhamentos podem ser reunidos em torno do tamanho da cidade, da quantidade de habitantes e de carros, do custo de vida, e dos modos de relacionamento.

No esforço de afiliação à cidade, os deslocamentos resultam em pontos de tensão nesse delicado processo, no qual estão participando os longos percursos, a habilidade de pedir ajuda, e as tentativas de localizar-se. Diante das diversas dificuldades, os estudantes atravessam o medo e o transtorno de pegar ônibus errado, e utilizam com maior frequência a estratégia de informar-se com um usuário mais experimentado, do mesmo modo como um calouro da universidade se interessa pelas informações de um veterano.

De modo geral, a percepção predominante é de que, em suas cidades de origem, tudo está ao alcance das mãos. Como as distâncias são muito mais curtas do que em Salvador, há o hábito de se andar a pé ou de bicicleta, e quando se está com mais pressa ou se quer atravessar uma distância maior, usa-se o moto-táxi. Enquanto que em Salvador os estudantes se vêm praticamente obrigados a andar de ônibus, na cidade deles andavam muito a pé. Acostumados com a proximidade que sua cidade proporcionava, estranham muito a “imensidão” da capital. Algumas falas são marcadas pela angústia de se sentirem perdidos e com pouquíssimo controle sobre suas novas vidas.

Utilizar o transporte coletivo de Salvador exige dos estudantes um aprendizado complexo. Essas dificuldades decorrem da grande quantidade de empresas em operação, pelas diversas possibilidades de trajeto da mesma linha, pela seleção de pontos de ônibus que as linhas fazem, pela grande quantidade de informação em cada ônibus que precisa ser decodificada em um átimo de tempo, devido à alta velocidade com que passam pelos pontos, e ainda pela quase completa inexistência de material informativo disponível aos usuários. Completando o quadro das dificuldades, a restrição de horários de ônibus até a meia noite, a redução de ônibus aos domingos, a sensação de estar em uma “lata de sardinha” provocada pelo

número insuficiente de carros para a quantidade de usuários, os trajetos das linhas muito pouco objetivos resultando em longas e demoradas voltas pela cidade, e os engarrafamentos diários em locais e horários de grande concentração de veículos.

A necessidade em estar sempre em busca de informação esbarra em diversos problemas da dinâmica da cidade, como o medo da violência, a pressa, certa indiferença das pessoas, o individualismo. Por outro lado, os estudantes, enfrentando essas dificuldades, atravessam seu processo de afiliação à cidade, mapeando seus pontos de referência, compreendendo quais as proximidades entre essas localidades, os diferentes trajetos dos ônibus, e até mesmo, aprendendo a lidar com esse modo de interagir das pessoas na rua, aprendendo a pedir informação nestas condições.

A alta densidade demográfica da cidade também traz novas experiências para os estudantes acostumados a outras composições da dimensão de tempo-espaço. Alguns estudantes estranham o tamanho das casas e a proximidade espacial com a vizinhança, decorrendo daí algumas dificuldades para estudar devido ao uso de som alto dos vizinhos. A proximidade espacial com os vizinhos não se configurou em relações próximas, mas sim em distanciamento das relações. A grande extensão territorial da capital em comparação com as cidades do interior, combinada com a limitação de vias, com o aumento vertiginoso da frota de veículos na cidade nas últimas décadas e a pequena expansão do número de ônibus disponível em determinadas linhas, parece, gera comportamentos agressivos no trânsito e grande desconforto para os estudantes que precisam enfrentar essa realidade diariamente.

Os engarrafamentos foram vivenciados como novidade em um primeiro momento, e alguns estudantes desenvolveram etnométodos para aproveitá-los como um “tempo livre”, no qual estudavam, aprendiam mais sobre o percurso e observavam outras pessoas no ônibus. Com o passar dos meses a experiência passou a ser considerada maçante, mas também habitual, na qual um dos estudantes já conseguia cochilar.

Uma mudança importante ocorre na vida do estudante quando ele muda de bairro. Em alguns deles os estudantes reaproximam-se da experiência do interior, em que tudo estava mais próximo, tudo estava mais fácil. Seguem diversas repercussões na vida do estudante, em seus relacionamentos, na sensação de segurança, no

dinheiro gasto com transporte, no tempo dedicado aos deslocamentos, aos estudos, mas a mudança também implica em uma retomada do aprendizado sobre os deslocamentos, mesmo para os estudantes da replicação teórica, que já moravam em Salvador.

O medo da violência em Salvador aparece constantemente nas entrevistas e parece interferir constantemente na vida dos estudantes. Quando se referem aos deslocamentos à noite ou nos finais de semana, o taxi, opção mais segura, não é acessível aos estudantes devido seu custo elevado. Os estudantes entrevistados já passaram pela experiência de ser assaltado ou tiveram alguém próximo a eles que sofreram essa agressão. Durante a pesquisa um informante foi assaltado, e após uma dos acompanhamentos que realizei com o estudante de sua casa até a universidade, fui assaltado no ônibus.

Em decorrência das dificuldades encontradas em seus deslocamentos na capital, a movimentação dos estudantes acaba limitada ao essencial, e mesmo nos momentos livres, mesmo com a vontade de sair, eles encontram diversas barreiras. O final de semana, que poderia tornar-se um momento de descontração, passa a se tornar um dos momentos mais delicados do processo de afiliação, quando as saudades aumentam e eles não vencem as dificuldades de locomoção.

Frustrados com o que encontraram em Salvador, alguns estudantes apontam para o fato de que as imagens divulgadas da cidade aumentam as expectativas de milhares de estudantes que pretendem mudar-se para a capital. Além de estudar, muitos desejam conhecer a cidade, ir para a praia, conhecer os pontos turísticos, mas acabam limitando suas experimentações devido às evidentes restrições financeiras e às dificuldades de locomoção. A “Salvador turística” não é acessível para estudantes com poucos recursos.

As chuvas em Salvador intensificam os problemas de locomoção, gerando uma sequência de atrasos que começam a se suceder com o transporte coletivo. Em dias de chuva o número de veículos circulando nas ruas aumenta bastante em Salvador, e juntamente com alguns pontos de alagamento ou de formação de poças, o trânsito torna-se muito mais lento e os engarrafamentos mais frequentes.

As dificuldades na afiliação à cidade, refletidas em problemas localização, de deslocamento trazem bastante sofrimento para os estudantes. Alguns deles dizem ter vontade de ir embora da cidade, de desistir, de voltar para a sua cidade, outros mostram indignação e angústia com a “imensidão” de Salvador. Em virtude dessas dificuldades, alguns estudantes preferem permanecer em casa a arriscar pegar ônibus, principalmente aos finais de semana, mesmo quando há a possibilidade de um encontro romântico.

Conhecer a UFBA é outro aprendizado, que coloca na mesma condição tanto os estudantes que já se afiliaram à cidade quanto aqueles que acabam de chegar. Esse aprendizado parece concentrar considerável complexidade em decorrência das características espaciais da universidade, constituída em campi descentralizados em alguns bairros da cidade, e também pela falta de sinalizações.

A sensação de encontrar-se perdido ou desorientado parece se acentuar nos estudantes que ainda enfrentam a afiliação à cidade. O modo como a universidade cuida de seus espaços, no entanto, pode contribuir para a permanência dos estudantes. Essa permanência pode ser observada em horas, em dias ou em anos. Quanto melhor a instituição interferir em seus espaços no sentido de criar condições de encontros, de estudo, de hospitalidade e de permanência, melhor será sua passagem à condição de estudante, à condição de membro competente da vida universitária. Sentindo-se mais à vontade nessa dimensão de sua vida, provavelmente as outras dimensões entrariam em operação de modo mais tranquilo.

Alguns estudantes expressaram seu descontentamento com a sensação de que a universidade não se preocupava em dar-lhes mais e melhores informações, e também ao não cuidar de seus espaços de modo a acolher a permanência deles. Um estudante sentiu que o entusiasmo que sentia em estar na UFBA começou a “murchar” ao passar dificuldades para encontrar informações, e outro comentou que a “zona” da primeira semana o fez pensar em abandonar o curso.

A dimensão afetiva, que proponho aqui como um aspecto presente em todo o processo de entrada na vida universitária, também pode ser estudado em seu caráter afiliativo. Ou seja, os afetos comporiam ininterruptamente o processo de afiliação dos estudantes na comunidade universitária, como seria de se esperar e poderíamos investigar suas articulações com a afiliação intelectual ou com a

afiliação institucional. Outra investigação possível, e não excludente, é observar os afetos, as angústias, os medos, as motivações, as emoções envolvidas, enfim, do mesmo modo como Coulon (2008) observa a afiliação intelectual ou institucional, e nomeá-la de afiliação afetiva.

Desta forma, entendida como uma afiliação, explicito seu aspecto processual, dinâmico, e assim como as demais afiliações, inclui rupturas e aprendizados. Em seu primeiro momento da afiliação, no Tempo do Estranhamento, também seria o período de maior tensão, que concentra as principais rupturas e desafios. Para os estudantes que chegam de outra cidade, como no caso dessa pesquisa, esse momento torna-se ainda mais complexo por intensificar as transições envolvidas. Acredito que nesse mesmo instante operam dois processos complementares e complexos. O estudante tanto passa pela despedida de seu mundo anterior, do colégio, da casa dos pais, do ensino tutelado, como também atravessa terreno desconhecido e abre-se para novas vinculações afetivas.

Passar no vestibular e cursar uma universidade trazem consigo, inevitavelmente, a vivência de novas condições de vida, mas, certamente que as mudanças mostram-se ainda mais intensas na vida dos estudantes que precisam sair de pequenas cidades do interior do estado. Esses estudantes vivenciam, então, tanto as ansiedades referentes à sua nova vida, as ansiedades de ataque, quanto o temor de perder os vínculos (PICHON-RIVIÈRE, 2009), o status e tudo o que já havia estabelecido em sua cidade de origem. É justamente através dos inúmeros vínculos produzidos pelo estudante nos primeiros momentos na nova cidade, que se estabelecerá boa parte do sucesso ou do fracasso em seu novo momento da vida. Na angústia dos primeiros momentos, encontrar “alguém em sua vida” e estabelecer de imediato algum vínculo, torna-se a primeira necessidade para alguns estudantes, e somente a partir desse primeiro passo que eles conseguem, então, dar continuidade a outras esferas de sua nova vida.

O pertencimento a um grupo parece contribuir muito no processo de afiliação do estudante, deixando-o mais tranquilo quanto à sua permanência da cidade. Os estudantes dos casos de replicação teórica, ou seja, aqueles que já moravam na cidade há mais de cinco anos, Jeferson e Milton, apresentam características diferentes nesse processo de formação de novos vínculos. Ao invés de se fecharem

em um grupo como os demais estudantes, eles se permitiram transitar e conhecer diversos deles. É possível que esses estudantes tenham entrado em um outro modo de operação de novas vinculações, agora não mais catalisadas pela necessidade imediata de estabeleceram novas relações, o que corresponderia ao mecanismo motivacional da teoria do vínculo de Pichon-Rivière (2009). De modo semelhante a contribuição de Bauman (1998) ajuda a pensar que esses estudante já atravessaram a afiliação à cidade e, portanto, sob esse aspecto já conquistaram maior liberdade.

Por outro lado, os estudantes que acabam de chegar à Salvador, possuem como características iniciais um menor domínio sobre as condições de suas vidas, e atravessam grandes mudanças, compondo um quadro de grande ansiedade para a construção de novos vínculos que, no primeiro momento, tendem a ser mais viscosos, mais aderentes.

No processo de afiliação afetiva, o projeto é um tempo fundamental para quem quer entrar em uma universidade, principalmente para quem deseja ou precisa, para isso, mudar de cidade. É o momento de mobilização de seus próprios recursos internos, de recolher informações sobre sua vida futura e criar internamente novas realidades. É através do projeto que o indivíduo se prepara para a mudança, construindo e reconstruindo, internamente, ou seja, fantasiando a “assunção” (PICHON-RIVIÈRE, 2007, 2009) de novos papéis. Quando estabelecemos vínculos, projetamos um projeto com os objetos ou com as pessoas, antecipando o que poderemos esperar de cada relação, criando um horizonte de expectativas. A partir desse desenho inicial, vamos, constantemente reavaliando e recriando esse projeto, através de frustrações, de surpresas, de antecipações ou de adiamentos. Uma vinculação plena acomoda muito projeto, construídos, consciente ou inconscientemente, de modo coletivo, em um interjogo de conflitos e de acomodações, como em qualquer relação.

Despedir-se da cidade de origem representa, também, diminuir paulatinamente as possibilidades de criar projetos coletivos com as pessoas com quem mantém vínculos, enquanto que quanto mais intensamente se der a afiliação afetiva à universidade e à cidade, mais rapidamente o estudante poderá criar projetos na nova cidade. Nesse sentido, os estudantes que se filiaram a grupos com outros

estudantes logo iniciaram atividades para-acadêmicas, e elaboraram os primeiros projetos em Salvador.

Ao falar de qualquer afiliação, entretanto, todas as dimensões estão presentes. As dimensões afetivas e de tempo-espaço atuam em composição, e a configuração dos espaços parecem refletir bem essa dinâmica. O processo de afiliação possui estreita relação com o espaço. Ser um membro competente desta nova comunidade exige do estudante conhecimentos que extrapolam os trabalhos acadêmicos, diz mais sobre as competências cotidianas na nova cultura que começa a conhecer, implica em uma apropriação de uma série de códigos que compõe o senso comum, nas práticas e interações aparentemente mais insignificantes. Desta forma, Coulon (2008) considera que permanecer na universidade o menor tempo possível, como faziam alguns estudantes na pesquisa que realizou na França, acaba por tornar ainda mais árido esse aprendizado, isolando esse estudante e interrompendo uma imersão na nova cultura. O autor demonstra claramente que ser estudante é um ofício muito mais complexo do que se supõe à primeira vista, depende de um aprendizado minucioso e sofisticado da 'linguagem natural do grupo', que requer tempo e, certamente, espaços de observação e convivência. Esse tempo na universidade requer um espaço que acolha uma permanência.

Os estudantes vão estabelecendo seus vínculos com os grupos e com os lugares, investindo de significado os espaços utilizados por eles. Alguns estudantes, no entanto, encontraram dificuldades para construir pontos de encontro, permanecendo em locais improvisados pelos corredores. Esses espaços transformados em lugares tornam-se, de alguma forma, seus. A precariedade de uma condição sem espaço aparece quando alguns estudantes afirmam que seu principal ponto de encontro é o ponto de ônibus, onde passam mais tempo juntos, esperando pelo ônibus.

A aceleração cotidiana parece ser tão grande no cotidiano dos estudantes que os espaços podem estar se empobrecendo de possibilidades de encontro e de estabelecimento de vínculos, tornando-os, cada vez mais, em "não lugares" (BAUMAN, 2001). Os espaços da universidade podem estar passando por um processo de esvaziamento de sentido, tornando-se "não-lugares", assim como as autopistas, os aeroportos, os quartos de hotel, cujo objetivo é ser utilizado e deixado para trás.

A universidade pode estar passando por um processo de esfarelamento de sua função formadora, da criação e da vivência de uma cultura universitária que implica uma relação diferente dos estudantes com a instituição, com o conhecimento e com um círculo de amizades. As transformações na contemporaneidade parecem ter atravessado as rotinas da universidade em seus aspectos mais sutis, implicando no esvaziamento do coletivo em detrimento dos interesses particulares, de uma despolitização generalizada, da fugacidade dos encontros, e no utilitarismo das ações.

Havendo uma grande diferença entre a capital e o interior quanto às disponibilidades em se estabelecer novos vínculos de atenção e cuidado, o estudante que chega a Salvador para estudar, terá que despender grande acervo de habilidade inter-relacional, tolerância e manejo para administrar as ansiedades derivadas dos medos de ficar sozinho, de estar abandonado, de perder os vínculos já conquistados anteriormente, e de permanecer vulnerável na nova cidade.

Os estudantes enfrentam muitas dificuldades para estabelecer vínculos na capital. Em diversos relatos aparece a referência do estranhamento da relação interpessoal com pessoas desconhecidas. No interior, por exemplo, os estudantes possuem o hábito de cumprimentar as pessoas, enquanto que esse comportamento em Salvador não possui o mesmo sentido. Na capital, está em operação um modo muito diferente de viver coletivamente, e eles estranham muito esse desinteresse pela vida das outras pessoas. O interesse pela vida das outras pessoas, que para um morador do interior é visto como hospitalidade, educação, carinho e cuidado, na capital a mesma atitude pode ser interpretada como intromissão, controle, bisbilhotice, vigilância. Se a segurança é um dos principais valores do interior, na capital esse lugar cabe à liberdade, portanto, as ações de observar, contar histórias uns dos outros, ficar na rua conversando, possuem lugar central na rotina das pequenas cidades, criando através dessas práticas uma rede de informações e de segurança.

Enquanto na capital a vizinhança limita-se ao bom dia, na cidade do interior, ao que parece, os vizinhos fazem parte do convívio diário, compondo uma rede de troca de informações e de partilha do cotidiano. Se por um lado esse sistema garante

segurança e controle para seus habitantes, por outro, pode gerar dificuldade de aprendizado de novas realidades, e uma estagnação.

Salvador, portanto, apesar das características maníacas de intensa aceleração e mudança, apresenta-se, por essas mesmas qualidades, como uma cidade de esperança, onde novas possibilidades estariam à disposição dos “estrangeiros”. A capital exerce grande fascínio para esses estudantes que chegam do interior, vendo aqui uma possibilidade de expansão de seus horizontes culturais, entrando em contato com um universo muito maior de pessoas e de diferentes formas de convivência, além de sua vida cultural mais intensa, com seu sistema aparentemente sempre aberto às mudanças. As praias, os cinemas, os teatros, os *shows*, as “outras culturas”, aparecem como os principais atrativos, mas essa expectativa permanece como tal durante os primeiros momentos na cidade, porque não são vivenciados de fato por eles em seu cotidiano, principalmente devido às restrições financeiras, às dificuldades de deslocamento e ao medo da violência.

Finalmente, o Tempo do Desejo compõe a última proposta desse estudo para a teoria da afiliação, e mostrou-se importante a partir das entrevistas com os estudantes. Como no presente estudo tenho interesse pelas relações do estudante com sua cidade de origem, e durante as entrevistas procurei investigar a narrativa que antecede o ingresso na universidade, considero pertinente falar de um tempo anterior ao que Coulon (2008) propõe como o primeiro no processo da afiliação, porque parece uma etapa tão importante quanto as demais. Esta etapa fornece informações importantes para pensar as relações da universidade com sua comunidade, que Boaventura (2005) propõe como elemento nuclear para repensar a universidade, assim como para investigar mecanismos que facilitam ou dificultam a afiliação como um todo, e que tem seu ponto central em um período anterior à entrada na universidade

Assim, pensar em um tempo anterior à entrada na universidade inclui esse momento decisivo de seleção individual e social, no qual o aluno alimenta seus projetos com fantasias e expectativas de uma outra vida, uma vida universitária. Para Pichon-Rivière (2009), o projeto relaciona-se a uma adaptação ativa à realidade, e ocorre

quando o sujeito não se encontra paralisado diante as mudanças ou ao seu contexto externo, mas mantém a capacidade de realizar novas aprendizagens.

Em diversos momentos os estudantes verbalizaram a necessidade de “dar certo”, de vencer os obstáculos encontrados no processo. Cada um a seu modo permanece empenhado a encontrar caminhos para fortalecer sua permanência e garantir sua afiliação. Talvez o tempo do desejo incorpore recursos internos para o estudante utilizar em sua afiliação. Esses recursos, arrisco a dizer, também são recursos do grupo, que como aparece na fala de Mara, o grupo familiar, da igreja e da vizinhança faz parte de sua nova trajetória, acompanhou com ela seu rito de passagem, tornaram-se cúmplices. Reginaldo também relatou a importância que o apoio dos amigos, da família e da namorada possuiu para seu novo momento. Wilson, por sua vez, mesmo contrariando a tradição do trabalho em detrimento do estudo, conta com o apoio de seus pais, e já se tornou uma pessoa importante para que outros jovens de sua pequena cidade construam seus projetos e avancem no tempo do desejo.

Acredito que esse estudo cumpriu sua função de investigar as dimensões de tempo-espaço e afetiva no processo de afiliação de estudantes que chegam do interior do estado. Para isso, a proposta de observar esse processo como uma afiliação por si só, uma afiliação à cidade, acredito que como perspectiva pode contribuir com futuros estudos sobre estudantes ou ainda sobre outras migrações, levando em consideração as dimensões que influenciam essa operação.

É possível que a universidade, compreendendo a importância da afiliação à cidade de estudantes que se mudam para Salvador, possa implementar políticas e ações que contribuam para seu processo de entrada e permanência na universidade, ampliando a compreensão das dimensões que influenciam seu desempenho acadêmico e institucional.

Novos estudos focados no Tempo do Desejo poderiam contribuir para implementar políticas de acesso à universidade, aproximando a instituição do ensino médio e das pequenas cidades, que também sonham em participar de seu ambiente acadêmico. As políticas de aproximação a essas cidades e de acesso aos estudantes provavelmente implicariam melhores condições no processo de afiliação à cidade.

A universidade poderia tornar-se mais próxima dos estudantes em seu cotidiano, interferindo para a ampliação de ofertas de linhas de ônibus e na expansão desses horários ofertados principalmente à noite, na adequação de seus espaços pensados para a permanência deles em suas dependências, na disponibilização de mais e melhores informações, na melhor organização do processo de matrículas, orientando seus estudantes quanto aos deslocamentos implicados na estruturação das disciplinas.

As lacunas dessa pesquisa são muitas e identifico, nesse momento, principalmente a necessidade de investigações sobre as dimensões financeira/material e a dimensão religiosa. Essa última dimensão foi uma constante nas entrevistas e nos diários de afiliação, mas não foi base de investigação desse trabalho, mas parece atuar em momentos decisivos no processo de afiliação dos estudantes, em especial nas situações de maior fragilidade e conflito.

A inclusão de um estudante mais velho que os demais foi importante para apontar um novo perfil que os bacharelados interdisciplinares estão atraindo, principalmente para os cursos noturnos. Estudos nesse sentido poderiam contribuir para a compreensão desse novo evento na universidade e das especificidades desse público no espaço universitário, o que procuram, quais as dificuldades, como se relacionam, etc.

Finalmente, o estudo sobre a dimensão de tempo-espaço no processo de afiliação aos estudantes que chegam do interior, e como esses estudantes passam a se afiliar à capital e aos seus modos de vida e de relação, me levou a pensar nas implicações dessas condições para os membros da cidade. Como se dão as configurações da dimensão de tempo-espaço no caso de estudantes da universidade, mas já residentes em Salvador? Em sala de aula, notei que as composições fragmentadas e aceleradas da capital parecem atuar na afiliação intelectual e afetiva. Observei, por exemplo, estudantes cursando duas graduações, concomitantemente, em diferentes instituições. Durante a aula, na sala de um dos cursos, estudantes lêem o material didático de outro curso.

Enfim, os desafios contemporâneos estão todos na sala de aula e a universidade começa a dialogar com eles de modo mais corajoso e ativo, ampliando seu quadro de funcionários, seu número de turmas, abrindo milhares de novas vagas e até

mesmo de novas unidades, disponibilizando o período noturno e, com isso, aproximando-se mais da comunidade que a circunda.

Nesse movimento grandioso, imensamente árduo ao tentar vencer décadas de burocracia e isolamento, ainda resta o esforço da universidade em olhar também para dentro, agora que reaprendeu a olhar para seu contexto. Manter-se atenta ao cotidiano dos estudantes amplia a capacidade da universidade em elevar a qualidade de seus cursos e em gerenciar com mais precisão seus gastos. Compreender melhor os caminhos e as angústias de seus estudantes nos caminhos pela universidade a tornará mais sensível ao seu belo destino de acolher desigualdades e elaborar competências para participar do projeto, individual e coletivo, de intervenção e superação de desigualdades históricas.

# REFERÊNCIAS


AGOSTINHO, Santo. **Vida e Obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. **Universidade Nova**: textos críticos e esperançosos. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade Líquida***.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BLEGER, José. **Temas de Psicologia**: entrevista e grupos; trad. Rita Maria M. de Moraes. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade***:* lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.

BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Social e Institucional** – PSI – volume 1 nº 2 – novembro 1999. Disponível em <http:www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n22.htm>. Acesso em: 20 out. 2010.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho. **Caminhos Universitários**: a permanência de estudantes de origem popular em cursos de alto prestígio. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura*;* v.1*.* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer; 16. Ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **A Condição de Estudante***:* a entrada na vida universitária*.* Salvador: EDUFBA, 2008.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FERNANDES, Cláudia Fernandes. Condições Demográficas. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso. **Como Anda Salvador**. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, Cláudia Fernandes; NETO, Paulo Fábio Dantas. Apresentação. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso. **Como Anda Salvador**. Salvador: Edufba, 2008.

FONSECA, Adilson. Salvador tem a maior densidade populacional do Brasil. **A Tarde Online**, Salvador, 1 set. 2008. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=951016>. Acesso em: 4 ago. 2010.

GENNEP, Arnold Van. **Los Ritos de Paso**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 2008.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. **Psicoanálises de La Migración Y Del Exílio***.* Madri: Alianza Editorial, 1984.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Primeiros Resultados do Censo 2010**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao_por_municipio.shtm. Acesso em 19 fev. 2011.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

_____. *Nietzsche e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MAMEDE, Newton Luís. '"Aluno" ou "estudante"?'. **Jornal Revelação Online**. Uberaba, [entre 2000 e 2009]. Disponível em <http://www.revelacaoonline.uniube.br/ombudsman/alunoii.html>. Acesso em: 28 set. 2009.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O Olhar do Estrangeiro*,* In: NOVAES, A. **O Olhar**. São Paulo: Compainha das Letras, 1998.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. Trad. Eliane Toscano Zamikhouwsky. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O Processo Grupal**. Trad. Marco Aurélio Fernandes Velloso e Maria Stela Gonçalves; São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. A Universidade do século XXI: Para uma reforma

democrática e emancipatória da Universidade. **Educação, Sociedade & Culturas**, 23, p. 137-202. 2005.

_____. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter***: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.* Rio de Janeiro: Record, 2008b.

SUPERINTENDÊNCIA DE TRÂNSITO E TRANSPORTE DO SALVADOR. **Mobilidade de um novo tempo**. Disponível em: <http://www.set.salvador.ba.gov.br/>. Acesso em: 4 ago. 2010.

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico**: narrativas de um s*elf* participante. 2009. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi – 3ª Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2005.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Estrutura básica da entrevista semi-estruturada

A entrevista inicial ocorreu a partir de temas pré-definidos pelos próprios objetivos do projeto, e o entrevistador esteve livre, atendendo ao primeiro requisito de investigar os temas propostos, para esclarecer pontos, aproveitar os acontecimentos imediatos, etc.

Temas:

Tempo e Espaço: deslocamentos, localizar-se em Salvador, localizar-se na UFBA, tempo dedicado aos estudos, tempo dedicado aos amigos, namoros e outras sociabilidades, espaços frequentados, espaços de encontros, percepção do tempo em salvador e na cidade de origem.

Afiliação: Afiliação Intelectual, afiliação institucional, afiliação à Salvador, etnométodos utilizados e inventados

Vida na Cidade: custos, medos, expectativas, ansiedades, comparação entre Salvador e sua cidade de origem, relação com os pais, parentes e amigos da cidade de origem, narrativa de vida até chegar em Salvador.

APÊNDICE B – Diário do Pesquisador

01/03/2010

Inicio hoje o diário de campo com a nítida sensação de que deveria ter começado antes.

Hoje se iniciam as aulas no IHAC e eu e Sônia decidimos nos concentrar nos alunos para os quais daremos aula. Levo o termo de consentimento livre e esclarecido, a proposta de cartografia (ideia que tive para a pesquisa, e uma dúvida: a origem dos estudantes precisa restringir-se ao interior do estado da Bahia ou posso considerar apenas o critério do tamanho da cidade e da distância de Salvador?

O primeiro dia de aula no IHAC foi muito tumultuado – muito além do que poderia esperar para um primeiro dia. Levei os termos de consentimento e os materiais para fazer a cartografia, no entanto houve uma realocação de algumas turmas e professores, incluindo uma troca da minha turma com outra professora. Acabei ficando, nesse primeiro dia, com a turma de Sônia, e decidimos esperar as coisas se acalmarem para dar início à pesquisa.

09/03/2010

Ontem, ao final da reunião do grupo de pesquisa, apareceu um estudante procurando por Sônia. Ele tem interesse em entrar no grupo de pesquisa e conseguir uma bolsa. Segundo ele, essa bolsa é condição para ele conseguir se manter em Salvador. Logo percebi que provavelmente estava diante de um estudante que gostaria de entrevistar e acompanhar na minha pesquisa de mestrado.

Ele disse que veio de Rio da Caatinga, distrito que pertence ao município de Entre Rios, distante da capital e com poucos habitantes.

Propus entrevistá-lo, e pedi para que ele escrevesse o diário, garantindo a ele que tratava-se de atividade constante, mas que não exigiria tanto tempo, podendo ser restringido a pequenas reflexões, assim como de relatos maiores.

Marcamos na quarta-feira, às 17 horas, no IHAC.

01/04/2010

Marquei uma entrevista para ontem e o entrevistado não chegou a tempo – iria demorar mais quarenta minutos em engarrafamento no IAPI. Infelizmente esse contratempo inviabilizou nosso encontro e remarcamos para terça-feira.

Interessante que o próprio tema da pesquisa se mostra em circunstâncias inesperadas. Uma vez que estou interessado nas condições de tempo e de espaço na vida dos estudantes recém ingressos, vindos do interior, um atraso como esse devido a um engarrafamento, ou ainda, talvez devido a uma falta de experiência do estudante com a periodicidade dos engarrafamentos, e como eles podem redimensionar os espaços, as distâncias e os tempos.

O atraso em si mesmo me serviu como um discurso eloqüente.

A entrevista com Mara e Tatiane foi diferente pelo fato de que marcamos as duas juntas, e também por ser no bairro que nós três moramos.

O fato da entrevista ser com as duas juntas não estava planejado mas quando fomos marcar notei que elas preferiam que assim fosse. Com o desenrolar da entrevista pensei que o motivo principal para isso deveria ser um certo medo que as acompanham em Salvador, e posso imaginar quantas histórias devem ter ouvido e quantas recomendações receberam para evitar ao máximo o contato com estranhos, principalmente do sexo oposto.

Entretanto, pesa ao meu favor o fato de que tornei-me professor das duas a menos de uma semana e tivemos uma aula. Embora tenha sido apenas uma aula, o meu lugar de professor foi reconhecido por elas e deve trazer junto a confiança da instituição que me colocou nesse lugar.

Na entrevista falaram muito sobre medo e violência, que acabam limitando a exploração da nova e grande cidade.

A entrevista em conjunto me deu a possibilidade de explorar diversos assuntos e retomar uma pergunta ou outra para a primeira entrevistada, durante a exposição da segunda.

Certamente que a amizade e cumplicidade das duas contribuiu para isso, porque ao invés de uma competição para ver quem sofreu mais, de pobreza, ou de tragédias pessoais, minha impressão foi a de descoberta mútua, como se histórias estivessem sendo contadas pela primeira vez e eu não era o único a ouvir.

Ao final, ambas tinham uma atitude de agradecimento a mim por aquele momento, como se aquele relato tivesse algum efeito de alívio para as elas, e talvez o fato de saberem de minha formação em psicologia tenha influenciado.

09/04/2010

A chuva que cai desde ontem muda as características da universidade. As dificuldades de se encontrar um lugar para ficar aumentam muito. Os bancos improvisados, que foram construídos para servirem como muretas ou escadas, estão molhados e não dão suporte mais nem como banco nem como local para se repousar materiais escolares. No campus de São Lázaro são raros os caminhos cobertos entre os prédios, e o principal deles, além de não contar com nenhum banco, também estão cheios de goteiras.

12/04/2010

Continua chovendo em Salvador e os espaços transformam-se em incômodo empecilho que se deve enfrentar.

As obras parecem tornar tudo ainda mais inóspito no campus de Ondina. Os tapumes espremem os passantes, e a terra revolta se transformou rapidamente em lama. Os corredores improvisados não são calçados em muitos pontos, gerando esse efeito.

O incômodo do alto se dá pela chuva, de baixo pela lama, de um lado temos um matagal, e do outro os tapumes. Passagem desconfortável.

Ao final do trecho de lama, e início do calçamento se observa as marcas de lama deixadas por aqueles que nos antecederam no caminho.

Dentro do prédio do IHAC sempre há estudantes ocupando mesas, que ficam espalhadas pelos corredores, que dá uma vida ao ambiente, mas sempre restrita ao número de mesas.

Durante a noite o movimento é intenso, mas os locais que antes abrigavam os pequenos grupos nos bancos agora estão muito mal iluminados. Com a chuva, a concentração fica mesmo dentro dos prédios com muitas pessoas pelos corredores, andando, conversando, sentadas, em pé...

Havia pensado, durante a entrevista com Gilson, o quanto a imprevisibilidade das condições da entrevista expandiram e a enriqueceram. Os pontos de vista de alguém mais velho, mais habituado com Salvador que ele tem, trouxeram grande contribuição. Também pensei o quanto foi prepotente e idealista minha definição de informante no projeto, além de ser empobrecedora e ingênua.

A entrevistada não apareceu no horário marcado, mesmo com minha ligação confirmando. Ela chegou uma hora depois e inviabilizou a entrevista.

13/04/2010

Ouvi de uma menina, conversando com a amiga no banco, a expressão que definia o lamaçal, chamando-o de “lamaçal infernal”.

A chuva continua e o “lamaçal infernal” do caminho que leva ao IHAC piora. Difícil atravessar sem se sujar um pouco. Eu mesmo não consegui.

Dentro do prédio (PAF3) o calor é muito grande. A entrada principal está com suas portas trancadas, provavelmente para evitar que os alunos entrem por lá e tragam sujeira (ou lama), porque em frente a essas portas há uma “construção” de, provavelmente, um canteiro central. Aparentemente é por conta dessas obras que se colocou os tapumes, modificando e engessando o caminho das pessoas.

Para se entrar no prédio, agora, a única opção é a porta lateral, e somente ela serve como ponto de ventilação natural no piso inferior. Até mesmo hoje, dia chuvoso, dentro do prédio a sensação é de calor e de falta de ventilação. As salas de aula são dependentes de ar condicionado.

Por esses dias o prédio está sem água nos banheiros, obrigando a todos a usar o prédio ao lado. Isso passa certo sentido de precariedade.

Sobre as reclamações dos alunos quanto aos transtornos da obra, e sobre o lamaçal, ouvi de uma professora, mais ou menos assim: “como é que se quer fazer uma praça sem causar algum transtorno?”. Interessante que depois de falar isso ela dirigiu-se para um caminho calçado, pegou seu carro e foi embora, enquanto que eu e a maioria dos alunos somos constrangidos a passar pelos inevitáveis transtornos.

13/05/2010

Tenho pensado na minha relação com o tempo, mais precisamente no modo como tento criar resistências aqui e ali para não ser envolvido em mais atividades do que tenho capacidade de administrar. Na verdade trata-se de aspecto que agora tenho me dado conta e não de ato totalmente consciente.

Talvez aqui interfiram tanto minha vivência, majoritariamente em cidades do interior, onde os eventos possuem uma cadência menos acelerada do que em uma grande capital. Tenho pensado na minha necessidade de querer fazer o melhor possível cada tarefa assumida ao invés de realizar milhares delas.

Encontrei relatos sobre isso em alguns lugares, como em filmes sobre culturas orientais marcadas pelo budismo, quanto em histórias e relatos ouvidos aqui e ali. Dentre essas histórias, lembro-me de uma que ocorreu no estágio de Psicologia Clínica. Ali fazíamos Acompanhamento Terapêutico com usuários da APAE, e notadamente havia muitos desencontros entre os modos de terapeutas e usuários vivenciarem as situações. Um desses pacientes recebeu a função de lavar as telhas de uma construção, e estava muito satisfeito com a atividade, dedicando-se a ela totalmente, o que implicava também em horas de trabalho. Ele foi questionado quanto à demora em lavar uma única telha – dizia seu interlocutor, aflito com o montante de telhas destinadas ao processo de lavagem.

O usuário, entretanto, dizia que cada telha exigia toda dedicação, porque ela estaria no alto da construção, e estaria visível para quem passasse pela rua. Assim, não sofria da mesma aflição.

Olhando minha condição, noto a aflição de quem é pressionado a responder às demandas do mundo acadêmico e o quanto a pressão é habitual, a ponto de não ser notada.

Mecanismos como prazos, editais, produção infinita, currículo, congressos, seminários, aulas, provas, inscrições, relatórios, etc., atuam em uma imensa engrenagem no universo acadêmico, que imprime urgência a todos os usuários.

Tenho notado que alunos de Salvador, ou que já vivem aqui há muitos anos estão intensamente mergulhados no tempo exíguo, combinado com deslocamentos, trabalhos, procura por emprego, por uma segunda graduação muitas vezes cursada simultaneamente.

O rendimento em sala de aula acaba sendo comprometido, primeiramente porque os textos não são lidos e depois porque estão ali, em sala de aula, comprometidos pelo cansaço, com inúmeras leituras, provas, trabalhos acadêmicos desta ou de outra universidade.

O professor precisa lidar com a disponibilidade dada a ele. Ora ou outra as reclamações surgem para sinalizar as limitações que a turma procura operar em um jogo vivenciado continuamente.

07/06/2010

Volto, agora, ao projeto de pesquisa para rever os objetivos e a metodologia proposta, tentando verificar se as novas possibilidades vislumbradas como alternativas metodológicas cabem no projeto, ou ainda, se contribuirão para alcançar os objetivos e se dialogam com o delineamento metodológico anterior.

Entendo agora, mais do que nunca, a característica de projeto de uma pesquisa, e a utilidade dele ser pensado e materializado anteriormente.

Mais especificamente, estou pensando na possibilidade de fazer registros com fotos do cotidiano da universidade e dos informantes.

11/06/2010

Enviei minhas dúvidas metodológicas para minha orientadora, mas ainda não obtive resposta. Como estou preocupado com o final do semestre, resolvi tomar a decisão de fazer apenas uma pequena alteração na proposta inicial da obsevação e abandonar a ideia das fotos.

Resolvi acompanhar o trajeto dos informantes de suas casas até a UFBA, entendendo que essa observação baseia-se na estrutura do projeto, atende aos objetivos propostos e poderá ajudar na compreensão das relações deles com a cidade. A partir das entrevistas esse aspecto apareceu muito importante no cotidiano dos alunos e nessa interação. Como um dos informantes afirma: o estudante passa mais tempo no ônibus do que em sala de aula.

Estou no ponto em que Wilson pega o ônibus para voltar para sua casa. Pedi instruções a ele para conseguir chegar em seu bairro, e o que me pareceu desafiante, chegar no horário.

Wilson me recomendou chegar ao ponto às 10h30 para ter uma hora para esperar o ônibus e realizar o trajeto, ficando ainda 30 minutos de folga para alguma eventualidade.

Agora são 10h35, e como nunca peguei esse ônibus e não me lembro de ter ido a esse bairro antes, em meus 7 anos em Salvador, sinto-me um pouco na condição de estrangeiro, porque não sei qual é o ônibus, e lês chegam em uma velocidade muito alta no ponto, restando poucos segundos para você se decidir, decifrar o ônibus correto e ainda fazer o sinal para que o ônibus pare.

Peguei o ônibus às 10h40. Como não sei ao certo qual é meu ponto de chegada, pedi ao cobrador para que me avisasse. Esse é um etnométodo que sempre uso para fazer viagens novas.

O horário facilita o trânsito, e o número de pessoas no ônibus não é tão grande quanto nos horários de pico, por mais que já se encontrem várias pessoas de pé.

Passando por uma avenida há um cheiro desagradável que vem do rio que fica ao lado, embora a vegetação que a cerca dê um aspecto bom.

O ônibus me impõe limites óbvios ao registro. Além de me sentir espremido pelo meu espaçoso vizinho de cadeira, as trepidações constantes do ônibus só me permitem escrever em suas paradas, seja nos pontos, seja nos semáforos.

Demoramos 30 minutos para chegar ao Shopping Iguatemi.

Mudei de lugar para resolver o aperto e olhar. Agora estou bem enfrente ao cobrador, talvez isso o ajude a se lembrar de mim e me avisar.

Em 40 minutos chegamos na Av. Paralela.

Pensei na disputa de espaço que ocorre dentro do ônibus, assim como fora dele. Disputa de um lugar para seu corpo, sem falar na disputa evidente e quase declarada pelas cadeiras, principalmente as da janela.

Quando entrei no ônibus pedi informações ao cobrador, que me avisasse do ponto do hospital (essa era a informação que eu tinha), ele me perguntou: “Qual hospital?”. “São Rafael”, arrisquei.

Ele não falou nada, e foram poucas as modificações fisionômicas, mas entendi que ele concordou. Isso me aliviou – parece que só há um hospital.

Enquanto anotava não percebi que meu informante, o cobrador, pegou no sono,mas diante da informação visual inequívoca do hospital e da sigla visível HSR, não tive dúvidas e desci.

Cheguei às 11h25. Esperei 5 minutos pelo ônibus e fizemos o trajeto em 50 minutos.

O cobrador abandonou sua expressão de interrogação para uma um pouco mais tranquila, e então entendi que havia acertado. Sentei-me próximo a ele para que se lembrasse de me avisar, mas avistei antes o hospital, e reparei que meu informante dormia.

[seguem diversas anotações de falas dos informantes]

# APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MARA RAQUEL

Fábio – Mara, me conta como é a sua cidade.

Mara – Bem, minha cidade, assim, é pequena, mas aquela coisa assim, tudo com aquela grande hospitalidade, sabe aquela coisa de tudo família, aquela coisa, sabe? Assim, todo mundo é carinhoso, todo mundo conhece todo mundo. Tem aquela coisa de passar na rua, aquela educação de falar com todo mundo, sabe? E é uma coisa assim, pra mim, foi uma transformação, ainda estou conseguindo, tentando me adaptar aqui, entendeu?

Fábio – Você acha que essa hospitalidade não existe aqui?

Mara – Existe, mas não existe da mesma forma como a gente lá, entendeu?

Fábio – Me explica.

Mara – Por exemplo, assim, quando eu passo às vezes na rua eu dou boa tarde e tem gente que não me responde, e lá é totalmente diferente, entendeu? Quando você sai enfrente da casa, todo mundo "bom dia, Mara, e aí como foi a noite?" [fala com entusiasmo], aquela coisa toda, sabe? Quando você chega, assim, uma pessoa de fora vem para a sua casa, sempre tem aquela coisa de os vizinhos virem falar, conversar, aquela coisa toda, e aqui, por mais que eu não tenha saído tanto, mas eu percebo que é diferente. Os vizinhos, cada um cuida de sua vida… tem aquela diferença entre lá e aqui. Aqui, por exemplo, cada um sai do trabalho, chega a hora que quer, essas coisas todas. Lá não, lá é uma coisa mais segura. Por exemplo, lá quando você sai certo horário, você tem que voltar para a casa, entendeu? E você sabe que vai voltar em segurança, mesmo que seja um lugar pequeno e você saiba que tem violência em todo lugar, mas você sabe que você vai voltar em segurança porque todo mundo que está ali lhe conhece, lhe defende, aquela coisa. E aqui, não. Você passa na rua, pessoas desconhecidas, você não sabe com quem você esta falando, se esta falando com uma pessoa de bem, se não, entendeu? Tem uma coisa diferente que eu estou tentando me adaptar.

Fábio – Então lá você sabe quem são as pessoas?

Mara – Quem são as pessoas, aquela coisa. Lá, por exemplo, se você namora com uma pessoa você sabe quem é a família toda dela, entendeu? Então você já sabe como é lá e, o estilo dela, e aqui não, você namora e você não sabe com quem você está se metendo, com quem você vai vivênciar, você não sabe, só com o tempo mesmo para você ir aprendendo, e lá não.

Fábio – Você sente falta do que? Por exemplo, você fala que quando você acorda as pessoas já te cumprimentam, já falam com você, e isso não acontece aqui. Isso te faz falta?

Mara – E como faz. Lá, por exemplo, na minha casa, tem o costume de ir para a frente da casa, de tardinha, de ficar lá na frente da casa, conversando… os vizinhos vêem, conversam, sabe, fica aquele grupinho lá conversando lá. Aqui você não pode sair na frente da casa porque você não sabe o que vai encontrar pela frente, entendeu? E quando você fica na frente da casa as pessoas ficam lhe olhando, sabe? Como se você estivesse observando a vida dos outros, essas coisas chatas, e lá não, é uma coisa normal lá. Às vezes eu fico conversando com meu irmão: "ô, meu Deus, que saudade de eu voltar para casa, de eu ficar lá na frente da casa conversando com minha mãe", porque a gente ficava até altas horas conversando na frente da casa, e aqui se você ficar na frente da casa é totalmente perigoso, lá não.

Fábio – Aqui você cumprimenta as pessoas?

Mara – Cumprimento as pessoas…

Fábio – Mesmo aquelas que você não conhece?

Mara – Mesmo que eu não conheço e raramente elas me respondem.

Fábio – E as pessoas que você conhece, elas te respondem?

Mara – Respondem. Lá onde eu moro eu conheço a dona da casa, conhece os vizinhos e quando eu dou bom dia eles sempre me respondem, mas às vezes quando eu saio na rua mesmo, que eu saio dando bom dia pelo costume já, lá de minha cidade, que eu saio dando boa tarde, alguns respondem e outras nem fazem questão de olhar para a minha cara para saber quem é que está dando boa tarde a eles, entendeu?

Fábio – E quando você chegou aqui?

Mara – Quando eu cheguei eu chorei. Porque primeiro, foi assim, quando eu passei no vestibular eu tinha que passar aqui porque minha mãe não tinha condições de me bancar em outro lugar porque meu irmão já estava aqui, ai eu vim para cá em janeiro e aí eu vim aqui passar uma semana com meu irmão para eu ver como ia ser a realidade. Aí eu já fiquei toda assim… aí quando eu cheguei em casa eu falei, "mãe, eu acho que eu não vou me acostumar", ela fez "mas, minha filha, você tem que se acostumar, é só os primeiros dias, e assim, mas você vai ver, vai ter momentos que você não vai querer nem vir aqui mais, vai vir aqui de passeio", aí eu "mainha, eu estou achando muito complicado". Aí, tudo bem, né? Voltei para a matrícula, aí eu já passei uma semana aqui antes das aulas, aí quando eu passei eu chorava, chorava, final de semana para mim, eu chorava, eu "meu Deus, o que é que eu vou fazer da minha vida, eu estou aqui em um lugar que eu não conheço ninguém, eu não sei com quem eu estou me metendo, mas eu tenho que ficar aqui, eu tenho que me adaptar de qualquer jeito de qualquer forma, eu tenho que me adaptar". Aí eu trouxe livros, para ler. E aí eu ia lendo, lendo os livros e ia acabando, e eu "meu Deus, e agora, o que e que eu vou fazer?", aí começaram as aulas. Quando começaram as aulas, no primeiro dia eu estava totalmente nervosa, eu ficava em pé as pernas tremiam.

Fábio – Por que?

Mara – Porque eu tinta medo, eu não sabia como ia ser faculdade, entendeu? Aquela coisa, costume de escola, e meu irmão falava que era totalmente diferente de escola, faculdade. Aí, ai meu Deus, foi quando eu encontrei uma menina que estava na frente de minha sala, sentada, aí eu comecei conversando com ela, aquela coisa, tal, aí depois que eu olhei pro lado estava Tatiane, aí eu comecei conversando com Tatiane, aí eu perguntei quais eram as matérias que Tatiane ia pegar, quando Tatiane me falou eram as mesmas que eu ia pegar, aí eu falei "ai, eu encontrei, senhor Jesus, que glória, eu encontrei uma pessoa na minha vida", e eu pedia muito a Deus, entendeu, a colocar uma pessoa que fosse comigo, que fosse a minha mão direita, a esquerda e até tudo. Aí eu encontrei com Tatiane, aí eu fiquei, assisti à primeira aula. Na primeira aula o professor começou colocando aquelas pressões de porque a gente tinha começado, querer aquela matéria… e aí eu, meu

Deus, onde foi que eu me meti. Aí eu, “não tem problema, vou acostumar de qualquer jeito”. Aí eu peguei fui para a segunda aula, fiquei num lugar mais tranquilo, o professor já era mais assim, aquela coisa mais carinhosa. Aí depois foi continuando, no terceiro dia, e já foi no segundo, e aí foi, eu já estava pegando aquele ritmo. Só para você ver como eu estava tão nervosa nesses dias que saía de casa quatro horas da tarde e a aula começava seis e meia, com medo de chegar atrasada, de pegar engarrafamento.

Fábio – Você já pegou engarrafamento aqui?

Mara – Eu já peguei um dia, mas… normal, nem foi nem tanto mas eu ficava com medo, aquela coisa, "meu Deus do céu, eu vou me sair cedo". Aí meu irmão até brincava comigo "daqui a pouco a UFBA está lhe contratando como porteira". Quando foi na segunda semana eu já estava mais amiga de Tatiane, a gente já conhecia a turma, aquela coisa e tal, e aí já fui me acostumando mais, já fui saindo, aí minha mãe veio para cá. Aí quando ela veio para cá ela foi saindo comigo, a gente foi no supermercado comprar as coisas, foi no Pelourinho conhecer, essas coisas tal. Fui me adaptando, aí ela foi embora e aí eu já não sentia aquela falta tanto que eu estava sentindo no início, aí eu já estava me acostumando, que isso para mim já estava sendo uma coisa cotidiana, que eu ia continuar e que ia ser normal para mim. Para mim, até agora eu estou vivendo bem, entendeu?

Fábio – Como foi seu primeiro engarrafamento?

Mara – Bem (risos), lá vai eu… pego o ônibus de cinco e meia, isso porque foi assim, meu irmão falou assim, "Raquel, para você não pegar o mesmo ônibus todo dia e correr o risco de ser seguida ou alguma coisa assim, você modifica a linha, você, como está pagando, não está ainda com a carteirinha você vai com o outro ônibus, no ponto onde a gente pega o ônibus para ir para o Iguatemi, você pega Vilas do Atlântico. Aí eu "Daniel, vamos comigo, vamos comigo porque é o meu primeiro dia e eu não vou saber pegar esse ônibus só", aí ele "não, Raquel, você vai pegar Vilas do Atlântico", aí eu "tudo bem", aí eu peguei e fui para o ponto, só que eu fiquei tão nervosa que eu esqueci o nome do ônibus e vim de lá para cá "Vale dos Lagos", "'é esse o ônibus", aí, “pam”, peguei o Vale dos Lagos, quando eu estou… e ele não estava nem no caminho, assim, porque eu estava desconhecendo o caminho que era costume de ir para a UFBA, eu "Meu Deus, esse não é o ônibus,

não, porque não está indo pelo mesmo caminho que eu vou", aí eu fui e perguntei para o cobrador, "moço esse ônibus vai para a UFBA?", ele disse "moça, vai, mas você esta falando de que UFBA?", aí eu fiz, "não, da de Ondina", aí ele fez "não, não passa por lá, não", aí eu "moço, então pare aí no próximo ponto", aí eu falei no próximo ponto, isso já dando seis horas, aí tudo bem, peguei outro ônibus e fui. Quando deu seis e meia o trânsito parou, aí pronto, e o ônibus lá parado e eu "ô, meu Deus, seis e meia, eu nunca cheguei na faculdade, ô meu Deus o que eu vou fazer?".

Fábio – Isso era o primeiro dia de aula?

Mara – Não, já era uma semana depois. Aí "meu Deus o que e que eu vou fazer?", aí eu certo, aí eu peguei, aí quando eu puxei a cordinha, eu não lembrava da onde o ônibus dobrava, e eu "meu Deus, não é aqui não, onde é que eu vou parar, não é aqui, pelo amor de Deus, não é aqui, eu peguei o ônibus errado de novo" aí eu disse "não, vai ser aqui", aí quando pensa que não, eu vi lá "UFBA", aí eu disse "não, é aqui", aí eu peguei, entrei e fui direto procurar meu irmão, "Daniel, eu peguei o ônibus errado, Daniel", "mas você pegou que ônibus?" "Vale dos Lagos", aí pronto foi aquela coisa toda, encontrei com Tatiane, falei para Tatiane, Tatiane começou dando risada, aí foi aquela coisa toda, aí eu já fui me acostumando, aí no outro dia eu já saía mais cedo com medo já de pegar engarrafamento, entendeu? E aí agora eu saio, geralmente, eu saio de casa cinco e quarenta, cinco e quarenta e cinco, para eu chegar lá, descansar um pouco, reler os textos que os professores passam.

Fábio – E seu irmão faz faculdade aqui?

Mara – Faz, ele faz BI em saúde.

Fábio – E ele já está há quanto tempo aqui, já?

Mara – Ele já está, já vai fazer dois anos agora que ele mora aqui.

Fábio – Mora com você?

Mara – Mora comigo.

Fábio – E vocês moram onde?

Mara – No Garcia.

Fábio – Moram em uma casa, em uma pensão?

Mara – Uma casa.

Fábio – De uma família ou vocês alugaram uma casa?

Mara – A gente alugou.

Fábio – E só moram você e seu irmão?

Mara – Isso.

Fábio – Você estranhou a casa, como é a casa?

Mara – Estranhei. Porque assim, lá no interior minha casa é enorme, eu tenho quarto, meu irmão tem o quarto dele, tem o quarto… tudo, tudo, entendeu, aquela casa enorme, e quando eu cheguei aqui, que eu olhei assim, cozinha americana, que é sala e cozinha, um banheiro pequeno, minúsculo, um quarto só para eu e meu irmão e uma área, só. Aí eu "meu Deus, eu vou ficar aqui, vou passar três anos aqui nesse casa?", aí minha mãe disse "olha, Raquel, você vai ter que acostumar até o contrato vencer" o contato vence em agosto e aí a gente já está procurando um apartamento maior para a gente ficar, mas pense, eu ficava "não, eu não vou ficar aqui, imagina", porque eu só sei estudar falando alto, como se fosse explicando para alguém, entendeu? E eu "meu Deus, como é que eu vou estudar, eu e meu irmão, nesse jeito?" aí, às vezes meu irmão vai para a varanda e eu fico no quarto, ou às vezes eu vou para a varanda e ele fica no quarto. E aquela coisa, sabe? Porque é muito pequeno.

Fábio – O que mais você estranhou nessa sua chegada? Você falou sobre a violência.

Mara – E eu passei ontem por uma. Meu irmão, ontem foi assaltado. E eu, já tinha aquela coisa… minha mãe já falou "olha, Raquel, você vai ter que se acostumar, porque você vai para uma cidade diferente, é uma cidade grande, você não vai saber com quem você vai falar, com quem você vai se meter, então você vai ter que se acostumar", e aí ontem quando eu estava começando a passar um trabalho a limpo, meu irmão, lá onde eu moro tem uns vizinhos que eles são assim, ele ouvem o som na maior altura, e meu irmão fica incomodado para estudar, aí ele falou assim "como eu tenho reunião na UFBA cinco e meia, eu vou para a UFBA, fico na biblioteca e de lá eu vou", muito bem, lá vai ele mais cedo, umas três horas pra UFBA, aí ele vai para o ponto, quando ele estava no ponto, ele disse que vem dois

rapazes e assaltam ele, aí ele pegou, na UFBA e mandou uma mensagem para mim "Raquel, não venha para o ponto de ônibus de baixo porque eu acabei de ser assaltado"

Fábio – Qual ponto que é?

Mara – Ali da Garibaldi. Aí eu fiz, meu Deus, e agora, o que eu vou fazer? E eu sou nervosa, eu fiquei em choque, em estado de choque, parada, aí eu comecei a chorar, aí eu, "meu Deus eu aqui sozinha, com quem que eu vou conversar, meu Deus, e agora?", aí eu peguei e liguei para a minha mãe "minha mãe, meu pai do céu, Daniel acabou de ser assaltado", aí ela "minha filha, o que foi?" aí eu comecei a chorar, chorar, chorar, e ela "não, ore, peça a Deus ajuda, não tem nada, essa não foi a primeira e nem vai ser a ultima que seu irmão vai ser assaltado". Mas pense quando eu saí de casa para ir para a faculdade eu saí assim, amedrontada, olhando para trás para ver se alguém…, todo mundo que passava do meu lado, para mim já era assaltante, isso porque não tinha sido comigo, tinha sido com meu irmão, mas eu já fiquei naquele medo. Ela fez "olhe você vai ter que se acostumar, vai trabalhar seu psicológico para você já ir se acostumando a isso, porque caso alguma vez acontecer com você, você não reagir, e agir com naturalidade", e aí eu "meu Deus, vai ser muito difícil agir com naturalidade", muito difícil. Aí, de noite, quando eu cheguei eu conversei com meu irmão, assim sabe, ele me explicou direito como foi, tudo.

Fábio – Você tem quantos anos?

Mara – Dezessete.

Fábio – E tinha acabado seu colegial?

Mara – Aham.

Fábio – Você já pensava em fazer faculdade?

Mara – Assim, a principio eu queria ir para a faculdade, só que eu pensei assim "não, eu  vou primeiro, vou pensar primeiro esse ano de 2009 em fazer um bom terceiro ano" aí, tudo bem, estudei, passei, aí aquela coisa "só quero psicologia", e psicologia só tinha nas federais, públicas, e aí as federais tudo botaram pelo ENEM, com a nota do ENEM, aí meu irmão falou assim, "olha, Raquel, se eu fosse você eu colocava como primeira opção o BI em Humanidades, porque depois você vai ter

dois diplomas e você vai poder entrar para psicologia, então para você é melhor". Aí eu fiz "tudo bem". Só que, assim, minha mãe, ela já ficava me preparando "olha, Raquel, se você não passar, e a sua primeira vez", e meu irmão ele passou assim de primeira, e ele passou assim de primeira em sete vestibulares, tudo público, entendeu? E coisa assim, aquela coisa, aquela pressão em casa, “Daniel passou e tu também tem que mostrar que tu é capaz, então tem que passar”. Mesmo que eles não quisessem demonstrar isso, mas eu senti que tem aquela coisa, aí minha mãe já começava "olha, Raquel, se você não passar, não tem problema, a gente paga um cursinho para você, aquela coisa tal", e aí eu "meu Deus, eu tenho que passar em Salvador, porque eu via a dificuldade de minha mãe pagar a de Daniel e eu lá, e ela pagando aqui. Então, imagine se eu fosse para outro lugar, minha mãe fazer outra casa, entendeu? "não, eu tenho que passar lá, tem que ser o BI, eu tenho que conseguir", aí tudo bem, quando pensa que não, no dia de sair o resultado do BI, não saiu, aí disse que só ia sair o resultado com as notas dos outros vestibulares normais, e aí quando saiu a nota do ENEM, quando eu vi que minha redação tinha sido ótima, que eu tinha tirado uma nota boa, e eu "meu Deus do céu, eu não acredito", eu não acreditava, eu "meu Deus do céu, por milagre", e aí Daniel, "não, Raquel, sua capacidade, não sei o que". Quando pensa que não, saiu o resultado do BI, meu irmão foi normal para uma *lan house*, né, porque a internet em casa não estava prestando, ele foi normal para uma *lan house*, quando chegou lá, esta lá: resultado do BI tinha saído. Quando ele olha lá, esta lá o meu nome. Rapaz, eu estava na frente de casa com minha mãe, de repente é vem meu irmão lá meu irmão, pulando, gritando, e eu "meu Deus, mainha, olha Daniel vem pulando ali, porque?", aí minha mãe fez "Raquel, porque alguma coisa aconteceu", quando Daniel chegou ele fez "Raquel, levante porque você acabou de ser aprovada", eu "meu Deus", eu comecei a gritar, os vizinhos logo começaram a perceber a alegria da gente, aquela coisa, todo mundo começou a encostar, perguntar o que foi, minha mãe mandou fazer uma faixa, a gente fez uma faixa, colocou meu nome em oração lá na igreja, aquela maior coisa, sabe? Aí a gente ficou naquela maior felicidade, fizeram uma festa para mim. Aí tudo bem, "vamos agora preparar sua ida para Salvador, comprar suas coisas para você ir para lá, se adaptar", aquelas coisas tudo, aí quando eu vim para cá eu fiz minha matrícula, eu fiz "pronto, agora eu estou dentro da UFBA". Aí aquela coisa de ligar para os colegas para contar "olha, eu

passei, não sei o quê", tinha colegas meus que acreditavam mesmo, apoiavam, diziam "olha, Raquel, eu sabia desde o início que você ia passar", e eu na maior felicidade "ô, meu Deus", só que eu não acreditava, eu ficava "meu Deus". no dia da matrícula mesmo, eu "meu Deus, eu já estou em uma faculdade? eu estou em uma universidade e eu acabei de sair da escola, meu pai amado, que coisa", porque assim, eu imaginava, mas eu não sabia que ia acontecer assim tão rápido, entendeu? Eu "pai, misericórdia", mas é ótimo, é ótima a sensação.

Fábio – E você já voltou lá?

Mara – Não.

Fábio – Você ainda não voltou?

Mara – Não, ainda não voltei. Vou voltar agora, essa semana.

Fábio – Semana da Páscoa.

Mara – Anham.

Fábio – E você tem saudades do quê?

Mara – Ai, de tudo, eu tenho saudades de minha mãe, de manhã quando ela acordava, aquele bom dia. Tenho saudades de meus pais, de noite, tenho saudades de meus vizinhos, de meu afilhado, ai sinto saudades de tudo, tudo, tudo. Do final de semana de quando a gente ia para a praça, até assim, de igreja, porque aqui eu ainda não sei onde ir, entendeu? Eu tenho muita saudade de lá.

Fábio – E aqui você conseguiu estabelecer relações de amizade, de confiança?

Mara – Sim, Tatiane, a única. Tatiane e Úrsula, a amiga dela que mora com ela. Só, por enquanto só.

Fábio – Você acha que tem alguma dificuldade aqui para se fazer amizade?

Mara – Tem um pouco, sabe? Porque às vezes, assim, você acha que esta lidando com pessoas de bem, mas que não está, e aí você começa a se afastando um pouco, entendeu? Não é aquela coisa certa, entendeu? E lá, lá onde eu morava por mais que a gente conhecia, a gente sabia que podia desconfiar, mas que depois de um tempo a gente ia conhecendo melhor as pessoas, e tal. E aqui, aquela coisa assim, quando você distancia, "eu não quero conta com aquela menina porque aquela menina isso e aquilo" entendeu? Mas, assim, eu sou muito espontânea,

então eu faço amizade com qualquer pessoa. Até meu irmão reclama disso, porque ele fala assim "você fala com pessoas que você nem conhece, você não sabe com quem você esta falando, vai que você fala uma vez com uma pessoa que seja ladrão, alguma coisa assim, entendeu? Então é melhor você parar com isso", só que, ontem mesmo, eu desci do ônibus e tinha uma moça, e eu "moça, eu vou subir com você para eu não subir só, entendeu?" Então eu já fui pegando aquela amizade, aquela coisa, eu sou muito assim, muito assim de chegar num lugar e fazer amizade logo, mas assim, as únicas amizades que eu vejo que e verdadeira mesmo é Tatiane e da amiga dela, porque as outras assim, eu converso e tal, entendeu? Mas não é aquela coisa assim de contar. Tatiane, mesmo já sabe coisas minhas de segredo, essas coisas, a única por aqui que sabe. Ela e meu irmão, porque meu irmão é minha confidência ali, ele tem todos os meus segredos, e aquela coisa toda, entende? É quem me dá apoio, e quem está para todo momento comigo.

Fábio – A cidade te assusta, com esse tamanho dela?

Mara – Não, porque a cidade que eu estudava era grande também.

Fábio – Qual cidade?

Mara – Valente.

Mara – Era maior do que onde eu morava, então eu já era acostumada. Fiz terceiro colegial lá. Na escola em que eu estudava era assim, o ensino não era tão forte, porque era assim, aquela coisa mais de puxar assunto, aquela coisa e tal, e já lá onde eu estudava, meu irmão já tinha ido para lá, entendeu? Então eu já sabia que era uma coisa mais puxada, mais sério, porque lá onde eu estudava, lá em Retiro, era uma coisa assim, todo dia era feriado, o professor não vinha, aquela coisa tal, e lá não, onde eu estudava, em Valente, era uma coisa séria mesmo, tinha aula, tinha, tinha trabalho, tinha, quem não fizesse levava advertência, aquela coisa toda, entendeu? Era mais seguro. Por isso que eu falo, eu já estava um pouco mais acostumada com o ritmo de sair de casa, de viajar para outra cidade todos os dias, aquela coisa tal, tudo, entendeu?

# APÊNDICE D – Entrevista com Tatiane e Mara

Fábio – Como é sua cidade de origem?

Tatiane – Bom, eu nasci em Antônio Cardoso, zona rural.

Fábio – E como que é lá?

Tatiane – Roça mesmo, interior, totalmente interior, viu? A cidade mesmo é pequenininha, duas ruas, geralmente nada acontece (risos), mas as pessoas de lá se vão muito, com êxodo, vão para Santo Estêvão, para Feira (Feira de Santana), só que meu pai, ele, logo quando a gente começou a estudar ele fez uma casa em Feira, e aí quando a gente ía passando para o ensino fundamental, a gente vinha morar e estudar em Feira, só que eu já não vim no ensino fundamental, me prenderam lá, eu só vim no ensino médio.

Fábio – Então você saiu de lá com quantos anos?

Tatiane – Eu saí de lá com quinze anos. Morei cinco anos em Feira, mas sempre me locomovi sozinha, eu já vinha, vinha para Feira, voltava, sempre só, desde os 12 anos de idade eu já fazendo locomoção sozinha, já aprendi a pegar ônibus, já me virava, entendeu? Já desvendava a cidade sozinha, pegava ônibus errado, voltava, sempre que, sempre tive aquele negócio de não ficar dependendo de ninguém.

Fábio – quando você foi para Feira você foi com quem?

Tatiane – Já morava, meus irmãos já moravam lá, alumas irmãs minhas já moravam lá, aí quando eu vim ficaram meus três irmãos, meus pais lá ainda, só que aí meus irmãos vieram também e só ficou meu pai e minha mãe, como hoje está, só meu pai e minha mãe, todo mundo já mora, trabalha, carro, necessidade, não estão lá mais, viu? Aí foi, acho que pra mim eu não tive dificuldade de me adaptar, em Feira...

Fábio – Gostou?

Tatiane – Gostei, eu não sei, eu... (risos), logo no início não, logo no início foi um choque, logo no início eu chorei um pouquinho, assim, com saudade do… de tudo lá, porque você tem uma vida lá, uma certa vida lá, você construiu algo lá e, de repente e você volta cá, mesmo que eu tivesse com meus irmãos, mas era diferente,

só que meus irmãos cada um tinha sua vida, cada um ia fazer suas coisas, acabava eu ficando só, aí eu fiquei meio isolada, assim, chegava o fim de semana não tinha para onde ir, não tinha o que fazer, só a televisão salvava, só que depois você se adapta e eu construi uma nova história em Feira, entendeu? Aí foi que me deu tesão, foi tudo maravilhoso, aí vieram novas amizades, é… a vizinhança, você se familiariza com todo mundo, e aí é como se você construísse tudo de novo, para mim quando eu cheguei em Feira, foi construir tudo de novo, e Salvador para mim era a ultima opção, fiz vestibulares para todos os lugares.

Fábio – Para quais os lugares que você gostaria de ir?

Tatiane – Ó, eu nunca penso em sair da Bahia, penso em sair da Bahia assim, para estudar, para adquirir conhecimento, mas para morar eu nunca quis sair da Bahia, entendeu? Mas, assim, eu fiz vestibular para Juazeiro, fiz vestibular para o sul da Bahia, entendeu? Então assim, quando saiu o resultado da UFBA eu já tinha outro vestibular aprovado, eu já tinha passado na UNEB, já tinha recebido bolsa da UFRB, entendeu? Eu já tinha aprovação em três vestibulares, e eu não pensava… eu nem olhei o resultado, minha amiga que chegou lá e ela "Tatiane, saiu o resultado da UFBA", aí eu "foi, foi?", aí ela "provavelmente você passou?", eu "é, bora olhar ali", aí a gente foi, ligou o computador e meu nome estava lá, "ah, que bom, passei", aí fiquei resenhando com meus irmãos "vou para onde? não sei para onde eu vou", mas assim, a UFBA, a opção, assim, Salvador não foi assim a que eu tinha vontade de vir, por eu achar uma cidade muito agitada, uma cidade com um custo de vida alto, entendeu? Para mim nunca foi opção de dizer assim "nossa, sou apaixonada por morar na capital". Nunca foi.

Fábio – Você já conhecia Salvador?

Tatiane – Já conhecia Salvador.

Fábio – E você, Mara, já conhecia Salvador?

Mara – Já, eu vinha direto nas férias, só que era aquela coisa, nunca de ônibus, entendeu? Só de carro, com os tios, aquela coisa toda, e agora não, vou sozinha, de ônibus, tem que enfrentar tudo.

Tatiane – Aí, pronto, só que aí, como os outros vestibulares a distância era maior, minha mãe ficava, minhas irmãs ficavam, "vai ficar mais perto, fique em Salvador", aí

depois eu conversei com alguns professores meus, "Tatiane, vai para Salvador", e eu sempre quis um curso, minha opção era um curso que eu pudesse é… aprender conhecimento crítico, eu não queria uma profissão robótica, nunca quis uma profissão robótica, eu queria adquirir conhecimentos e de eu poder expor minhas ideias, de eu ter um aprendizado de… ai passei para o BI, ai "bora estudar esse negócio, bora entender o que é isso, bora ver se tem a ver com minhas perspectivas", aí fiz a matrícula tranquilo, aí comecei, falei "é…", ainda cheguei, falei, deixei bem claro para a minha família, pra todo mundo "eu vou, é experimental, viu gente? Se eu não gostar eu venho embora, você já está sabendo" deixei bem claro. aí pronto, vim, o curso… a ideia do curso, o objetivo do curso é fantástica, eu não sei como a sociedade vai receber, entendeu? Para mim é a única dúvida, agora, para minha ideologia, é perfeita, a ideologia é perfeita, talvez, para mim, seja o que eu quero, porque eu sempre pensei em fazer jornalismo, porque para mim, jornalismo, era um meio que eu podia, através da mídia, propagar o que eu achava, mesmo ela sendo censurada, mesmo ela sendo censurada, mas quem faz o profissional é ele, então ai eu vim, mas assim, mas eu digo que foi uma preparação de Deus, porque ele quis, porque por mim eu não estaria aqui, foi ele que disse "você vai", entendeu? Como eu sou evangélica, na minha religião a gente diz assim, que a gente faz as coisas guiada por Deus, é sempre assim, então eu vim porque ele permitiu que eu viesse, e se eu estou aqui porque… teve um momento de eu dizer assim "ah, vou embora", ligar para casa e dizer "não quero".

Fábio – Aconteceu?

Tatiane – Aconteceu, "falando sério, eu vou embora", por eu ter outras opções ainda, por eu ter outros vestibulares em outros lugares, segundo chamada… e para mim eu não precisava me prender aqui, e minha família aonde eu fosse, eles iam me apoiar, aí eu liguei para casa, mas assim, eu busquei de Deus e ele falou assim "é, eu que quero você aí", então eu falo que eu estou aqui porque Ele permitiu, porque Ele quer, e eu me agarro nisso.

Fábio – O que aconteceu para você pensar em ir embora?

Tatiane – É, assim, como eu disse, quando eu fui para Feira foi começando tudo de novo, aqui é começando tudo de novo, aí no primeiro momento você se bate… o pior momento é final de semana, o pior de todos é o final de semana, bate o final de

semana, não tem ninguém para você ligar, dar um oi, conversar, "vem aqui, vambora para tal lugar, vambora sair", e aqui tem a dificuldade de locomoção, mesmo na cidade, se você não tem o hábito, dificulta, porque se você foi pegar um taxi, mal você saiu do lugar já é uma fortuna, se você pegar um ônibus você tem que ter horário para voltar porque tem um horário que o ônibus para. Aí, pronto bateu aquela coisa, aquele negócio, e "não, não vou ficar aqui não, eu vou embora".

Fábio – O que você fazia em Antônio Cardoso no final de semana, antes de ir para Feira de Santana?

Tatiane – Por mais que seja em cidade pequena e não tenha muita opção, mas tem aquele negócio, ou ia para a casa de uma amiga, ou a amiga estava em sua casa, outro dia a gente viajava, tinha uma festa em outra cidade, assim, então, como era uma cidade pequena, sempre tem muita cidade ao redor, muita cidade pequena, aí a gente saía, uma estava na casa da outra, às vezes vinha um pessoal de Feira, um pessoal de outra cidade para a casa da gente, então sempre estava tendo alguma coisa, algum movimento.

Mara – Minha casa mesmo, final de semana, é lotada, entendeu? Todo mundo vem, os familiares, quando tem festa vem para lá, passa o final de semana lá, aqui não, é só eu e meu irmão.

Tatiane – E lá do lado de minha casa tinha uma igreja e sempre o pessoal estava lá, sempre minha casa estava lotada, então era sempre gente, sempre alguém conversar, sempre alguém para você resenhar, para você falar de alguma coisa, então sempre tinha alguma coisa pra fazer, e se não tivesse a gente inventava (risos) tinha como inventar, aí vem aqui, aí você não… aí chega, aí vem a mudança de novo, de Salvador. Para mim, eu tenho uma facilidade de me adaptar por eu não ter… eu falo que eu não tenho medo, entendeu? Eu cheguei assim em Salvador, eu falo que essa área aqui eu já conheço tudo.

Fábio – Você chegou sozinha?

Tatiane – Eu cheguei com uma amiga, mas ela é medrosa, ela não sai de casa (risos) aí eu falo "eu vou sozinha", aí eu já ando em tudo, às vezes eu vou em um lugar e eu não quero voltar pelo mesmo lugar, eu já volto por outro, mesmo não sabendo aonde vai dar, eu tenho curiosidade, assim… e eu vou, eu já fui para o teatro, de ir só, já fui para o bairro lá para Tancredo Neves, de ir só, à noite, voltei,

eu pergunto mesmo, assim, que ônibus eu pego, eu chego para as pessoas, converso, me viro, não tento me fechar, com medo do mundo, entendeu? Com medo do que esta lá fora. Eu tenho uma facilidade de não deixar as dificuldades tomarem conta de mim e acabar vivendo presa, então eu saio, eu ando (risos)

Fábio – Mas, ao mesmo tempo, há uma preocupação, porque se você diz que não tem medo é porque ao mesmo tempo existe uma preocupação.

Tatiane – É, com certeza, ao mesmo tempo que não tem medo está preocupada: “eu vou parar aonde, onde é que eu estou andando? Se vir um ladrão? não sei o quê…” você fica preocupada porque você sabe que esta propício a várias coisas, mas eu não deixo com que essas circunstâncias me impeçam de fazer o que eu quero, entendeu? Aí eu peço permissão a Deus e já vou eu. Aí, pronto, mas assim, a preocupação a gente sempre tem, não tem como ficar sem, porque tem, né? Tudo está propício, assim, mas…

Fábio – e quanto ao tamanho da cidade, Salvador é muito maior de Antônio Cardoso, existe alguma forma de medo?

Tatiane – Eu não digo assim de assustar, mas assim, eu andando pela cidade, assim de ônibus, eu paro e penso muito, assim, no que a cidade representa para mim, qual o significado, e eu tenho um pensamento muito assim… do homem. Como o homem é tão inteligente e ao mesmo tempo tão burro, entendeu? Porque só em estrutura fantástica, são sabedorias que eles tem, fantásticas, mas ao mesmo tempo ele se tornam burro porque são estruturas que aquilo vai voltar tudo para ele, ou seja, falta tudo. De calor retado nesse asfalto, aí vem o sol e esquenta mais ainda, ou seja, tudo volta contra ele, aí vai, rede de esgoto péssima, chove e alaga tudo, aí eu fico… aí eu tenho muito de ficar com esse poder de mente… de cada coisa eu venho a falar "olha que inteligente, ajuda muito nisso, mas ali eu vou e volto, mas e por detrás disso o que e que vai retroagir", entendeu? Aí outra coisa que me… que para mim é muito diferente em Salvador, é tudo morro, é tudo subindo, é tudo escada, e lá em Feira é tudo plano, você pode andar a cidade toda e é tudo plano, e não é apenas na periferia, no centro da cidade é morro, aí você vê umas estruturas péssimas, e aí você vai e olha quem é que está morando naquela estrutura péssima provavelmente não é ninguém que tem poder aquisitivo, e aí você vai e olha quem é que está construindo aquele prédio excelente, maravilhoso, provavelmente um

negro, um pobre, mas quem vai morar nele, provavelmente não é aquele negro, aquele pobre que está construindo, eu… eu vejo… eu ando em Salvador, assim, eu fico olhando essas coisas, porque, ao mesmo tempo que você vê que e tão bom para a gente, você vê que no fim da história não vai dar em nada, entendeu? Árvore a gente quase não vê mais árvores, e é tudo que a gente sabe que vai ter um retorno, que vai virar contra a gente. Ah, mas vem "mas é melhor, é mais conforto, é melhor locomoção, proporciona isso, proporciona aquilo", sim, mas em algum momento a natureza responde, aí eu vejo Salvador muito por esse aspecto, assim, que são construções fantásticas, eu não digo que a dimensão me assusta, não, não chego a usar esse termo, mas, talvez o poder do homem me assusta, eu acredito que o poder que o homem tenha me assusta, por ele não saber usar esse poder. Eu não sei, eu acho que eu vejo as coisas demais, eu vejo além do que esta mostrando… e igual eu fui para esse filme que ganhou melhor animação, o Avatar… eu não entendi para que, não entendi nada, bobo, ridículo, aí eu cheguei "gente, o filme é fantástico, vocês não veem? A natureza... eu achei que além do que eles estavam falando ali, eles queriam dizer alguma coisa, entendeu? O poder da tecnologia… quanto a gente tem o poder na tecnologia, nos filmes, e a natureza não pode ser naquele sentido, aquela árvore não pode ser como eles dizem, mas que a árvore é vida isso a gente não pode negar, que a natureza é vida, isso a gente não pode negar, e que quando a gente esta destruindo isso tudo a gente esta destruindo um bem maior, isso a gente não pode negar", e assim, eu fui no filme buscar ideias onde ninguém via, todo mundo via uns bonecos lá que diziam, que para eles aquilo não existia, e eu fui buscar explicações no filme onde para muitas pessoas não estava visível para mim. É igual a mídia, todo mundo censura a mídia "ah, a mídia é péssima, a mídia é isso, a mídia é isso", mas eu vejo o problema muito além, eu vejo o problema que veio lá da educação, que as pessoas não tiveram capacidade de ter um poder crítico, por manipulação do Estado porque o Estado não quer ter pessoas que exijam, que tem conhecimento, então, se eu, se você, se Raquel, a gente tem um conhecimento, a gente sabe distinguir cada programa, cada novela, cada coisa, o que aquilo lhe ajuda, o que não lhe ajuda, se ali é bobeira, se ali é besteira, se ali vale a pena você assistir, então, acho que a mídia hoje, o meio de comunicação, a televisão, tem um poder fantástico, o problema é que a cabeça das pessoas, assim, que assiste.

Fábio – Fale um pouco mais sobre a UFBA, como foi chegar lá no primeiro momento, na faculdade.

Tatiane – Eu me assustei e não me assustei, eu não cheguei assim e disse assim, por eu sempre estar envolvida, por minhas irmãs já me dizerem mais ou menos o que era, entendeu? Assim, da UFBA eu não tenho medo, assim, eu tenho medo do que vai vir pela frente, do como vai ser, se eu vou dar conta disso, se eu vou ter capacidade disso, se eu vou conseguir meus objetivos lá dentro, acho que esse é o meu maior medo, entendeu? Por eu conviver, como eu convivia com minhas irmãs, minhas irmãs na mesma situação, porém elas sempre tiveram eu, meu irmão, gritava um, um ajudava, outro ajudava, e aqui meu maior medo é por eu achar que eu não tenho uma família perto para estar ajudando, não tenho ninguém, entendeu? É como se eu tivesse praticamente só. Acho que meu maior medo na minha vida universitária é essa, entendeu? Está começando agora, aí pronto. Um trabalho que está chocando. Assim, pelo que eu vi, pela minha família, eu tenho medo de chegar aquele momento de eu entrar em desespero, de eu chegar e não conseguir passar, acho que meu maior medo é esse, entendeu?

Fábio – Você conseguiu encontrar pessoas, aqui em Salvador, que te ajudam a superar essa solidão?

Tatiane – Graças a Deus, assim, eu tenho facilidade imensa, eu chego na fila de banco, a pessoa que está atrás, na frente, eu já estou conversando, então assim, primeiro dia de aula eu já conheci Mara, entendeu? Aí já foi à primeira vista, amizade à primeira vista, já estava super entrosada, não saía mais uma detrás da outra, assim o pessoal da sala, me comunico com todo mundo, tenho aquela possibilidade de estar conversando com todo mundo, para não ficar perdida, porque esse foi um dos meus medos, também, "pô, se eu chegar na sala e não conseguir fazer amizade com ninguém?", ficar tipo excluída na sala, esse é um medo grande de quando a gente entrar, porque é tipo assim, a gente tem aquela visão, cada um e por si e pronto.

Fábio – Você achava isso também, Mara, que era cada um por si?

Mara – Cada um por si. Eu achava assim, meu Deus, lá vai ser uma concorrência, ninguém vai querer falar com ninguém, todo mundo vai dizer assim "ó, não vou falar com aquela menina porque aquela menina ali vai ser minha concorrente", entendeu?

Aquela coisa...

Fábio – Você sente isso?

Mara – Não, por enquanto não. Por enquanto eu não vejo isso não, lá na turma, não vejo isso não. Aí quando eu cheguei eu vi que não, que parece que ninguém está assim, entendeu? Que é uma escola ali, todo mundo está estudando porque estuda, porque quer conhecimento, mas nada daquele negócio de concorrência, de mercado, entendeu? Eu não percebo isso ainda.

Tatiane – Tipo isso aí. Aí pronto, eu com o pessoal da minha cidade foi ótimo, eu converso com todo mundo da sala também, aí na rua eu falei, "é, bora", vizinho, eu acredito que vizinho acaba sendo, em alguns momentos seu braço direito, aí fui na mulher do armarinho, cheguei lá comecei a conversar, comecei a conversar, comecei a conversar, já tinha pegado amizade com a mulher do armarinho, aí fui para a mulher do bar, aí comecei a conversar, comecei a conversar, aí subi para os andares de cima, que tem o pessoal que mora lá encima, aí eu converso, aí agora pronto, o pessoal ninguém sai de lá mais, aí eu falo, "você só conversa comigo porque eu sou cara de pau, eu fui até você, porque se fosse você para vir conversar comigo, ninguém vinha conversar", então assim, já tem um pessoal assim, todo mundo já conhece, o pessoal da rua, assim, eu já grito "Fulano" (risos) já vou pedir café emprestado, cheguei em casa hoje não tinha café, falei "vou no vizinho, não vou no supermercado uma hora dessas", aí foi, então assim, são pequenas atitudes que você acaba criando afinidade com um, afinidade com outro, às vezes você sai na rua, chega onze horas, dá um boa noite "oi, tudo bem", entendeu? Para criar aquela afinidade, porque quando as pessoas percebem que você tem um mundo fechado, não dá muita atenção, cria até aquele rancor, entendeu? Aí eu falo assim, "tem um ladrão, um marginal ali, aí eu boa noite [faz cara de mau]", meus irmãos são policiais, aí eles criam essas táticas, virar amigo do bandido, então, aquela história, trate todo mundo bem, todo mundo com sorriso no rosto que, com certeza, a resposta será melhor do que você ficar… e ver como todo mundo fosse igual, entendeu? Por eu ser evangélica eu tenho o meu mundo, entendeu? Muitas pessoas dizem que "ah, evangélica é isso, evangélica é aquilo", não, eu tenho os meus momentos e eu sei dividir as coisas, então assim, um vizinho, não é porque ele faz aquilo que eu não concordo que eu vou estar criticando, não, eu vou lá converso

com ele, trato ele normal, deixo essa outra parte de lado, porque eu não vou estar aqui julgando uma pessoa ou outra, então assim, não olhar para o que o vizinho faz, o que o vizinho deixa de fazer, quem é aquele quem é o outro, não procuro saber da vida em particular, eu quero saber que hoje eu passei e falei com ele, quero saber se está bem, esta ótimo, entendeu? Pra criar uma amizade ali, não um amigo do peito.

Fábio – Se uma pessoa diferente chegar lá em Antônio Cardoso, assim como você chegou aqui em Salvador, você acha que seria diferente?

Tatiane – Às vezes… eu acho que existem pessoas e pessoas, eu não vejo muito por local. A diferença de cidade grande é porque você tem uma carga horária mais corrida, então tem muita gente que trabalha muito, às vezes não nem porque não te dá atenção, mas a vida é diferente, entendeu? Aí tem aquela correria de casa, de trabalho, de tal e aquilo, e não tem aquele tempo, aquela disponibilidade de parar com você, de conversar, entendeu? E eu acho que é a mesma coisa, a diferença é essa, o que a pessoa… a vida da pessoa, acho que o que determina isso é a vida da pessoa e como a pessoa… o lugar reflete na vida da pessoa, isso determina, entendeu? Assim, no lugar que eu moro é mais fácil, porque tem pessoas que trabalham mas tem muito tempo em casa, tem pessoas que estudam, tem pessoas que trabalham em casa mesmo, mas aí eu vou, diferente de outras pessoas que eu me relaciono mas que tem uma carga horária de trabalho, de preocupações maior, então de estar, de conversar comigo é menor, às vezes um boa noite, ou às vezes mal um boa noite dá, mas eu procuro entender porque aquilo, aí quando você vai lá para Antônio Cardoso, para uma cidade menor como a cidade de Raquel, é mais fácil, às vezes agricultor, às vezes funcionário da prefeitura, então chega no fim de tarde é reunir para falar um da vida do outro (risos), então cria uma afinidade, cria um… um tomando conta da vida do outro, por isso, por ter o tempo, aí… a cidade grande reflete por isso, entendeu?

Fábio – Na faculdade, na UFBA, você identifica algum lugar onde as pessoas sentam e conversam?

Tatiane – Assim, na UFBA eu não sei se isso ocorre, mas eu percebi que, assim, de grupos, de … porque na verdade a gente se divide como grupos, né, aí você sempre vê o pessoal que sempre está no mesmo lugar, naquele ponto ali, assim eu vou

dizer da parte ali de Ondina, a partezinha que eu conheço, entendeu, que eu sempre estou. Aí você vê aquele grupo ali, aí você já vê um grupo de umas pessoas ditas como as patricinhas, já se localizam em um outro lugar, sempre estão por ali, os calouros sempre ficam mais atraídos, vai pro lugar onde está sobrando (risos), aí sempre uma divisão de onde estão os grupos, entendeu? Aí tem o pessoal de saúde, sempre está por ali, o pessoal de humanidades, sempre está por ali, entendeu? Eu vejo assim, uma divisão de mais de grupos, assim, sempre tem um lugar que aquele grupo gosta mais de ficar. Eu vejo, até o momento eu só vejo assim, nunca parei pra…

Fábio – E você fica onde?

Tatiane – Eu, particularmente, eu gosto muito de ficar na sala, né? As meninas que ficam me puxando, "bora, bora", aí de tanto me azoar eu acabo saindo da sala assim, aí geralmente a gente fica pelas beiras, pelas escadas, no jardinzinho embaixo, para conversar, mas não tem assim… a gente não fixou um ponto certo ainda não.

Fábio – Não achou ainda um lugar.

Mara – Não, não.

Tatiane – Não, ainda não achou um lugar ainda não, calouro, calouro…

Mara – Às vezes as pessoas ficam naquelas mesas que ficam… sentam ali para conversar, tal… a gente mais conversa no ponto de ônibus, né? Quando está lá aquele grupo, o grupo mesmo, se junta para esperar o ônibus, ai a gente fica lá conversando.

Tatiane – O tempo disponível, onde a gente acha, onde a gente passa mais tempo é o ponto de ônibus. Todo mundo sai junto, vai pro ponto de ônibus, aí pronto.

Mara – E foi basicamente ali que a gente se conheceu.

Fábio – E aí passa quanto tempo ali no ponto de ônibus?

Mara – Rapaz, umas meia hora.

Tatiane – Depende do ônibus que for pegar.

Mara – É, se a gente for pegar o Cabula VI, a gente passa uns quarenta minutos.

Tatiane – Uns quarenta minutos, a gente chega a ficar uma hora ali.

Mara – Uma hora.

Tatiane – Um bom tempo, muita gente a gente já conheceu no ponto de ônibus. "Vai pegar que ônibus?", aí daqui a pouco já esta querendo saber a vida inteira (risos) o ponto de ônibus é uma boa coisa.

Mara – É um lugar que a gente ainda está…

Fábio – E vocês já marcaram alguma coisa para saírem juntas com o pessoal da sala?

Mara – Assim, eu e Tatiane, a gente já marcou de ir para a orla, de andar na orla, a gente marcou mas ainda não foi, mas a gente já marcou, no próximo final de semana.

Tatiane – Programação não falta, né? Mas é mais a gente, assim, mas o pessoal da sala, não teve ainda esse entrosamento, não.

Fábio – Deixa eu mudar de assunto um pouco, como está sendo o estudo? Como vocês estão se organizando?

Mara – Por enquanto não tem problema, né? Por exemplo, como a gente estuda de noite, então a gente tem de manhã e de tarde pra estudar, aí durante a manhã, como eu moro com meu irmão, então eu vou fazer as obrigações de casa, né? As obrigações diárias, e pela tarde quando tem texto para ler eu vou ler, trabalho quando tem para fazer, que agora a gente tem, então agora a gente começa a fazer. Às vezes faz de final de semana, tenta fazer de final de semana… por enquanto não está tendo muita coisa, mas assim, pelo que o meu irmão fala, geralmente os professores marcam as coisas já pro final de semestre, entendeu, e aí vai vir prova e trabalho, seminários, e aí a gente vai ter que… o que dá para a gente adiantar a gente adianta. Tem um trabalho mesmo que a gente tem que entregar no dia 14 de abril, a gente já esta fazendo, entendeu?

Tatiane – E pra gente é bem mais fácil, porque a gente não trabalha, entendeu? Só quando o dinheiro falta que a gente tem que ficar ligando, "mainha, manda o dinheiro" (risos) entendeu? Outro modo de adaptação, de estar sempre dependendo de dinheiro.

Mara – Tem que ficar pensando, você não pode fazer aquilo, tem que pensar, entendeu?

Tatiane – O econômico é uma coisa que conta muito, entendeu? A gente lucra porque a gente não trabalha, tem mais tempo para estudar, só que ao mesmo tempo tem a preocupação que a gente tem outras pessoas lá que estão se esforçando, que estão tendo toda uma dificuldade para manter a gente, porque a gente tem que corresponder com isso, ou seja, corresponder com o sucesso nos estudos. Assim, o tempo de estudo está ótimo, pra mim eu estou tendo dificuldade porque eu não estou com computador. Aí, pronto, veio o computador sem internet, tem que ficar atrás de *lan house*, aquela dependência da internet, aí pronto, só que agora quando chegar a internet eu sei que vai ficar bem mais fácil, porque você acaba criando uma dependência, entendeu? Todo dia o professor "mandei uma coisa para vocês, mandei isso, tem isso, olha o site", é a tal dependência da internet, mas assim, pra estudar, por enquanto está tranquilo.

Fábio – Como é o acesso a internet na faculdade, tem acesso?

Mara – Eu não tenho acesso mesmo, porque assim, eu sou medrosa para tudo, então eu tenho medo de ir na *lan house* so, aí pronto, aí eu só acesso internet mesmo lá na faculdade.

Fábio – E você acessa onde, lá?

Mara – Na parte de baixo, no lado direito.

Tatiane – Na biblioteca.

Fábio – Na biblioteca.

Tatiane – Quando você tem sorte de chegar e achar algum funcionando, né?

Mara – É.

Tatiane – Porque tem vezes de você chegar e não ter nenhuma máquina funcionando. Já teve vezes de eu sair de casa, chegar lá e não ter nenhuma máquina funcionando.

Mara – Só que agora tem encima e tem embaixo, do lado direito, Tati. Não tem aquela parte ali de dicionários? Ali tem computador, e também do outro lado, na parte de revistas.

Tatiane – É, na de periódicos, né?

Mara – Isso.

Tatiane – E às vezes você tem que chegar e tem que ficar lá, esperando desocupar também...

Mara – É, em pé, na fila.

Tatiane – Mas é um bom, né, como muita gente não tem né, e aí, tem um tempo disponível a algo que você sabe que está lá, sempre tem problemas, como em todos os lugares tem, como na casa da gente tem, como na *lan house* tem, né? Acaba sendo algo lucrativo, entendeu?

Mara – A gente se adaptou. Eu penso assim, eu fico comigo, sabe? "Raquel, você tem que estar preparada para se adaptar a qualquer momento, entendeu?

Tatiane – Às diversidades.

Mara – Qualquer coisa que vier pela frente você tem que se adaptar porque você não vai ficar só em um mundo fechado, você vai enfrentar aquela coisa se você quiser crescer na vida, então você tem que enfrentar tudo e a todos, eu penso assim. Então eu tenho que tratar, urgentemente, os medos, a questão de sair só, em questão de ser assaltada como é que eu vou reagir. Eu estava até falando com meu irmão e com Tatiane, se fosse eu que fosse assaltada, com certeza eu ia chorar, eu ia direto para a rodoviária pegar o ônibus pra ir para a casa, eu não ia pensar em outra possibilidade a não ser isso. Aí meu irmão fala "não, Raquel, você não pode fazer isso, entendeu?" e além do mais, assim, se fosse comigo eu ia "moço, eu não tenho dinheiro não" (risos) aí ele "você é doida? eles iam abrir sua bolsa, iam pegar tudo e iam fazer isso e aquilo com você", então eu já tenho que me preparar isso, que eu tenho que saber lidar com essas coisas tudo.

Fábio – Me diga uma coisa, Tatiane fez uma diferenciação que eu gostaria que você também fizesse, qual a diferença entre Salvador e a sua cidade? Qual a diferença?

Mara – Ó, pra falar a verdade eu não estava adaptada a cidade grande, não estava. A diferença é uma coisa assim, tudo perto… é como se fosse um bairro aqui, entendeu? Você vai, quer comprar alguma coisa, você vai, vai ali que ali você acha, você tem certeza que você acha. Se você não achar ali, ou do lado, então você vai lá e pega. E aqui não, se você quer ir para algum lugar você tem que pegar ônibus, você tem que ter aquele horário de voltar para casa, senão o ônibus passa, você fica, você tem que pegar o taxi, e aí o taxi é aquela distância. Aqui sempre você

sempre tem que estar com dinheiro em mão, entendeu? O custo de vida aqui é muito grande, muito diferente do de lá, o de lá para você comprar alguma coisa, por exemplo, se você não tivesse com dinheiro naquela hora, você sabia que você podia ir lá e pagar depois, aqui não, você tem que pagar na hora, entendeu? Lá você tem o vizinho que… você sabe que se faltar alguma coisa em sua casa, você pode correr no vizinho, mas aqui não, se aqui faltar você vai comprar. E aquela coisa, é diferente, mas a gente tem que acostumar, se acostumar para o pior, para coisas piores, porque assim, meu irmão não pensa em ficar aqui, ele pensa em ir para o Canadá, então com certeza eu penso comigo "Deus não quer, de forma alguma, me separar dele, não quer", porque assim, ele foi para Lençóis, em Retiro, um ano depois eu fui, ele fez para a escola em Valente, um ano depois eu fui, ele veio para cá, na UFBA, de noite, um ano depois eu vim, de noite, no mesmo prédio que ele, então eu penso assim "Deus não quer de forma alguma me separar dele, é aquela coisa toda, e eu acho que se ele for para o Canadá, com certeza depois eu vou.

Fábio – Começar a falar inglês, francês…

(risos)

Mara – Ele já faz cursinho, e eu vou fazer também. É como se eu fosse crescendo aos passos dele, o que ele faz depois eu faço, entendeu? Ele experimenta primeiro, depois eu vou lá e experimento, aquela coisa. Eu tenho certeza que Deus não quer, de forma alguma, me separar dele – tanto é bom para mim, quanto é bom para a minha família, entendeu? Porque ela sabe, minha mãe, meu pai, que eu não vou estar só, que eu vou estar com meu irmão. Mas é ótimo, eu acho que se eu fosse para outro lugar eu não iria me dar assim, me adaptar assim tão rápido quanto eu me adaptei aqui.

Fábio – Porque seu irmão…

Mara – Porque meu irmão está aqui.

Fábio – Isso te ajuda na adaptação.

Mara – Me ajuda, muito.

Fábio – Você, Tatiane, tem alguém da família aqui?

Tatiane – Tenho, tenho prima por tudo que e canto aqui, mas não tenho contato, assim, direto com ninguém, até porque depois que eu cheguei aqui não fui até

ninguém, entendeu? Tenho primas, mas que… a gente se vê uma vez ao ano, no São João, quando eles vão para lá, e não tinha aquela proximidade, então para mim é a mesma coisa que estar só, aqui.

Fábio – Você já procurou por ela, aqui?

Tatiane – Não, assim, às vezes eu ligo pra uma, telefono, aí fala "vem aqui, Tatiane", de fim de semana, mas eu nunca fui, e além dessa família assim, eu tenho minha família da igreja, entendeu? Que para mim é uma família e às vezes, assim, é mais do que as de sangue, porque assim, eu tenho contato com o pessoal, o pessoal me liga "você está bem? você está congregando?"

Fábio – Essa igreja é lá de Feira de Santana? Não daqui, né?

Tatiane – Não, a gente tem aqui, a gente tem em todo o estado da Bahia.

Fábio – Mas essas pessoas que te ligam são de Feira de Santana?

Tatiane – Não, são daqui. Porque quando a gente sai de uma cidade para outra, a gente já… diretamente a gente… quando eu me mudei para Salvador, eu já entro em contato com os irmãos daqui pra já criar aquela… pra já saber "tem uma irmã nova, de tal lugar". e tudo muito assim, eu trago já uma carta de Feira pra aqui, pro pessoal daqui, "irmã nova, de Feira, que está morando aqui, que está estudando", eles já ficam informados de tudo isso, ai já tem toda aquela preocupação "está congregando? Vou te buscar. Vem congregar comigo", tem aquele contato "como é que está? Você foi para Feira?". A mesma coisa é os irmãos de lá "e aí Tatiane, você congregou? Como está lá?" aí tem aquela preocupação, entendeu? Se torna mais uma família do que a de sangue, então acaba assim, ao mesmo tempo que eu estou só, eu não estou. Eu ligo para a irmã, para uma irmã da igreja, ela fala assim "bora congregar, venha aqui". É igual à menina que mora comigo, eu falo que é muitas coisas de Deus, né? A menina que mora comigo é católica, católica, católica mesmo. Aí ela chega para mim "ó Tatiane tem uma coisa fantástica, que vocês da igreja uma não vê a outra, nunca se viu, não conhece, mas falou duas palavras de Deus, falou que é daquele lugar, já é aquele amor, bora pra minha casa, não sei o que", é uma cumplicidade que um tem com o outro. Aí ela fala assim, a gente conversa, e ela fala assim que admira muito, porque assim, é não deixar o outro à toa, entendeu? Ter... é criar aquela afinidade pra, estar precisando estar ali.

Fábio – Você sente isso com esse pessoal?

Tatiane – Sinto, sinto, até porque… é, a gente, o pessoal da nossa religião, a gente diz assim, pra um ajudar o outro, entendeu? Independente… a gente tem ligações de outro país, de outro país, é a mesma recepção em qualquer lugar que você vá.

Fábio – E você já foi para a igreja, aqui?

Tatiane – Já. Já fui e, assim, eu tinha esse medo, "puxa, como é que vai ser lá, como é que eles vão me tratar do mesmo jeito que me tratam aqui em Feira?", porque lá era uma recepção, era Tatiane pra cá, me ligavam pra sair no final de semana, tinha aquele todo um amor, já conhecia todo mundo da igreja, todo mundo me conhecia, falei "como vai ser a recepção lá?", e quando eu cheguei aqui foi fantástico, entendeu? Eu fiquei "agora eu estou bem".

Fábio – Você tinha funções lá na igreja?

Tatiane – Eu não tinha função ainda por eu ser nova, entendeu? Ser nova, batizada, assim. Não, conhecer, eu conhecia, frequentava desde criança, mas de batizada tinha pouquíssimo tempo, entendeu? Até porque eu vou fazer apenas seis meses de batizada, ainda, e assim, por esse pouco tempo, não foi… porque às vezes podia até passar muito tempo, porque o que determina isso é Deus, ou até pouco tempo. Música eu estava começando a estudar, estava começando a estudar música, aí vir para Salvador, muda os planos tudo, aí tem que parar música, aqui ainda eu não consegui.

Fábio – O que foi rompido para você vir para cá?

Tatiane – Gente, muita coisa, tinha ido na auto-escola, feito minha matrícula, pra começar a tirar minha carteira (risos), aí falei "meu Deus do céu", não, ai desisti. Tinha começado a fazer música, tive que desistir, o que mais? Tinha lá meu grupo de jovens, tinha minha comum, aí tudo mudou, tudo…

Fábio – o que? Comum?

Tatiane – Comum, é um lugar que você congrega sempre. Aí aqui e tudo, é tipo como eu falei, começar uma vida nova.

Fábio – E amizades, tinha muita amizade lá?

Tatiane – Muita amizade, tanto na igreja quanto fora.

Fábio – E você, Mara, o que você teve que largar e deixar para trás?

Mara – Eu tive que deixar para trás início de relacionamento.

Fábio – Namoro?

Mara – Nem namoro, mas aquela coisa assim, de você, assim, passava, conhecia aquela pessoa, só por conhecer, entendeu? Mas você começava a conversar com ela…

Fábio – Lá em Valente?

Mara – Lá em Retiro. Em Valente, assim, a maioria dos meus colegas estão aqui, outros não, mas assim, eu não encontrei ainda com eles, mas assim, eu deixei de… tem a festa de Santo Antônio, e minha mãe, assim, sempre fazia as coisas, lindas, aquelas coisas, então, eu não vou para a festa de Santo Antônio e era uma coisa que eu ia todos os treze dias, todas as treze noites que tinha. Tinha aquela coisa, lá em Retiro tinha acabado de fazer uma praça, de construir uma praça lá, e estava aquela coisa de todo mundo "ah, vamos para a praça no final de semana", tinha churrasco, aquelas coisas todas. Eu acho que eu sinto muita falta disso, mas eu acho que quando eu voltar nas férias vai ser um retorno bem maior, entendeu? Vai ser um carinho bem maior, porque acho que a distância junta mais, entendeu? É, aproxima mais as pessoas. Aí o que acontece, eu ia, tentava, né, entrar na auto–escola, lá, só que agora eu só vou poder entrar quando eu voltar de férias porque não vai ter como mais, eu estava pensando em fazer um curso de inglês, estou à procura daqui, mas lá eu já estava quase certa, entendeu? Eu estava matrículada para ir pra turma de lá, mas bola pra frente, né, aqui também tem, aqui eu também vou fazer, entendeu?

Fábio – Eu vou terminar por aqui. Vocês querem falar mais alguma coisa?

Tatiane – Se você for deixar a gente falar, eu queria ficar a tarde toda conversando (risos).

# APÊNDICE E – Entrevista com Jéssica

Fábio – 19 de abril de 2010. Jéssica, você vem de onde, então?

Jéssica – De Jacobina.

Fábio – De Jacobina, chegou esse ano?

Jéssica – Cheguei.

Fábio – Explica para mim como é sua cidade?

Jéssica – Pequena. Eu gosto de lá, na verdade eu estou sentindo falta, viu? Mas eu nasci em São Paulo.

Fábio – São Paulo, capital?

Jéssica – Santos. Morei até os dezoito depois eu fui para Jacobina, fiquei o quê? Sete anos lá. Ai pronto, depois eu vim para cá.

Fábio – Então você nasceu em Santos e depois foi para Jacobina. Desde quando você está em Jacobina?

Jéssica – Desde… 2002.

Fábio – E você está com quantos anos agora?

Jéssica – Vinte e cinco.

Fábio – Nesse tempo em Jacobina, você se acostumou com a cidade?

Jéssica – Me acostumei, tanto que não me acostumo mais com cidade grande, entendeu? Sou extremamente aqui… desde pensar em ir embora, já fui para o IHAC, de errar.

Fábio – Como é isso?

Jéssica – Eu queria… me falaram que tinha uma prova interna para transferência. Eu queria ir para Jacobina, na UNEB.

Fábio – Por que você quer voltar para lá?

Jéssica – Ah, não sei, eu sinto falta de lá, de todo mundo, eu não consigo me

encontrar aqui, sei lá. Eu tenho meus amigos que estão lá, agora. Eu não sei, eu sinto um vazio, eu sinto… uma sensação no corpo, né? Ah, sei lá.

Fábio – Você mora onde?

Jéssica – Agora eu estou no Garcia.

Fábio – Você mudou…

Jéssica – Mudei semana passada

Fábio – Mora onde ali?

Jéssica – É na primeira travessa, ali.

Fábio – E mora com quem?

Jéssica – Eu, Tatiane, e uma outra moça que faz tecnologia.

Fábio – Você estranhou várias coisas na cidade, o que você estranhou?

Jéssica – Ah, eu não me acostumo mais, sei lá, eu sinto falta de casa, sinto falta de minhas amigas, de todo mundo. Eu estou me sentindo um E.T., aqui (risos)

Fábio – E.T.? Por quê? Você não esta se dando bem com as outras pessoas?

Jéssica – Não, eu sou bem sociável, eu me dou bem com todo mundo, tanto que eu acabei de chegar, já fiz amizade e já estou morando com as meninas, entendeu? Mas é que eu não consigo me desligar de Jacobina, não.

Fábio – O que você deixou lá?

Jéssica – Ah, eu deixei minha casa, meus amigos, meu namorado.

Fábio – O que você fazia lá?

Jéssica – Eu trabalhava na loja de móveis, no caixa. Trabalhei três anos. E aqui, também, quando terminar meu seguro vou ter que arrumar um emprego senão eu não posso ficar.

Fábio – Terminar o seu seguro desemprego?

Jéssica – Isso. Eu vou receber agora a primeira parcela, e em agosto termina.

Fábio – Sem trabalho você volta para lá?

Jéssica – Com certeza, sem trabalho não tem como, meu pai não tem condições.

Fábio – Você foi atrás de bolsa?

Jéssica – Não, mas também, eu fui me informar e são somente trezentos reais, e trezentos reais vai dar para quê? Para quem vai pagar aluguel, né? E alimentação e tudo… não é viável. Claro que é interessante para fazer uma pesquisa e tudo, mas só que pelo dinheiro não. Se eu não encontrar uma outra fonte de renda, não tem como ficar.

Fábio – O que você está fazendo para conseguir encontrar?

Jéssica – Não, é porque eu vou esperar meu seguro terminar, entendeu? Por que senão eu perco se eu conseguir um emprego agora, e assinar a carteira… cancela meu seguro. Aí quando for, pra perto de terminar eu vou ter que achar um emprego.

Fábio – E como foi a chegada em Salvador?

Jéssica – Ah, eu não gostei não. Já na matrícula, já estava arrependida. Já querendo voltar.

Fábio – O que foi esse impacto? O que te impactou?

Jéssica – Eu não sei, eu achava que ia ser outra coisa, eu senti falta, eu me senti sozinha, e eu tenho pânico de solidão, sabe? Eu tenho pavor de me ver só, aí… ficava lembrando do pessoal todo indo lá em casa, todo mundo lá e eu aqui, sozinha, fazendo o quê? E lá tem faculdade, poderia ter feito lá, não esse curso, mas… por isso que eu me arrependi…

Fábio – Em sua casa quem iam? Familiares, parentes?

Jéssica – Minhas amigas, que elas moram lá comigo, entendeu? Minha mãe mora em São Paulo. Fez a casa e foi morar em São Paulo, porque ela tem que… tem um irmão meu que está em tratamento, aí eu fico lá com minha amiga. Aí eu já estava acostumada, já fazia parte da minha rotina, aquelas pessoas… e eu senti esse choque.

Fábio – Falta de seus amigos?

Jéssica – É, eu tenho medo de perder essa… deles me esquecerem, assim, sei lá (risos)

Fábio – Você já voltou lá?

Jéssica – Já, eu já voltei lá duas vezes, foi bom demais (risos). Só é ruim na hora de

voltar de novo. Eu vou para lá semana que vem. No final de semana que vem… só é ruim na hora de fazer as malas para voltar para cá.

Fábio – Como está o processo de fazer novas amizades aqui em Salvador?

Jéssica – Está bem, só que sei lá, não me sinto em casa.

Fábio – Antes você estava morando onde?

Jéssica – Com minha tia.

Fábio – Que bairro era?

Jéssica – Sussuarana.

Fábio – É longe?

Jéssica – É depois da Paralela, já periferia, só que é muito longe… entendeu? Eu saía daqui às dez, chegava em casa às onze e meia, e é perigoso, é longe demais e é cansativo, aí as meninas me chamaram para ficar com elas, aí fica melhor.

Fábio – Como que é Salvador?

Jéssica – Salvador é outro universo, é outro mundo. É porque assim, eu não gosto de me sentir, assim, como se fala, eu gosto de ter o controle de tudo, entendeu? Minha cidade pequena eu sei onde está tudo, sei como é tudo, sei que dia tem isso, que dia tem aquilo. Então eu tenho meio o controle, assim. Eu não gosto de ficar perdida. E aqui, não, não tem nada, não sei como é nada, não sei o que vai acontecer, e lá não. Quer ir no banco, já sei como é, tudo certinho, tudo direitinho, tudo perto, tudo fácil. E aqui, não, chega aqui, fico… eu não gosto de me sentir assim, nessa imensidão. Eu gosto de ter o controle de tudo.

Fábio – E em São Paulo você tinha essa impressão também? Você acha que tem algum paralelo com São Paulo?

Jéssica – Não, porque lá, eu cresci lá, entendeu, então eu me acostumei. Aí já fui para Jacobina, aí depois fui acostumando. É tanto que eu não quis voltar para São Paulo, minha mãe me chama direto e eu não quis mais voltar. Porque eu gostei tanto de cidade pequena que eu disse que não ia mais. Minha mãe mora lá, meu pai, meu irmão, todo mundo mora lá, só tem eu aqui.

Fábio – Então, na cidade pequena o atrativo que tem para você e esse controle sobre as coisas…

Jéssica – É, sei lá, você tem mais contato com as pessoas, acho que as pessoas, sei lá, São mais carismáticas, tem aquele afeto, aquela amizade mais forte, não sei. Parece que no lugar pequeno todo mundo está perto, entendeu?

Fábio – Aqui você sente essa diferença?

Jéssica – Ah, sinto, as pessoas aqui são mais frias, assim.

Fábio – Elas não estão assim, vou arriscar, não estão tão preocupadas com você quanto lá?

Jéssica – É, também.

Fábio – Estão mais cada um do seu jeito.

Jéssica – É, cada um na sua, e tal, por mais que trate bem, e tudo, mas não tem o que eu tinha lá.

Fábio – Então você resumiria nesse ponto a sua vontade de embora, saudade, medo de perder as amizades e, também, dificuldade de estabelecer novos vínculos aqui?

Jéssica – É, com certeza.

Fábio – A imensidão de Salvador influenciou, também?

Jéssica – Com certeza, porque você não tem noção de nada, onde é nada, tudo é longe, e aí fica aquela coisa, vai em um lugar tem que ficar perguntando onde é isso, onde é aquilo, pega ônibus errado… e lá não, tudo perto, vai andando ou então pega uma moto–taxi já está ali, chegou, pronto, tudo fácil. Como eu morava com minha tia, tinha que ir andando, todo dia, até a orla, para pegar ônibus de dez e meia lá na orla, e é perigoso, né? Daqui até na orla, para depois esperar o ônibus, para depois ele ir lá em cima, o ônibus rodava quase uma hora. Aí é muito cansativo. Aquilo também foi mais… me estressando, assim. Esse período que eu morei com ela foi complicado por isso, pela distância, aí fui ficando mais estressada.

Fábio – Você atravessava a cidade, não é?

Jéssica – É, tem que ir andando até a orla, correndo perigo…

Fábio – Como era a experiência de atravessar a cidade?

Jéssica – Ah, é muito ruim, muito cansativo, você esta cansada, doida para chegar

em casa para tomar um banho e dormir, e você fica rodando em lugares que você não conhece… primeiro dia, mesmo, eu peguei ônibus aqui para a Estação Pirajá, fui chegar em casa quase uma hora da manhã, nossa, foi horrível. É muito ruim. Porque lá, não, lá é tudo perto, você em dez minutos está em casa, em quinze minutos chegou.

Fábio – E agora que você está no Garcia, facilitou?

Jéssica – Facilitou bastante, já estou me sentindo bem melhor, a gente já vem andando, é tudo pertinho, já está melhor, mas…

Fábio – O que a faculdade pode te oferecer para te ajudar nesse momento de chegada

Jéssica – Não sei

Fábio – Ela te ajuda em alguma coisa, a faculdade?

Jéssica – Não.

Fábio – Você acha que ela poderia facilitar esse processo?

Jéssica – Na verdade eu não sei.

Fábio – Mas, a principio, ela não tem ajudado?

Jéssica – Não, eu queria que ela me desse a prova para eu ir para Jacobina, do sistema que tem uma prova interna entre as duas instituições, aí só fazia e trocava.

Fábio – Como estão os estudos?

Jéssica – Está bem, eu estou gostando do curso, entendeu? Isso até que me confunde um pouco quando eu penso em ir embora, porque o curso é interessante, e lá não tem. Eu estou gostando, às vezes eu fico um pouco… porque lá não tem, mas é bom, os professores são bons, tem um método de ensino ótimo, mas eu que estou me sentindo deslocada, ainda.

Fábio – Você já queria esse curso, ou começou a pensar nele depois?

Jéssica – Não, não, eu estava querendo fazer outro vestibular, mas aí quando eu fui lá no site já tinha acabado a inscrição, aí só estava essa pelo ENEM, eu não sabia o que era BI, nada, só que ia ser pelo ENEM mesmo, aí me inscrevi, tinha até esquecido já que eu tinha feito inscrição, aí eu estava procurando o papel lá e eu

achei o papel da UFBA, quando fui ver tinha passado, nem… nem sabia, foi uma surpresa. No começo só alegria, né? Vambora, não sei o que, mas quando a gente chega assim, dá uma coisa, aí já…

Fábio – E quanto ao tempo, você falou do deslocamento que era de quase uma hora e meia, agora passou para menos de uma hora.

Jéssica – É, quinze minutos, nem dez minutos.

Fábio – Como que está a vivência do tempo aqui em Salvador? Você tinha uma outra vivência do tempo, antes.

Jéssica – É, com certeza.

Fábio – Você poderia falar um pouco sobre isso? Como era lá, como é aqui, se você tem tempo de folga ou se falta tempo

Jéssica – Ah, lá tem tempo para tudo. Trabalhava mas tinha tempo, saía, chegava de manhã, ia trabalhar, normal, nem cansava.

Fábio – E aqui, como é?

Jéssica – Aqui eu nunca fui para lugar nenhum. Só venho para a faculdade, porque também não conheço ninguém… além de não ter tempo não tem dinheiro para sair, né? Porque aqui é tudo caro, lá é mais fácil, e aqui não. Porque aqui para você ir para um lugar mais seguro, assim, mais… um lugar bom para você ficar, é muito caro. Não tem nem como.

Fábio – Tem segurança…

Jéssica – Tem segurança, é, com certeza. Se você for para qualquer lugar tem muita briga, e aí não dá.

Fábio – Você tem medo de andar de ônibus, ou não?

Jéssica – Eu tenho um pouco, porque a gente vê muita coisa no jornal, que acontece, mas não tem jeito, tem que andar.

Fábio – O que te atrapalha para sair de casa? Você falou do dinheiro e da violência, o que mais?

Jéssica – Com, certeza… e o tráfego, assim, a questão do tempo, porque eu não estou trabalhando, porque eu preciso trabalhar, entendeu? E aí quando eu começar

a trabalhar eu não sei como é que vai ser. Porque trabalhando isso vai atrapalhar um pouco.

Fábio – Por quê?

Jéssica – Por que eu não vou ter tempo de vir duas horas para cá, quatro horas, para a biblioteca, essas coisas, como a gente está vindo, entendeu?

Fábio – Você está usando o tempo de que forma, agora? Você esta estudando?

Jéssica – Estou, a gente estuda, a gente marca sempre para vir para cá cedo, com as meninas, duas, três horas, a gente vem, fica na biblioteca. Hoje mesmo a gente chegou três horas. Terça-feira a gente veio cedo. Amanhã a gente vai fazer o curso de psicofísica, chega às quatro horas. Aí, aproveitar também enquanto não trabalha para poder… acumular essas horas, né? Que tem, complementares, porque depois que começar a trabalhar não vai ter como, não. Aí eu não sei se o trabalho vai ajudar ou vai atrapalhar, né? Porque com certeza vai atrapalhar, mas eu não posso ficar sem trabalhar, não tem nem como.

Fábio – E seu seguro acaba quando?

Jéssica – Em agosto.

Fábio – Me diga uma coisa, Jéssica, voltando, você disse que lá dava tempo para tudo, para trabalhar, para sair, para ver seus amigos, aqui você falou que falta tempo para você?

Jéssica – Ainda não, mas vai faltar, entendeu? Por que tudo longe, aí a pessoa sai do trabalho, vai ter que sair mais cedo, né? Porque aqui sai tudo seis, maioria do comércio, né? Vou ter que sair cinco horas e já vir direto para a faculdade, porque não vai dar tempo de ir em casa, tomar um banho, e vir para cá, então vai ser mais difícil. Aí já não vai ter muito tempo para nada. Lá não, lá como era perto, se eu fosse estudar lá, dava para sair, ir em casa, normal.

Fábio – E o campus, aqui, a UFBA em geral, como você se localiza? Você já conhece a UFBA?

Jéssica – Conheço pouco, agora, essa entrada aqui, do… do PAF 3 é cheio de lama, achei isso um absurdo, deveriam cuidar porque quando chove não tem nem como passar ali, poderiam jogar umas pedras ali, uns cascalhos, alguma coisa,

porque assim é impossível, né? E também acho que tem muito mato, e mal iluminado, realmente quando as pessoas falavam UFBA eu achava que era um hotel cinco estrelas, quando eu vi… o único prédio bonito é o PAF 3, esse aqui, né? Porque os outros… parece um lugar abandonado. Eu acho que falta estrutura.

Fábio – E tem espaços de convivência, espaços de encontro, onde você encontra as pessoas para conversar?

Jéssica – Tem, geralmente é na biblioteca que a gente marca

Fábio – Mas lugares em que você pode ir e encontrar pessoas para conversar?

Jéssica – Tem também, aqui fora, aqueles banquinhos ali, é bom, mas também só.

Fábio – Durante as aulas você sai para encontrar outras pessoas?

Jéssica – No intervalo a gente sai, mas eu não conheço ninguém de outra sala, só conheço da minha.

Fábio – e Tatiane?

Jéssica – Mas Tatiane é da minha sala.

Fábio – Mas em Contemporaneidade, não.

Jéssica – Só nessa aula que não.

Fábio – Só nessa aula?

Jéssica – É, mas em todas as outras…

Fábio – E Mara?

Jéssica – Também.

Fábio – Vocês estão sempre juntas?

Jéssica – Sempre, o trio.

Fábio – Gostaria que você falasse um pouco mais sobre a cidade. Você já conhecia Salvador?

Jéssica – Eu já tinha vindo, mas já tinha muito tempo. Por que a pessoa quando olha Salvador na TV só mostra aquelas partes bonitas, né? Não sei o quê, ponto turístico, e tal, aí tem até uma amiga minha que estava toda iludida para vir morar aqui. Eu disse a ela, "só que você tem que ver que a realidade aqui é outra, esse Salvador

que você vê é o Salvador para turista, para quem tem condição, Salvador para quem vai morar, para quem não tem condição é outra realidade, não é aquilo tudo, aquela lindeza que você vê na televisão, não sei o quê, não e por aí não, isso dai é mais marketing, isso é só coisa da mídia"

Fábio – Como é a Salvador que você conhece, que você conheceu?

Jéssica – Acho um lugar tumultuado, entende? Eu acho elitizado demais.

Fábio – De que jeito? Me fale mais.

Jéssica – Porque tudo o que a gente vê na tv que a gente acha que vai ter alcance, não tem quando chega aqui, entendeu?

Fábio – E o tumulto, que tumulto é esse?

Jéssica – Ah, eu acho uma bagunça, aqui.

Fábio – A cidade toda? Um pouco da UFBA também, né, como você estava falando.

Jéssica – Eu ainda não tive tempo de conhecer muito.

Fábio – Mas a sua impressão é a de que há um tumulto, uma bagunça.

Jéssica – É, eu acho que a sensação… é que é tão grande, que ninguém tem tempo de estar perto, assim.

Fábio – E as pessoas de Salvador?

Jéssica – Até agora as que eu tenho contato está indo até bem… é porque é muita correria, ninguém tem tempo para aquele, para aquela coisa de amizade, entendeu? É corre pro trabalho, corre pro estudo, corre pro trabalho, corre para a casa, então fica aquela coisa meio automática, assim, vê, dá um tchau e pronto, não tem aquela coisa de se reunir, sentar. Lá em casa, todo dia, o pessoal ia lá pra casa, de final de semana, reunia todo mundo. Mesmo na correria, sempre dava tempo, assim, de quem trabalha, né? De quem estuda… e aqui não, aqui o pessoal acorda seis horas, vai trabalhar, e sai correndo para faculdade, e volta de novo para dormir cedo para acordar no outro dia às cinco horas, então… fica aquela coisa "cada um em seu mundo". É como estar no meio de mil pessoas e você estar sozinho, entendeu? É isso que eu piro, aqui é cheio de gente mas eu estou sozinha, cada um está no seu mundinho ali, separado, cuidando de sua vida, como se você não estivesse aqui, entendeu?

Fábio – Vou tentar traduzir, falta confiança?

Jéssica – Muito.

Fábio – Você não pode contar com as pessoas, seria isso?

Jéssica – Também. Eu não sinto isso da parte delas, entendeu? Talvez até porque as pessoas não tenham tempo, né? Tem que cada um ficar com sua preocupação pessoal, da sua vida, né? Então, não tem nem tempo de estar se abrindo para as outras pessoas… acho que por conta da cidade mesmo, da correria do dia–a–dia de cada um. Você, às vezes, vem na rua de manhã para resolver alguma coisa, você sai às oito horas vai chegar duas, três horas da tarde, e se chegar cedo, né? Porque é tudo longe, tudo tem trânsito, tem engarrafamento, então as pessoas não tem tempo. Aí sai cansada do trabalho, tem engarrafamento, chega aqui já atrasada, aí vai assistir aula, então não tem aquela coisa "como foi seu dia, como é que está", entendeu? De estar… eu sempre tive muito isso com minhas amigas, a gente sempre se cuidou… elas ficam me ligando direto contando, "ah, não sei o quê", e ainda fica me pedindo conselho, "olha, aconteceu isso aqui, você acha o que?", e aí fico "não, faz isso assim, tal, não sei o que. Peraí que eu vou chegar aí para a gente conversar" então fica meio que de longe cuidando delas, um pouco. Por eu ser mais velha, assim, eu cuido delas assim, e todo mundo cuida de mim também, entendeu?

Fábio – E aqui, quem cuida de você?

Jéssica – Ninguém (risos) ninguém.

Fábio – É só você?

Jéssica – É, só eu. Lá não, lá tinha muito isso. Da gente estar sempre ligando, perguntando, tal. Vai para um lugar, vai todo mundo junto, vai fazer uma coisa, vai todo mundo junto. E eu não gosto de ficar sozinha, tenho pânico de solidão, e eu me sinto muito só aqui, muito abandonada.

Fábio – E essas novas amizades, você acha que tendem a preencher esse espaço ou você acha que tem um limite?

Jéssica – Eu acho que tem um limite, porque cada um vem com um objetivo. As pessoas que eu estou mais próxima também são de cidade fora, entendeu? Aí fica com aquele vínculo com aquele seu lugar de origem, aí não consegue, entendeu?

Fábio – Você acha que esse vínculo atrapalha? Esse vínculo de cada um com sua cidade de origem atrapalha em uma nova amizade?

Jéssica – Eu não acho que atrapalha, mas eu acho que não fica aquela coisa, integral, entendeu? Aquela coisa de verdade, assim, aquela coisa… até porque vem para aqui, fica todo mundo preocupado com estudo, preocupado em ter que trabalhar, aí não tem aquela coisa. Não vai ser, nunca vai igual lá, isso é certeza. E também eu acho que eu mesmo me bloqueio um pouco, assim, com medo de, sei lá, tomar o espaço, entendeu?

Fábio – Tomar o espaço que é delas?

Jéssica – É… aí fica mais complicado.

Fábio – Elas te cobram isso, de alguma forma?

Jéssica – Não, isso é coisa minha, mesmo, que eu fico imaginando, entendeu?

Fábio – E também você acaba cuidando de seu espaço lá, para não ficar vazio, né?

Jéssica – É, e aí eu não gosto de ser invasiva, entendeu? Quando eu sinto segurança que eu chego, falo, mas eu fico mais na minha, assim. Não sou muito de chegar e ficar perguntando nada. só se a pessoa me der espaço, entendeu? Como espaço eu tenho lá com minhas amigas, e aqui não.

Fábio – Como você faz para conseguir… você tem buscado criar outras relações de amizade, aqui?

Jéssica – Eu sempre tive facilidade de fazer amizade com todo mundo, até agora está indo bem, tanto que eu já estou morando na casa das meninas, entendeu? Em relação a fazer amizade eu não tenho muita dificuldade, não, só que não vai ser a mesma coisa. Porque minhas amigas lá eram praticamente uma família. Porque tem uma amiga minha que mora lá em casa já tem uns três anos, e ela ficou agora, lá, cuidando da casa, mas é aquela coisa de família mesmo.

Fábio – Você deixou coisas suas lá, pessoais?

Jéssica – Tem, deixei tudo, os móveis, deixei tudo lá, porque não tinha como trazer.

Fábio – Então você esta só com um pedacinho aqui, né?

Jéssica – É… estou só com um pé aqui e outro lá. Tanto que eu estou fazendo… se hoje tivesse um vestibular da UNEB eu faria, para lá, assim, agora, esse início, essa

semana. Só vai ter no final do ano e o meu objetivo e fazer vestibular, já que eu não consegui lá no IHAC esse procedimento que me disseram… muita gente que eu conheço que faz na minha cidade, disseram que existia isso "não, você faz e muda para a sua cidade". Eu tenho uma amiga, mesmo, que passou para São Paulo, para direito, uma particular lá. Ela disse que depois do primeiro semestre ela ia fazer uma prova para vir para Salvador, porque lá esta muito longe para ela, porque ela está no interior de São Paulo, entendeu? Aí eu fui buscar isso. Minhas amigas, mesmo, de Jacobina já falaram "faz uma prova pra UNEB daqui, tal". Elas são da UNEB, mandaram eu procurar, eu procurei, disseram "ah, isso não existe, isso não tem como", porque eu fui atrás mesmo. Aí o único objetivo, a única chance, agora, é fazer outro vestibular para a UNEB de lá, e eu vou fazer.

Fábio – Você já procurou informações na UNEB, de lá, porque às vezes abrem vagas residuais.

Jéssica – É isso.

Fábio – Eu acho que a UFBA só abre provas para as vagas dela, da UFBA.

Jéssica – É isso, mas tendo uma vaga lá, acho que teria como… é isso que eu quero saber, se eu teria que fazer essa prova aqui ou lá, é isso que eu não consegui a informação, entendeu? Porque a vaga tem que surgir lá, eu não sei se eu faço… eu não sei como seria essa prova, teria que ir lá fazer?

Fábio – Eu não sei, mas eu acho que é lá.

Jéssica – Se surgir uma vaga lá.

Fábio – Essa é a ideia principal?

Jéssica – É, é.

Fábio – O que te seguraria aqui? A qualidade do curso?

Jéssica – É, o curso é ótimo, isso que ainda está balançando um pouco.

Fábio – A cidade te segura de alguma forma?

Jéssica – Não.

Fábio – A praia, alguma coisa?

Jéssica – Nada.

Fábio – Nada te encanta?

Jéssica – Não.

Fábio – Alguma coisa te encanta?

Jéssica – Não.

Fábio – Nem um "nossa, aquele doce maravilhoso"?

Jéssica – Só o que tem aqui que lá não tem e cinema e teatro, né? Que é interessante, também.

Fábio – Você foi?

Jéssica – Ainda não tive chance de ir não.

Fábio – Mas você vai?

Jéssica – Com certeza. Só. Porque fora isso…

Fábio – Fora isso só tumulto?

Jéssica – É, com certeza.

Fábio – Você está triste?

Jéssica – Ah, eu estou, direto. Todo final de semana eu choro, quero ir embora, já liguei para minha mãe, disse que ia desistir, aí quando eu tive em Jacobina para resolver problema no meu seguro, aí tive que ficar três dias lá, aí ela ficou "ah, você desistiu, não acredito, não sei o quê" porque ela concorda assim, se eu passar para lá, entendeu? Não vou voltar para lá e ficar à toa, porque eu também não quero, eu só quero ir se eu tiver na universidade lá, também para ir e ficar em casa à toa, não, porque eu já vou ficar sem emprego, e ainda sem estudar, aí também eu só vou se eu conseguir uma vaga lá, senão eu vou ficar.

Fábio – E suas amigas vem aqui te visitar em Salvador? Teve esse movimento contrário, também, delas virem para cá, passear?

Jéssica – Não, já teve uma história de elas virem morar aqui, entendeu?

Fábio – Elas falam?

Jéssica – Falam, mas isso vai demorar, entendeu? É complicado, elas tem que ter trabalho, entendeu? E aí fica difícil para elas virem. De vez em quando elas vem

bater aqui, antes de eu vir morar aqui elas estavam vindo, só que a maioria estuda, faz faculdade também, trabalha, e aí não tem tempo, né, de vir para cá. A gente se reunia todo dia mas era lá, era mais fácil… disponibilizar dois, três dias para vir aqui… é mais difícil, sem contar que gasta também, porque a passagem é mais de cem reais.

Fábio – Cem reais?

Jéssica – É, porque a passagem é uns cinquenta e três, cinquenta e quatro reai, ida, né? Volta é a mesma coisa, uns cento e dez reais, mais ou menos.

Fábio – Em Jacobina você não tem família?

Jéssica – Tenho umas tias, lá, só que eu morava sozinha.

Fábio – Mas com pouco contato.

Jéssica – É, minha mãe às vezes, com tempo, aí ela fica sempre em São Paulo, por causa do tratamento do meu irmão, aí minhas amigas ficavam comigo.

Fábio – Em São Paulo você tem sua mãe e seu irmão?

Jéssica – E meu pai.

Fábio – E seu pai. E você vai para lá?

Jéssica – Não, tem muito tempo que eu fui. Eu falo todo final de semana com ela por telefone.

Fábio – Não tem nem vontade?

Jéssica – De passear eu tenho, agora, de morar, não. Porque eu tenho vontade de só ver as pessoas, que estão lá. Tem minha madrinha, tem meu pai, minhas irmãs.

Fábio – E esse sentimento de Salvador, de imensidão, das pessoas serem mais distantes, isso você não tinha com São Paulo, porque você morou lá até os dezoito anos.

Jéssica – É, mas eu cresci naquilo ali, entendeu? Então eu não achava estranho.

Fábio – Quando você veio para cá, você reconheceu que era igual lá, ou você acha que e diferente?

Jéssica – Ah, mesma coisa. A estrutura da cidade é a mesma, mesma coisa. Onde eu morava também tinha praia, que era em Santos.

Fábio – Mas era grande?

Jéssica – É enorme a cidade. Tem tudo que tem aqui, tem teatro, tem cinema, tem *Mac Donald's*, tem *shopping*. Não tem diferença daqui não, mesma coisa.

Fábio – E as pessoas, também?

Jéssica – Também.

Fábio – E lá você não deixou amizades fortes?

Jéssica – Não, porque lá… era mais amizade de colégio, assim, não era aquela amizade como eu fiz aqui, era mais amizade de colégio, aí acabou os estudos, cada um foi para um canto, deram filho já, novinhas, casou, aí não teve aquela falta, assim. Eu sinto mais falta e de minha mãe, entendeu? Mas isso a gente vai acostumando

Fábio – Deixa eu ver se realmente é isso. Se essas pessoas com quem você criou praticamente uma família, se elas não tivesse lá, tivessem em outra cidade, e Jacobina, portanto, não tivesse mais essas pessoas, você teria vontade de voltar lá, estar lá, você acha que a cidade te cativou ou é basicamente pela presença dessas pessoas?

Jéssica – É, eu acho que é pelas pessoas, claro, tanto que se viessem todas para cá eu não ia embora (risos)

Fábio – Você ficava aqui?

Jéssica – Ficava (risos) aí eu ia me acostumar, de todo jeito.

Fábio – Mesmo a cidade lá sendo mais organizada…

Jéssica – É, mas aí eu ia ter o apoio das amigas para a gente ir se acostumando, entendeu?

Fábio – Conseguir transformar esse estranho em algo mais familiar.

Jéssica – É.

Fábio – Tem algo que você conseguiu transformar em familiar, já?

Jéssica – Não.

Fábio – Está tudo ainda… isso e difícil no cotidiano?

Jéssica – É, bem complicado.

Fábio – Mas você já criou um cotidiano já.

Jéssica – Já.

Fábio – Mas não se torna familiar?

Jéssica – Não, é como algo temporário, sabe? Está ali só de passagem, e já vai acabar, já vai passar.

# APÊNDICE F – Entrevista com Reginaldo

Fábio – Seis de abril de 2010. Reginaldo, como é sua cidade?

Reginaldo – No caso... eu venho de Santo Antônio de Jesus, moro lá desde pequeno, mas não sou natural de lá. É uma cidade desenvolvida, mas eu não sou natural de lá, chama Santo Antônio de Jesus. Eu vim de Feira de Santana, nasci em Feira de Santana. Também, só fiz nascer, fui recém–nascido pra Santo Antônio, me criei lá, me criei, morei, morei 22 anos lá, vim pra cá agora, 22 anos, mas sempre viajei, sempre conheci outros lugares, não era extremamente restrito.

Fábio – Você já conhecia Salvador?

Reginaldo – Já conhecia Salvador, tinha parentes aqui, tenho amigos aqui também. Assim, a cidade ela é bem desenvolvida, tem, tem tudo que você imaginar, assim de porte de grande cidade. Tá desenvolvendo, a cidade é conhecida pelo comércio. Cidade muito forte em comércio. Que imaginar de móveis, coisas pra casa, tem tudo, tudo que a maioria das lojas aqui, Americanas, Insinuante, Todo Dia, tem Codical, tem várias lojas grandes lá. A cidade é grande. O último senso tinha em média 90 mil habitantes, só que antes da Federal, hoje tem a Federal, UFRB lá. Com a UFRB, com certeza, deve ter subido uns 20 mil habitantes a mais. Esperando agora esse senso, pra saber como está agora a quantidade de gente na cidade, porque é muita gente.

Fábio – Que cidades você conheceu?

Reginaldo – Eu viajei muito, conheci Feira de Santana, no qual tenho familiares. Conheço Salvador. Cidades do Recôncavo, maioria todas, Amargosa, Cachoeira, São Félix, Muritiba, Don Macedo Costa, viajo bem, viajo sempre, sempre tem uns amigos que sai de carro, a gente vai pra outra cidade, época de São João mesmo, a gente vai pra outras cidades. Meu pai também era caminhoneiro, viajei muito com ele na Bahia, conheci muitas cidades, só pra conhecer, não passei tempo longe. Já fui pra Minas Gerais, já passei um período em Minas. Período curto, só de férias mesmo, acho que são essas cidades mesmo, que eu conheço.

Fábio – E a diferença entre Santo Antônio de Jesus e Salvador?

Reginaldo – Diferença é o tamanho. Questão de locomoção, que na minha cidade me locomovo de pé. É, me locomovo de pé na minha cidade, tem casa, minha casa é perto do centro. Se tenho que ir na rua comprar uma camisa, uma roupa, comprar

desodorante, shampoo, tem mercados menores perto no meu bairro, e se quiser um mercado maior é perto, dá, nem quinze minutinhos de caminhada, já chego na praça, já chego em tudo. Quando quero me locomover mais rápido, se me atraso, ou um pouco mais longe, eu utilizo o mototaxi. É, muito mototáxi. Tem bicicleta, que eu tenho bicicleta também, me locomovo de bicicleta.

Fábio – E aqui, como é para se locomover?

Reginaldo – Aqui, basicamente, ônibus. Ando muito de ônibus aqui só. Apesar de que eu não sou daquele perfil, não sei como é, perfil de estudante de Salvador. Não saio. De jeito nenhum. Não saio porque eu não quero sair, não saio porque tenho costume, não tenho tradição, mesmo em casa não tenho tradição. Fico mais em casa, então, prefiro ficar dormindo, prefiro estar sempre em casa. Aqui assim, basicamente, eu fico em casa, quando não to em casa de manhã, eu saio com meu primo, eu vou..., o pai dele tem uma loja, eu estou dando uma força, lá no IAPI mesmo, uma lojinha pequena de produtos do interior, da fazenda, requeijão, feijão, farinha, essas coisas, beiju. Eu vou pra lá com ele, é perto, é lá no bairro mesmo, mas eu vou de moto com ele. Ando de moto, aí tem que ir na rua fazer uma cobrança, fazer um depósito, fazer uma entrega, saio de carro ou de moto com ele, quando é mais independente, quando eu mesmo quero sair por vontade, é mais ônibus. Pego ônibus pra faculdade, pego ônibus pra ir pra praia, pra ir pra casa de amigo. A minha própria locomoção é ônibus.

Fábio – É uma diferença grande entre as cidades, ficou até claro pela última vez que a gente marcou você estava em um engarrafamento. Isso muda muito, não é?

Reginaldo – Tava um engarrafamento... não me fale não, eu até escrevi, que assim... que, os primeiros contatos com engarrafamento é legal, velho, só que assim... É legal, eu olhava assim, por exemplo, parava um ônibus, eu ficava olhando a cidade, que eu gosto muito de observar as coisas, observar a cidade, as pessoas, a rotina, de certa forma, das pessoas, mais ou menos conhecendo os dias. Aí até que eu falo assim, rapaz, realmente, o engarrafamento, eu até pensei, o engarrafamento não é isso tudo de ruim que o povo reclama, na primeira semana né, comecei a pegar o ônibus sozinho, tudo novo, como uma descoberta né? Foi passando os tempos, passando os tempos, conheci a rota, tipo, fui conhecendo a cidade de certa forma. Como meu primo me orientou muito "olha, velho, isso daqui, você vai daqui, aqui, aqui..", você vai ligando uma coisa a outra. E eu percebo que

eu não moro longe, longe é o percurso do meu ônibus. Eu falo pra muita gente “ah, mas você mora longe daqui”. Não, eu não moro longe, o percurso do meu ônibus que é longo pra chegar em casa, entendeu? Você vai conhecendo aí vai ficando cada vez mais maçante, mais maçante, mais maçante, você sabe que já não tem mais novidade, já vira rotina pra você. Vai ficando cansativo. Naquele dia que eu liguei pro senhor, que a gente marcou, que eu peguei ônibus cinco, que geralmente ele não engarrafa cinco horas, começa a engarrafar cinco e meia, seis horas, quando dá esse horário já estou livre do engarrafamento, eu pego só um trechozinho. Nesse dia empacou, que pra eu fazer o percurso de... quinze metros, eu levei uma hora e meia. Foi o dia que eu fiquei mais... não sei por que eu, a gente tinha marcado um compromisso, e eu gosto de cumprir meus compromissos, tipo, me quebrou, aí foi quando você ligou, aí eu fiquei mais tranquilo. Agora assim, engarrafamento tem o lado bom e o lado ruim. Bom que você conhece pessoas no ônibus, conversei com pessoas é, você vê solidariedade, umas pessoas segurando mochila, segura outro, sabe?, você também vê...vê muita coisa, tem tempo pra tudo, pelo menos eu fico aproveitando, tipo, eu aproveito engarrafamento. Eu fico ouvindo gente estressada “ah, que foi que travou?”. É, eu sei que isso trava, então eu sempre levo um livro comigo, estou sempre lendo um livro, lendo uma apostila, escrevendo alguma coisa, desenhando, pensando coisas que eu vou escrever, coisas que eu quero fazer, fico imaginando, distraído. Escuto música pra dar uma distração maior. Foi o maior choque, assim… sem contar o contato com as pessoas né? Por que Salvador é… como dizer? É uma cidade desenvolvida e você vê muitas pessoas com características diferentes, pessoas com estilos totalmente diferentes, coisas que.. eu sabia, em casa, porque a gente sempre vê em casa, eu sabia por que a gente vê em televisão, hoje tem tudo na internet, acessa e o mundo tá pequeno. Mas era coisa distante, você estar passando, assim, e se bater com uma pessoa diferente, com uma característica diferente, cabelo roxo, de visual diferente, visual diferente, fora do comum. Aí assim, vi muito disso aqui, e achei legal, achei bacana, isso que é a liberdade que o povo tem, que lá é assim, mais fechado tal, é como uma sociedade menor de certa forma, tem muito preconceito e tal. Aí foi mais assim, o choque, o choque cultural. O que eu estou devendo pra mim mesmo ainda é… sair, ir conhecer os teatros daqui, já que lá não tem teatro. Conhecer teatro, sair mais, pegar mais cinema, assistir mais cinema. Aqui tem um

leque de cartazes mais, grande, lá tem, mas chega com um pouco mais de atraso. Assim, conhecer mais culturalmente a cidade. Assim, eu fico muito reservado em casa, porque não tenho o costume de sair.

Fábio – Mas de alguma forma o fato de a cidade ser ainda bem desconhecida para você, ainda, isso te limita a movimentação?

Reginaldo – Em algumas vezes. Em algumas vezes, porque, eu já tive oportunidades assim... até meninas, “ah, vem aqui que a gente vai sair” . Aí digo "porra bicho, pegar que ônibus?". Pensei, pra ir pra tal lugar eu pergunto "ah, você tem que pegar um ônibus, tem que pegar outro depois". Não vou arriscar não, até por questão de horário né? Até por questão de horário, porque normalmente a galera gosta começa a sair final da tarde pra noite, aí fica complicado pra voltar pra casa, aí evita, "ah bora ir no final de semana, sábado de tarde mais cedo", pra ter uma organização maior de tempo, e é justamente por isso, questão de saber, de conhecer. Que assim... eu, pessoalmente, detesto sair sozinho, tipo, que eu vejo muita gente dizer “Ah, vou sair hoje, que eu vou na praia, sozinho”. É bom, de vez em quando, espairece as ideias, mas eu sou... eu estou sempre pensando, estou sempre renovando meu pensamento, minha forma de pensar, mas assim, vou sair para pensar em mais o quê, velho? Não tem mais o que pensar, de certa forma, aí vou ficar em casa, e isso não me aflige “ah, porque eu não saio.” Não, não me aflige, eu fico mais tranquilo.

Fábio – Você mora com quem?

Reginaldo – Agora eu to morando na casa de minha tia... aí é... eu, no caso meu tio, minha tia, meu primo, minha prima, tem um rapaz que trabalha com ela lá, que ela faz tempero, essas coisas, e tem o empregado que, vai lá durante o dia. Mas, basicamente, o maior contato que eu tenho na casa é com meu primo. A situação é só… um "oi, oi", mais traquilidade assim. Você vê, tá sempre preocupado, sempre saindo.

Fábio – Você estabeleceu relacionamentos de amizade com pessoal da faculdade?

Reginaldo – É, estabeleci, estabeleci. O senhor vai perceber, não sei se já percebeu, na minha turma, assim..a galera é bem unidade, o pessoal que paga aula comigo, que é da mesma turma, que pegar a maior parte das aulas, que é Marta, Rita, Silvia, Rodrigo, se você perceber está sempre na maioria dos grupos, juntos. Fica tipo, um comprometimento assim, uma... deixa eu ver um termo que eu possa falar.. um

companheirismo, tá sempre um conversando com o outro, perguntando, interagindo, tendo um contato maior com pessoas. A gente já tem um contato no MSN, Orkut, já tem maior... vamos dizer, hoje, no mundo de hoje, um contato mais íntimo. Tenho Orkut de algumas pessoas, apesar de eu não conversar, mas já tem um maior contato. Participo de um projeto com Rodrigo, Silvia, e Marcos, que é uma produção de vídeo sobre o caminhar das pessoas. Aí tipo assim, tenho maior contato assim, está mais assim, está bom o contato.

Fábio – Então você chegou em uma casa já estabelecida.

Reginaldo – Já estabelecido.

Fábio – Você acha que facilita sua vida aqui ou talvez restrinja?

Reginaldo – Professor, assim, é complicado, porque assim… eu saio de minha casa, com meu pai e minha mãe, que eu tinha maior tranquilidade… pra você chegar em uma, vamos por assim, em uma outra comunidade, é uma coisa totalmente distinta, apesar de ser conhecido, pessoal tem toda uma rotina, a rotina deles, assim... quando eu entro, de certo ponto… já tem um mês já, eu acho, na faixa de um mês... chega assim meio que estranho, meio que intruso, acordar, me ver de manhã, tem sempre alguém a mais em casa, fora da família.

Fábio – Você acha que eles estranham um pouco você?

Reginaldo – Já está se diluindo muito mais, assim, isso aí já se diluiu bastante, mas ainda tem aquele contato, assim, tem mais alguém em casa, sabe? Tipo, minha prima, ela é mais velha que eu, aí tipo, tenho prima, "já não posso ficar mais tão à vontade em casa" e minha tia também, de certa forma tem uma pessoa diferente em casa. Aí já está se diluindo assim, eu sou o neutro na casa, fico neutro o máximo possível, converso quando tem que conversar, quando estou estudando, se eu não estou no quarto estudando estou na internet, sempre to fazendo alguma coisa, ou então eu saio com meu primo.

Fábio – Como é isso de ser neutro, me explica melhor.

Reginaldo – Tipo, toda casa tem, tem discussões em casa, toda casa tem discussões, brigas. Se está brigando eu estou saindo, me mantendo neutro porque assim, eu não vim pra cá com a meta de ficar na casa deles, é como uma passagem de chuva, to passando a chuva lá, até eu conseguir me organizar, arranjar um emprego, arranjar um canto pra morar e eu vou me mudar e eu vou sentir realmente que eu to morando em Salvador, de certa forma. Lá eu to passando chuva, então, se

eu to passando chuva eu não quero me envolver pra não criar um vínculo, como é que se diz… um... um... Meu Deus!... não arrumar para mim uma preocupação a mais, entendeu? Pra não estar se envolvendo em alguma coisa a mais, do que eu quero, porque eu penso assim, não quero estar lá, me meter em discussões, "ah não, eu acho que é assim", ficar dando opinião porque eu acho que é deles, eles tem que resolver, é coisa deles, eu estou lá só pra... só pra… vamos dizer assim, estou lá só pra dormir e acordar, entendeu?

Fábio – Você falou uma coisa interessante que é sobre não se envolver, para não criar um vínculo, um compromisso, um envolvimento com as pessoas, como você está lá só para tomar chuva, você não se envolve. Agora, com essas pessoas que você tinha falado antes, você acha que está criando vínculo, compromisso, envolvimento com elas?

Reginaldo – Com o pessoal da faculdade? Estou, sim. Estou criando um vínculo sim porque, assim, a gente até pensou alto "ah, vamos montar uma produtora de áudio e cinema", mas assim, eu fico na dúvida se eu quero realmente fazer cinema. Entendeu? Assim, a gente tá fazendo, eu acho legal, eu to... o que a vida está me dando de oportunidade, eu estou abraçando. A gente faz, mas sem comprometimento, tem união, eu não sei bem... tá sendo um… como se diz, assim, um início de flores, tudo tranquilo, a gente está se organizando, a gente se deu bem, sabe? Aquela pessoa que você conhece e diz: porra, essa pessoa é bacana. Dá pra você manter uma relação tranquila. A gente tem uma relação tranquila, tem, a gente tem os projetos da gente, já me fez pensar muita coisa, eu gostei disso. Estou criando algumas coisas, me botou mais pra pensar, tipo, projeto. Eu acho que amanhã a gente já grava de novo, vamos fazer umas chamadas com umas pessoas, num lugar não sei aonde aí, a gente tá criando esse vínculo de comprometimento, esse vínculo de amizade, eu estou gostando, porque assim, de certa forma é uma cosia que você já tem a mais pra se firmar aqui. Coisa que para mim era difícil, primeira, primeira semana. Na primeira semana, até então, eu fiquei poxa, isso aqui tá complicado, porque foi aquela zona, nunca tinha feito faculdade antes. Foi uma zona porque, desorganizado pra achar a sala, aquela bagunça, eu tive que pegar aula lá no departamento de física. Foi até bom eu ter ido no departamento de física, porque foi quando eu conheci a galera. Entendeu? Assim, depois a gente olhando, eu pensei, foi destino, assim.. encontrou a galera, a gente ficou conversando um

tempão, e depois daquele dia a gente sempre está se vendo, pegou o telefone, “se souber onde é a aula me liga”, e assim foi, foi construindo, ajeitando tudo certinho, hoje tá ajeitado, todas as aulas certas, tá ok, tá pegando aula junto.

Fábio – Me fale mais da primeira semana.

Reginaldo – Primeira semana foi meio que trágico, eu acho. Porque assim, misturou tudo, todos os sentimentos. Eu vim pra cá, tem um amigo meu também que é de Santo Antônio, aí a gente veio, a gente veio com a ideia de, de pegar matéria junto, tudo junto, para ter sempre um conhecido, né? Já ter alguém com contato, pra você ficar mais tranquilo, aí foi que… já começou desde a matrícula. Fui fazer a matrícula e voltei uma semana antes. A matrícula foi cansativa, cheguei aqui duas horas, saí seis horas. Cansativo, chama o nome, vai pra lá, muda pra cá, troca de sala, vai... Aí ele já foi chamado primeiro, ai a gente já se afastou né, aí ele pegou uma opção de grade diferente da minha, aí, beleza, aí tipo, tranquilo. Ai já não, já não. O que começou diferente também, foi que a gente não tava morando junto, já não estava perto. Ele está morando mais perto da faculdade aqui na Vasco da Gama e eu no IAPI. Aí beleza, vinha pra faculdade não tinha contato com ninguém chegava na sala, a não ser contato com o pessoal da primeira semana, aquele contato mais tímido, mais frio, não tem aquela confiança. Digo, porra velho, eu vou pra faculdade. Beleza! Vumbora lá! Chegava na faculdade não tinha aula, não sabia pra onde que ia, não sabia para onde fazer, “ah, teve aula num sei aonde, tu perdeu aula, num sei o quê”. Eu não tinha me identificado ainda com a ideia de faculdade. Tava sem identificação. Tava perdido. Aí pegava as matérias assim, tentava ler alguma coisa, não entendia. Aí tinha que pegar ônibus, preocupação com horário, saudade de casa, diferença no contato com das coisas.

Fábio – Como assim diferença de contato?

Reginaldo – Justamente isso, diferença de contato com as cosias, é... trânsito, cidade grande, pensei isso aqui é maluquice, isso aqui já não dá para mim, isso aqui já está ficando ruim, fico mais em casa, ficava assim meio que... Aí tive, a matéria do senhor não tava pronta, aí já não tinha aula. Aí também veio outra matéria de Língua Portuguesa que não tava com professor, aí eu disse "é velho, tá começando a desandar as coisas aqui". Bate aquele sentimento de “poxa, vou jogar essa porra pra cima e vou–me embora”. Pensei até em fazer alguma coisa por lá mesmo. Até pensei, pensei mesmo “não, acho que isso aqui né minha cara não, não sei se vou

aguentar mais de um mês". Aí que fui ver que as coisas vão mudando, começando a conhecer pessoas, sua opinião vai mudando. Ainda sinto um… não sei, não sei, ainda sinto um vazio, mas não sei se o meu vazio é porque não estou vivendo minha vida do jeito que estava imaginando, tipo, puxando meu próprio barco, estar morando na minha própria casa, entendeu? Porque assim, você está na casa de alguém tem que ter o respeito, né, tem que ter horário, tem que ter comprometimento, não pode fazer o que você quer, tem que estar sempre mais tranquilo, respeitando o, talvez, o seguimento que não seja o seu. Foi o que estava mais me afetando, assim, mas, hoje já passou, já tá mais tranquilo. Meu maior problema é quando eu volto pra casa, nesse final de semana que eu voltei.

Fábio – Ah, você voltou para Santo Antônio?

Reginaldo – É, lá pra Santo Antônio, essa semana. Ver namorada, ver os amigos, ver família, você conversa, aí vem aquela saudade, "poxa, aqui está tão bom, tão tranquilo, de certa forma, todo mundo, com minhas irmãs, com meu irmão", aquela coisa toda, minha namorada está perto, se eu quiser ver hoje, eu vejo, se quiser ver amanhã, eu vejo, ai fica assim... a gente conversa. Ai eu ficava... aí você já vem com aquela saudade doida de voltar. Eu estou digerindo ainda.

Fábio – Você chegou que dia?

Reginaldo – Cheguei ontem, segunda–feira, ontem de tarde.

Fábio – Já tinha aula à noite, já?

Reginaldo – Já tinha aula à noite.

Fábio – Como foi chegar aqui, de volta?

Reginaldo – É… assim, não sei se pode se dizer de um abatimento, né? Não sei se essa é a palavra certa, mas, você fica meio que, aquele negócio "porra". Sabe aquele, vamos dizer assim, aquele trabalho chato que você chega oito horas no trabalho e "a luta hoje começa".

Fábio – Me diga uma coisa, o que é que você teve que deixar para vir para cá? Quando você vem para cá o que é que você deixa lá?

Reginaldo – O que que eu deixo? Assim... todos lá me apóiam, de certa forma, minha família me apóia, minha mãe me dá a maior força pra eu vir pra Faculdade, minha namorada também, a gente conversa muito. Foi o que eu mais fiquei espantado, assim, não é que eu fiquei espantado, mas é o que mais era assim, todo mundo realmente, é um problema resolver isso, tipo, namorando, lá, vim pra outra

cidade, relacionamento fica mais balançado, não, o meu ficou mais firme, mais consistente, ela… a gente conversa muito, ela me apóia, ela começou faculdade, ela faz psicologia lá na UFRB, a gente tem um relacionamento assim, que digo, pra mim é perfeito. Porque a gente conversa muito, a gente expõe nossas opiniões, está sempre se entendendo. Isso me deixou balançado, ter tipo alguém pra estar conversando problemas, estar conversando dificuldades, tenho amigos que por mais que a gente fale por telefone, mas estando junto pra conversar é melhor. Deixei uma banda minha, tinha uma banda lá, sinto saudades de tocar, aí quando eu volto a gente toca umas notas ainda, mas não é aquele negócio de, "pô velho, tem aquele compromisso, tal, quarta tem ensaio", "ah, bora ensaiar hoje, tal", e realmente me relaxava muito. Sem contar minha mãe né, porque eu estava sempre com ela, meu pai viaja muito, aí sempre com ela em casa, tipo, cuidando, sendo o homem da casa, saí um pouquinho, mas eu conversei com ela esse final de semana aí, isso tá tudo mais tranquilo, isso já se resolveu bastante. Porque até então, na primeira semana, tudo muito rápido. Eu passei na primeira lista, deu quinze dias pra vir fazer a matrícula, depois de quinze dias era uma semana depois começar as aulas, foi tudo muito corrido, não deu pra conversar muita coisa, pra decidir nada. Até então eu fiquei meio aéreo, assim, sem acreditar que eu tinha passado mesmo, depois já era a matrícula, consegui me matrícular, passei mesmo, meu nome está lá na lista, até no primeiro dia de aula eu estava meio surpreso, “rapaz, será que eu me matriculei mesmo? Deixa eu olhar direito”. Quando eu olhei lá está eslá o meu nome na lista, eu digo "é, está mais tranquilo".

Fábio – Como está o seu tempo aqui em Salvador?

Reginaldo – Eu to com bastante tempo, bastante tempo, por conta de eu não tá trabalhando, assim, tenho horário de manhã, o máximo que eu não tenho de tempo... é que minha rotina é mais ou menos assim: eu acordo de manhã, oito horas da manhã, oito e meia, tomo banho, escovo dente, necessidades, tomo café, me visto e saio com meu primo, a gente vai pra loja, a gente fica na loja enquanto meu tio tem que sair pra comprar alguma coisa, pra comprar mantimentos, mercadoria, a gente arruma toda loja, faz entrega, vai fazer alguma coisa no banco, faz depósito, aí eu vou pra casa uma, duas horas, almoço, tomo banho, aí vejo o que tem que fazer da faculdade, agilizo, leio, aí dá umas quatro e meia, cinco horas, pego ônibus, venho pra faculdade, assisto minhas aulas, quando chego mais cedo fico na

biblioteca lendo alguma coisa, uma apostila. Aí volto pra casa, saio dez horas da aula, dá dez e meia, dez e vinte o ônibus passa, nessa faixa assim, ai chego em casa onze e meia, percurso da ida é mais longo, dá mais volta, chego em casa dez, onze e meia, todo mundo já tá dormindo, aí eu tomo banho, tomo café, aí fico conversando com meu primo, ele curte futebol, aí a gente fica falando de futebol, aí vou pro computador ver email, confiro os emails, agilizo alguma coisa, eu tenho hábito de dormir tarde, desde cedo, sempre tive o hábito de dormir tarde, aí leio alguma coisa, e aí eu durmo. Aí no outro dia a rotina é a mesma, aí quando estou muito atarefado, tem muita coisa pra fazer da faculdade, eu não vou de manhã, digo, "olha, velho, vou ficar que vou estudar", fico estudando, adiantando trabalho, adiantando alguma coisa. A não ser também às vezes que, agora, essa semana, vou precisar ir ao SETEPS, fazer Salvador Card, essa semana eu estou planejando ir no SINE Bahia, SIMM, no SAC, fazer cadastramento no Balcão de Emprego.

Fábio: Você trabalhava lá em Santo Antônio?

Reginaldo – Trabalhava.

Fábio – Aí você sente falta?

Reginaldo – Sente falta por questão da independência, assim, questão da independência, porque se eu estivesse trabalhando hoje, eu não estaria mais na casa da minha tia, estaria... procurado algum apartamento, algum coisa pra alugar, um quarto, teria, assim, a sensação de liberdade, de certa forma, de independência, puxar o barco da minha vida, sabe? Fazer minha própria rotina, meu próprio... que foi a ideia que eu tive quando eu vim pra cá, foi o que estava em mente. Trabalhar, pra ter, meu dinheiro, minhas coisas, comprar minhas coisas, levar minha vida na independência.

Fábio – E a UFBA? Como é a UFBA? Ela é como você imaginava?

Reginaldo – Assim, vou fazer uma comparação de como eu imaginava que era a faculdade. Até então, quando eu estudava o segundo grau, ensino médio. É médio, né? É, ensino médio, eu não pensava em fazer faculdade, eu pensava em ficar, era um sonho meio distante assim, porque na minha cidade não tinha nada que eu queria, por que... tem UNEB lá, e agora a UFRB, que são as públicas, eu nunca pensei em minha vida em fazer faculdade particular, sempre falei para minha mãe "minha mãe, se eu fizer uma faculdade, eu faço na pública", não tenho intenção, nem tenho condições de fazer particular. Aí eu tinha ideia de faculdade. Aí uns

amigos meus foram passando na faculdade, foram começando, os caras “pô velho, é foda, é muito estudo, é muita coisa, mas é massa, você conhece muita gente”. Até então eu nunca tinha pensado em fazer nada, até porque lá não tinha o que eu queria. Aí foi até que pensou, pintou a UFRB, a UFRB tem Nutrição, Psicologia e Enfermagem. Psicologia é um curso legal, acho que, pra mim é interessante, aí beleza, só que aí eu que conheci minha namorada, aí ela me falou como era o curso, tipo, a gente conversava muito, que ela também não é de lá, ela fez esse esquema aí, ela morava em Barreiras com a família, aí de Barreiras ela terminou o Ensino Médio veio aqui pra Salvador, fez cursinho, veio pra cidade grande, fez cursinho, aí depois que passou foi pra lá, pra Santo António de Jesus, pra cidade menor, ela está tendo a mesma impressão que eu estou tendo só que o reverso, foi pra cidade menor, ela acostumada com a correria aqui, só que hoje ela diz que já não vinha pra Salvador, ela não quer nem pensar em pegar ônibus. Tinha essa ideia de que faculdade era correria, corre–corre, estudo pra cá, estudo pra lá, festa o tempo todo, sabe? Aquela… festa, reggue, mulher… aí, só que pra mim isso está difícil. Eu sempre quis fazer Desenho industrial, quando pensei em fazer alguma coisa, pensei em fazer Desenho Industrial, só que ai eu vi, não sei porquê, alguém disse “ah, é ruim, num sei quê”, aí me desanimei, como eu não era muito assim apegado pra isso, ai fui crescendo, fiz um curso profissionalizante em Feira, passei uns três meses em Feira fazendo um curso na área de informática, manutenção, pelo SENAI,  de microcomputadores. Fiz o curso, o curso é legal, o pessoal lá é bacana. Voltei pra Santo Antônio, consegui emprego na área, era técnico de informática lá em Santo Antônio, aí foi isso, aí fiquei seis meses trabalhando, foi quando eu fiz ENEM, aí eu passei, para o BI de Arte, porque até então eu, nem sabia, eu tinha esquecido que tinha feito, que tinha colocado, para aquilo, tinha esquecido. Aí foi que esse amigo passou comigo, falou, minha namorada viu, falou pra minha mãe. Nesse dia eu estava até ensaiando, estava lá ensaiando, estava tranquilo. Cheguei em casa minha mãe “você já sabe a novidade?”, eu “não, que novidade, que foi? Não sei.”. Fui, tomei banho, tomei café, quando voltei ela  “você passou!”, ai eu “passei? Passei em quê?”, “você passou na faculdade!”. Me deu os parabéns, e tal, minha namorada ligou, me deu os parabéns. Ai digo, oxe, passei? Deixa eu ir lá conferir, aí que eu fui na lista e estava lá meu nome assim, ai disse "rapaz, velho, passei na faculdade, e agora?". Eu fiquei, eu fiquei, eu passei quase a

noite inteira em branco, pensando nisso "pô, faculdade". Aí, enfim, eu vim pra cá, primeiro contato com a UFBA foi… eu estava acho que esperando isso, essa interação toda e foi aquela zona e tal, cansativo. Até então eu estou gostando, estou gostando.

Fábio – Você falou da expectativa das festas, mulheres, coisas acontecendo, e isso não aconteceu até agora?

Reginaldo – Em certa parte não, professor. Teve o… a festa do SACI, que foi a primeira festa assim, que eu não vim, não vim por conta da chuva, disse "rapaz, está chovendo demais, Salvador quando chove é uma merda velho", falei "não vou não, esse toró e pegar buzu chovendo…". Fiquei em casa.

Fabio – Para pegar ônibus fica mais complicado?

Reginaldo – Fica mais complicado com chuva, fica mais difícil, eu não sei como é que funciona na minha rota, ponto de alagamento, eu vi fechado, toró, aquela chuva forte, "é velho, se a chuva não cessar a cidade alaga", porque essas coisas em cidade grande, até Santo Antônio mesmo alaga, ai disse “rapaz, não vou correr esse risco não”. Também estava na semana que eu estava em transição, aí, eu estava todo frio, estava todo assim, não tinha nada em vista pra vim pra festa, pra fazer, não tinha ninguém interessante, digo "é, eu vou casa, na internet, conversando com meu primo", aí beleza. Eu já tive contato com meninas aqui, muito bom isso (risos) bons contatos, mas assim... Como eu disse pro senhor, eu penso muito, eu sempre gosto de ficar... não sei, como um jogo de xadrez, assim, gosto de pensar nas consequências dos movimentos, dos atos. Eu sei que faculdade não é só festa, eu que estou compreendendo isso, tem muita gente que fica doido aí "ah, pra festa, festa, festa". Assim, como eu estou gostando das matérias, estou gostando do esquemas de aulas, do esquema do curso… eu estou me dedicando bem, estou me esforçando, não o quanto eu queria, mas eu estou me esforçando, muito, e até agora eu estou gostando muito. Assim, em termos de UFBA em geral, não sei, mas em questão do curso, do curso que eu estou fazendo bem, BI em Artes, eu estou adorando a área, adorando mesmo, é uma paixão, o seguimento da arte. Sempre gostei de desenhar, sempre gostei muito disso, de arte, de música, teatro. Já fiz teatro. Eu gosto muito disso e o curso está me mostrando isso, entendeu? Está me mostrando o conhecimento, está me dando muito conhecimento. E, assim, em termos da UFBA pra mim, está beleza. Em relação ao que eu tenho contato da

UFBA, pra mim está bom.

Fábio – E esse conhecimento da UFBA, os espaços, da cidade também.

Reginaldo – Conhecimento da cidade, das rotas, esse campus aqui, o da Ondina. Já está mais fácil. Se eu entrar em qualquer portão eu sei chegar aqui. Sei me locomover por dentro, posso até demorar, mas assim, eu tenho senso de orientação bom... tenho senso de orientação bom... assim, já fiz o teste, já entrei no portão dois, já vim pra cá andando, já desci no portão habitual mesmo, portão um, e no portão grande. Aquele portão grande, eu já cheguei aqui. Eu só não sei por aquele portão lá da Ondina, não fiz o teste, mas acredito que não devo me bater muito não, acho que eu devo chegar fácil.

Fábio – Você poderia me falar sobre os principais estranhamentos que você teve com a UFBA, com a cidade?

Reginaldo – Em questão de estranhamento, hoje, meu sentimento de estranhamento já passou. Questão de estranhamento já passou. Sim, o que eu mais, que eu mais, não sei se é o que eu mais não gosto... eu só queria ter mais, digamos, liberdade, é o que eu não to tendo ainda, eu não estou tendo acesso a certos tipos de liberdade, pra poder conhecer a cidade de uma maneira...

Fábio – O que falta para você ter essa liberdade?

Reginaldo – Eu sair da casa dos meus tios, acho que é o principal ponto. Acho que eu sair de lá acho que tem mais força pra fazer, pra conhecer.

Fábio – Mas eles te restringem?

Reginaldo – Não, eles não me privam de nada, mas eu não saio justamente pra não... que assim, a ideia que eu tenho, que o povo tem, quem vem do interior é besta, quem vem do interior é jeca, não entende de nada, não sabe de nada, acha que qualquer um vai poder me passar a perna, me ludibriar, me fazer qualquer coisa, e assim... eles pensam nisso, já citou algumas coisa, "ah, não, a cidade é violenta, num sei quê, não chega tarde, porque a cidade é violenta", aí ficam me chamando assim. Eu sei que é violência, eu não vou ir andando da UFBA em casa, eu sei, os pontos, eu sei identificar pontos de malandragem, eu sei essas coisas tudo. Porque lá é uma cidade grande, eu conheço essas coisas. Aí é justamente isso, porque assim, se eu sair de lá, sair assim, “ah, não sai, não chega tarde”, eu não gosto dessas coisas. Eu acho que cria um clima chato, está na casa de alguém, sair, ficar alguém preocupado comigo, que não era pra tá preocupado, porque não

era para dar preocupação. Por isso que eu evito sair mais sair durante à noite, ou fazer qualquer coisa que possa chegar um pouco mais tarde em casa.

Fábio – O discurso da violência, não só para quem vem de fora, aqui mesmo, é muito constante, você pensa nisso, isso te incomoda?

Reginaldo – Professor, vejo o seguinte, acho que você tem que saber como chegar e saber sair dos lugares. Eu nunca... assim, eu sei que existe a violência, a violência está aí o tempo todo, mas assim, eu nunca vou sair andando, jogando no popular, dando mole, eu entendo das coisas, eu sei tipo, que se eu sair andando por vias que não tenha maior movimento, eu sei que eu corro risco de ser assaltado. Se eu fizer um outro caminho a pé, eu sei que corro risco de ser assaltado. Assim, eu evito, sei os pontos, eu vejo violência, até então eu não presenciei ninguém. Tem gente que fala “ah, é que eu vi tal coisa”, é que povo acredita muito no que jornal fala, entendeu? Ah, é que mataram tantos num sei aonde. Num sei aonde morreu tantos. Assim, eu sei que isso acontece em todo lugar, isso é natural, tanto aqui, em Santo Antônio de Jesus, Feira de Santana, em qualquer lugar vai ter bandidagem, vai ter tráfico de drogas que tá grande aí, assim, é só evito. Ah, eu não vou pra um lugar que eu não conheço, que eu não conheça ninguém lá, passear, acho que aí é errado. Ir para lugar turístico, que você saber que lugar turístico concentra maior número de vagabundagem, questões de turismo, que é mais fácil pra eles. Tipo, eu não vou no Farol da Barra, não posso ficar dando volta por lá, duas, três horas da manhã. Você entendeu? Fui na Barra, conheci o Farol, que até então eu não conhecia, só por fotos, só de passar, conheci, mas foi o quê? De tarde, que tem maior movimentação, tem sempre maior número de polícia, entendeu? Assim, a questão da violência existe, mas eu não tenho medo dela. Eu sei que ela tá ai, convivo com ela tranquilamente, sei que qualquer dia eu posso ser assaltado, isso não vai ser estranho, isso não vai ser... eu não vou ficar que nem, eu vejo muita gente dizer “ah, que uma vez eu fui assaltado, que coisa horrível”. Não, é natural gente, mas as pessoas são assaltadas a partir do momento que você começa a dar mole, ou então realmente, quando foi uma fatalidade, você ficar muito afastada do ponto do ônibus, ficar na mata, tem todas essas coisas. Questão de violência, não vejo nada aqui, nunca vi, nem presenciei nada do tipo.

# APÊNDICE G – Entrevista com Wilson

Fábio – Vamos começar do bolo, do bolo que você estava comendo, você falou que o bolo não tinha muito sabor em relação ao bolo…

Wilson – De casa, não tem. Realmente. Muitas coisas aqui não tem o mesmo sabor que as coisas de casa, porque em casa, não sei, a maneira de preparar e outra, os ingredientes são outros e aqui é muito mecânico, tudo é muito mecânico. Muito simples, você vai pega o bolo, pega… isso para mim é estranho, paga, pega, sai comendo, lá não, lá tem aquele momento de "o bolo é pro café da manhã, ou o bolo é pra noite", todo mundo aguarda aquele momento para degustar, cada um tem o seu pedaço, e aquilo tem muito mais sabor. muito mais sabor.

Fábio – Entendi, então como é o momento de comer?

Wilson – O momento de comer... a gente se reúne, todo mundo, a família inteira, no meu caso a família não é muito grande, a gente se reúne todo mundo na mesa da cozinha, como a gente fala, ninguém fala lá mesa de jantar, mesa de refeições, é a mesa da cozinha. A gente se reúne e faz as refeições. Ao término vamos assistir alguma coisa do tipo, agora que já temos televisão em casa.

Fábio – Chegou quando?

Wilson – Em 2002. A energia elétrica só chegou em 2002, antes não tinha energia elétrica.

Fábio – São quantas pessoas na família?

Wilson – Na minha família são três pessoas.

Fábio – Que moram lá. Que são quem?

Wilson – Eu, minha mãe e meu pai.

Fábio – você é filho único?

Wilson – Não, eu tenho uma irmã, mas ela saiu muito cedo para São Paulo, para tentar conseguir trabalho, acabou que não se tornou bem sucedida, entre aspas, não é? Temos vários conceitos para bem sucedida, mas não vamos entrar nesse mérito,

em relação às expectativas que ela saiu daqui, ela não conseguiu alcançar todos.

Fábio – Quais são suas expectativas?

Wilson – Ah, minhas expectativas começaram cedo, porque eu desde pequeno sempre soube que eu queria isso aqui para mim, só que isso era um sonho para as outras pessoas, distante. Para mim não, para mim, possível, sempre foi possível, sempre. Eu nunca, em momento algum, pensei que isso aqui seria algo impossível, sempre acreditei que fosse possível, mas as pessoas até mesmo riam, quando um filho de trabalhador da roça que estudou a vida inteira em uma escola pública, que saiu do ensino primário, de primeira a quarta série, sem saber fazer operações direito, que ele pudesse sanar todas essas dificuldades e conseguir hoje estar na Universidade Federal da Bahia.

Fábio – Como surgiu essa vontade?

Wilson – É meio que inexplicável, porque desde pequeno eu sempre tive algo que as pessoas diziam, que me conheciam, diferente. Alguns atribuíam essa diferença como algo benéfico, sempre quem atribuía essa diferença como algo benéfico eram as pessoas mais, como é que eu posso dizer, cultas, vamos colocar assim, as pessoas que tinham um nível superior, que às vezes iam lá no povoado, por exemplo, na época de vacinação, as enfermeiras que iam vacinar as pessoas, os animais, então elas sempre perceberam, essas pessoas, professores meus, que eu tinha algo diferente dos outros.

Fábio – Se destacava?

Wilson – É, me destacava, é que tinha uma vontade muito grande. Porque eu não me considero uma pessoa extremamente inteligente, eu me considero uma pessoa extremamente motivada, o que é diferente. Acho que é por isso que estou aqui, porque tem muitas pessoas inteligentes que não estão aqui. Porque o que eu acho que o que precisa para estar aqui, na verdade, claro que precisa de uma certa inteligência, mas o que na verdade precisa para estar aqui é uma grande motivação, até pelo processo seletivo que a UFBA submete seus alunos, que eu não concordo, acho um processo seletivo fora da nossa realidade.

Fábio – Por que?

Wilson – Porque eu acho de uma dificuldade desnecessária para submeter os

alunos, ou seja, o grau de dificuldade que o vestibular da UFBA oferece, ele é diferente de todos outros vestibulares, ele é um grau muito elevado, e eu acho que isso não é benéfico, entendeu? Não vejo em que isso é benéfico. Acho que tem que haver sim um processo seletivo, que de fato como o próprio nome diz, que selecione as pessoas, mas com esse grau de dificuldade eu acredito que seja desnecessário, porque tem pessoas que se auto-excluem do vestibular da UFBA. Eu tenho colegas, da minha sala, no meu colégio, eu estudei inclusive num colégio de três mil e seiscentos alunos, o único que passou no vestibular fui eu, só que, não sei, no máximo não fizeram o vestibular da UFBA.

Fábio – Em que cidade?

Wilson – Porque é o seguinte, eu fiz o ensino fundamental, da primeira à quarta série em um colégio no próprio Rio da Caatinga, que é de onde eu sou, no próprio Rio da Caatinga, a partir da quarta série eu fui para um colégio, também da zona rural mas em outro povoado, chamado povoado de Pitarra, fiz até a oitava. E o primeiro ao terceiro ano, eu já fui para a sede do município, que fica em Entre Rios, que é um colégio estadual. Todos esse períodos eu nunca tive um dia de pegar um carro na porta da minha casa, todos os dias eu tinha que andar três quilômetros para o ponto, para esperar o ônibus, quando o ônibus vinha, quando o prefeito não atrasava o pagamento, que era algo assim corriqueiro, o pagamento das linhas, para andar mais vinte e cinco quilômetros de ônibus, percorrer esses quilômetros de ônibus para chegar ao colégio. Sempre foi assim, sempre. Em época de chuva piorava, quando era época de chuva a volta é que era muito pior, porque lama, rio cheio, escorregões, quedas, tudo o que você possa imagina. Bichos, já encontrei raposas, já me deu carreira raposas, então, entendeu? Tudo isso sempre foi assim muito difícil. Sempre foi muito difícil, eu tenho que admitir que sempre foi muito difícil. E o mais difícil para mim, o mais difícil era a fome, porque eu, pra cumprir esses horários, para estar no ponto nesse horário, para estar no colégio no horário correto, eu tinha que almoçar nove horas do dia, então isso para mim, 9 horas do dia, e voltaria a comer, a fazer a refeição noturna, oito e meia da noite, quando chegava em casa, quando retornar.

Fábio – Como era seu dia lá?

Wilson – Basicamente era assim, eu acordava, aí ia para lida ajudar meu pai

Fábio – Fazer o quê?

Wilson – Capinar, quando estava na época de fazer farinha, ajudava na casa de farinha, fazendo a farinha, essas coisas assim, ajudar meus pais pela manha, quando dava o horário do colégio eu vinha.

Fábio – Mais ou menos que horas?

Wilson – Mais ou menos eu tinha que sair da roça às oito e meia. Então eu tinha que sair cedo.

Fábio – Onde é que você capinava era ali mesmo na sua casa?

Wilson – Era no povoado, no meio do povoado. Então aí eu ajudava, quando dava mais ou menos o meu horário, mais ou menos umas oito horas eu vinha, tomava banho, almoçava e saía para fazer esse percurso de casa para o ponto de ônibus, onde o ônibus passava, que era na casa de uma pessoa chamada Chico de Marinho, eram os famosos apelidos de lá. Ia pra, como as pessoas diziam, para a "venda de Chico", para esperar o carro. Lá na venda de Chico eu esperava o carro, o carro passava, andava, percorria vinte e cinco quilômetros, mais ou menos, que é a distância do Rio Caatinga, quer dizer, do Rio da Caatinga não, desse outro povoado que eu pegava o ônibus pra… então o Chico fica... o Chico de Marinho já ficava em outro povoado.

Fábio – Eram esses três quilômetros que você atravessava a pé?

Wilson – Isso, isso.

Fábio – E no seu povoado não tinha nenhuma escola?

Wilson – Não de ensino médio, e de ensino fundamental segundo ciclo, não.

Fábio – Tá, então quanto tempo você demorava para chegar lá?

Wilson – Eram umas onze horas, mais ou menos, o horário em que eu estava lá em Chico de Marinho, eram umas onze horas, porque eu almoçava às dez, mas aí ia, tomava banho, dava uma repassada nas coisas, nas tarefas e tal, e aí pegava o ônibus e estava no colégio mais ou menos doze e quarenta da tarde. Doze e quarenta era o horário que eu estava chegando no colégio, aí estudava até cinco da tarde. Cinco e quinze da tarde ia para o ponto de ônibus da cidade, onde as pessoas chamavam de Feira Velha de Entre Rios, pegava o ônibus, e só estaria nesse ponto

em Chico de Marinho sete, mais ou menos. Aí de sete horas até mais ou menos oito, oito e pouco era o horário que eu estava em casa, que era a distância que eu percorria de Chico de Marinho, a pé, pra lá pra casa.

Fábio – Eu perguntei esse questão de tempo para saber como era sua percepção da… como você ve seu tempo lá em relação à sua cidade.

Wilson – A minha sensação era de que o tempo estava passando muito rápido.

Fábio – Lá?

Wilson – É, porque o tempo passava, os anos passavam e eu não via algo concreto em relação à minha vida, ou seja, à cada dia que se passava era mais uma impressão de que o tempo estava passando e não tinha acontecido nada em minha vida, em relação aos meus planos, não tinha conseguido ainda estar na faculdade, eu não sabia, e o terceiro ano foi um ano de muita, muita mesmo, como é que eu posso dizer, pressão psicológica, minha mesmo, minha comigo mesmo, entendeu? Muita pressão psicológica, porque o terceiro ano estava a acabar e eu não sabia ao certo, eu sabia o que eu queria, mas eu não estava verificando, conseguindo enxergar meios que me levassem ao que eu queria. Queria fazer vestibular, passar para o curso de Direito, e aí as coisas foram muito, foi um ano muito difícil para mim.

Fábio – Você prestou também o BI, ou não?

Wilson – O que foi que eu fiz? Eu fiz, ao término do terceiro ano, porque eu passei ano passado, passei do ano passado para esse ano no BI, ao término do terceiro ano eu tentei, porque eu percebi que eu precisava fazer um pré-vestibular. Então, quando terminou o terceiro ano, antes de terminar o terceiro ano, eu sempre conversando, e tal, eu consegui um trabalho na cidade mais próxima, chamada Alagoinhas. Esse trabalho me proporcionaria fazer um curso pré-vestibular, porque a cidade que tem pré-vestibular mais próxima é Alagoinhas, Entre Rios não tem pré-vestibular. Para você ver como Entre Rios é avançado, entendeu? Não tem pré-vestibular, então eu aceitei esse trabalho sem nem olhar o que é que eu ia fazer, e tal, e aí fui para Alagoinhas com a cara e a coragem, como de fato eu estou aqui hoje, mais com a cara do que com a coragem, e aí fui para Alagoinhas, ao chegar em Alagoinhas eu fiquei, fui trabalhar em um hotel, trabalhando das sete da manha às sete da noite, de domingo à domingo, com duas folgas semanais, só que em dias alternados, às vezes eu folgava segunda, sexta, ou seja uma folga que você nem

sente e que acaba atrapalhando os estudos, e aí eu trabalhei doze horas por dia, durante um ano, quando dava sete horas da noite eu saía voando, tomava os banhos mais rápidos de toda a minha vida, fazia uma merenda, alguma coisa bem rápida, e pegava e corria para o pré-vestibular, tinha um moto-taxi que eu já conversava com ele, que todo dia vinha me buscar e todo dia vinha me trazer, me pegava no curso, seu Zacarias, uma pessoa muito gente boa, muito engraçada, entendeu? Aí ele vinha me pegar e ia me buscar, e aí quando eu recebia o salário do mês eram duas obrigações que não tinham como deixar de faltar, era o pagamento do pré-vestibular e o pagamento do seu Zacarias, eu trabalhava basicamente para isso, o dinheiro só dava para isso, eu tive vezes de não ir para casa ver minha família por falta do dinheiro, o dinheiro só dava para isso, só dava para isso.

Fábio – E para se alimentar?

Wilson – Para me alimentar, o trabalho fornecia a refeição de meio dia e lanche a noite, eu podia fazer lanche à noite, e tomar café pela manha. Até houve depois certos problemas em relação a isso, comecei a perceber que não estavam gostando que eu estava fazendo lanche, depois começaram a restringir o que eu podia comer e o que eu não podia comer, isso para uma pessoa que estava passando o que eu estava passando, foi muito triste, porque isso abala a gente muito, psicologicamente. Porque na minha casa é tudo muito simples, mas não tem restrições, entendeu? "Você não pode comer isso". Foi um período muito conturbado em minha vida, e aí eu consegui fazer um ano de pré-vestibular. Os professores do pré-vestibular, assim, me ajudaram muito, não só com suas aulas maravilhosas, mas com a força que me deram, porque eu tenho um professor, o professor de geografia e atualidades, o professor Francisco, que me deu a senha da revista “Veja” para que eu pudesse ler e me informar, me deu a senha da “Folha de São Paulo” para que eu pudesse ler e me manter atualizado e, além disso, me dava um certo suporte, "Olhe, leia, mas leia com olhar crítico porque “Veja” e “Folha de São Paulo” são problemáticas em relação a olhar as coisas por um único ângulo, mas informação você vai ter, mas tem que ter criticidade". Então, ele me ajudou muito. Outra professora, professora de redação, professora Gislaine, foi assim fantástica, ela me ajudou de todas as formas que ela podia em termos de… eu fazia redações extras para ela corrigir, os meus problemas ela sentava comigo, marcava locais para que a gente pudesse discutir

juntos, e me ajudou muito, me dava conselho, eu me desabafava com ela, acabou que eu consegui uma relação de amizade com o pessoal do pré-vestibular. No final do pré-vestibular, o pessoal do trabalho me impôs que eu escolhesse ou estudar ou trabalhar, porque iam me colocar também à noite, de dia, de noite, não iriam me deixar em turno fixo, então me obrigaram, praticamente, a pedir demissão, escolher entre trabalho ou terminar o curso. Eu, então, optei por terminar o curso, mas sem nenhuma perspectiva econômica para saber como faria isso. Eu cheguei no pré-vestibular e falei isso, que estava saindo por isso, e tal. O dono do pré-vestibular disse, "Olhe, não se preocupe, pode terminar seu curso, falta um mês de curso, falta a revisão, você pode vir, não vai pagar nada por isso, pode terminar seu curso, não se preocupe", professor Jarbas. E aí eu consegui terminar o curso, mas aí eu tinha que estar indo é vindo. Consegui uma amiga, para ficar de favor em Entre Rios, que é também na zona rural, Fiquei de favor em Entre Rios na casa de uma amiga e aí me deslocava todo dia para Entre Rios, só que o dinheirinho que eu tinha já guardado que eu estava juntando para fazer os vestibulares, para viajar para fazer os vestibulares, que era a única coisa que sobrava, quando sobrava dez reais, vinte reais, eu ia juntando, esse dinheiro eu gastei todo nesse trajeto, porque eu não pagava o pré-vestibular mas em compensação eu pagava *topic* para ir de Entre Rios pra Alagoinhas, e era caro, era cento e oitenta reais, o pré-vestibular era cento e vinte, entendeu? Aí, mesmo assim eu consegui fazer, terminei, e fiz os vestibulares, porque na verdade foram vestibulares, eu fiz o vestibular da universidade do estado da Bahia, fiz o vestibular da estadual da Feira de Santana, e fiz o vestibular da UFBA. Todas foi direito, UFBA que foi BI, mas com a intenção de fazer Direito, porém com um acréscimo, um acréscimo de uma formação humanística fantástica, que é a formação que o BI está me creditando.

Fábio – Wilson, vamos entrar em Salvador, como é que foi o impacto de entrar em Salvador?

Wilson – Primeiro que eu cheguei psicologicamente abalado em relação… eu estava deixando minha família, minha família ficou muito triste… muito feliz por saber o que eu vinha fazer aqui, mas muito triste porque um filho estava saindo de casa, indo para uma cidade totalmente desconhecida, extremamente violenta, né? E todos os problemas que Salvador tem, que eles conhecem, eles temeram por conta disso. Eu vim.

Fábio – Você nunca tinha vindo antes?

Wilson – Já tinha vindo, a gente de vez em quando, raramente a gente vem pra, em relação à saúde, um exame, uma consulta, uma coisa do tipo, já tinha vindo já aqui algumas vezes, mas nada como essa. Porque você vem com a impressão de que você tem que ficar aqui, hoje você não vai embora tal dia, você vai ficar por tempo indeterminado. A primeira impressão é terrível, você vê essa cidade imensa, você se sente uma formiguinha no meio dessa cidade imensa, muito medo em relação à violência, mas o que me coloca medo em relação à violência, porque eu nunca tive medo do novo, mas tenho muita apreensão, como de fato ainda tenho, em relação à violência, né? E eu estou num bairro que não é muito bom por justamente uma condição financeira. Então eu vim, fiz a matrícula, vim com minha mãe para fazer a matrícula. Fizemos a matrícula, fomos à Pró-Reitoria de Ações Afirmativas para fazer a minha inscrição pra conseguir uma bolsa moradia. Fizemos inscrição, fizemos a matrícula, minha mãe achou muito estranha a UFBA, achou muito estranha.

Fábio – O que que ela achou?

Wilson – Achou muito feia a UFBA, disse que parece uma caatinga, porque lá a gente tem uma caatinga que chama-se "Caatinga do Engenho", que é uma caatinga muito grande, chama-se Caatinga do Engenho porque lá há muitos anos, uma questão histórica, houve uma, foi uma localidade indígena, e tal, chama-se Caatinga do Engenho… e ela comparou a UFBA com essa caatinga porque aqui é muito arborizado, ela comparou com a Caatinga do Engenho, achou muito feia, e tal, estranha, e aí eu até ri com ela e disse, é aqui parece realmente a Caatinga do Engenho, mas o mais importante daqui mãe é a produção científica que sai daqui, a produção científica, a produção científica, a produção de conhecimento que sai daqui a senhora não tem nem noção, mas, primeiro porque ela não sabe o que é produção cientifica, muito menos produção de conhecimento. Produção de conhecimento pode ser que ela saiba, mas meio que por alto. Então foi muito interessante trazer… acertei na mosca em vir com minha mãe, ela quis vir não fui eu que pedi, foi ela que quis vir para ver com seus próprios olhos o que eu iria estar exposto diariamente… e foi isso, achou isso, e aí a gente foi logo procurar onde ficar, e tal, procurei alguns locais, alguns valores, e tal, aí fui para casa com esses

telefones, liguei de casa e acertei um local, que onde hoje eu estou.

Fábio – Onde é que é?

Wilson – Eu estou na Mata Escura, provisoriamente, porque foi o único local acessível economicamente que eu consegui encontrar, mas eu estou provisoriamente, qualquer outro bairro que possa me oferecer uma certa segurança para eu chegar à noite, eu vou estar me mudando, assim que eu tiver condições, financeiras, é claro. Aí, e é isso, e estou vindo todo dia, a volta é terrível, a vinda é mais light, mas a volta é muito terrível porque o ônibus vai muito cheio, o ônibus demora muito de passar, do horário que a gente sai, de aula, para esperar o ônibus, a gente demora um tempão porque o ônibus demora muito para passar. Por demorar, acho que por conta de demorar, enche demais… ontem mesmo parecia uma lata de sardinha, entendeu? E essas coisas.

Fábio – Você pegava ônibus também lá, então qual é a diferença?

Wilson – Ah, diferença extrema, primeiro de tudo é velocidade, porque lá não é que o motorista não corra, é que a estrada não permite que o motorista corra. Aqui não, aqui tudo muito rápido, e tal, mas as pessoas, as pessoas realmente iam de pé também, mas não com essa aglomeração que tem aqui, aqui é ônibus lotado, extremamente, e o motorista fica parando em outro ponto para pegar mais gente. É uma coisa absurda, absurda! E a gente não pode falar nada, principalmente eu que sou novato aqui, eu não sei como é que funciona, as pessoas aqui… uma coisa que me deixou muito assustado e que eu detestei, porque lá a gente não tem a transmissão dessas outras emissoras, a única emissora que chega lá, local, é a TV Bahia, então eu fiquei assustado quando eu vi os programas que aqui são transmitidos da TV Aratu, se eu não me engano, essa ainda é mais light, parece que a TV Itapuã, da TV Record, que é a local da TV Record, é, a principal é isso, acredito. Muita violência, um programa terrível. Eu não sei como podem permitir um programa daquele num horário daquele, porque é assustador, e para quem é novo na cidade, liga e está passando aquilo ali, pelo amor de Deus, então terrível. Mas, voltando ao ônibus, é muito cheio também, mas nada que se compara aqui, vai muito devagar, o tempo que leva pra escola, apesar da distância ser muito menor aqui, o tempo, apesar da distancia ser parecida, aqui é tudo muito rápido. Lá não, lá é horas para andar um pouquinho, porque o ônibus tem aquilo e aquilo outro, lá

quando chove o ônibus não dá para passar, às vezes atola o ônibus, tem todas essas questões de atolar ônibus, de faltar aula por conta de atolar ônibus, aqui não, perdeu um passou outro, perdeu um passou outro. Depois volta para casa, dá tempo, entendeu? Todas essas questões são bem interessantes. Outra, aqui tudo é muito caro, eu não acredito que exista uma cidade nesse país mais cara que Salvador. Tudo aqui é muito caro. Tudo aqui é caro, tudo. Absolutamente tudo aqui é muito mais caro que lá, muito. Eu fui fazer uma… eu que estou preparando as minhas refeições, então, você vai ao supermercado tem que estar antenado porque senão você deixa mais da metade do que você pegou no caixa.

Fábio – E como você faz suas refeições, e como administra o tempo?

Wilson – O problema, ainda estou aprendendo a administrar o tempo em relação a isso, porque eu faço geralmente, essa primeira semana, eu fiz o seguinte, no sábado eu fiz algumas coisas, macarrão, fiz feijão, fiz galinha, e coloquei tudo na geladeira, e vou tirando e vou esquentando, vou tirando e vou esquentando, quando eu não tenho muito tempo eu faço uma gororoba, boto tudo em uma panela e esquento, e aí, entendeu? Mas isso aí eu estou ainda amadurecendo, ainda vou aos poucos. E quando eu ir para um local que eu realmente eu possa, não ter que buscar um local definitivamente, mas que tenha mais chance de eu ficar definitivamente, porque, definitivamente eu quero sair, entendeu?

Fábio – E para se locomover e se localizar na cidade?

Wilson – Ah, pra se localizar, outros problemas, porque eu não conheço nada, as pessoas aqui são muito… como é que eu posso dizer, individualistas, elas não gostam nem de dar informação. Acho que não tem nem culpa, né? Acho que é pela violência da cidade, as pessoas ficam meio… até com medo, não gostam muito de dar informação, e eu como preciso de informação para estar, às vezes um local pode estar ao lado do outro, mas eu preciso, infelizmente, eu preciso de informação, porque eu não conheço nada, mesmo estando.. "ah, é enfrente ao Teatro Castro Alves", eu não sei onde é o Teatro Castro Alves, apesar de ser um ponto de referência extremamente conhecido na cidade, para mim é desconhecido, totalmente desconhecido. As pessoas não gostam de dar informação, dão com a cara amarrada, dão andando, às vezes correndo, então isso para mim é um pouco estranho, porque de onde eu vim as pessoas estão acostumadas a você perguntar

elas olharem em seu olho e dizer, realmente, o que você perguntou.

Fábio – Como é que é para você essas relações interpessoais, de olhar no olho, de conversar, sentiu essa diferença?

Wilson – Ó, porque, eu… é uma diferença grande em relação a isso, mas eu já estava, já estou um pouco, como é que eu posso dizer, preparado para isso, eu sempre soube que eu não iria encontrar pesas com a mesma mentalidade do que as pessoas de lá da zona rural, ou até mesmo da cidadezinha de Entre Rios, mas eu convivi muito tempo com pessoas de Entre Rios, e o próprio pré-vestibular me ensinou muita coisa, porque no pré-vestibular eu convivi com pessoas de diferentes classes sociais, pessoas que são ricas, que tem certas posses, status, em Alagoinhas, não em Entre Rios, porque em Entre Rios praticamente não tem isso, mas em Alagoinhas, e eu convivi com essas pessoas por muito tempo, até aconteceu algo que me marcou no pré-vestibular, que foi o seguinte. A gente estava conversando, um grupo de amigos, de dois colégios extremamente tradicionais lá na região que é o Dínamo de Educação é o Santíssimo Sacramento, que são colégios referências na região e no Estado, a gente estava conversando e as pessoas… e esses colegas dessas instituições disseram "ah, mas..", conversando sobre alunos, "olha vir da zona rural, gente da zona rural, a gente logo identifica, é nítido, e tal, e tal, porque o jeito de falar, o jeito de andar, de se vestir, a gente logo identifica", aí eu disse "é mesmo?", logo que eu cheguei, mais ou menos já tinha assim sete ou seis meses, "é mesmo?" "é, gente da roça a gente identifica logo", aí eu olhei assim "é, deve ser mesmo, e me diga uma coisa, deixa eu perguntar uma coisa, se você olhar para mim, você diz o quê?", "Claro, né, você… você é daqui ou é de Salvador?', eu disse "não, eu sou da zona rural, de onde eu vim, moram basicamente dez famílias. Eu sou de lá. Está vendo que essa sua regra é falha?", isso passou cinco minutos assim de extremo desconcerto, depois a gente até riu, mas, uma coisa interessante que eu carreguei para mim, isso eu vou levar para a vida inteira, porque foi extremamente interessante.

Fábio – Tem alguma coisa parecida aqui na UFBA ou em Salvador?

Wilson – Tem, claro, claro, claro, tem, realmente tem, só que eu sou uma pessoa que eu faço questão de dizer de onde eu vim, posso até ser inconveniente, mas acredito que não, eu faço questão. Na minha sala, agora na UFBA, primeira

semana, primeira aula do professor Fernando Ferraz, ele pediu para a gente falar, que falássemos algo que tivesse, democratizar, falar algo sobre sua vida, sua historia, e tal, eu falei nitidamente, eu falei que vim, de onde vim, como vim, minha trajetória, e aí ao final o pessoal aplaudiu, o professor "ah, isso realmente merece", o pessoal aplaudiu e a partir desse momento até a forma do pessoal me tratar até mudou, mudou beneficamente, notaram, porque eu não escondo de ninguém… eu tenho incrível orgulho de minhas origens, entendeu? Incrível orgulho, e pretendo, e tenho muita fé, e vou trabalhar para que eu possa ser referência, e possa ajudar muito mais pessoas nas mesmas condições, porque talvez muitas outras pessoas nas mesmas condições não vão ter as mesmas oportunidades que eu tenho, possibilidades, que eu possa depois, voltar lá e ajudar essas pessoas

Fábio – Também é complicado se localizar dentro da UFBA?

Wilson – De início é, até porque uma coisa que foi passado para a gente, que a UFBA é muito perigosa, foi passado para a gente que a UFBA é muito perigosa, principalmente à noite, então além da questão de localização, ainda tem o problema de localização e ir para um local que aparentemente seja mais seguro, entendeu? Então tem essas questões, mas minhas aulas, mesmo, eu já sei todos os dias onde é, como vai, os locais mais seguros, os locais, o IHAC, tudo, a biblioteca, eu já estou bem… interessante, mas com o passar do curso vai melhorar porque eu vou ter que aprender mais coisas, porque provavelmente eu vou ter aulas em outros prédios.

Fábio – E amizades?

Wilson – Coleguismo, muito, a gente já está com um coleguismo, mas um coleguismo meio que ainda todo mundo com ressalvas porque é muito recente, tem uma semana só de aula, mas a gente já estabeleceu, já temos grupo de estudo, em relação a trabalhos, já montamos grupos de seminários, já temos um seminário para apresentar, então já marcamos um grupo de seminário, já marcamos até para estudar juntos, já está bem legal, a sensação de que já está começando a formar certos grupos de estudo.

# APÊNDICE H – Entrevista com Jeferson

Fabio – Jeferson, vamos começar com você falando sobre a sua cidade. Como é a sua cidade?

Jeferson – A minha cidade, a localização, ela fica no extremo sul do Brasil, do Rio Grande do Sul, a vinte quilômetros do Chui, que é o extremo do Brasil, onde começa, porque os extremos podem ser o início e o fim, né? Bom a cidade, ela tem cinquenta mil habitantes, a cidade mais próxima dali como referência de, digamos, de serviços, porque o Chui é menor, bem menor, é... a cidade de referência de serviços, etc, que as pessoas utilizam, é Pelotas e Rio Grande, mas mais Pelotas. Pelotas tem uma grande influência ali, como um centro, como uma cidade regional, é Jaguarão, São Cristóvão ... Chui, toda aquela região ali, todo o sul, o extremo sul, mesmo, do estado, pra baixo, se dirigem para Pelotas. Compras, roupas, diversão, serviços médicos, tudo, é direcionado para Pelotas. Bom, em termos de estudo, e tal, assim, a cidade, até então, até o período que eu estudei lá, foi em 1999, que eu terminei o segundo grau, que tinha, realmente o segundo grau, depois chegaram os cursos superiores de pedagogia, alguma coisa do tipo. Hoje, a cidade está um pouco melhor em relação a... a nível educacional, acho que por influência da FURG, que é a faculdade federal em Rio Grande, acho que tem os cursos de administração, pedagogia também, e é federal, antes tinha uma particular, que é a UCPEL, Universidade Católica de Pelotas, então eu acho que esteja melhor, assim, nesse aspecto. Bom, a cidade basicamente é isso, não tem shopping (risos), tem praia, na verdade, a cidade, se você olhar no mapa, ela é uma bifurcação, você tem o Oceano Atlântico de um lado, e tem a lagoa do outro, então você tem, realmente no meio, a cidade, então a cidade é rodeada de água dos dois lados. Tem até um vídeo superinteressante, se você tiver oportunidade de assistir, no Orkut eu tenho o video, Cidade das Águas, que realmente mostra um pouco, não é um vídeo da cidade, do prefeito ou alguma coisa assim do tipo, e que realmente é... conta um pouco da história até o presente, porque na verdade, o que que acontece, ali, aquela cidade, é bem rica em cultura, eu acredito, tem muita mesmo, porque veja, até que pelo tratado, o Brasil terminava em Rio Grande, mais ou menos na região de Taim, esse

nosso Brasil, depois não era, não pertencia mais ao Brasil, cidades que até então não pertenciam ao Brasil. Tanto é que meus avós, pais deles, tios deles são uruguaios, a minha vó fala aquele castelhano, o “portunhol”, o espanhol misturado com o português, tal, e, pronto, meu avô é brasileiro. Aí, pronto, depois desse, daquela guerra que houve entre a Argentina, e o Brasil foi disputar a região que hoje é o Uruguai, que acabou não ficando nem para a Argentina, nem com o Brasil, e aí a Inglaterra interveio. Aquelas terras ali pertenciam, anteriormente, à Argentina, mas então ficou para o Brasil, então ficou meio que, ali é divisão mesmo, as pessoas falam castelhano, tem realmente uma, um idioma meio que particular, sabe? Fala o português, mas aquele português carregado de sotaque, usam muito o pronome me, "me vou", né? É comum usar lá, aqui é meio estranho usar dessa forma "me vou", mas lá se usa, normal. Enfim, tem mesmo, o idioma tem essa característica, e a cidade tem isso, assim. Bom, e o rio Chui é um rio hotelístico, é… que fica a vinte quilômetros da Vitória, é, realmente, ali você vê em dez mil, em uma região de dez mil habitantes, você vê, assim, culturas muito distintas. Eu li na revista Veja, um tempo atrás, que o Chui tem um percentual, que é a cidade que mais tem árabes, mas isso em percentual, mas não em quantidade. Realmente, na rua principal, que divide o Brasil do Uruguai a rua é repleta de comércio de árabe. Então, como o comércio do Chui... incrível, a cidade é menor, aí acontece uma oposição né, porque geralmente cidade maior atrai a cidade menor, ali não, ali a cidade menor, as pessoas ficam na cidade maior, porque ali o comércio que é muito maior, desenvolvido, porque como ali é uma região de fronteira, você tem redução de impostos, de *free shopping*.

Fabio - Você falou que ficou lá até 1999, e depois disso foi para onde?

Jeferson - Aí, então, eu terminei… na época eu fiz técnico de contabilidade, que era o ensino médio técnico, isso em 1999, em 2000 eu continuei lá, fiz inglês no Rio Grande, que a cidade próxima, em 2001 que eu fui morar em Porto Alegre. A pretensão era estudar, só que aí meus pais não tinham condições de me sustentar, eles não tinham como, então eu tinha que trabalhar, eles conseguiam me manter parcialmente, mas o que faltava era mais do que eles mandavam, então eles me ajudaram, e continuam me ajudando, eles me ajudam, só que o que eles conseguem me ajudar cobre parcialmente as despesas. Então eu comecei a trabalhar, e aí pronto, só que não dava para estudar, sabe? Eu comecei a trabalhar e tentei juntar

uma grana, mas também era difícil, aí eu fiquei lá até 2003. Aí quando eu cheguei aqui eu consegui trabalhar em hotelaria, eu tinha inglês em nível intermediário, então isso ajudou a arrumar trabalho. A opção ter vindo para Salvador, todo mundo pergunta e eu tento saber também, sabe? Eu acho que era um desejo mesmo de sair de Porto Alegre, de vir para uma cidade com cultura diferente, ainda no Brasil, mas culturalmente falando, o nordeste é completamente diferente do sul, né? Às vezes até em expressões de palavras, de comida, tudo, acarajé eu não nunca tinha comido, vatapá tampouco, moqueca muito menos, então… eu cheguei na época a ir para Florianópolis, saí de Porto Alegre e fui para Florianópolis, mas nesse tempo eu pensei "não, não é isso que eu quero, porque aqui eu estou vivênciado as mesmas coisas que em Porto Alegre, eu preciso mudar de capital, senão eu fico em Porto Alegre porque aqui eu não estou vendo nada de diferente". A minha impressão era essa, de experimentar algo diferente, sabe? Não era a cidade em si, porque Salvador é a primeira cidade, capital do nordeste, para quem vem do Sul, então Salvador estava aqui localizado… eu pesquisei um pouco a respeito das cidades do nordeste em relação a… contingente populacional, mesmo. Vi as maiores cidades, Salvador, Recife e Fortaleza, como Salvador estava na sequência em primeiro, eu falei "eu vou primeiro para Salvador, depois para Recife e depois para Fortaleza", mas aí, cheguei em Salvador, fiquei em Salvador… bom, comecei a trabalhar, estava já acabando, sabe, quando eu saí de Porto Alegre para cá eu fiquei um tempo guardando uma renda, porque quando chega em uma cidade nova você gasta mais, muito mais, porque, assim, se você sai de um lugar para outro você, pode ser do seu lado, mas você não sabe (risos), então você pega um ônibus, você gasta mais tempo para chegar em um lugar. Aí gastei metade da grana em Florianópolis, em poucos dias em Florianópolis, aí eu falei "poxa, eu vou sair de Floripa antes que meu dinheiro acabe, e aí eu vou ficar aqui, realmente". Aí eu cheguei na rodoviária "como é que eu faço para chegar em Salvador?", basicamente foi isso, "direto daqui não tem não, você vai ter que pegar um ônibus para São Paulo, em São Paulo pega para Salvador", falei "está bom, então". Na época que eu vim, em 2003, as passagens aéreas não estavam baratas como estão hoje, não era mais barato que ônibus, hoje é. De Florianópolis para São Paulo foi tranquilo, porque o transporte lá é bom, mas de São Paulo para cá foi um terror, foi horrível, horrível. Foi justamente nas férias de julho, final de julho, o ônibus estava lotado, lotado de

gente, lotado, lotado, lotado, lotado, e as pessoas que voltavam, estavam indo visitar parentes. Eu vim em um ônibus comum, mas era muito ruim, eu já sabia que ia vir em um ônibus comum, mas eu não imaginei que era tão ruim, entendeu (risos). Quando eu peguei comum de Florianópolis para São Paulo, era o executivo. Eu não imaginei que ia fazer uma viagem tão longa naquele ônibus, não imaginei, mas também não tive opção, porque o outro ônibus... Eu falei "poxa, se eu tivesse dinheiro eu saía daqui e pegava um avião", eu pensei isso na hora, mas vamos ver se eu vou chegar lá, né? (risos) Um ônibus lotado de gente, o ar condicionado quebrado, banheiro com cheiro horrível… e aí pronto, as pessoas culturalmente tem o hábito de comer dentro do ônibus, culturalmente é diferente, lá as pessoas têm o hábito de parar para comer, quando o ônibus para, você come no restaurante, ou na lanchonete, e as pessoas tinham um hábito feio, garrafas de refrigerante, de água, alimentos no ônibus, sujeira, o odor que ficava exalando da comida. Aí pronto, chegou, chegou aqui. Aí no primeiro dia que cheguei em Salvdor "legal, estou em uma cidade grande novamente", porque Florianópolis é uma cidade bem pequena, assim, é basicamente uma cidade do interior, e Salvador não, Salvador é uma cidade grande, sabe, com população maior, etc. A minha impressão foi boa, eu gostei, assim, falei "poxa, bacana", porque eu não gostaria de trocar Porto Alegre por uma cidade menor, com menos diversões, menos serviços, shopping centers, esses coisas assim, sabe? Eu já tinha procurado no jornal, em Floripa, um local para ficar aqui, aí procurei esse local, na Barra. Basicamente foi diferente de Porto Alegre, quando eu cheguei. Como em Porto Alegre eu tinha parentes morando em Porto Alegre, então eu pude ficar um tempo até poder me organizar melhor, mas como aqui eu não conhecia ninguém, não tinha nem noção da cidade, ninguém, nada, nada, então eu precisava de um tempo menor para organizar as coisas, porque vai passando o tempo você vai gastando mais dinheiro, e o dinheiro acaba aí. Então eu precisava arrumar um trabalho, ter um local para ficar, que já é um problema a menos, porque tendo um local para ficar você já pode colocar suas coisas, então o primeiro eu vi um local para ficar.

Fábio - Foi o quê, uma pousada?

Jeferson - Inicialmente, quando eu cheguei aqui, fiquei em uma pousada, mas aí eu fiquei em um local mais privado, assim, aí eu aluguei um quarto em um apartamento. Fiquei em um apartamento com mais uma outra menina que vivia lá também, e era

bacana, era legal. Aí eu comecei a procurar emprego, e aí o que acontece, o dinheiro já estava no final, e eu pensei, "poxa, eu vou ligar para restaurantes", só que eu não queria isso, porque eu vou me submeter a fazer isso porque não tem outra opção, mas eu não queria isso, de jeito nenhum, mas tem que fazer uma coisa de que você não gosta mas que você precisa daquilo, porque não tem outra opção, ou você faz ou eu tinha que voltar, porque eu não tinha onde ficar. A sorte que a grande maioria das churrascarias daqui de Salvador, elas são gaúchas (risos), ou são paulistas ou são gaúchas, então isso, basicamente quando você sai da sua, do seu estado, e que você encontra com pessoas do mesmo estado, já cria uma identidade cultural "ah, você é do Rio Grande do Sul, tal, eu sei como é isso de mudar de estado, chegar aqui", então as pessoas se sentem sensibilizadas porque um dia pasMaram pela mesma experiência que você. Por telefone "não, vem aqui, conversa com o gerente, e tal, e acho que ele vai te empregar", então basicamente eu consegui emprego por telefone (risos), só porque eu era gaúcho, entendeu? Só que eu não sabia nada, eu nunca tinha trabalhado em churrascaria, nada disso. Aí eu fui para essa churrascaria, trabalhei um período e aí foi o tempo de eu poder conseguir outro emprego em um hotel, que aí, realmente, era o que eu queria. No hotel eu fiquei três anos. Esse hotel é do mesmo grupo que eu trabalhava em Porto Alegre, na época eles eram o quinto maior grupo de hotelaria do planeta, é um grupo francês. Eu trabalhei com eles em Porto Alegre, e na época, quando tive esse desejo de vir de Porto Alegre para cá eu fiquei sabendo que haveria inauguração de um hotel aqui, e isso eu acho que despertou também o desejo de vir para cá, bacana, eu já trabalho com o grupo, que eu estava pensando em ir para o nordeste, eles vão inaugurar um hotel lá, então minhas chances aumentam.

Fábio - Internamente não tinha como você fazer isso?

Jeferson - Internamente havia como eu fazer uma transferência, sim, só que havia para funcionários que estavam há mais de um ano na empresa e eu estava há seis meses na empresa e eu não queria esperar, eu realmente queria vim.

Fábio - Quanto tempo demorou da sua chegada em Salvador até conseguir entrar na churrascaria e, depois, no hotel?

Jeferson - Quando eu cheguei em Salvador? Eu acho que eu fiquei, uns quinze a vinte dias, mais ou menos.

Fábio - Então até que foi rápido, né?

Jeferson - Sim, foi rápido, é porque na verdade, a depender da grana que você tem você precisa…

Fábio - É verdade. E depois da churrascaria, até você entrar no hotel, quanto tempo levou?

Jeferson - Pronto, aí, na verdade, eu cheguei na cidade no final de julho, início de agosto, aí eu trabalhei na churrascaria em setembro, outubro o hotel já inaugurou… final de setembro já começaram as contratações, o hotel inaugurou em outubro, e aí no início de outubro já estava todo mundo contratado.

Fábio - Naquele hotel mesmo que você queria?

Jeferson - Sim, era exatamente naquele hotel que eu tinha interesse, então eu consegui exatamente o que eu queria, sabe? Então foi bacana. Eu corri atrás, realmente, só que eu tive que passar por processo de seleção, como qualquer outro candidato, porque apesar de eu já ter trabalhado com o grupo, só que eu não tinha pedido a transferência e nem podia, então podia ser que o gerente aqui, por outros critérios que ele avaliasse, que não, né, que julgasse diferente, enfim, que não. Mas ajudou, realmente ajudou o fato de já ter trabalhado com o grupo, ajudou, mas se eu não conseguisse lá eu ia tentar em outro, e eu ia ficar em Salvador, realmente. Só que aí foi bacana, ter participado de um processo de seleção, de inauguração de uma empresa, para mim foi muito enriquecedor, foi demais, porque na verdade, nós tivemos, basicamente, quinze dias de workshop, que foi a integração dos funcionários, a metodologia da empresa, o que a empresa espera, qual o comportamento dos funcionários, foi muito bom, muito bom mesmo, sabe? Então eu gostei demais, sabe? Eu acho que foi a única experiência que eu tive que eu realmente pude participar do início da formação de uma empresa, ali, de um hotel, então foi fantástico, realmente, porque depois que o hotel abre, qual a oportunidade, mesmo que você entre depois, qual é a oportunidade que você vai ter de se reunir com os seus colegas de trabalho? Nunca mais, cada um vai estar nas suas funções, cada um vai estar em seus horários, cada um vai estar com suas atribuições, nunca mais. Então você nunca mais vai se reunir com eles, e ali tivemos quinze dias, duas semanas que a gente se reunia todos os dias, e era muito legal, eu gostava pra caramba.

Fábio - Você acha que isso gerou unidade?

Jeferson - Gerou demais, demais, demais, amigos que assim, bom, eu saí de lá em 2005, amigos que eu tenho até hoje. Foi muito bacana mesmo, sabe porque, amigos que eu considero, são amigos de um frequentar a casa do outro, sabe? Não são amigos de, tipo assim, a gente se ver, mas amigos de frequentar a casa mesmo, de dormir um na casa do outro, de conhecer o pai e a mãe. Eles não conhecem meu pai e minha mãe porque eles moram no Rio Grande do Sul, mas assim, de eu conhecer os pais, os irmãos, as irmãs, os namorados, sabe essa coisa toda? Isso é muito bacana, isso é muito legal, são amigos mesmo, que em outra oportunidade, na universidade isso é mais fácil de acontecer, porque você tem aqui pessoas que você fica ali com elas, quatro horas, você tem um vínculo maior, mas na empresa você não tem esse vínculo, e até mesmo na empresa o ar competitivo muitas vezes atrapalha essa aproximação, então isso não é comum de acontecer. Não é comum, e no meio acadêmico, é muito mais fácil de você conhecer uma pessoa que depois você vai perpetuar uma amizade, mas empresa não. Bom, aí eu trabalhei lá por três anos, até 2005, e aí eu saí de lá. Eu saí de lá porque eu desejava fazer aviação, curso de aviação, eu já vinha fazendo as provas, e para você fazer aviação você precisa basicamente, um grosso modo, falando assim a você, o mesmo que você tirar uma habilitação, atualmente, de carro, primeiro você faz as provas teóricas, depois as aulas práticas, em um contexto geral, porque a aviação, realmente, o processo é outro, mas basicamente é isso, então eu tive que fazer as provas, só que a prova é nacional, a ANAC faz a mesma prova, no mesmo horário, no Brasil inteiro, basicamente todas as capitais, as principais capitais do Brasil, toda cidade está fazendo a mesma prova naquele mesmo horário e termina no mesmo horário, no horário de Brasília, e eu não passei na primeira prova, na verdade eu acho que eu passei na sexta prova, mas são três provas por ano, então eu levei dois anos com as provas, e eu tinha que estudar. Na época, as provas eram difíceis, e eu não tinha tempo de estudar, realmente, eu trabalhava e à noite eu ia para o curso, então eu não conseguia estudar, aí eu ia tentando as provas, ia tentando, e eu passei, bom, dois anos depois, e aí depois que eu fiz a prova, e aí e eu fui fazer as aulas práticas. Aí eu pedi para sair e fui, bom, por uma questão de custo benefício, eu julguei que Salvador seria muito caro para eu ficar só estudando e fazendo as aulas práticas de aviação, uma vez que cada hora custa trezentos reais, cada hora, e você tem que

fazer, no mínimo, cinquenta horas para você ter PP, piloto privado. Então, uns quinze mil reais, uma média, só de hora de vôo, mas os outros custos, aqui em Salvador, só que o interior, em Feira de Santana, também tem aeroclube e essa hora custava mais barato, uns cem reais mais barato. Eu tive a vantagem de ficar na casa dos pais de meu professor, ou seja, eu não pagava nada, foi muito bom mesmo, foi realmente, um dos momentos que eu tive mais ajuda na minha vida até hoje, por estranhos, foi nesse momento. Realmente eu fiquei na casa dos pais dele, ele não tinha nenhuma obrigação de me acolher na casa dos pais dele, eu fiquei lá sem pagar aluguel, sem pagar água, luz, nem alimentação, então veja, como foi um período muito bom, e eu me dediquei integralmente à… ao curso de aviação. Aí pronto, eu concluí, aí quando eu concluí o curso eu voltei para Salvador, aí eu resolvi não dar continuidade ao curso, tal, fiquei com outros planos e projetos na minha cabeça e voltei a trabalhar em hotelaria, aí trabalhei no Tropical, que fica ali no Campo Grande, que é o Hotel da Bahia. Meus planos eram realmente esses, fazer o curso pré-vestibular para fazer vestibular, e aí foi o que eu fui, trabalhando lá eu consegui me estabilizar economicamente e aí eu comecei o cursinho, quando eu comecei o curso pré-vestibular aí eu decidi sair da empresa para estudar, somente. Realmente eu comecei estudar e trabalhar, em março, abril, maio, mas veja como é que era, assim, era muito, muito doido, mesmo, porque assim, eu trabalhava das onze horas da noite até às sete horas da manhã, sete e meia começava o curso, é… era ali na sete de setembro também, então eu ia apé. Saia sete horas, chegava ali sete e quinze, sete e vinte, chegava na hora do curso. Então eu saia à noite do trabalho direto para o curso, sem dormir, e ficava até meio dia e meia, chegava em casa uma e meia, uma e quinze, ia comer e dormir, para acordar tipo oito horas, para poder nove e meia já estar no ponto para ir para o trabalho de novo.

Fábio - Você morava onde?

Jeferson - Eu morava na Sabino Silva. Era próximo, ali é Barra, Jardim Apipema, ficava próximo e tal, mas assim, então eu dormia seis horas e meia, não chegava a sete, isso todos os dias, eu estava sem estudar, realmente não tinha como, nas folgas eu estava exausto. Dormia durante o dia, com o cachorro latindo, com o vizinho falando alto, com alguém batendo panela na cozinha, essas coisas todas, né? Então você dorme, mas… aí pronto, aí eu decidir sair, foi assim, ousado para mim, até então as pessoas falavam "e aí, como é que você vai se sustentar", e eu

também ficava meio que tenso, assim, mesmo eu sendo extremamente calculista, assim, e colocar na ponta do lápis os cálculos, tudo, tanto de aluguel, tanto disso, daquilo, sabe? Tudo, tudo mesmo. E eu tinha feito um planejamento que eu tinha feito, que eu julgava que ia dar certo, mas imprevistos você não tem como calcular, né? Vai que você… acontece alguma coisa de imprevisto e você adoece, sei lá, qualquer coisa, aí você não tem como calcular isso. Mai aí eu falei "não, eu vou tomar essa decisão eu…" ainda me considero jovem (risos), tenho vinte e sete anos agora, mas na época eu tinha vinte e cinco e eu me considerava jovem (risos), e pronto, meus pais ainda estão aí vivos e eles podem, de certa forma, me apoiar e tal, e etc., então foi isso que eu fiz. Terminei, saí da empresa, e aí em junho, maio, junho eu só estava estudando, mas aí já tinha passado muito conteúdo, sabe? Já estava na metade do ano, já tinha passado muita coisa, eu acho que daí foi um desistímulo… psicológico mesmo, falei "poxa, já perdi metade do ano e eu não consegui estudar, não consegui estudar nada", e assim, para fazer vestibular da UFBA exige cinco livros que você tem que ler… uma série de coisas que você tem que ler e estudar, e etc., e eu não tinha lido nenhum livro, não tinha lido nada. Eu sei que tem muita gente que faz o vestibular até sem ler os livros, mas assim, baseado na minha proposta, não era isso que eu queria, entendeu? Sabe, não era realmente isso. Isso me frustrou, realmente. Porque tem gente que "não, leva isso na boa, tal", ouvi comentários assim "ah, relaxa, tudo bem", mas não era essa a proposta que eu queria, a proposta que eu queria era estudar direitinho, fazer tudo direitinho, e aí eu não tinha conseguido fazer isso. Aí surgiu o BI na metade do ano. Eu falei "poxa, o BI não vai ter duas fases, o BI vai ter uma fase só, eu não estou preparado para fazer vestibular de duas fases, e acho que o BI tem tudo a ver. Aí eu fiz o BI para exatas, aqui, e foi nesse ano, também que o vestibular da UFRB, no Recôncavo se desintegrou da UFBA, até então era junto o vestibular. Aí ficou com uma data diferente, a prova ficou com uma outra forma, foi em outro dia, foi em Janeiro, e aí eu fiz a prova da UFBA para Exatas, para Ciências Exatas e fiz a prova, depois, em Janeiro para UFRB também, para ciências exatas. Eu não passei na UFBA e passei na UFRB em Exatas. Aí, pronto, aí eu fui para Cruz das Almas, pra… . Uma coisa de doido, né? Eu nem tinha parado para pensar nisso. Aí eu fui para Cruz das Almas, aí eu falei "poxa, mas eu acho que não é esse o curso que eu quero", sabe eu tinha escolhido o curso errado, não era bem isso que eu queria, não sei bem porque eu

escolhi esse curso, porque eu acho que tem a ver também com o ambiente que você está, né? No cursinho pré-vestibular eu… os professores não incentivaram ninguém a fazer engenharia, mas assim, você ouve, de repente, um professor falar para um colega que um engenheiro tem tanto, que engenheiro formado tem mercado, tem emprego certo no mercado de trabalho, aí você passa na banca de revistas, você vê uma revista falando porque as empresas preferem os engenheiros, tudo isso, sabe, você vai associando, para quem está… veja que eu tinha vinte e cinco anos, e isso foi extremamente, digamos, influenciador para mim, pensava "pense em alguém que tem dezoito, dezenove anos", isso assim não ajuda, ao contrário, atrapalha e muito isso, sabe? Porque você está buscando se encontrar e, de repente, esse monte de mensagens prontas "isso é o melhor, isso é o melhor, isso é o melhor", e acabou, né? Mas você… cada um sabe o que é o melhor, ou se você não sabe naquele momento, você precisa descobrir, né? A vantagem é que eu não tinha a pressão dos meus pais, porque uma vez que eles estavam lá e eu estava aqui, então isso foi bom para mim, porque eles não influenciaram em nada. Então pronto, aí eu fiz o vestibular na UFRB e passei, na UFBA eu não passei, aí eu fui para lá. Aí só que eu entrei na sala assim, sabe? Cheguei… tinha aula pela manhã só que eu não fui, fui à tarde. Aí eu entrei na sala assim, o professor na classe, hum… "Cálculo de…" é Geometria Analítica, começando do início ao final do quadro, assim, eu falei, "poxa, não é isso que eu quero para mim". Naquele momento eu descobri, não é isso, mesmo (risos), não é, não é. E aí, agora, eu falei… aí foi basicamente o mesmo raciocínio de quando eu estava em Florianópolis, eu falei "bom, eu vou tomar uma decisão de sair daqui mais rápido, porque quanto mais eu ficar aqui, a probabilidade de você sair é menor", pelo menos para mim, é, porque tem o envolvimento emocional, depois, né? "Poxa, já faz me apeguei às pessoas, aqui, ou já fiz um mês do curso, porque não fazer um semestre inteiro e terminar?", eu falei "não", eu fiz um dia de aula só mesmo, eu vi que não era o que eu queria, eu falei "eu vou voltar para Salvador, vou tentar mais um ano de pré-vestibular lá, não sei o que vai acontecer se eu não passar, é, realmente, não vou trabalhar, mais um ano, não sei o que vai acontecer.", e não procurei respostas, sabe? Procurei apenas seguir fazendo as coisas.

Fábio - Você falou sobre o tempo e o sobre o envolvimento emocional, como no caso do hotel, e também nas cidades onde você morou, que você viveu, eu gostaria

que você pensasse no tempo de envolvimento com as pessoas e os locais de trabalho, e em relação a Salvador, como é Salvador em relação a esses tempos de poder se relacionar com as pessoas, ou de ter que se deslocar para outros lugares. Como você percebe isso?

Jeferson - Bom, na verdade, como minha proposta inicial, aqui em Salvador, era trabalhar, então o envolvimento emocional que ocorreu, de amizade, tal e etc., acho que foi fora do previsto, porque isso não estava previsto para acontecer, para mim o interessante era vir para cá, trabalhar, e tal, juntar uma grana, e poder fazer pequenos objetivos, era esse o objetivo, era direto, enfim. Só que realmente ocorreu isso que eu falei a você, culturalmente falando, as pessoas aqui elas são mais, digamos, convence assim, acho que elas são mais amigáveis à primeira vista, porque você, mesmo elas não te conhecendo, mas já, enfim, já te convidam para sair, pra… às vezes até para ir para casa delas, tal, etc., e isso realmente não ocorre no sul, isso não ocorre, existe uma distância muito maior entre colega e amigo, existe essa separação, nítida, aqui não, aqui você não percebe muito isso, embora exista, mas você não percebe, só percebe depois quando termina, aquele foi meu colega, aquele foi meu amigo, você percebe depois que terminou, você percebe. Você consegue enxergar perfeitamente, isso. Depois que eu saí da empresa eu consegui enxergar quem eram meus amigos, e quem foram os meus colegas. Quem foram os meus colegas, simplesmente foram ali, e acabou, nunca mais vi, nunca mais tive contato, nada mais, e os amigos, não, os amigos continuam, sei onde eles estão hoje, tenho o telefone, tenho email, enfim, tenho um contato maior com essas pessoas.

Fábio - Você estava falando do retorno de Cachoeira…

Jeferson - É, lá, na verdade, eu fiquei, realmente, um dia e uma noite. Porque na verdade, eu acho que tem coisas que você já sabe que não quer e outras que você só precisa de uma confirmação de que, realmente aquilo é algo que você não quer. E aí, assim, pra mim, talvez… pra quem ouça, assim, não sei você, mas as pessoas de um modo geral, talvez achem isso meio doido e louco, mas para mim eu precisava dessa confirmação, que isso realmente não era, definitivamente, o que eu queria, porque eu podia partir para, efetivamente, o que eu queria. Então, para mim, isso foi importantíssimo na minha vida, porque quando eu voltei para Salvador eu

não perdi tempo, eu voltei no mesmo mês, em março, ou seja, se eu quisesse ainda começar um cursinho pré-vestibular eu poderia, eu poderia fazer tudo. Eu só não fiz o cursinho pré-vestibular porque eu ia gastar mais, ia rever os mesmos conteúdos que eu já tinha visto, e preferi comprar os livros pela internet, estudar em casa, já tinha todo o conteúdo programático, baixei da internet, tudo o que eu podia. Aí em meados do ano, o BI já não ia ser mais pelo vestibular da UFBA, foi pelo ENEM, mudou, foi toda aquela confusão do ano passado. Aí continuei estudando da mesma forma, a prova que ia ser em outubro adiou para dezembro, enfim, pronto, então, aí eu realmente tive a certeza que eu podia ir em frente, sabe? De não ficar cambaleando, de ficar "será que é isso que eu quero, será não". Não, agora realmente é isso e acabou.

Fábio - E é o quê?

Jeferson - É BI Humanas. Então, quando eu entrei, fiz a prova, e tal, e tinha certeza, assim, que era isso que eu queria, se eu não passasse eu ia ficar bem chateado, frustrado, mas pronto, passei, estou no curso, e a proposta é nova, o curso é novo. Eu vejo meus colegas meio que cambaleando, e tal, sem saber se querem, se não querem e eu estou lá, tranquilo, na minha, sei que eu quero realmente isso, independente de qual seja a proposta, é isso que eu quero, e estou gostando do curso, realmente, porque eu já vi o que eu não queria, então agora eu estou vendo o que eu quero, então isso para mim é excelente. Aí vem a questão, claro, financeira, eu não sei se eu vou conseguir, ou até quando eu vou conseguir ficar sem trabalhar, me manter, etc., etc. Mas esses são outros pontos, né? Nunca está totalmente perfeito, né? Mas, assim, pelo menos, só em saber o que eu quero, de estar certo do que eu quero, isso é um fator muito importante, porque tem todos os outros fatores que agregam, no início do ano eu mudei de casa, fui para um outro local, depois fui para o local que eu estou, lá onde eu moro é bem improvisado, sabe? Não é como onde eu morava, que era melhor, sabe? Mas eu estou feliz, estou tranquilo.

Fábio - Você está morando onde?

Jeferson - Estou morando na Pituba. Só que, tipo assim, da mesma forma basicamente, é uma casa de família, só que eles moram encima da casa e alugam embaixo. Só que é meio improvisado, porque quarto, banheiro, cozinha é… (risos)

tudo junto, tudo em comum, mas para mim é tranquilo, de boa, acho que tudo são fases na vida, então não tenho tanta frescura para essas coisas assim, não, então…

Fábio - Como foi Salvador para você, seu olhar sobre a cidade.

Jeferson - Salvador, quando eu cheguei aqui, foi muito confuso, se locomover em Salvador é horrível, de coletivo, de transporte, é horrível, Salvador realmente é muito ruim, assim. Eu morei em Porto Alegre e o transporte de Porto Alegre, eu considero muito melhor em termos de organização. Porque assim, você tem um ônibus… primeiro a cidade se divide em zonas, zona norte, zona sul, zona leste, então, por exemplo, assim, você tem uma única empresa que opera na zona norte, você tem uma única empresa que opera na zona leste, e você tem uma única empresa de ônibus que opera na zona sul. Aí você tem terminais, no centro, que sai para a zona sul, que sai para a zona leste, que sai para a zona norte, então se você quer ir para um bairro… você chegou na cidade, você chegou em Porto Alegre, aí você fala assim "pô, eu quero ir para o Iguatemi", eu moro em Porto Alegre e te falo, "pô, Iguatemi fica no bairro Chácara de Pedras". Chácara das Pedras é zona norte de Porto Alegre, então você vai para o terminal da zona norte e lá você pega… se informa qual o ônibus que você vai pegar. Então, basicamente é fácil você se locomover pela cidade, porque você chega lá e "quero ir para o Iguatemi", existem vários ônibus para o Iguatemi, mas você está no terminal certo. Aqui, não, aqui você tem trezentas empresas que fazem o mesmo trajeto, e que só muda de R1 para R2, e aí uma que não tem R, uma da Barramar, outra da BTU, outra da Vitral… sabe? São várias empresas fazendo o mesmo, praticamente o mesmo trajeto ou o mesmo itinerário. Isso é muito confuso para uma pessoa que está… que acabou de chegar na cidade. Porque você mora aqui e eu acabei de chegar, aí eu estou no Iguatemi e quero ir para a Barra, que era onde eu morava, aí eu "como é que eu faço para ir para a Barra?", aí as pessoas falam "ah, você pega o Barra, o Barra vai", aí você vê passando o Barra, você julga que aquele é o único Barra que existe "ah, esse é o Barra que existe", você pega o Barra, só que esse Barra vai para a Barra, (risos) só que ele vai fazer um itinerário que vai lá pelo comércio, vai para a Carlos Gomes, faz uma volta estrambólica para chegar na Barra. Ele realmente chega na Barra (risos), mas depois de percorrer a cidade inteira ele chega na Barra. Eu já fiquei uma hora e meia dentro de ônibus, você acredita?

Fábio - Acredito.

Jeferson - Do Iguatemi até a Barra eu já fiquei uma hora e meia dentro do ônibus. Incrível, o que é que é isso. Porque que as pessoas não falam? Mas as pessoas não falam porque para elas é o senso comum, né? É o senso comum. E lá em Porto Alegre, em São Paulo eu acho que também é assim, você pode me corrigir se eu estiver errado, mas nós falamos a linha pelo número da linha, então, tipo, se você vai para o Iguatemi, Chácara das Pedras, linha 637. Linha 637, esse número, não existe outro, é só 637, então acabou, 637, 620, que é a outra linha, acabou, não tem… aqui as pessoas sabem pelo nome "qual é o número da linha?", "não, o número eu não sei", as pessoas não memorizam o número, só o nome, e falam que é mais fácil memorizar o nome. Eu estava outro dia conversando com Carol, que estuda na minha sala, ela falou "não, eu acho confuso o transporte de vocês", ou seja, na concepção deles, né? Porque tudo é uma concepção do que você tem, né? Se você já está acostumado com nome, então você acha confuso número. Aí "eu perguntei uma informação, acho que foi em Belo Horizonte, ela falou, e o cara me deu três, quatro números de linha, eu, eu não decorei nenhum, só o primeiro, porque os outros eu esqueci tudo" (risos). Eu falei "é, realmente, lá nós memorizamos a linha pelo número, porque fica mais fácil, porque não tem como ter outra igual a esse número, então você vai pegar essa e acabou, sem falar que, tipo assim, se você tiver indo para o bairro, a linha vai… se você não pegou o número da linha, a linha vai como o nome do bairro "Chácara das Pedras", então vai como Chácara das Pedras, e quando volta, volta como Mercado, que está indo para o mercado, então ela tem, sai do Mercado e vai para o ponto final, sai do ponto final e vai para o Mercado, então ela faz esse trajeto, assim, ela vai percorrendo, mas faz esse trajeto. Aqui não, aqui a linha sai da Estação Pirajá, dá uma volta estrambólica, não tem final, vai acabar de novo na Estação Pirajá, ou seja, o final e o início é na Estação Pirajá, então você fica meio perdido "sim, cadê o final? Não termina na Barra?", não, não termina na Barra, não, termina, realmente, na Estação Pirajá, que é de onde ele saiu. Então você fica meio perdido, assim, eu, nossa, eu já fiquei muito tempo dentro de ônibus. Assim, para me locomover, bom, eu morava na Barra e trabalhava no Rio Vermelho. Bom, são dez minutos do Rio Vermelho até a Barra, eu já levei uma hora, porque assim, o ônibus Lapa… eu tenho costume de pegar a Lapa para ir para a Barra, né, porque ele vai pela Centenário, eu desço ali, pronto, cheguei, aí eu olhei

Lapa, pá, peguei Lapa. Aí tem o itinerário ali, só que isso você… eu não estava acostumado a olhar o itinerário do ônibus, você não está, porque, teoricamente, se você já tem o número da linha ou nome, porque as pessoas aqui não usam o nome, então pronto, ou seja tenho o nome da linha, para quê vou olhar o itinerário, não precisa, você julga que não é importante, e as pessoas daqui falam que isso é importantíssimo, e realmente isso é importantíssimo (risos)

Fábio - (risos) Fundamental.

Jeferson - Fundamental. Pegava o Lapa, aí de repente estou lá no ônibus, e o ônibus tiuuu [faz som para representar o movimento do ônibus], entrava na Vasco, ia para a Garibaldi, lá para a Lapa, ou seja, não passa na Barra. Aí, pronto, não vou para a Barra, tenho que descer na Lapa, pegar outro ônibus, cansado. Ainda bem que você está com dinheiro sempre extra, porque você sabe que essas coisas podem acontecer, para você voltar para sua casa… aí você levou, tipo, uma hora porque você foi para o lugar errado, para voltar, sendo que em dez minutos você chegaria numa boa na sua casa, então isso é muito louco em Salvador, o transporte é louco, demais assim. Até pouco tempo eu peguei ônibus errado em Salvador, hoje não mais, mas até pouco tempo eu peguei ônibus errado. Agora como eu estou morando há um mês apenas na Pituba, então eu não sei os ônibus que vêem para cá ainda. O Salvador Card eu consegui ele semana passada, até então eu pegava Praça da Sé para vim e Vilas do Atlântico para ir, só que esse ônibus é interurbano, ele não aceita Salvador Card, e agora eu estou com problema, porque eu não sei qual ônibus eu pego para voltar, com o Salvador Card, eu acho que nem tem, então eu estou pagando integral, só que para vim eu estou pegando Barra 3 que ele vem pela Vasco, Garibaldi e entra aqui na Ademar de Barros e vai para a Barra, e ele tem bem menos frequência do que o Praça da Sé, bem menos mesmo, eu fico no ponto muito mais tempo.

Fábio - Você fica quanto tempo esperando?

Jeferson - Eu acho que o ônibus passa… eu não sei de quanto em quanto tempo, mas eu julgo que seja de meia em meia hora, enquanto que Praça da Sé é de cinco em cinco minutos. Então já aconteceu, por exemplo, de eu chegar no ponto seis e cinco para chegar aqui às seis e meia, isso era tranquilo, mas o ônibus só passou às seis e meia, eu cheguei sete, cheguei atrasado, pasMaram vários Praça da Sé, eu

falei "não, agora eu estou com o Salvador Card, eu vou esperar (risos) até meu ônibus passar. Até porque para eu voltar eu vou ter que pegar o Praça da Sé, então vou pagar integral já para voltar, então eu vou ter que esperar", passou seis e meia o ônibus, chegou sete aqui, vou fazer o quê, né? Não tem o que fazer. Aí para voltar realmente eu não estou sabendo qual o ônibus, ainda, eu estou pegando esse ônibus que todo mundo está pegando também. Pessoas que moram ali também, pelo que eu percebo, também estão fazendo o mesmo, sabe? Tem uma senhora que está na mesma sala que eu e ela também não sabe, nós conversamos a respeito disso, ela falou "eu realmente não sei". Ali na Ademar de Barros não passa, se passar é ali na Garibaldi, mas aí de noite para você ir até lá na Garibaldi, tem que ver se realmente passa, porque então você vai ficar no ponto, o ponto esvazia, não passa ônibus, e você… né? (risos) Se for de dia, tudo bem, numa boa, à noite, dez horas da noite, quando vê, chega onze e aí você está no ponto.

Fábio - Sobre a violência, como você vê a cidade de Salvador em relação àquelas que você já morou?

Jeferson - Salvador em relação à Porto Alegre e ao interior?

Fábio - Com relação a Porto Alegre.

Jeferson - Salvador é muito mais violento, muito mais, e você percebe isso nas ruas, nas ruas mesmo. Os assaltos, assaltos a ônibus, assaltos de uma forma em geral, assim, eu me sinto muito mais inseguro em Salvador do que em Porto Alegre, por exemplo, e são metrópoles, as duas são metrópoles. Eu fui recentemente para o Rio Grande do Sul, no final do ano, eu passei natal e reveillon lá, e assim, eu fui para o aeroporto de ônibus, daqui até o aeroporto, de ônibus, eu fui assim ó, com medo, porque o ônibus do aeroporto é muito visado em assaltos, né? Eu fui com medo, mesmo, tenso, com medo. Quando eu cheguei em Porto Alegre eu também peguei ônibus para ir do aeroporto até a rodoviária, para ir para a minha cidade, e me senti tranquilo, me sentia bem dentro do ônibus. Até poderia acontecer de alguém entrar e me assaltar, mas assim, a sensação de segurança, eu me sentia muito melhor lá do que aqui, para me locomover dentro da cidade, também, lá eu me sentia muito mais seguro do que aqui, tanto é que lá eu trabalhava à noite, saia onze horas da noite, do trabalho, então eu chegava onze e meia em casa, dez para a meia noite. Existe a violência, claro que sim, com certeza, existe, mas eu sentia, eu me sentia mais

seguro, assim. Aqui eu trabalhei, eu acho que graças a Deus, eu trabalhei durante o dia a maior parte do tempo, então eu não sei muito como é sair onze horas da noite. No Tropical, sim, teve alguns períodos que eu… teve alguns períodos que eu, antes de trabalhar à noite, de madrugada, eu trabalhei à tarde aí eu saia às onze horas da noite, mas ali ficava no centro, o ponto ficava bem movimentado, eu descia ali na orla, ia na Sabino Silva, onde eu morava, era mais tranquilo, mas assim, final de semana aqui em Salvador, de domingo. Sábado já é dia de sair, domingo eu praticamente não saio de casa, assim, eu já saí muito, e não é, assim, frescura, não. Você sente um clima pesado na cidade, você percebe que as ruas estão vazias, aí você vê alguém, um grupinho ali, de moleques caminhando, você sabe que se eles quiserem te assaltar eles podem, eles podem. Se eles passarem por você e não te assaltarem, considere-se sortudo, porque teoricamente eles poderiam, entendeu?

Fábio - Você já foi assaltado?

Jeferson - Sim, mais de uma vez, aqui. Mais de uma vez. Uma enfrente ao meu prédio, na Sabino Silva, às dez e meia da manhã, em um sábado, assim, eu reagi, tal, não queria dar a carteira, eles me derrubaram, tal. Feri meu joelho na queda… rasgaram a minha carteira, levaram minha carteira, ainda bem que ficaram nervosos, e tal, abriram minha carteira, tinha dinheiro, tinha papel também, então eles abriram a carteira e viram papéis e não viram o dinheiro, jogaram a carteira fora, aí eu peguei a minha carteira. E da outra vez na farmácia, ali também na Sabino Silva, eu entrei na farmácia para comprar creme dental, eu acho, e os caras entraram atrás de mim, anunciando assalto, assim. Esse foi, tipo assim, o lance que eu vivenciei de assalto com revolver mesmo, e tal, os dois estavam com revolver e assaltaram os clientes, assaltaram a farmácia, assaltaram o caixa, assaltaram tudo, e levaram, tal. Aí, depois, eu voltei na farmácia e aí você já fica meio tenso, ali na farmácia, eu entrava na farmácia, mas entrava já querendo sair logo, olhando para a rua, já querendo sair. Aí eu conversei com os funcionários "e aí, aquele dia do assalto?", aí eles "é, pois é", falei "essa farmácia já foi assaltada alguma vez?", ele "ah, sempre, uma vez no mês a farmácia é assaltada", ou seja, para os funcionários esses assaltos já estavam comuns, sabe? Mas para (risos) mim, não, para eles era uma coisa já corriqueira, do dia-a-dia "assalto? Nossa, tranquilo, de boa". Realmente é, porque você está sujeito a isso, mas… assim, isso foi recente, tudo isso foi recente que aconteceu, então eu acho que por conta disso, também, eu fiquei um pouco

meio que assustado na cidade, tal. Eu ando realmente com medo na cidade, ando mesmo, não me sinto muito seguro andando na cidade, no ônibus, assim, já fico olhando… enfim, para quem já vivenciou um assalto, né?

Fábio - Você vai para o Rio Grande do Sul de quanto em quanto tempo?

Jeferson - Não tem um periódico, assim, de quanto em quanto tempo, é… desde que eu cheguei aqui, em 2003 até 2010, eu fui… três vezes. Então em sete anos eu fui três vezes. Dá uma média de uma vez a cada dois anos, mas assim, teve um período que eu fui… que eu fiquei quatro anos sem ir, nessa última vez que eu fui eu estava há quatro anos sem ir.

Fábio - E quando você chegou?

Jeferson - Quando eu cheguei eu fiquei dois anos sem ir, eu cheguei em 2003 e fui em 2005, nas férias do trabalho, e no fim do mesmo ano, em 2005, eu fui no final do ano. Então de 2005 até… aí fiquei 2006, 2007, 2008, e eu fui em final de 2009, aí fiquei quatro anos sem ir. E foi todo um contexto pra eu não ter ido, sabe? Eu saí da empresa em que eu estava trabalhando, aí fui para Feira de Santana fazer o curso de aviação, aí nesse meio tempo que eu pensei em ir ao Rio Grande do Sul, eu voltei a Salvador e comecei a já me preocupar em conseguir um trabalho pra, realmente, me manter em Salvador. Eu pensei que se eu fosse eu ia gastar uma grana, que não é pouca e aí, quando eu voltar, eu ainda vou ter que continuar a procurando trabalho e essas coisas, assim, de trabalho, você às vezes está no período, no caso de hotelaria e turismo, você está no período de contratações, você não pode esperar, e eu tinha voltado de Feira de Santana em dezembro, alta estação, era período de contratação, ou seja, a contratação já tinha começado em novembro pra alta temporada, eu estava em dezembro, então se eu fosse para o Rio Grande do Sul eu ia voltar em janeiro, já ia ter passado, a alta temporada já ia ter passado. Poderia até que eu conseguisse emprego, né? Mas eu estava no período certo para conseguir, então eu não fiquei muito tempo desempregado não. Ainda me dei o luxo, assim, de passar o natal sem trabalhar, mas assim, procurei emprego e já consegui logo, então foi bom, sabe? Carnaval eu já estava trabalhando, então foi algo que eu não tinha como. Aí quando você entra em uma empresa nova, então você tem aquele período de um ano e alguns meses sem as férias, porque a empresa tem direito, é quase dois anos, é um ano e não sei quantos meses, quase

dois anos que você fica trabalhando sem férias. Aí eu comecei em 2007, aí minhas férias foram em abril de 2008, aí quando eu estava fazendo pré-vestibular, aí não dava para ir também, porque eu estava fazendo o pré-vestibular. Aí eu fiz o pré-vestibular e fiz o vestibular no final do ano e aí fiquei naquela expectativa, e aí o resultado sai, não sai, eu preferi não viajar para ficar esperando o resultado, tinha prova da UFRB em janeiro, aí eu acabei não indo, aí saiu o resultado da prova da UFRB, eu passei, aí já comecei a procurar um local em Cruz das Almas, pronto aí só deu para ir em 2009, fiquei esse período todo, quatro anos.

Fábio - Você já conhecia a UFBA, o câmpus da UFBA?

Jeferson - Esse câmpus eu não conhecia, eu conhecia o câmpus do Vale do Canela, eu faço curso de línguas ali, mas aqui eu não conhecia. Eu acho que eu tinha entrado uma vez aqui com uma amiga minha, a gente entrado para conhecer o câmpus, assim tal, meio que para se situar, mas não conhecia. O câmpus é grande, né? Muito grande, né? Tem vários prédios, cada um é um instituto, tal, etc. Nos primeiros dias, para você se locomover é horrível (risos), terrível. Cheguei às seis e meia e só consegui encontrar minha sala às sete e meia, mas eu não achei ruim, acho que você vai ouvir bastante relatos, eu já ouvi bastante relatos, é a mesma coisa. Eu chegava atrasado, eu achava que chegava atrasado, quinze minutos depois chegava alguém (risos) mais atrasado do que eu, eu me sentia aliviado de não estar tão atrasado assim.

Fábio - Por que essa dificuldade de encontrar os lugares?

Jeferson - Ah, porque não tem as informações, as placas de direcionamento, não tem nada. Realmente, se tivesse, seria muito mais fácil, placas informativas, informando compus tal pra cá, você está aqui, se você quiser ir para cá… não tem, realmente não tem. Então, realmente, você tem que conversar com as pessoas, e você tem que dar sorte em encontrar alguém que conheça, se você encontrar uma pessoa que não conheça muito bem ainda vai te informar errado, aí você vai para o lugar errado, foi o que aconteceu… eu estava procurando a disciplina Território ali perto do Instituto de Matemática, sabe? Eu estava procurando Globalização e Território ali, quando eu falei Globalização e Território, o pessoal falou que eu, provavelmente faria no Instituto Geoquímico, que fica lá próximo ao Instituto de Física, fica lá longe. Eu fui lá… não era lá, aí eu voltei, sabe? Lá tinha um cara que

também ia fazer Globalização e Território, aí a gente voltou junto, assim tal, e foi aí que eu consegui encontrar a sala.

Fábio - Como estão seus estudos, ler, estudar, como está?

Jeferson - Eu estou conseguindo ler, na verdade a minha dificuldade, realmente, está sendo acesso à internet, que no momento, onde eu estou morando não tem, então isso está dificultando um pouco, isso realmente não tem, mas ler, assim, eu estou conseguindo ler sim, até mesmo porque eu estou estudando somente, né? Então eu estou conseguindo ler, só não estou conseguindo pesquisar, e tal, isso está sendo difícil, está sendo ruim. Estou tentando me situar ainda nesse ponto de pesquisa.

Fábio - Você já encontrou um lugar que você possa acessar a internet?

Jeferson - Sim, sim, sim, na biblioteca, e… tem um outro local… mas assim, não é o mesmo que você pesquisar em sua casa, mas sim, eu já usei e tal, é útil, também utilizo *lan house*, tal, etc., mas é diferente de você chegar em sua casa de noite, e poder ficar o tempo que você achar necessário, mas sim é algo que é útil e que eu já utilizei, mas não é muito, digamos acessível, assim. Normalmente está lotado, não é muito funcional, digamos. É útil quando você realmente precisa, então está lá, disponível, te ajuda quando você precisa, mas não é funcional. Existem computadores insuficientes pelo número de pessoas que querem utilizar.

Fábio - E você conseguiu estabelecer amizades com as pessoas da sua sala? Como está a relação com as pessoas da sua turma?

Jeferson - Na minha percepção está bacana, assim, está legal, assim. Cada grupo, eu estou tentando fazer com pessoas diferentes justamente pra… interagir com a sala mesmo, e não ficar (risos) só com as mesmas pessoas. O bacana é isso, você conhecer outras pessoas e tal, né? Então para mim está bacana, eu estou gostando realmente, assim. Eu acho que, às vezes eu penso "pô, como é que seria se eu estivesse lá no Rio Grande do Sul? Talvez não seria…" não sei, acho que aqui eu me sinto mais à vontade, eu acho que isso é bacana, eu me sinto mais à vontade, de poder conversar, interagir, tal e etc., acho que, pra mim, que sou um pouco mais tímido, de ficar na expectativa, olhando, então as pessoas virem e falarem com você, isso facilita para quem é tímido, na sua, fechado, já é uma barreira que a

pessoa rompe e que você estava querendo que fosse rompida, só que você não tem iniciativa. Eu gosto.

Fábio - Então nesse tempo que você está em Salvador você já conseguiu estabelecer relações de amizade, de confiança, e aqui na faculdade, na sua sala, está começando também?

Jeferson - Aqui na faculdade de modo geral, né? Ou você está perguntando na minha sala de um modo específico?

Fábio - De um modo geral.

Jeferson - Ok, porque na verdade tem uma colega minha que fez o… que eu conheci no pré-vestibular, que ela fez, que ela faz arte, e ela passou naquele ano que ela fez, que eu fui reprovado na UFBA, ela passou e eu encontrei outro dia ela no câmpus, aqui, e foi bacana, porque realmente ela é uma pessoa que é um vínculo de amizade que eu já conheço desde 2008, então… já somos amigos, assim, porque já frequentamos um a casa do outro, sabe? Ela vai na minha, eu vou na dela, então somos amigos.

Fábio - Isso é tranquilo aqui, como é que é… frequentar a casa das pessoas?

Jeferson - Eu acho que… sim, tipo assim. Na verdade eu acho que, como o curso é à noite, eu acho que durante o dia as pessoas tem atribuições, né? Então eu acho que trabalho, etc. e tal, então eu acho que a maioria das pessoas que eu conheci, que eu tenho envolvimento no grupo, trabalham durante o dia, então isso dificulta um pouco a aproximação, né? Se as pessoas estão trabalhando elas tem as atribuições dela. Como essa colega que nós nos conhecemos no pré-vestibular, durante o dia, então nem ela e eu trabalhávamos, então a gente tinha o dia livre, então eu acho que isso… hoje ela já tem as atribuições dela, mas aquele vínculo que nós estabelecemos, aquilo permanece, né? Então eu acho que isso é bacana, mas assim, sempre é possível, aquilo que eu falei para você no início, assim. Eu acho que a universidade, de um modo geral, é muito melhor para você manter vínculos do que uma empresa. Por que na empresa você tem colegas.

Fábio - Você sente que as pessoas estão mais abertas para a amizade?

Jeferson - Eu acho que sim, eu acho que as pessoas estão realmente querendo isso, sabe? Estão, assim como você, descobrindo o ambiente, estão, assim como você, querendo conhecer pessoas.

# APÊNDICE I – Entrevista com Milton

Fábio – Estou aqui com Milton, hoje é dia 09 de abril. Vamos começar com você falando sobre sua cidade. Como é a sua cidade?

Milton – Eu cheguei do interior com o objetivo de estudar, de morar com minha irmã que morava aqui (Salvador), e me fez o convite. Eu tinha terminado o colegial e vi a possibilidade de crescimento aqui, tanto profissional quanto pessoal.

Fábio – Veio de onde?

Milton – Na verdade vim de Mairi. Na verdade eu saí de uma outra região do interior para Mairi em 1980, e permaneci lá até anos 1991. Aí, em final de 1991 para início de 1992 eu vim para Salvador já para morar, na verdade com o objetivo de estudar. Quando cheguei aqui as condições de estudo eram totalmente diferentes daquela que a gente deslumbrava, entendeu? A gente pensa uma coisa, quando chega aqui é outra completamente diferente.

Fábio – O que você pensava?

Milton – Ah, eu pensava que quando eu chegasse aqui ia fazer vestibular, ia começar a trabalhar, estudar, crescer profissionalmente, entendeu? Culturalmente, conhecer novas culturas, novas aprendizagens... de uma certa forma um crescimento profissional e intelectual.

Fábio – Você tinha quantos anos?

Milton – Quando eu cheguei aqui eu tinha 22 para 23 anos quando cheguei aqui em Salvador, para estudar e trabalhar. Só que a questão do estudar, que eu vinha para cá para fazer o vestibular já não dava porque a universidade tinha aula durante o dia e a minha irmã, na época, estudava. Inclusive ela é professora aqui, da FACOM. Na época ela estudava e as possibilidades eram outras, o mercado de trabalho era amplo. Crescimento, né? A gente veio para cá visando um crescimento, porque lá no interior não tem, ou você sai de lá ou você continua lá, mas sua vida é limitada. Você vai viver o resto da vida aquilo, porque não tem o que fazer, não tem como, ou você é rico ou você é pobre no interior. No meu caso eu era pobre e não tinha condições

nenhuma de crescer, então o único recurso que teve foi vir para cá através da minha irmã. Aí, sim, voltando ao assunto. Aí cheguei aqui para estudar e vi a possibilidade de estudar na UFBA, fazer o vestibular, aí vi que não era possível, ou eu estudava ou eu trabalhava, aí entrei na carreira de trabalho, ingressei em uma empresa privada e fiquei oito anos trabalhando até conseguir alguma coisa, fazer alguma poupança para que um dia em que tiver condições para parar de trabalhar e estudar, porque a universidade particular para mim não dava também. Não tinha condições nenhuma de fazer e naquela época eram poucas, também. Depois que teve um boom de faculdades particulares oferecendo mundos e fundos para você entrar, aí de repente você pagava inscrição para fazer um vestibular e começaram até a trocar por um quilo de alimento, ou por nada, era só preencher o formulário. Eu conheço um pessoal do interior que veio para cá numa caravana de Alagoinhas, numa época aí, não me lembro o ano, mas logo quando abriu a FIC (?), depois foi a Jorge Amado, não foi? Então só fizeram a inscrição, alguns desistiram porque não ia ter condição de transporte, o prefeito deu o ônibus para eles virem para cá, entendeu, e quando chegou aqui e foram fazer, fizeram só a inscrição, quando souberam que o prefeito não daria o ônibus para continuar vindo no estudo à noite, aí pegaram e desistiram. Uma semana depois receberam a informação lá que todos haviam passado no vestibular, ou seja, sem fazer o vestibular, só preencheram o formulário. Isso tudo desencanta a gente, né, pela universidade particular. Eu não sei, às vezes estou falando até demais, se hoje continua assim, nesse processo bem frágil, fragilidade, que não exploram muito a questão do vestibular em si como é na UFBA, entendeu? Aí voltando ao meu assunto, aí vim para cá, e vi que a possibilidade... não tinha possibilidade alguma de estudar, aí eu comecei a trabalhar e vi também que com trabalho eu não ia conseguir estudar e continuei assim, aí foi quando, depois fiquei desempregado, recentemente, porque eu trabalhava no Governo do Estado, já, aí eu fiquei desempregado… nunca tinha feito vestibular, já tinha uns dezoito anos que eu tinha deixado o colégio, aí eu estava parado, sem fazer nada... aí eu começar a fazer um tratamento médico aqui, quando eu estava fazendo o tratamento, "ah, eu vou fazer um vestibular, que eu nunca fiz na vida, vou fazer para ver como é que é, e aí ano que vem eu vou fazer um cursinho porque eu quero estudar na UFBA, já que a UFBA abriu esses BIs", foi logo quando abriu, em 2008, quando anunciou para fazer o vestibular. ai eu fiz pela primeira vez em dezembro de

2008 como experiência para ver como era um vestibular da UFBA porque eu sempre tive vontade e curiosidade para fazer, aí fiz e recebi a… minha irmã até que me ligou, eu estava até em Bom Jesus da Lapa que eu havia passado no vestibular. Eu falei, não é possível tem dezoito anos que eu saí de um colégio, nunca mais frequentei uma sala de aula para nada, para nada. Aí eu fiz, passei, aí agora veio outro dilema, quando cheguei aqui para fazer minha matrícula em 2009, logo quando abriu a matrícula, eu fiquei impossibilitado de fazer matrícula porque o meu colégio que eu estudei, a vida toda eu estudei em escola pública, porque você preenche um questionário, né, sócio-econômico, para fazer o vestibular lá na UFBA, e perguntaram quais foram meus locais de ensino no interior, se foi em escola pública, particular, privada, essas coisas, aí eu falei que foi em escola pública, como de fato havia estudado em escola pública, só que quando chegou aqui na secretaria, no IHAC, ele foi pesquisar o meu colégio e não achava, aí eu fiquei matrículado. Ele falou "venha quarta-feira buscar sua matrícula" porque estava tendo tumulto de gente, tal, "você está matrículado, venha quarta-feira buscar sua matrícula". Quando eu cheguei na quarta-feira ele falou "olha, você está impossibilitado de se matrícular, a gente não conseguiu pesquisar seu colégio na internet, seu colégio não existe. Cadê seu certificado?" eu falei "Eu entreguei, no dia, o certificado do colégio que eu estudei", "ah, mas esse colégio aqui não existe, tem que ver aí", quer dizer, colocou em xeque até minha própria palavra, que o documento que eu havia entregue aqui. Então eu vou voltar para o interior e verificar o que é que está acontecendo. Localizei uma ex-diretora deste colégio, ela falou "esse colégio realmente abri, era um colégio que tinha convênio com o Governo do Estado, um convênio professor-aluno" eu nem sabia desse tipo de informação, "um convênio professor-aluno e que eu tinha toda a documentação, mas eu enviei tudo para Salvador quando eu terminei as atividades do colégio, por questões políticas, porque na época eu fazia parte de um grupo que conseguiu esse colégio, aí por questões políticas eu fechei esse colégio e enviei a documentação toda para a Secretaria de Educação, enviei para a Direc em Piritiba, toda a documentação. Você ligue para a Direc, fale com fulano de tal, me deu até o nome, procure por fulano de tal, veja que a documentação toda está lá e peça até a criação do colégio e veja que o colégio era conveniado com o Governo do Estado, ou seja, eu estudei em escola pública porque ninguém nunca pagou nada, entendeu? Nossos estudos foram custeados pelo governo, então para

mim era escola pública. Até então eu não sabia disto, que era um colégio, que era uma associação custeada pelo Governo do Estado, tudo isso foi.. aí fui perdendo tempo aqui, aí ele pediu para fazer um recurso para a UFBA acatar a minha matrícula. Aí eu fiz e a UFBA indeferiu uma primeira vez. Enquanto isso eu ia correndo atrás de documentos, aí agora, quer dizer, eu deixei minha vida aqui, até suspendi um tratamento médico que eu estava fazendo para ir para o interior buscar essa documentação para não perder a vaga, já que eu passei eu quero estudar agora, agora eu quero estudar, não vou deixar para o ano que vem, não. Aí eu quero estudar. Aí eu fui para Piritiba, consegui uma declaração que esse colégio, que a documentação tinha sido mandada para Salvador, para a Secretaria da Educação, fui lá, só tinha uma pasta lá, do aluno, inclusive conseguiu até a cópia do mesmo documento que eu havia entregue aqui, uma cópia, não era mais a original, uma cópia, aí eu consegui essa cópia, consegui uma declaração do colégio, tudo, que era conveniado através do convênio professor-aluno, e vim para a Secretaria de Educação aqui. Quando eu cheguei na Secretaria de Educação eu fui surpreendido porque aqui não existia nada, que tinha retornado para Piritiba, que aqui não tinha nada, "como não tem, se eu vim de lá agora? Olha que eu consegui lá, uma declaração é uma cópia do documento meu que está lá, como é que não tem nada do colégio?". Aí ela falou "não, é que a Secretaria da Educação pegou fogo a um tempo atrás aí, é... queimou todos os arquivos, a gente não tem nada de escola do interior, só tem “x” anos para cá”, ou seja dos dezoito anos que eu tinha estudado não tinha mais nada do meu colégio. E não só o meu como vários de outras pessoas e de outras cidades que foram à Secretaria, e pegou fogo, que foram ao centro administrativo, "aí, agora como é que faz", aí ela ligou na hora para a secretária do secretário, que minha irmã é jornalista e falou para eu procurar a pessoa de imprensa de lá, de comunicação, para me dar mais acessibilidade, né porque quando você conhece alguém as coisas começam a funcionar melhor, né? Porque até então uma pessoa do interior que não conhece nada aqui, aí tudo é dificultado, tudo é dificultado para você, aí você vai num lugar a pessoa fecha a porta, não quer te atender, não tem tempo agora, "quem é?" quer dizer eu não sou ninguém, na verdade…

Fábio – Você acha que o fato de ser do interior dificultou mais?

Milton – Muito mais, muito mais, porque as coisas já são difíceis para quem mora aqui, para quem mora no interior é muito mais ainda. Aí quando você vem com um nome, um nome, aí você passa a ser alguém. Você traz um nome por trás de sua pessoa e aí você vai procurar o reitor, se você é do interior o reitor não quer nem te atender, mas se você tiver um papelzinho "olha foi fulano de tal que me mandou aqui, que é amigo seu, se é político, se é alguma coisa, aí você já passa a ser alguém, já passa a ser alguma coisa. Essa é a dificuldade que o pessoal do interior quando chega aqui em Salvador é essa, ou quando procura um atendimento em qualquer lugar, não é só aqui como em qualquer lugar. O serviço em si é meio frágil, principalmente para o pessoal do interior, é difícil ser atendido aqui de primeira. Aí sim, aí consegui esse documento, consegui essa informação, claro que através do bilhetinho de minha irmã, que mandou eu procurar a menina, que aí me mandou procurar o secretário. O secretário não estava lá, aí a secretária do secretário me atendeu e ficou a par do meu assunto, aí falou "olha, infelizmente a gente não pode fazer nada, o que a gente pode fazer e te dar uma declaração, como você tem uma declaração lá da DIREC, então, a DIREC é subordinada a gente, se a DIREC está dizendo que você estudou que o colégio existiu, então eu posso endossar essa declaração sua, aí me deu, aí a UFBA já tinha indeferido uma primeira vez, aí eu dei entrada com essas duas declarações e dei entrada novamente, aí mais uma vez foi indeferido, aí o cara falou assim, o cara da secretaria falou que eu poderia recorrer mais uma vez na instância máxima da UFBA, se ela indeferisse mais uma vez aí meu processo seria arquivado, eu não teria mais chance. Aí como já tinha terminado o primeiro semestre, já estava no limite do segundo semestre, aí eu correndo atrás dessa documentação toda, providenciei um advogado, gastei em torno aí de uns mil e seiscentos reais, mais ou menos, para ela formular esse processo, juntar a documentação e deu entrada. Uns quinze a vinte dias mais ou menos o juiz indeferiu, mandou que a UFBA acatasse de imediato, que fizesse minha matrícula já no segundo semestre. Só que isso levou tempo, foi tramitar na justiça, a advogada conseguiu a liminar, mas o processo não chegou aqui na UFBA, foi para a Procuradoria primeiro, para depois chegar aqui. Quando chegou aqui já tinha ultrapassado mais de trinta porcento das aulas e aí o funcionário falou que eu não tinha condições de estudar aqui, apesar de que ele tinha que acatar a minha matrícula porque era uma ordem judicial e ele não podia desacatar, não é? Mas, no

entanto eu não podia estudar, só… e outra coisa, mesmo que ele me matrículasse eu iria frequentar uma semana de aula e eu tinha que trancar porque não tinha como eu acompanhar mais ou processo, tinha que fazer o trancamento, ou seja, eu ia perder um semestre, com um semestre perdido eu não podia perder mais nenhum outro, nem trancar nenhum outro, porque o BI só permite trancar vinte porcento, ou seja, um semestre, porque o BI é em três anos, né? Aí eu fiquei num mato sem cachorro e falei, "é, agora, o que é que eu faço?", aí ele pegou e foi até gente boa comigo, neste ponto porque ele falou assim "não, eu tenho uma formula para você, eu vou fazer uma declaração aqui, você vai assinar, eu vou assinar, a gente vai fazer uma matrícula com um trancamento especial você não vai ser prejudicado, a gente simplesmente vai matrícular você e vai trancar sua matrícula, ou seja, um trancamento especial que não vai contar em seu currículo isso aqui, você vai começar agora em 2010 como calouro, apesar de você ter matrícula de 2009.". Aí tudo bem, “não vou ser prejudicado em nada, não?", “não”, “então eu estou confiando em você”. Aí eu assinei o documento que ele me deu, ele assinou também. Aí quando eu vim me matrícular aqui… ele falou, "olha, quando chegar em fevereiro, no início das aulas você fica atento aí à data da matrícula porque sua matrícula é diferente, é diferenciada porque você já é 2009, você não é calouro e também…” é, eu era os dois e não era nada, ao mesmo tempo, entendeu? Eu não era veterano nem era calouro, entendeu a situação? Aí eu peguei e fiquei ligado na coisa, aí fui inclusive na SGC, não estava mais aqui (no Pavilhão de Aulas 3, campus de Ondina), estava no Campo Grande, aí ele falou "não, a matrícula 2010 só começa em março", alguma coisa assim, "só começa em março", aí eu falei "ah, tudo bem, então em março", só que eu fiquei com aquele negócio, "pô, a matrícula do calouro é em março, bom se eu não sou calouro, mas também não sou veterano, porque eu nunca estudei. Então eu vou lá procurar", vim aqui, quando cheguei aqui estava, por coincidência ou não, era o dia da matrícula, último dia, até às dezenove horas. Eu cheguei aqui na secretaria estava uma fila danada, e tal, era o dia, aí eu falei "não, mas a questão, só que Lázaro me falou que a matrícula só começa em março, ele me deu a data", "não, aquela é para calouro", "sim, mas eu nunca estudei", "mas você não é calouro, você e 2009", ou seja, se eu não viesse aquele dia, por mim, eu tinha perdido mais uma vez, e agora não tinha como, porque foi negligência minha, porque eu não vim na data, entendeu? Mesmo sem saber qual

era a data, eu tinha perdido porque eu não vim na data, entendeu? É meio complicada a história, meio confuso... aí o que e que aconteceu? Na hora de fazer a matrícula, Márcio, que me auxiliou muito, porque eu não sabia nada, sem visão nenhuma das coisas, não conhecia nada, aí foi Marcio do IHAC que me auxiliou. Ele me ajudou, me deu alguns papéis para eu montar a minha grade… mas eu não tenho, eu nunca estudei, eu não sabia nem como era uma grade curricular, entendeu? Aí ele me ajudou a montar, eu montei lá do jeito mais ou menos como eu entendia que ia dar certo, eu não sei, aí na hora de matrícular deu problema de novo, porque uma matéria que eu tinha pego não tinha mais vaga, porque eu fui o último a ser atendido, eu saí daqui quase 10 horas da noite, porque como eu era o último aqui, eu fui, automaticamente o último a ser matrículado. Aí deu certo três matérias, aí eu tive que pegar duas optativas para conseguir fechar a grade, inclusive eu deixei um documento assinado aqui, porque eles já estavam saindo daqui, porque era o último horário, e ele mandou até por email, foi ele mesmo que colocou lá a matéria, porque na sexta-feira ficou o dia todo, às duas aulas, porque na verdade quando eu cheguei aqui não era nem você o professor, era outro professor que estava.

Fábio – Sua turma era qual?

Milton – Vinte, era turma vinte. Aí eu fiquei perdido aqui, eu nunca tinta assistido uma aula dessa matéria porque chegava numa aula não era turma vinte, chegava na outra não era turma vinte. Aí eu acabei assistindo umas duas aulas com outra pessoa, lá na sala, lá no canto.

Fábio – Com Rita?

Milton – Isso, com Rita, Rita Aragão, acabei assistindo umas duas aulas ainda com ela, mas sabendo que não era a minha professora, foi depois que eu recebi um email aqui do IHAC falando que a turma ia ser juntada, né, que ia ter um professor lá no PAF um, por isso que a gente foi para lá, quando chegou lá, falaram que ia ser aqui. Aí eu retornei. Aí foi essa confusão toda para efetivar minha matrícula, entendeu? Mas graças a Deus eu consegui, e estou aqui tentando aqui associar esse mundo de informações novas, novas informações tentando entrar na cabeça, porque é como se estivesse tudo enferrujado, né? As engrenagens foram ligadas e começaram a trabalhar a partir de agora.

Fábio – Dezoito anos sem entrar em uma faculdade?

Milton – Dezoito anos sem entrar em uma sala de aula, entendeu?

Fábio – Qual é a maior dificuldade?

Milton – Ah, os métodos de ensino, principalmente. Os métodos de ensino, principalmente, para mim. Eu não sei se para os outros calouros, porque eu acho que esses BIs, na minha visão, na minha visão esse BI, principalmente o noturno, porque durante o dia eu não sei, principalmente o noturno eu estou vendo que é uma mistura, de classes sociais, a questão de faixa etária, eu acho que é justamente por isso que as pessoas estão vendo esse BI como uma forma de estudar na UFBA e trabalhar, entendeu? Porque você estudar em uma universidade particular é uma coisa, estudar na UFBA é outra, né? Eu acho que o maior interesse no BI, na verdade é o prazo, né, porque você sabe hoje que o tempo…. porque o homem virou uma máquina, então ele tem que trabalhar em função do tempo também, então a questão do BI ser em três anos ajudou você ter um nível superior em três anos, entrar no mercado de trabalho pela UFBA, reconhecido. Quem é que não quer um aluno da UFBA, um estudante da UFBA? Toda empresa quer, né? Então eu estou vendo isso, e essa mistura também, essa questão de mistura, de classe social, de faixa etária, aqui você vê jovens de dezenove, vinte anos e coroas, cinquenta para sessenta anos, estudando, fazendo BI à noite, entendeu? Então a minha visão é essa, que abriu essa possibilidade, mas por outro lado a UFBA também falou uma coisa e quando a gente chega aqui já é outra… a questão também, você sabe que são três anos o BI, né? São três anos, mas cada semestre são sessenta horas extra-aula, então isso já é um grande empecilho para quem trabalha. Como é que você vai conseguir trabalhar e fazer sessenta horas por semestre extra-aula? Empresa nenhuma quer dar isso, pode ter certeza que todos vão ter dificuldade aqui, ou vai ter uma flexibilidade, ou por parte da UFBA, ou por parte da empresa onde a pessoa trabalha, ou a pessoa vai ter que se desligar do trabalho para continuar o estudo.

Fábio – Ou fazer um semestre a mais.

Milton – É, exatamente, não vai durar os três anos, ele vai suspender, ele vai suspender, porque você vai ter que ser flexível, ou aqui ou no seu trabalho. E no trabalho, principalmente empresa privada é muito difícil você conseguir essa

flexibilização, porque hoje as empresas precisam de mais um e não de menos um, ela quer mais produção, ela não quer atraso, então enquanto você puder fazer essa jogada e conciliar você e UFBA, é muito mais fácil, porque você vai atrasando um pouco mais a carreira mas vai conseguir, entendeu, porque essa questão das sessenta horas vai atrapalhar muita gente.

Fábio – Você trabalha com quê?

Milton – Eu agora estou desempregado, estou trabalhando com nada, estou desempregado.

Fábio – Então você está com um horário mais tranquilo?

Milton – Estou com o horário mais tranquilo, agora por enquanto, inclusive já participei de alguns seminários, algumas palestras aqui, já pegando minhas horas, já peguei um seminário, uma conferência lá na secretaria, lá na fundação Luis Eduardo Magalhães, de dois dias seguidos, das oito às dezoito, já contou vinte horas, já estou com o certificado aqui. Estou até hoje com ele para ver se dá tempo para dar entrada na secretaria, para entregar isso. Já estou com umas horas… quer dizer, para quem começou agora já estou com um banco de horas até razoável, mas tem colegas meus que não podem fazer nada até agora, porque trabalham das oito às dezoito, já chega aqui quase dezenove horas, para começar as aulas às dezoito e meia, entendeu? Já é ruim porque chega quase todo dia atrasado. Então, é uma coisa que é assim, ela ajuda por um lado mas continua apertando o calcanhar por outro, essa questão das horas é complicado, ou vai abrir algumas palestras em dia de sábado, entendeu? As coisas tem que ser conversada "olha, tem que ter palestra em dia de sábado, ou em dia de feriado, um feriado, alguma coisa, combinar todo mundo para vir aqui ou antes da aula, entre uma aula e outra, dar uma palestrazinha, ir contando essas horas para ajudar…", chama um professor ou alguém de uma empresa ligada ao curso, que você tenha condições, já que você está aqui que você aproveite e conte como horas, porque se não for assim não vai conseguir também não.

Fábio – Então, nesses dezoito anos que você ficou fora de sala de aula o que mais te chamou a atenção foi o método de ensino?

Milton – A questão do método de ensino é a seguinte, lá no interior, principalmente na minha época, quando eu estudei era tudo no quadro, e aqueles quadros ainda

dependurados na parede, entendeu? Hoje você vê essa evolução tecnológica toda, inclusive a gente fazendo o curso de Ciência e Tecnologia a gente vai até pegando algumas coisas. Eu estava comentando com um aluno em uma aula aqui, que eu estive no interior, em Bom Jesus da Lapa, recentemente, eu estava visitando uns colégios lá, e alguns colégios estão tirando aqueles quadros dependurados na parede, hoje, e colocando o de cimento na parede. Quer dizer, isso já é uma evolução para eles, tirar o que está dependurado e colocando um de cimento. Na sede da cidade já tem quadro assim, que é moderníssimo, aqueles quadros de fórmica. Aquele para você escrever com piloto. Isso já é ultra moderno lá no interior, para você escrever de piloto. Quer dizer, hoje você chega aqui na UFBA e já tem slide, aula de slide toda em computador, entendeu? E uma aula que é mais falada, ela é pouco escrita, é uma aula falada e pouco escrita. Então o que é que acontece? Essa aprendizagem que a gente tinha de "vem aqui no quadro, responda isso, olha isso é assim…", então eu acho que isso, na minha época, né, claro, fixava mais algumas coisas, porque a gente estava interagindo direto com o quadro, direto com o professor e tal, entendeu? E essa questão de passar os slides, apresentando, mesmo você perguntando, mas você acaba não escrevendo nada, e você ou presta atenção no que ele está falando, na explicação, ou você vai escrever. Então, essa adaptação é que torna um pouco complicada, mas nada que não venha você pegar esse ritmo. É porque no meu caso, estou em um ritmo lento, né, no ritmo lento, eu tenho que pelo menos equilibrar.

Fábio – O que está acelerado na faculdade? Você falou que está em um ritmo lento em relação à faculdade?

Milton – Ao meu tempo, ao meu tempo de estudo, de ensino. Eu acho que é por questão mesmo de evolução tecnológica, entendeu? Essa evolução em que as coisas passam mais rápido, eu não sei se o tempo da aula que é curto, também, as coisas tem que ser mais rápido. Vocês devem ter uma grade, aqui, tem que cumprir aquilo ali em determinado tempo. Por exemplo "não, hoje eu tenho que dar, tenho que passar esse assunto aqui todo aqui hoje e vocês tem que coisar", aí começa ali “pa, pa, pa", aí daqui a pouco "boa noite!", termina, e só tem aula uma vez por semana, aí daqui a pouco chega já tem outro assunto para dar "tá, pa pa pa…", entendeu? Então, essas coisas que passam muito rápido fica difícil de a gente pegar de uma vez só. Aí ficou assim, um, … eu não sei se a UFBA que é rápida ou se sou

eu que sou lento. De acordo, especificamente, a questão é desse tempo afastado do colégio

Fábio – Deixa eu tentar traduzir aqui, a impressão que dá é que isso se deve à quantidade de informação?

Milton – Muita, muita informação em pouco tempo, muita informação em pouco tempo, é verdade, muita informação em pouco tempo, então a capacidade de se associar muita informação em pouco tempo que ela não está tendo consistência, aí às vezes você fica assim com alguma dúvida, às vezes quando eu entro aqui para a sua aula, no seu caso não que você é uma aula inteira, né, é das seis às dez. É, isso aí é um tipo de aprendizado que eu acho que vai fixar mais do que todas as outras, do que todas as outras, porque às vezes por exemplo, eu saio de uma aula…

Fábio – As suas aulas são de quanto tempo?

Milton – De duas horas. Aí a gente sai de uma aula de duas aulas aí você fica com aquele assunto na cabeça que não pegou ainda e já começa a pegar outra de mais duas horas, aí você já entra na sala preocupado.

Fábio – No mesmo período?

Milton – No mesmo período, às vezes termina uma aula lá e você vem correndo para pegar uma outra aqui, porque às vezes é lá no PAF3 a aula, né? Quando é de terça-feira, uma aula é lá e uma aqui, aí você sai correndo porque às vezes o professor estende um pouquinho mais, passa das… porque às vezes, o que eu entendo assim também, não sei se tem esse intercâmbio, essa conversa entre os professores, porque por exemplo das seis e meia às oito e meia, só que às vinte e meia, ele já está começando a aula aqui, entendeu? Aí o professor lá não, "Não, eu vou dar aula até às vinte e meia, minha aula é até às oito e meia." Quando chega aqui, passou dez, quinze minutos caminhando, de lá para cá, chega aqui a aula já está num certo adiantado. Às vezes a gente pede "olhe, tem uma aula lá que a gente vai apresentar um trabalho, lá na outra aula e tal, termina mais cedo a aula um pouquinho e tal, aí termina oito horas, oito e dez, aí dá tempo para a gente chegar aqui, que está começando a outra aula, entendeu? Então é isso, às vezes a gente pega um assunto meio complicado, fica assim preocupado, aí chega depois tem outro ainda, aí tem uma troca de informação que a pessoa não consegue processar direito, aí você vai para a casa com um problema "pô, não peguei nada daquelas duas aulas

hoje, tal…" aí chega para fazer um trabalho, aí quer fazer um, mas é o seguinte, você pensa em fazer o outro porque o outro é mais importante, mas tudo é importante, porque o semestre é rápido, a impressão que a gente chega aqui "pô, seis meses fazendo essa matéria?", mas quando você começa a estudar parece que ele voa, entendeu? porque não é só essa matéria, tem mais cinco, mais quatro no caso, né? Tem mais quatro, que a gente tem que associar isso em pouco tempo, entendeu?

Fábio – E como está a leitura, como está?

Milton – Não, quanto à leitura até que não é muita coisa, até que não é muita coisa. Eu, inclusive… você deixou um material que você deixou na xerox para tirar, inclusive queria avisar que tem um, não sei se tem um aluno que tirou errado ou se tem um material que está em duplicidade, tem um que está em duplicidade, tem umas dez paginas que está em duplicidade, não no mesmo documento, tem um documento lá que está completo, e um outro documento, que seria no caso vinte folhas, que está com trinta, tem mais dez desse aqui (mostra o texto) que está colado, lá, que está com esse problema, eu até tirei, que quando chegar em casa vou ver. Eu já fiz uma primeira leitura em todos eles, em todos os textos, entendeu? E não só eles como outros textos que tem… eu tenho lá em casa mais de cem páginas de texto que eu já peguei, não só de sua aula, mas como de outras pessoas. Eu já consegui fazer uma leitura, inclusive, de alguns até mais de um. Porque a primeira leitura que a gente faz é para tomar um conhecimento, entendeu? Geralmente eu faço assim, eu dou uma leitura rápida para pegar uns conhecimentos, e depois uma segunda leitura para começar a entender, marcar algum ponto, alguma coisa porque eu acho importante, aí eu vou marcando ali para depois quando eu vou passando a leitura já está fixando aquilo, entendeu? Ou seja, geralmente eu marco alguma coisa. Porque quando eu comecei a estudar, geralmente eu sempre marquei alguma coisa no texto…

Fábio – E a relação com as pessoas, aqui?

Milton – É, no começou é um pouco complicado. É um pouco complicado. Porque cada um tem sua particularidade, cada um tem seu meio. Às vezes, a gente chega aqui e já tem pessoas que já tem sua turma, não sei se são do mesmo bairro, da mesma cidade, ou do mesmo grupo, não sei, ou pode vir até de outro… do ano

passado, como está misturado aqui, nem todos são calouros, entendeu? Então, geralmente já tem seus grupos, aí você que entra de fora, você se sente um pouco um peixe fora d'água, entendeu? Aí, aos poucos vai tentando conversar, eu já fui muito tímido, hoje eu acho que eu falo até demais, falo até demais, aí às vezes eu acho que isso facilita também, entendeu? Facilita, também. Tem pessoas boas aqui, mas tem pessoas caladas também, entendeu? Que às vezes você tem que se aproximar, totalmente monossilábico "é, foi, será", entendeu? Aí eu acho que essas pessoas criam uma certa barreira, mas não é todo mundo, não, são poucas pessoas, muita gente aqui tem… inclusive a gente passou por um trote aqui, foi o primeiro da minha vida. Eu sempre falei, eu via na televisão, "um cara desse fizesse um trabalho desse comigo ele vai se ver comigo lá fora, ele vai se ver comigo lá fora!". aí o cara chegou "olha, é um trote, é uma brincadeira que quem quiser participar, tal…", aí foi logo fechando a porta, e "quem quiser participar", aí pronto, "quem quiser, sai", mas foi logo trancando a porta, que bom, que bondade, quem quiser participar, participa, quem não, pode sair com a porta trancada, "não sai mais ninguém". "Não, tudo bem". Aí, pegaram, amarraram todo mundo, melaram todo mundo de tinta, foi uma confusão, mas foi até legal, foi tranquilo, não foi nenhuma baderna, não teve violência como estava acostumado a ver na televisão, que às vezes até morte tem, né? Mas aqui foi tranquilo, muito tranquilo, foi bem saudável, a gente foi ali no barzinho, tomamos algumas cervejas, tal, conversamos mais, juntou mais o grupo, né… isso precisaria ser feito aqui dentro, nesses espaços aqui.

Fábio – Fale mais sobre isso. Não tem espaço?

Milton – Tem espaço demais, tem espaço físico demais, mas não tem espaço social. O que falta aqui é isso. Falta um espaço social, para que essas turmas se juntem, para que essas turmas se conheçam, e, troquem ideias, entendeu? Para falar de onde vieram, porque estão aqui, o que estão fazendo aqui, o que querem aqui. Isso não tem espaço aqui. Termina de uma aula para outra, você vai para ali, aí você sai de um pavilhão para outro, se molha, toma chuva, bota o pé na lama, se atola todo, se mela, entendeu? Aí entra no ônibus sujo. Você não tem nem tempo de conversar e sentar. O que falta aqui é uma área social, entendeu? Se fosse uma área… não digo assim que fosse uma lanchonete, uma coisa, mas um local que você sentasse para estudar, que não fosse a sala de aula, entendeu? O que tivesse importando

entre os alunos. Isso aí que seria interessante. E aqui espaço para isso aqui tem, espaço para isso tem, entendeu?

Fábio – Espaço no sentido físico?

Milton – É, espaço físico tem demais.

Fábio – De possibilidade para que isso aconteça, mas que na verdade materialmente não tem.

Milton – É, materialmente não tem, não tem, entendeu? E o que precisaria é isso, um espaço social, comum aos alunos, entendeu? Onde você dissesse "ah, vamos lá no espaço tal, para gente estudar, bater um papo, se conhecer melhor. É assim que as pessoas se conhecem, entendeu? É no local comum a todos, e qual é o lugar comum a todos? É a sala de aula, e não é comum a todos, é comum a poucos, é comum à sua turma, mas não é comum a turma de lá, não é comum à turma dali, entendeu? E aqui precisava disso, entendeu? Um espaço que fosse comum a todos, onde todos chegassem, terminou  a aula, "gente, vamos esperar o intervalo da outra ali no espaço, vamos estudar, vamos debater isso". Porque às vezes acontece, como você chegou aqui essa semana, juntou aqui, e "juntem em turma de cinco", então, ninguém conhece ninguém, aí você fica procurando, aí você fica procurando, olha para um vê se a pessoa olha para você e diz "venha para cá", entendeu? Porque você não vai lá puxar pelo braço uma pessoa que você não conhece. E um espaço desse eu acho que facilitava mais, você sentava na mesa dessa, fazia um bate-papo, fazia um texto, uma leitura, era ali que ia formar os grupos, ou até um grupo grande, entendeu? Para quando chegar na sala de aula, "não, fulano, vem para cá, fique aqui". Porque você já tinha algo em comum com aquela pessoa, entendeu? Alguma coisa chamou a atenção para que você venha a se associar a ela, entendeu? Até a questão mesmo de fazer trabalho em grupo. Às vezes você junta aqui cinco pessoas, uma é da Boca do Rio, o outro é lá de Sussuarana, a outra é da Barra, como é que você vai juntar esse grupo? Não tem possibilidade alguma. A única possibilidade que você tem de juntar esse grupo para fazer um trabalho em conjunto, é só em troca de email, entendeu? Porque hoje a questão da internet ela facilita muito isso. porque no meu tempo não tinha nada disso, ou você ia para a casa da pessoa, presencial, ou não tinha trabalho em grupo, e hoje isso já facilita, essa questão da internet. A tecnologia, hoje, ela aproxima mesmo estando distante,

entendeu? Não precisa você estar corpo a corpo, ali lado a lado, cara a cara. Você num ponto da cidade e outro do outro, você está junto ali num bate-papo, num “MSN”, trocando um texto, "olha, entre nesse site, veja isso, faça essa parte aqui, vamos juntar", mas mesmo assim ainda precisava, ainda precisava estar todos juntos ali, presencial, para discutir. Porque agora mesmo a gente está fazendo uma palestra de "Globalização e Território", do professor, é, professor Alcides, e precisa da pessoa estar junto para elaborar os slides, ver, passar uma primeira vez lá em casa, em um lugar assim, em que todos estejam presentes, para que cada um pegue seu texto, para saber apresentar no dia, "como é que eu vou passar para você?" eu digo "seu texto vai ser esse lá, você vai treinando em sua casa", às vezes eu estou aqui, como ele ontem teve a primeira palestra, o primeiro seminário, de uma turma, aí um rapaz estava terminando de ler uma coisa e o outro já entrou falando outro. Ele falou "olha, faltou essa troca de assuntos entre vocês… antes da sua apresentação vocês … olha eu vou parar aqui na letra A e ele começa na letra B aqui, fulano de tal, na letra C e ele". Na verdade você ficar sentado aqui você já sabia, terminou a letra A, quem vai assumir é ele, mas não houve esse espaço em comum, para todos para trocar essa informação. Eles já sabiam que minha parte é a letra B, terminou a letra A ele já entrou, aí acabou misturando as coisas que era um assunto diferente, entendeu? Mesmo fazendo parte de um mesmo tema era um assunto diferente. Essas coisas que faltam aqui, também.

Fábio – Hoje em dia, então, não tem espaço para que todo mundo se encontre?

Milton – Não tem, não tem.

Fábio – Quando você chega aqui você vai para que lugar, você encontra pessoas para conversar?

Milton – Não encontra, não encontra, a gente não encontra porque tem a questão também das distâncias entre os pavilhões de aula, às vezes, no caso, a gente e a maioria deles aqui, muitos vem de ônibus, e presta a atenção no ponto de ônibus quando termina. Que eu acho também que é uma questão que a universidade tinha que estar junto a essas empresas de ônibus, de uma certa forma algum convênio, alguma coisa, dizer "olhe (batendo com o dedo na mesa), o ônibus tem que rodar no mínimo até à meia noite aqui, até meia noite, com horários definidos, porque os alunos aqui são gente, não são animais não”. Porque às vezes passou de… a aula

acaba às dez e meia (da noite), a aula aqui é até as dez e meia, na verdade, algumas aulas que o professor, que o professor encerra um pouquinho antes, entendeu? Agora, se a aula for até as dez e meia, tem dificuldade de pegar ônibus ali. Porque você gasta quinze minutos para o ponto, e aí vai chegar quase onze horas (da noite). Onze horas é o último ônibus que saiu lá do final de linha, e onze horas, ou seja, só tem mais um, se você perder, já era, acabou. Como é que estudante vai para casa de taxi? Gente que mora em Cajazeiras, mora em Pernambués, mora lá na Ribeira, em Periperi, não tem condições, não tem. Então, a universidade tinha que chamar esses empresários do meio de transporte, a empresa municipal, do Estado, não sei que órgão que trabalha com isso, dizer "olha pessoal, os ônibus tem que estar no horário definido aqui para levar os alunos, porque os alunos não tem como sair daqui". Quer dizer, a maioria deles eu sei que não tem condições. Você vê que o ponto fica cheio ali, ontem mesmo a gente esperou quase uma hora, foi sair onze horas da noite do ponto, a gente sai daqui umas dez horas, chegou lá umas dez e dez, dez e quinze, o ônibus passou onze horas e o ponto cheio!

Fábio – Quanto tempo demora para você chegar em sua casa?

Milton – Em torno de 45 minutos, mais ou menos.

Fábio – Quanto tempo você demorou hoje, para vir para cá?

Milton – Hoje eu demorei uma hora e meia.

Fábio – Por causa da chuva?

Milton – É, por causa da chuva, do engarrafamento. A questão do transporte também. Tudo, tudo é uma cadeia. É um efeito dominó, entendeu? Teve um problema num atraso, aí atrasa todos aí agora. Atrasa todos. Ontem mesmo eu fiquei uma hora no ponto, passou o ônibus, eu falei "porra, porque demorou tanto esse ônibus?", ele disse "meu amigo, o que eu posso lhe dizer", o cobrador falou assim: "meu amigo o que eu posso lhe informar é que o meu carro aqui está atrasado meia hora, agora eu não posso responder pelos outros" ele falou assim, entendeu? Quer dizer, meia hora é ele, mas e o outro que atrasou também, e o outro, o outro? Aí se torna… quando chega no horário, queima um dois horários, porque o ônibus não sai mais da garagem, entendeu? Não sai mais da garagem. Aí acaba queimando o horário. Então tem essa questão, a universidade, como ela tem

esse poder, ela tem esse poder porque ela é uma instituição federal e de grande visibilidade, ela tem esse poder de negociar com as empresas, chamar, fazer um convênio, e tudo, não precisa fazer um convênio, só chamar e dar mais responsabilidade, entendeu? Porque o aluno, afinal de contas ele não está pedindo carona, não, ele está pagando com o dinheiro, só que ele tem o serviço. Ele paga um serviço caro que não tem o retorno, entendeu? E ônibus velho, a questão dos atrasos, principalmente a questão dos atrasos, entendeu? E aluno sofre muito com isso. Muito. Porque a maior parte do tempo do aluno, não é só na sala de aula não, ele passa mais tempo no ônibus do que na sala de aula. Pode ter certeza disso, que ele passa menos tempo na sala de aula do que no ônibus. No ônibus ele demora muito mais, na questão da ida e vinda.

Fábio – Qual é o seu bairro?

Milton – Eu morava em Brotas e tem um ano que eu moro lá em Vale dos Lagos.

Fábio – E muda bastante sua relação com a cidade?

Milton – Ah, totalmente, totalmente, culturas diferentes, povos diferentes…

Fábio – Qual a diferença da sua cidade para Salvador?

Milton – Da minha cidade do interior para Salvador?

Fábio – É

Milton – É totalmente diferente, aqui eu pelo menos os primeiros dois anos, quando eu cheguei aqui, eu passei dois anos morando num prédio que eu não conhecia o vizinho, eu não conhecia o vizinho. Eu comecei a trabalhar saía seis e meia, sete horas da manhã para trabalhar e chegava oito, nove, dez da noite, e aí subia direto, subia no elevador. Aí quando encontrava alguém no elevador que você via, fulano mora no primeiro, no segundo, terceiro, quarto andar, mas não sabia que apartamento, não estava olhando até ele entrar, entendeu? No entanto as pessoas aqui elas, se você fala um bom dia elas respondem, se não fala elas não respondem, e alguns que você fala nem responde, entendeu? Aí eu também não era muito de conversar, e tudo, porque eu sempre entrei "bom dia, boa tarde, boa noite". Quem respondia, todo dia que entrava eu falava, quem não respondia, também não perguntava mais, entendeu? Ai, é assim, morei dois anos sem conhecer ninguém no

prédio, porque era assim, quando eu morei com minha irmã, morei dois anos que eu não conhecia ninguém no prédio.

Fábio – Só ficou com as amizades...

Milton – Do trabalho, do trabalho.

Fábio – E você tem amizades no trabalho?

Milton – No trabalho, é, muitas amizades, até marcava, até para sair, jogar bola e tal, entendeu? Quer dizer, aí você, sem… o processo de aproximação quando você chega no trabalho ele é totalmente involuntário, entendeu? É involuntário. Você não pede para fazer amizade, as amizades vem até você e você tem que se associar a eles, entendeu? Aí é uma questão, é uma coisa que chama… é igual no colégio, quando você chega aqui a primeira vez.

Fábio – A universidade também e assim?

Milton – A universidade também é assim, ou você faz amizade… você só não faz amizade se você não quiser. Você só não faz amizade se você não quiser, mas a cultura é diferente, as amizades são diferentes, os interesses são diferentes, entendeu?

Fábio – Quais interesses?

Milton – A questão até social, do poder aquisitivo, entendeu? Aí, às vezes tem um grupo ali, "ah, porque eu fui para uma festa tal, uma festa de camisa, tal, não sei aonde, a festa na boate tal, gastei duzentos reais, gastei cem, gastei quinhentos, voltei para casa de taxi… quer dizer, naquela conversa ali, ele acaba te excluindo sem você nem entrar no grupo, porque você sabe que não é para você aquilo ali, entendeu? Então são coisas que já te expulsa, mesmo antes de você entrar.

Fábio – Você já percebeu isso?

Milton – Ah, percebe, acontece, acontece. Umas conversas ai. E você percebe, “pô não é grupo para mim”, entendeu? Tem grupos que tem um certo direcionamento...

Fábio – E você achou um grupo para você?

Milton – Por enquanto ainda estou novo aqui ainda, mas já tenho algumas amizades, já tenho, já tenho algumas amizades, pessoas boas, já, entendeu? Nesse dia do trote mesmo, saí com o pessoal aí, a gente foi ali no São Lázaro, tal, voltou. Dei

carona para algumas pessoas. Perguntaram se eu estava de carro, porque queria ficar em algum lugar, entendeu? Essas coisas a gente vai tirando como coisas boas que está ocorrendo na vida da gente. A pessoa que entrou em um meio totalmente escuro e aí começa a clarear, devagarinho, entendeu? Mas é uma coisa que é demorado.

Fábio – Agora está claro ou está escuro?

Milton – Não, está começando a clarear. Ontem no ônibus, já, encontrei pessoas que eu nem conheço, "ah, você é calouro, estava lá na coisa de ontem… quer dizer, as pessoas já começam a te notar.

Fábio – Quer dizer que o trote te ajudou.

Milton – Eu eu conhecia algumas pessoas já, eu comecei a conversar com algumas pessoas, algumas pessoas começaram a conversar comigo, entendeu? Porque antes a gente passava só, só no visual.

Fábio – Não estou falando que tem que ser de ser dessa forma…

Milton – Não, de jeito nenhum, e tem até outras formas de trote mais saudável, entendeu? Porque a gente leva na brincadeira, mas nem todo mundo leva nessa brincadeira, muitas pessoas podem entender com maldade, entendeu? Quer dizer, porque você passou por isso eu não vou catar a próxima turma que vai entrar e não vou fazer a mesma coisa, eu posso bolar uma coisa diferente, eu posso ter outras ideias, entendeu? Não é porque me melaram de tinta que eu vou jogar um balde de tinta no próximo no ano que vem, a uma pessoa. Não, me jogaram tinta eu vou jogar não, eu posso estender a mão, "não, venha aqui que o trote vai ser outro, vamos ali numa escolinha, você vai dar uma aula, afinal de contas você tem algum conhecimento, vamos numa creche, vamos não sei onde, vamos ali no Narc fazer uma doação, o trote vai ser esse. Gente, olhe, cada um traz um quilo de alimento aqui vamos em uma instituição de caridade e vamos doar. Esse vai ser o trote". Então tem várias possibilidades de trote, não precisa ser exatamente… o que eles gastaram com tinta, com besteira, arrecadaram dinheiro para tomar cerveja, nada que… não estou dizendo que não foi saudável, claro que foi, mas poderia ajudar outra coisa, poderia ser de outra forma.

Fábio – Mas de alguma forma agregou às pessoas.

Milton – Ah, com certeza, com certeza aproxima.

Fábio – Então, falta esse lugar…

Milton – Falta um lugar social, um ambiente comum a todos, falta. De tanto espaço que tem aqui, ainda falta um desse.

Fábio – E a universidade? Você já conhece a universidade?

Milton – Não, não, toda, toda, eu não conheço, não. Inclusive uma grande dificuldade que eu tive quando fui fazer a matrícula aqui, principalmente no primeiro dia de aula, foi encontrar sala de aula e o prédio, entendeu? Inclusive fui até Geografia, lá em cima no alto, caminhando. Tudo deserto, tudo muito escuro, muito mato. Aí é meio complicado para você que não conhece, porque você passa a ter medo, é uma coisa que quem não conhece Salvador, quem veio do interior, pode até ser que desista na primeira semana, porque o impacto é muito grande, tem um susto aqui, "ah, eu não vou estudar em um lugar deserto deste não, não tem segurança nenhuma", então tem muita gente e pouca informação, aqui. Às vezes você procura informação, "olha, não sua aula continua aqui na sala vinte e três", aí você chega lá não tem ninguém, "não, pode esperar lá que não chegar, deve chegar mais tarde". Quer dizer, passei uma semana, praticamente aqui, procurando uma aula. Então não, sua aula está aqui está marcado, você está na turma vinte, no caso, você está na turma vinte. "Sim, mas não tem aula", "não está lá na sala, pode ir", quer dizer, não é assim. Tem que olhar aqui, quem é o professor? Alguma coisa esse professor falou lá, se tinha turma, se não tinha turma, se tinha sala, se não tinha sala, deve ter em algum lugar anotado aí. Mas a pessoa, "não, está lá, se não chegou ainda você espera quinze minutos, se não chegar você pode ir embora". Aí, quer dizer, essas coisas aí, você vem com um astral "pô, estou estudando na UFBA!" aí, você começa a murchar, aí a luz começa a apagar, apagar, "não, eu vou desistir desse negócio. Não, ninguém se interessa por nada. Como é que eu vou aprender alguma coisa? Primeira semana de aula já faltando, uma semana sem ter aula, sem nada, aí você chega, pede informação, não tem", entendeu? Então tem coisas assim que precisa mudar, mas isso a gente sabe que com o passar do tempo, a gente vai se adaptando, porque o choque cultural é muito grande, entendeu? É muito grande. Aí tem a questão, também, do nível cultural das pessoas, que você chega aqui tem uma pessoa que tem um certo intelectual, tem um intelectual mais alto, outros mais

baixos, tal, isso aquilo outro, poder aquisitivo, um mais alto, outro mais baixo, mas no todo, todos são iguais, porque todos estão no mesmo lugar, entendeu? Agora, baseado nisso aí e onde se formam os grupos, é como dizem os estudantes, né? Os estudantes modernos, cada um tem sua tribo, né? Aí cabe a você achar o seu cacique.

Fábio – Você chegou aqui...

Milton – Cheguei aqui em noventa e dois, então tem, dezoito anos mesmo.

Fábio – Você já está mais acostumado com a cidade?

Milton – Já, já, a cidade já conheço bastante a cidade, ando muito aqui tudo, entendeu? Já tenho uma experiência de violência, de coisa, de acidente, de tudo aqui na cidade, já passei por tudo.

Fábio – De assalto?

Milton – Ah, inclusive agora, logo quando comecei, a primeira semana que eu comecei estudar aqui na UFBA, tomaram meu carro de assalto lá em casa, estava vindo para cá, na UFBA. Umas cinco horas da tarde, aí fui pegar minha esposa no trabalho, vim deixar em casa, aí ela só ia descer e eu nem ia sair do carro, porque já estava voltando para cá, porque eram cinco horas, aí eu moro lá, de carro tenho que sair às cinco horas, porque se eu sair mais tarde, eu chego atrasado aqui, porque pega a Paralela, tem muito engarrafamento, aí fui deixá-la em casa, aí a hora que ela abriu a porta, que começou a descer do carro, aí chegou dois caras em uma moto, "desce do carro senão morre!", aí tomou o carro, levou, aí fiquei. Estou vindo de ônibus, por isso, né? Aí tem toda essa questão toda, é acidente, já bati carro aqui, já aconteceu várias coisas aqui também.

Fábio – Você gosta de salvador?

Milton – É, já me adaptei a Salvador, hoje quando eu vou para o interior, quando chego lá no interior não me acostumo mais, passa um dia dois já quero voltar porque lá é muito parado. Enquanto aqui está voando, lá está tentando caminhar, ainda, ainda está engatinhando, lá a criança nasceu, está querendo andar, e aqui não, já está voando, pegou vôo já, as coisas aqui passam muito rápido, e por isso e que tem a questão do ensino.

Fábio – Mas aí, tem uma questão diferente, você falou que aqui tem os vizinhos que nem estabelecem o contato, lá é diferente?

Milton – Ah, lá não, lá você dorme na casa do vizinho, o vizinho almoça em sua casa, e aqui não tem isso em Salvador, esse contato presencial, das pessoas estarem te visitando, aqui não tem isso, porque aqui alguém vai para sua casa, a gente do interior não tem isso, a gente sente o maior prazer que alguém vá para nossa casa, vá dormir, vá almoçar, vá tomar um café, alguma coisa, sente o maior prazer, pra gente que é do interior, mas se você for para a casa de uma pessoa que nasceu e se criou aqui, está tomando um café e no outro dia for tomar um almoço, o cara, você já sabe que ele vai te olhar atravessado… e, já olha assim.

Fábio – Está abusando?

Milton – É, já está abusando. "Ah, esse vizinho aí, não pode dar um dedo que já quer logo a mão toda, não sei o quê". Lá é um prazer você receber uma pessoa, e ainda pede para levar "quer levar alguma coisa, quer não sei o que?", lá os meus pais, o meu pai sempre plantou roça, lá e tudo, essas coisas, aí tinha abóbora, melancia, milho, tudo, "não, pêra aí, leva uma abóbora para casa, leva uma galinha, leva um não sei o quê, que trazia da roça, leva uma dúzia de ovos, leva um litro de leite, olhe vou para a roça amanhã e vou trazer um leite para você". Lá é assim, lá as pessoas trocam. Hoje não, porque tem muita maldade lá no interior, já está rolando muita… a violência, na verdade, ela já interiorizou, essa violência já chegou lá, e às vezes em algumas cidades até mais do que aqui, porque por a gente não estar acostumado com essa questão de violência, lá quando tem um certo grau de violência, as pessoas ficam admiradas, mas eu que estou aqui acostumado aqui, já não acho tão grande, mas quem mora fica admirado com isso, entendeu? Lá, hoje uma doença lá grande e esse tal desse crack que chegou lá e está matando as pessoas mesmo, entendeu? E na cidade não está ficando nada porque a cidade não produz o crack, o crack vem de fora, tem gente que está buscando em São Paulo, e outros de Feira de Santana e outros que levam aqui de Salvador. O que é que a cidade está ganhando com isso? A cidade está ganhando viciados e violentos. Não está ficando nada na cidade, o que é que fica na cidade, a pessoa levando crack para lá? Porque dinheiro volta para São Paulo, volta para Salvador e volta para Feira

de Santana, foi de onde ela veio, mas lá (no interior) está ficando viciado, e o viciado traz violência, e aí começa a assaltar, matar, roubar.

# APÊNDICE J – Diário de Jeferson

09/04/10 Primeiro encontro com Fábio às 15:00 Hs

09/04/10 Depois da aula, saí com colegas de classe. Ficamos em frente ao ponto de ônibus em uma barraca que vende acarajé e cerveja. Foi bom para conversar com meus colegas de classe fora da faculdade.

10/04/10 aula de francês no Vale do Canela

11/04/10 Um colega de aula foi na minha casa para fazer um artigo de Estudos das Humanidades.

12/04/10 Prof. de Estudo das Culturas faltou, não houve aula, foi bom ir para casa mais cedo.

13/04/10 Encontro com colegas às 16:30 Hs na Biblioteca da UFBA para debater o trabalho de Globalização e Território. Ficamos lá até às 18:00 Hs. Não houve a segunda aula. Fiquei na biblioteca até às 21:30 com um colega de classe para debater o trabalho de Estudo das Humanidades.

14/04/10 Seria a entrega do trabalho mas foi adiado a entrega para o dia 28/04.

17/04/10 Aula de Francês, gosto das aulas, embora tenho tido pouco tempo para estudar francês, estou priorizando a Graduação, mas sem esquecer o francês, quero passar de semestre no francês também. Depois da aula estou tão cansado com a semana inteira de aula, que quero fazer qualquer coisa menos estudar.

18/04/10 Fico em casa, cozinhando pela manhã e a tarde tenho que dar continuidade a um artigo de Estudo das Culturas para ser entregue no dia seguinte. No momento estou morando na Pituba em um local meio que improvisado, sem acesso a internet e tal, mas como disse é improvisado então preciso encontrar um local melhor para morar.

19/04/10 segunda-feira terminei de fazer o trabalho de Estudo das Culturas. A noite aula.

21/04/10 Feriado. Aproveitei para dar continuidade ao artigo de Estudo das Humanidades, esse artigo em especial me preocupa muito, porque a exigência do professor parece ser grande, ao mesmo tempo ele parece ser um professor justo e perceptível com quem participa e assiste às aulas. Mesmo assim a preocupação é grande porque posso tratar de um tema que o professor não ache apropriado.

22/04/10 As aulas de português estão sendo bem produtivas a mim, o assunto tratado é bem envolvente. São tratado assuntos de variações linguísticas.

23/04/10 Aula à noite de Estudo das Contemporaneidades, essa matéria em específico tem me preocupado bastante, não pelo grau de dificuldade em si, não pela professora, mas porque a nota do semestre será entre outras coisas a apresentação de um seminário nos dias finais de aula, acontece que o grupo em que eu estou inserido é pouco participativo, nunca fiz um seminário e por isso não sei para onde ir, o que fazer e tal, sem a participação e o apoio de meus colegas fica mais difícil.

28/04/10 Entrega do artigo de Estudo das Humanidades, a aula foi só entrega do artigo, o professor ia chamando aluno por aluno, conversava com o mesmo, este dizia que tema tinha abordado e tal e pronto ia embora. Depois da aula fiquei conversando com um colega de classe, a gente tá ficando amigo.

29/04/10 Foi a avaliação de Português, tivemos que entregar um trabalho escrito feito em grupo e responder duas questões em aula também em grupo. Para fazer esse trabalho escrito para entregar, marcamos de nos reunirmos no dia para fazer o trabalho, cada um já tinha feito suas resenhas e a proposta era unir essas resenhas, o que ocorreu é que nem todos fizeram, nem todos foram no dia, fui eu e mais uma colega e outro que teve que sair mais cedo, eu e minha colega que ficamos tivemos que concluir. Fico bastante tenso e preocupado quando um trabalho é feito assim no dia, porque se ocorrer algum imprevisto, fica complicado reparar.

01/05/10 Feriado não houve aula de francês, depois de uma semana bem pesada de estudos eu achei bom sair, fui em um bar na barra e depois a uma “balada” foi bom gostei. Como já conheço Salvador porque já moro aqui desde 2003 então já sei os locais que quero ir. Saí com uma amiga gaúcha que conheci no pré-vestibular, ficamos amigos.

02/05/10 domingo dormi até tarde e acordei com ressaca, não fiz nada nesse dia.

03 a 07/05/10 Bom estou priorizando bastante a faculdade, então nessa semana que passou, e como fazer B.I em Humanas exige muita leitura, preciso ler todos os dias textos para fazer o possível de chegar na aula com os textos lidos, nem sempre consigo, mas na maioria da vezes sim. O trabalho de Contemporaneidade está estagnado, nada feito, está parado mesmo. Às vezes fico meio perdido não sei muito bem o que devo fazer primeiro.

08/04/10 Sábado como de costume tenho aulas de francês, achei que fazendo francês nos sábados a tarde iria estudar pela manhã, falso engano, porque já acordo tarde devido ao cansaço da semana, almoço e já tenho que ir para a aula.

09/04/10 Dei continuidade ao artigo de Estudos das Culturas para ser entregue na segunda-feira. Fiquei à tarde de domingo fazendo esse artigo.

10/04/10 Entrega do artigo de Estudo das Culturas e aula normal.

11/04/10 Na terça-feira tenho aula de Português e Globalização e Território, gosto das duas disciplinas, então para mim está tudo certo, gosto de ter essa sensação de tranquilidade.

12/04/10 Aula de Estudo das Humanidades, às vezes não compreendo muito o que o professor fala, mas procuro participar, esclarecer dúvidas, pensando no próximo artigo que tenho que fazer para entregar.

14/05/10 Aula de Contemporaneidade. As aulas são boas, gosto da professora e das aulas, porém o trabalho em grupo para apresentação do seminário ainda é um dilema difícil de resolver, tem um impasse no grupo porque algumas pessoas querem fazer o seminário baseado em um determinado tema e outros em outro, sendo assim, nada acontece, tudo fica parado.

15/05/10 Aula de francês. Nesse dia aconteceu uma visita ao Museu Rodin, proposto pelo professor do curso. Até as 15:30 Hs aula normal depois fomos visitar o museu, e a proposta era reparar em tudo o que fosse possível (obras de Rodin, arquitetura da casa em que estão as obras...) e na próxima aula teremos que comentar sobre o assunto em francês, um diálogo entre os estudantes da classe.

16/04/10 Aproveitei para estudar um francês em casa. To sentindo que preciso melhorar nas aulas.

17/05/10 As aulas de Estudo das Culturas, a proposta é a seguinte tem uma abordagem de um tema em uma aula, continuação da discussão desse tema na próxima aula e na seguinte entrega de um artigo, claro que isso nem sempre segue essa sequência, mas foi assim que nos apresentaram a proposta dessa disciplina, então é a matéria que mais tem artigo para entregar, ao final do curso serão cinco.

18 a 21/05/10 fiquei estudando os textos paras as respectivas aulas, e fazendo artigo para Estudo das Culturas, no dia 20/05 consegui encontrar um outro local para morar, em Ondina próximo a faculdade. Vou mudar no final do mês.

22/05/10 Aula de francês, fomos avaliados pelo professor na expressão oral em francês, tivemos que falar sobre a exposição visitado do Museu Rodin.

23/05/10 Domingo, fiquei fazendo os artigos de Estudo das Culturas, na segunda-feira tem que entregar dois artigos sobre dois temas diferentes. Fiz um durante a semana e comecei a fazer outro no final de semana.

24/05/10 Entrega dos dois artigos na aula.

25/05/10 a 29/05 Essa semana foi mais tranquila, fiquei em casa lendo os textos, procuro sair pouco,pra economizar na grana.

30/05/10 Mudei de residência. Sai da Pituba e fui morar na Ondina. É possível ir andando, além de ser mais cômodo, porque saio na hora que eu quizer e vou à faculdade quando precisar, economizo a grana do transporte.

O3/06/10 Eu e mais cinco colegas de classe aproveitamos o feriado e nos reunimos na casa de uma colega para discutir o seminário de Globalização e Território, conseguimos definir o seminário, como que assuntos tratar, quem fala o que, essas coisas. Voltei pra casa e comecei a fazer os slides.

05/06/10 Aula de francês depois da aula comecei a fazer o artigo de Estudo das Culturas.

06/06/10 Continuei fazendo o artigo, tomou todo meu dia.

07/06/10 Entrega do artigo de Estudo das Culturas.

10/06/10 Ficamos sabendo a divisão de um seminário que o professor quer para as próximas aulas, cada aula duas equipes devem se apresentar.

11/06/10 Outro problema à vista, o seminário de Contemporaneidade. Comecei durante a semana a mandar e-mail para os meus colegas, para eles enviarem seus respectivos materiais. Mas poucos foram os que enviaram.

12/06/10 Penúltimo dia de aula de francês. Próxima aula já é prova.

13/06/10 Agora a minha preocupação é com o seminário de Contemporaneidade, comecei a fazer, porque, fui pedindo ajuda a professora e as assistentes, que estão em todas as aulas(duas formandas em psicologia) e assim aos poucos ta saindo alguma coisa. Os meus colegas parecem não se preocuparem muito não. Para eles tanto faz tanto fez. É o que parece. Dois integrantes do grupo saíram, uma das pessoas era problemática, foi justamente a que causou polêmica e dividiu o grupo.

14/06 a 18/06 Fiquei com a semana ocupado com dois seminários, as vezes acho que não vou dar conta.

17/06/10 Apresentação de um seminário de português .Nos reunimos na biblioteca e tivemos que definir tudo o que seria apresentado no seminário em um dia, slides, vídeo. No mesmo dia apresentamos o seminário e para nossa sorte, deu tudo certo o seminário foi bom, eu gostei bastante, baseado no tempo *versus* qualidade, achei que ficou muito bom.

18/06/10 Foi a apresentação do seminário, achei que ao contrário do seminário de português, esse não foi bom, cheguei em casa frustrado. Mas acho que dá para passar, assim espero, mesmo não tendo sido o esperado me esforcei bastante.

19/06/10 Último dia de aula de francês. Acho que fui bem. Não tive muito tempo para estudar francês, a faculdade sugou todo o meu tempo, mas quero muito fazer francês, por isso me esforço.

21/06/10 Foi uma retrospectiva das aulas de Estudos das Culturas e a entrega do último artigo.

23/06/10 Não teve aula, começou o São João.

24/06 a 27/06/10 Fiquei em casa lendo os textos de Estudos das Humanidades para fazer um artigo para ser entregue na próxima aula (quarta-feira 30/06)

28/06 e 29/06/10 Não fui a aula para ficar fazendo esse artigo, que considero a exigência ser grande como já detalhei anteriormente.

29/06/10 Fiquei a madrugada toda fazendo o artigo, esse artigo fiz em dupla porém minha colega nada fez, porque estava ocupada com a outra faculdade que ela fazia. Ela viajou no São João e não conseguiu fazer nada. Eu sabia que não tinha outra maneira de fazer senão fosse ficar no São João inteiro fazendo o artigo, porque havia muitos textos para ler e mais indicações bibliográficas do professor. Mesmo assim achei que não fiz um bom artigo, fiquei bem preocupado em não conseguir atingir a expectativa do professor.

01/07/10 Resultado das notas de português, o resultado foi bom, passei em português, com média 7.0 mas consegui.

07/07/10 Recebi o resultado de Humanidades e também passei com média 8.0

09/07/10 Fui na casa de um amigo de umas amigas minhas, estava rolando uma festinha lá e foi.

A nota de contemporaneidade ficou disponível no SIAC e o resultado foi positivo também.

E acabou o semestre. Passei em tudo direto sem ir para a final de nenhuma. Foi um semestre bastante conturbado. Em alguns momentos fiquei bastante perdido, mas levei sempre a sério, sai muito pouco, priorizei bastante os estudos, não trabalhei e mesmo assim senti bastante dificuldade em passar. Acho que só a faculdade basta, toma todo o meu tempo.

É isso Fábio, espero ter contribuído com o seu trabalho e com certeza nos veremos pelos corredores da UFBA. Salvador é pequeno e o IACH então menor ainda rsrsrs

Abrs.

Jeferson.

# APÊNDICE K – Diário de Milton

DIÁRIO DE UM ESTUDANTE

Dificuldades de Matrícula superadas, em março de 2010, finalmente chegara o momento a tanto esperado.

Finalmente entrar de vez em uma Universidade, 21 anos após concluir na cidade de Mairi-Ba, à 280 km da Capital, o ensino médio, foi realmente um momento de muita emoção.

Cheio de dúvidas, medos, incertezas e muita desconfiança, estava eu diante da tão sonhada Universidade, embora muito tempo depois do planejado.

Sabia que não iria ser fácil. Inicialmente comecei observando tudo, desde as instalações, trajetos a serem percorridos de minha residência até a Universidade até os métodos de ensino, pois não estava acostumado a tantos recursos tecnológicos empregados nas aulas. Quando concluir o segundo grau para se ter uma ideia, o quadro ainda era de Giz pendurado na parede. Tudo muito diferente, talvez pelo tempo que passei fora da sala de aula.

Me senti um verdadeiro barco a deriva, desde a matrícula até as primeiras semanas de aulas, inclusive sem elas em algumas matérias. Muitas dúvidas, poucas informações.

Do segundo mês em diante, as coisas começaram a ficar menos complicadas, pois já “conhecia” e falava com algumas pessoas, as quais faziam trabalhos em grupos. Foi a partir daí que comecei a trocar ideias, tirar dúvidas ou até mesmo ficar com mais ainda, fazendo amizades e descobrindo um verdadeiro universo de culturas, raças, crenças. As chamadas por eles mesmos de “Tribos”.

Aprendi também que a depender dos ideais e poder aquisitivo, um indivíduo pode ser incluído ou excluído de uma “tribo” universitária.

Aprendi também, que as vezes você tem que contar com a sorte no ato da formação de um grupo de trabalho. No meu caso isso complicou um pouco pelo fato de ser o meu primeiro semestre e formar grupos com alunos do terceiro semestre

por exemplo. Eu totalmente inexperiente, enquanto alguns, totalmente descomprometido com os estudos, o que me deixava bastante preocupado.

Tive bastante dificuldade em uma Matéria C & T 1. Nas aulas a coisa ia até bem, mas quando chegou o dia da prova... obtive nota 1,7!!! Decepção total!!!

Pensei... é melhor desistir, não vou conseguir!!!

Parei, pensei, e... segui em frente, pois o pior já havia passado. Me dediquei e conseguir recuperar, não fui para a final. Passei com nota 7,1.

Em Globalização e Território fiquei com nota 8,0. Em Tecnologia Aplicadas às Artes, a qual tive problemas com a falta de interesse do grupo, fiquei com nota 7,5.

Contemporaneidade nota 9,0 e estou aguardando a nota de Elementos Acadêmicos. Sei que passei, pois não estou na relação de alunos que vão para a final.

Sei que preciso melhorar muito, e este será o meu objetivo para o segundo semestre. Só assim irei realizar um sonho do passado que trouxe para o presente e certamente fará toda diferença em um futuro próximo.

Aos poucos o interesse pela leitura está voltando, durante o semestre, além de textos trabalhados em aulas, li 2 livros – “a cabana” e “tempos líquidos”, coisa que não fazia há anos.

Para concluir, lembrei de uma frase de Chico Xavier: “embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”.

# APÊNDICE L – Diário de Wilson

## DIARIO DE “BORDO” UFBA-SALVADOR

Chegou o grande dia, hoje (01/03/2010) viajarei a Salvador para dar início a uma nova vida: a de universitário da UFBA. Desde ontem que meus familiares choram (em especial meu pai) que sente muito medo do que pode me acontecer em uma cidade grande como Salvador.

Tanto meu pai quanto minha mãe me acompanharam até Entre Rios. Fomos todos no ônibus da “feira” como é chamado o transporte que leva as pessoas até a sede do município.

Em Entre Rios nos despedimos (emocionados é claro) e segui rumo a Salvador. Parecia sem fim, acho que na verdade era minha ansiedade que não me deixava relaxar. Ao chegar me senti uma pequena e insignificante formiguinha no deserto, mas não desanimei.

## Do interior do Estado para o interior da UFBA

Nasci em um povoado composto por menos de vinte famílias chamado Rio da Caatinga, zona rural do pequeno município de Entre Rios na Bahia. Um lugar pacato, porém com sérios problemas sociais e de infraestrutura: não tem água tratada, o acesso é precário e só viemos conhecer energia elétrica em 2002. Tem como sua principal fonte de renda a agricultura de subsistência.

Diante dessa realidade, cursei todo meu primário em uma escola municipal ali próxima. Porém, ao terminá-lo, interessei-me em continuar os estudos o que ia de encontro aos pensamentos dos moradores do povoado e de meus pais, pois, segundo eles, “pra que estudar?” Ainda mais tendo que andar tantos quilômetros até a escola mais próxima. “Esse negócio de estudar é só pra quem tem dinheiro”, indagava meu pai. Eu não podia criticá-lo, afinal em nossa família ninguém jamais havia sequer concluído o Ensino Médio, que dirá colocado os pés em uma

Universidade. Entretanto, mesmo contra tudo e todos, decidi enfrentar aquele desafio.

Tinha que acordar muito cedo para ajudar meus pais na roça e ter tempo de estudar um pouco. Nove da manhã era hora de almoçar e começar minha caminhada diária de três quilômetros até o ponto onde, já com muita fome, eu aguardava a chegada do ônibus 11h30min. Com sua chegada era mais 1h de viagem até a escola pública na qual eu estudava.

Ao chegar, mesmo com muita fome, eu me dedicava o máximo possível, como se aquela fosse a minha única chance de mudar de vida (o que acredito que tenha sido). Os professores, ao verem minha vontade e determinação nos estudos consideravam-me um exemplo a ser seguido, porém os alunos... Nunca entenderam como um “roceiro” como gostavam de pejorativamente me chamar poderia ser tão determinado e ousar sonhar tanto.

Lembro-me que nos intervalos para serem distribuídas as merendas da escola, eu pedia refeições para supostas duas pessoas, pois um único prato não era suficiente para inibir minha fome até as 8 da noite, quando eu estaria novamente em casa. Isso era motivo de muitas gozações e até mesmo humilhações. Tantas foram as vezes que por conta disso chorei aos ombros de Leninha, minha amiga querida, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e criticando-me, quando necessário.

Muitas vezes me perguntei por que as pessoas não me deixam em paz e cuidam de suas vidas? Ao invés de criticarem o fato de um pobre menino (no sentido mais exato da palavra) não se conformar com sua realidade miserável e sonhar em mudar de vida. Essa incompreensão por parte de todos, principalmente dos familiares, começou a me desmotivar, e por pouco não desisti de tudo, quer dizer, por Nicolle Rafaela. A amiga mais especial que já tive na vida. Talvez sem seus conselhos, motivações e compreensões eu não tivesse conseguido nem terminar o Ensino Médio.

A volta para casa era sempre muito complicada. Eu chegava ao ponto por volta das 19h estava tudo muito escuro, eu não enxergava os buracos, a lama, os animais que deixavam a caatinga à noite e volta e meia, deparava-me com raposas, cachorros com raiva e cobras, sem contar as quedas que infelizmente eram constantes. Aos poucos, o tempo foi passando e o meu Ensino Fundamental e

Médio chegou ao fim, o que já representava uma enorme conquista. Mas com seu termino veio a pergunta: Como fazer uma faculdade sem dinheiro? Decidi então fazer pré-vestibular para poder me preparar para as universidades públicas, entretanto eu não tinha dinheiro e ainda por cima o pré-vestibular mais próximo ficava em Alagoinhas, uma cidade bem distante do Rio da Caatinga na qual eu não conhecia ninguém.

Então consegui um trabalho em um hotel de Alagoinhas onde eu teria direito a morar nos fundos, assim poderia me manter e fazer o pré-vestibular, contudo eu tinha que trabalhar das 07h às 19h todos os dias da semana inclusive sábados, domingos e feriados, tendo apenas duas folgas semanais em dias alternados, além disso o pré-vestibular começava exatamente às 19h e terminava às 22h20min, por isso sempre chegava atrasado.

O salário era pouco e mal dava para pagar o pré-vestibular, mesmo com o desconto que consegui com o dono, graças a uma das professoras que contou minha origem para ele. Por isso eu não podia nem ir ao Rio da Caatinga frequentemente ver minha família porque o dinheiro não dava. Isso durou todo o ano de 2009.

Na reta final do pré-vestibular e início dos vestibulares, vieram às revisões aos finais de semana e que eu não podia deixar de participar, já que elas são decisivas na hora do vestibular. Por isso tentei conversar com a dona do hotel no qual eu trabalhava para pedir que ela me liberasse aos sábados e domingos para participar dessas revisões finais. Ela, no entanto, retrucou: “Não tente me sensibilizar”. Fui com isso forçado a pedir demissão e como não tinha nenhum vínculo empregatício saí sem direito algum.

Sem ter onde ficar e sem dinheiro fui participar da revisão no pré-vestibular, na saída me despedi dos mais próximos inclusive a recepcionista do curso que me prometeu levar meu caso ao proprietário. Ao tomar conhecimento de minha situação ele me ofereceu uma bolsa para que eu pudesse terminar o curso. Porem só consegui abrigo em Entre Rios na casa de uma amiga, o que fez com que eu gastasse todas as minhas economias para realizar o vestibular em transporte de Entre Rios para Alagoinhas.

Ao chegar às datas de prestar vestibulares, meus pais, já convencidos e conscientizados por mim da importância da educação que poderia ser um determinante para mudarmos de vida deram-me um apoio muito especial. Juntaram nossas poucas galinhas caipira e porcos para vender na feira de Entre Rios. A venda foi um sucesso! E o dinheiro foi suficiente para pagar minha estadia e alimentação no local de prova.

Dois meses depois veio o resultado... POSITIVO. Minha felicidade foi a maior que já senti. Eu estava aprovado no vestibular da Universidade Federal da Bahia! Ao dar a noticia a meu pai, ele não teve ideia do que isso significava e com seu jeito todo simples indagou: “Onde é mesmo isso?”, disse que seria em Salvador e que brevemente eu estaria lá, porem não sabia ainda onde ficaria.

Os dias se pasMaram fiz minha matrícula e hoje divido apartamento com minha querida amiga Simone. Estou me adaptando a Salvador, a UFBA e ao projeto de pesquisa e extensão no qual consegui uma bolsa de iniciação científica com apenas 10 dias do início das aulas e com apenas três meses fui apresentar um trabalho no colóquio internacional Observatório da vida estudantil UFBA/UFRB.

## A PRIMEIRA VISITA DE “WILSON” A UM SHOPPING CENTER

Fui convidado a ir a um shopping pela primeira vez e aceitei na mesma hora. Foi uma visita muito estranha, pois eu não imaginava que ele poderia ser tão grande e que poderia juntar tantas pessoas. As lojas são muito lindas e caras... Pelo menos para mim no referido momento.

Tive medo até de me perder dentro daquela imensidão de pessoas e luxo. Porém apesar disso me diverti muito e a melhor parte ficou por conta do filme que assisti (Shrek) ahh... Assistir tomando Milk sheik “pense em uma chiqueza”. Se eu contar no Rio da Caatinga (meu interior) ninguém vai acreditar, e se eu disser que depois fui comer no Mac Donald’s aí é que vão me chamar de mentiroso.

Cheguei em casa incrivelmente feliz, cantarolando, sorrindo e me sentindo útil. Como pude viver tanto tempo sem conhecer essas maravilhas da vida moderna? E como ainda tem tanta gente que só sabe que existe pele TV? Como é o caso de todos que vivem em meu pequeno povoado do interior da Bahia.

# APÊNDICE M – Diário de Tatiane

***Meu diário: dedicado a Fabio Nieto***

***01/03/2010***

- *Minha ida para Salvador;*
- *Começando viver novamente, sem conhecer nada, sem amigos, sem família, só com Deus;*
- *Começa as aulas;*
- *Medo de não conseguir me enturmar com o pessoal da universidade, mas graças a Deus conseguir logo uma amiga que tinha os mesmos meus medos (Mara Rabel);*
- *Medo de não ser bem recebida por a irmandade, mas ele já colocou seus servos em meu caminho para mim ajudar em minha jornada;*
- *Fui procurar os campus da UFBA , não sabia andar nada, mas sempre achei alguém disponível a informar mesmo as vezes nem sabendo onde era;*
- *Aprender a pegar ônibus tem sido uma grande dificuldade, mesmo os motoristas sempre estando dispostos a ajudar e geralmente com boa vontade;*
- *Tive uma grande surpresa ao pedir informação a uma pessoa e ela me respondeu mal, eu ficando sem reação, mas para constatar que ainda achamos pessoas dispostas a ajudar, no mesmo momento outra mulher vendo como fiquei se dispõe a me ajudar;*
- *Em um fim de semana ao ficar em casa sozinha, sem ter nada o que fazer, nem a quem recorrer, penso deixar tudo e voltar para casa; recorre a Deus e vejo que foi permissão dele e só voltaria quando ele permitir;*
- *Minha professora de inglês disse que eu não podia sair de casa para não correr o risco de me perder... resenha;*
- *Ao um amigo meu ser furtado, teve um pouco de medo de andar pela cidade, passei a andar mais atenta e clamando mais ainda por Deus;*

- *Grupos na universidade começam a se formar e começo a perceber que tenho de achar o meu;*
- *Teve uma pequena reunião do pessoal da sala, mas não fui convidada por não beber bebida alcoólica;*

***01/04/2010***

- *Não via à hora de chegar esse feriado para ir para casa, mas ao chegar em casa comecei a querer voltar logo e meter a cara nos livros;*
- *Passei a ter mais certeza de que Salvador é onde eu tenho que estar e que mesmo com todos os seus problemas de cidade grande, tem uma grande probabilidade de fazer um estudante crescer;*
- *Ao sair no fim de semana, algumas cenas me chocam como mendigos dormindo pelos pontos de ônibus em dia de chuva e muito lixo espalhado;*
- *Com a chuva do dia 14 e 15 fico muito decepcionada com a situação da cidade;*
- *Tudo é tão caro, tão longe, tão complicado e para estudante com situação financeira complicada como eu fica tudo mais difícil;*
- *O pessoal da escola planejam sair juntos para se conhecerem mais;*
- *Teve uma festa de uma chapa na universidade, mas jamais ficaria lá por vários motivos que não concordo desta festa, no entanto cheguei a quase discutir com uma colega por eu está indo embora e ela querer ficar na festa e está sem companhia, só sei que vim embora e ela veio contrariada, seja o que Deus quiser;*
- *Tive uma semana difícil, estou muito zangada com uma das meninas que mora comigo, fiquei muito triste, queria ir para casa abraçar minha família (condições financeiras não deixou), pensei de sair da casa, no entanto estou esperando de Deus;*
- *Fui congregar em minha nova comum, o cooperador me apresentou a irmandade e tive um abraço tão caloroso deles que mim deixou muito feliz- "você tem uma nova família aqui"- conheci uma irmã de Feira de Santana que estar aqui acompanhando os filhos, que também estudam aqui.*
- *Vou caminhando todos os dias para a universidade, mas percebo o congestionamento que ocorre na avenida e aparentemente as pessoas já se acostumaram;*

- *As 2h da manha, acordei com gritos de uma pessoa pedindo socorro e que ele não tinha roubado nada e que irinha matar ele; não nego, fiquei com muito medo e senti falta da segurança da minha família, mesmo tendo a proteção de Deus;*

***01/05/2010***

- ✓ *Deus preparou um emprego para mim, eu estou muito feliz por mais esta conquista que é determinante na minha permanência nesta cidade;*
- ✓ *Nesses dias venho conhecendo mais a cidade e analisando os contrastes ocorrentes entre os bairros como, por exemplo, entre bomfim e vale das pedrinhas;*
- ✓ *Mesmo eu estando bem localizada ainda sinto dificuldade em me locomover pela cidade, sendo que tem muitos órgãos públicos que ficam distantes;*
- ✓ *Na faculdade está tudo muito complicado, devido eu ter um carrego grande de atividades a ser realizadas ao mesmo tempo;*
- ✓ *Algum me deixou paralisada, que para mim ainda era cena de filme: pessoas pegando comida do lixo para comer; em minha cidade nunca tinha visto isso;*

***01/06/2010***

- *Comecei a trabalhar;*
- *A pessoa com quem moro pede para eu sair da casa, dizendo coisas que me deixou muito triste e revoltada com ela, mas não perdi minha razão e entreguei-a nas mãos de Deus;*
- *No momento a minha força é minha família e meus amigos (os distantes e os de perto que construir);*
- *Fiquei muito feliz em saber que tenho pessoas que conheci a tão pouco tempo, mas que já gostam, confiam e sempre estão a disposição para mim ajudar;*
- *Tive q sair rapidamente da casa que estava e ir para um lugar que jamais imaginei ficar, a situação é imaginável a qualquer pessoa, estou desesperada;*
- *Estou tentando me conformar com a situação, até conseguir um lugar melhor;*
- *A vontade de ir embora nunca foi tão grande, tanto choro pelas madrugadas;*

- *Tenho aprendido e surpreendido muito com as pessoas e visto q nada é como perece;*
- *No momento em que fiquei sabendo do falecimento do pai de minha amiga Tanize sai desesperada e fui ver ela e a família, foi um momento muito difícil e na verdade queria ficar perto deles para poder ajudar, mas tive que voltar;*
- *Sentir que tenho q viver cada momento possível ao lado de minha família porque a vida é curta e depois pode ser tarde demais;*
- *Minha vida mudou muito, devido à mudança de casa e o trabalho;*
- *Não estou conseguindo me alimentar direito, e sempre tem alguém me reclamando por isso.*

# APÊNDICE N – Diário de Reginaldo

Primeiros dias em Salvador, muita alegria por ter passado para a faculdade, um mundo novo para ser descoberto, os primeiros contatos com a capital, muita gente diferente, mas não estranhas. Um choque cultural, muita coisa para ser vista e visitada, conhecer pessoas novas e conhecer novos problemas como pegar ônibus, ter que saber qual o ponto certo, qual o ônibus certo. Engarrafamento pode ser legal quando você não conhece as vias e não faz ideia do tempo de percurso do ônibus, mas isso tudo tem coisa boas. Por exemplo: conhecer pessoas novas, ter mais um pouco de tempo para pensar. Adaptação!!! Esse pode ser o segredo para uma nova vida ou o retorno para a antiga. A cada dia uma descoberta, um passo novo que é dado.

De volta a S.A.J. para passar a semana santa. A diferença da rotina é gritante, não vejo mais ônibus, nem engarrafamento, além de estar em casa com a família e amigos. Apesar de reclamar do tempo que é corrido aqui em Salvador, em S.A.J. não tive muito tempo, também fiquei sem visitar muitos amigos. Não tive nenhuma saudade de Salvador enquanto estive em casa. Deve ser porque minha rotina aqui em SSA seja apenas faculdade e casa, não saio muito e poucos amigos aqui. Acredito que isso conta bastante.

A cada dia entendo que só estou aqui de passagem. Até agora além da faculdade não achei outro motivo para querer ficar por aqui. A cada dia meus sentimentos se confundem. Sei que eu posso ter o melhor mais em minha cidade sei que tenho o melhor.

Realmente, chuva não combina com Salvador. A cidade para, não anda.

Adaptação: palavra que está cada vez mais parecendo parte de mim, junto com saudade e desânimo. Esses dias a saudade de Tatai é maior do que todos os engarrafamentos juntos em uma única avenida.

Aos poucos estou me sentindo mais à vontade na capital, tão seguro a ponto de tirar cochilo dentro do ônibus, em engarrafamento.

Tive outro momento bom, que a cidade pode me oferecer com mais frequência. Fui

ao Teatro Vila Velha, mais um ponto de conhecimento.

A cada dia Salvador e a faculdade ficam comum aos meus olhos, junto com seus locais e seu povo.

A cada dia desbravo ruas, becos e bairros de Salvador, hoje não me perco tão facilmente.

Comecei a trabalhar, e tudo começa a tomar um rumo, as coisas pouco a pouco vão se encaixando.

Na verdade, Salvador está se tornando a minha casa, a tensão de perder o ponto aos poucos chega ao fim.

Hoje a saudade que sentia da minha vida antiga aos poucos se dilui. Claro que ter os amigos por perto é algo que não dá para esquecer, mas, pouco a pouco, estou descobrindo novos laços.

Hoje minha vida está se aprumando, conseguir trabalho, estou morando em uma casa com um amigo, dividindo. Salvador, hoje, deixou de ser um bicho desconhecido que aos poucos está se mostrando suas caras.

Já a faculdade, cada dia se torna minha casa, já me familiarizei com as maiorias das caras, hoje sinto vontade cada vez maior de construir meu caminho através dela.

O que mais me deixa balançado é não ter minha namorada por perto, só ver de quinze em quinze é muito complicado. Há momentos que sem ela por perto torna os dias mais difíceis.

Os dias em Salvador... não vejo nada de diferente, tudo já se torna normal aos olhos, já estou até com cara de quem é natural de Salvador. Só continuo achando que estou perdendo tempo dentro do ônibus.

# APÊNDICE O – Diário de Mara

26/03/2010

Olá! Prazer em conhecer alguém em que eu possa confiar e contar todos os meus segredos, desvendar o meu dia-a-dia e acima de tudo, saber a partir de você, meu querido amigo diário, quem eu realmente sou, mas a princípio vou me apresentar.

Mara, 17 anos, nascida em Retirolândia, sonhos: ser uma boa profissional, encontrar o homem companheiro dos meus sonhos...

E o resto com o passar do tempo vamos nos conhecendo mais.

Ah! Amigo, posso te dizer uma coisa, a cada dia que passa vou me acostumando cada vez mais com a nova vida, com essa cidade tão marvilhosa que é Salvador.

Meu dia hoje foi ótimo! Novos amigos, novo professor, mesma matéria (Contemporaneidade).

27/03/2010

Boa noite querido amigo! Meu dia hoje foi ótimo, para início de final de semana. Descobrir novas coisas, novos lugares, lugares que já havia visitado, porém não sabia que morava perto deles: zoológico, praia de Ondina... fiquei muito feliz com essas descobertas.

Hoje, participei com Daniel [irmão de Mara] de uma palestra na Faculdade Social, sobre a psicologia forense.

A cada dia que passa vou percebendo cada vez mais que a psicologia é sem dúvida a profissão que eu quero.

Ah amigo! Hoje me bateu aquela saudade de casa, aquela vontade de rever meus amigos... mas já está próximo a semana santa, aí sim ninguém me segura! Kkkk

Amigo você nem sabe, hoje fui andando para a palestra, foi maravilhoso; o dia amanhacendo, o trânsito, as pessoas, os animais, tudo, tudo é maravilhoso.

‘A vida é bela, amigo!’

Beijos.

28/03/2010

Boa tarde, amigo! Hoje como sempre estou feliz da vida, só faltam 4 dias para eu ir para Retiro! Uhu! Uhu! Uhu! Que bom!

Estou estudando agora (Língua Portuguesa)

Amigo! O bom da vida é ser feliz!

O almoço, hoje aqui em casa foi uma delícia, adoro Daniel ele é meus pés e minhas mãos. Te amo, irmão!

Beijão!

29/03/2010

Boa noite amigo! Hoje infelizmente estou triste, assustada, com medo... ah, garoto!

Hoje Daniel foi assaltado, pense no meu nervoso, vou lhe contar tudo: estava eu e ele em casa quando meus queridos vizinhos resolveram concorrer qual volume do som era o mais alto, e Daniel não consegue estudar com barulho, então resolveu ir para a faculdade mais cedo, já que 5:30 ele tinha reunião do PETI, até aí tudo bem; ele sai e eu fico em casa passando um texto a limpo, quando de repente o celular toca, uma mensagem: ‘Mara, não venha para a faculdade a pé porque eu acabei de ser assaltado e nem venha pegar ônibus no ponto de baixo porque foi lá, levaram tudo”.

Eu fiquei em choque! Liguei para a minha mãe e contei tudo a ela e pense, para eu sair de casa e ir para a faculdade foi um horror, toas as pessoas que passavam na rua eram ladrão para mim, quando eu cheguei na faculdade e vi Daniel, chorei, chorei como criança.

Ai! Eu não quero que nunca mais aconteça isso novamente, mas infelizmente tenho que me contentar com a realidade, realidade essa amigo, que fica cada vez mais violenta e frequentemente muitos indivíduos inocentes são vitimados por esse

sistema corriqueiro.

Ao chegar da faculdade conversei direito com Daniel para saber direito como tudo havia acontecido e agora estou eu contando para você amigo todo o horror que eu vivi hoje. Boa noite.

Beijo.

30/03/2010

Olá amigo! Hoje ainda assustada, mas feliz, às 14h00 fui juntamente com Tatiane participar de uma entrevista com o prof. Fábio, pense! Foi ÓTIMO! Acho que estava precisando de um momento como esse, foi de certa forma uma consulta com o psicólogo.

Perfeito! Quero de novo! Kkk

Depois da entrevista fui andando com Tatiane até a faculdade, mas antes passamos na casa dela, vamos combinar: que casa! Enorme, linda, localidade ótima, preço baixo – MARAVILHOSA. Ao chegar na faculdade participamos de uma palestra, com um professor francês, ele falou sobre o seu livro, que a pouco tempo havia sido lançado e sobre o tema que o mesmo tratava.

Depois das aulas, que a cada dia que passa ficam melhor, fui para a casa com Daniel e Tatiane.

Agora estou indo dormir, já são 02h00 da manhã, tarde demais para menor de idade estar acordada. rsrsrs. Boa noite.

Beijão amigo!

31/03/2010

Amigo! Só tem hoje, amanhã vou para casa! Uhu!

Fui com Daniel fazer o meu Smart Card, ficou lindo! Também uma modelo como eu! Kkk

Amigo, deixa eu lhe contar o mico que eu paguei hoje: chegou eu e Tatiane no primeiro andar da faculdade, do PAF3, aí eu convido Tatiane para ir ao 3º andar no

banheiro comigo, ela diz que não vai, mas que poderia ficar segurando os meus livros, até aí tudo bem, saiu eu com toda a pose, afirmando que ia de elevador, tudo certo, entro no elevador vazio, aperto 3º andar, me olho no espelho do elevador, de repente a porta abre, eu acreditando em ter chegado ao 3º andar saio do elevador, que parou no térreo.

Amigo, quando eu subi as escadas e encontro com Tatiane, pense! A garota não parava de dar risada!

Foi a noite todinha assim, dando risada de mim. Essa noite garoto foi D+. o pessoal lá da turma marcaram uma festa na biblioteca da faculdade, eu e Tatiane e mais albumas pessoas não fomos, mas pense! Todos os tipos de bebidas tinha, chegaram na aula de Francisco bebaços. Irmã, ah amigo nem te apresentei, irmã é uma garota na faculdade que se parece comigo, e aí ficamos nessa, chamando a outra de irmã; pense amigo, chegou falando coisa com coisa, foi uma graça.

Perfeita essa noite! Amanhã vai ser melhor!

Boa noite!

Beijos!

04/04/2010

Amigo! Quanto tempo! Descupa por eu ter deixado você um pouco de lado, é que aqui em Retiro está tão bom, tão perfeito... vou lhe contar as novidades: o meu reencontro com minha família foi maravilhoso, meu pai chorou de felicidade, meus primos nem falo, ficaram alegres até D+.

Ah! Que saudade eu estava dos meus avós, do meu afilhado: João, dos meus amigos, da minha cidade, adoro isso TUDO!

Amigo, sexta fui para a casa da minha avó, reunião de família, como sempre. Sábado fui em Valente, revi tanta gente... depois à noite, fui na igreja e ao sair de lá fui pra praça, estava tendo festa: geração eletrônica, Alcimar Monteiro, Menina Faceira e Os Bambans. PERFEITO. ADORO. UHU! FESTA!

Hoje! Ah! Fui pra casa de Tati, pra um churrasco que ela fez, e agora acabei de chegar e tenho que ir dormir porque vou sair cedo amanhã, voltar para Salvador e

me reacostumar com minha nova vida.

Amigo! Eu adorei esse feriado, agora só em maio.

Boa noite! Beijão!

05/04/2010

Garoto! Pense em uma pessoa cansada! Estou eu. Rapaz, hoje foi o dia: cheguei de viagem 12h30 fui arrumas as coisas, quando percebo que deixei uma mala no carro, fiquei apavorada, mainha começou a me estressar pelo telefone, mas graças a Deus 15h40 os rapazes trouxeram a mala, eles são ótimos. Depois disso tudo, Marcela, a dona da casa onde eu mora, vem me estressar mais ainda por causa da luz, e Daniel nem me fale, chegou parecendo que alguém brigou com ele.

Eu, como sempre, me arrumei e fui pra faculdade com Tatiane, andando.

Na faculdade parece que tudo melhora, fiquei mais calma. Quando cheguei em casa, Daniel estava melhor e agora já vou dormir, dormir com os anjos, vou descansar.

Boa noite! Abraço!

08/04/2010

Amiguinho! Deixa eu lhe contar logo: desde que eu entrei na faculdade me encantei por dois garotos, um convive diariamente comigo: ∆¥≤®¥™ [escreve uma sequência de símbolos] e o outro ainda não sei qual o curso ele faz, mas já sei o seu nome: ⅘e☼♥♣ [escreve outra sequência de símbolos].

Amigo, só que ambos parecem que gostam de mim, porém acho que estão aguardando um pouco mais, até porque se eles vierem falar comigo eu não vou poder dar a resposta esperada, já que minha meta é primeiro me adaptar a essa nova vida, a esse novo mundo e depois pensar em relacionamentos.

Mas é bom, amigo, estar apaixonada.

Beijão!

09/04/2010

Olá amiguinho! Hoje meu dia foi normal; realizei meu afazeres domésticos, fui pra faculdade, cheguei e agora estou aqui com você.

Amigo, deixa eu te contar uma coisa: acho que ∆¥≤®¥™ [escreve uma sequência de símbolos] tem alguma companheira, ou está querendo alguém que não seja eu, porque hoje ele chegou atrasado na aula, além de que, quando eu sai no meio da ula ele estava de papo com os amigos e amigas, o que leva a acreditar que a conversa lá estava melhor e que na sala de aula não havia ninguém e nem algo de importante.

'Cresça, independente do que aconteça'

A vida é assim, amigo, cheia de idas e voltas.

PACIÊNCIA, PACIÊNCIA... até quando, meu Deus?

Boa noite, amigo!

Beijos.

10/04/2010

Amigo! Estou hoje despreocupada, terminei o trabalho de humanidades. UFA! Agora, amanhã vou começar a fazer o de culturas.

Amigo, estou me sentindo como ninguém, sabe? Eu passo, chego, falo, olho, e ∆¥≤®¥™ e ⅍℮☼♥♣ [duas sequências diferentes de símbolos] estão nem aí pra mim.

Meu Deus! Como a vida é bela, a chuva não para de cair, o céu está lindo!

Te amo meu Deus!

12/04/2010

Garotinho! Boa noite! Meu dia foi ótimo, pode aproveitá-lo a cada momento, como se fosse o último da minha vida. Fiz o trabalho de Culturas, porém adiou o dia da entrega e, além de tudo, hoje não tive aula. Contudo, amiguinho, senti algo diferente, um olhar diferente de ∆¥≤®¥™ comigo hoje; um olhar de "eu quero, mas não sei

como chegar”.

Amigo, mas eu não estou aqui pra falar disso e sim pra dizer como o meu dia foi, minhas novas descobertas, meus sentimentos...

Querido, acabei de lavar roupas, já são 00h10 da noite, vou tomar banho e dormir.

Não para de chover!

Beijão.

14/04/2010

Querido! UFA! Consegui chegar em casa! Amigo eu não poderia ir dormir sem te contar como foi o meu dia.

Pela manhã estudei para Nanotecnologia, tenho prova amanhã, pela tarde até 16h30, realizei as minhas atividades corriqueiras, juntamente com Daniel. Às 17h00 sai de dasa para ir à faculdade, normalmente, quando vou andando gasto uns 20 minutos e de ônibus 5, porém, hoje estava chovendo muito e resolvi ir de ônibus; a chuva parava, as horas passavam e nada do ônibus passar. Às 17h15 o ônibus passou, cheguei na faculdade às 17h23. Não tive aula normal, só tinha 30% dos alunos. Às 20h40 Francisco liberou a turma. Na saída fui abordada por alguns garotos, fui convidada para uma festa, mas você sabe amigo o dinheiro desse mês foi pouco para poder usar em festas, eu agradeci e disse que ficava para a próxima.

Garoto isso não foi nada! Pra sair da UFBA foi um terror. Tivemos (eu, Daniel, Tailane, Erika, Jadi e alguns rapazes) que ir pelo PAF 1, porque pelo caminho do PAF 3 ninguém passava. Tudo bem. Em Biologia, tudo alagoado, tivemos que ir pelo estacionamento, ao conseguir chegar no ponto, todos molhados, a rua alagada, os carros jogavam água para todos os lados, molhando todos, o ponto lotado, ônibus não passava, ficamos três horas de relógio no ponto. Minha sorte foi que Daniel não tinha ido embora cedo, havia sete pessoas no ponto comigo e graças a Deus iam com Cabula VI. Quase iríamos dormir na faculdade. Marli já estava preocupada, ligava para Daniel por minuto. Quando deu 00:10 Cabula apareceu. Que bom, meu Deus! Te adoro Narizinho!

Narizinho disse que o gerente da empresa não queria que eles viessem pegar, mas

que mesmo assim ele veio, porque imaginou nós no ponto à espera do ônibus. Deus te abençoe, garoto!

Ai amigo, tchauzinho! Meu dia hoje foi aventureiro D+. beijos. Boa noite.

Obs. Narizinho é o motorista do ônibus.

15/04/2010

Amigo, estou te escrevendo agora às 19h30 para poder me desculpar um pouco, porque estou ultra chateada. Passei semanas, dias estudando pra prova de nanotecnologia, que seria hoje, não choveu hoje, mas pessoas do tipo Renata ligaram para o cordenador do curso BI em Humanidades pedindo para não ter aula que a mãe e o namorado dela estavam com medo da chuva.

Agora, diário, observa como as pessoas são ultra irresponsáveis e mimadas. Hoje, devido à prova, para não faltá-la, saí de casa 13h30 da tarde com Daniel pra vir para a faculdade, passei a tarde revisando a prova aqui no IHAC, enquanto Rafaela estava no shopping com o namorado; nesse momento a chuva não faz medo, mas tudo bem se estressar com pouca coisa é perda de tempo. A poucos minutos eu e mais 65% da turma fomos avisados que a prova foi adiada para terça-feira, 20/04/2010. Não tem problema, tempo a mais para estudar!

Beijos!

18/04/2010

Querido! Esse final de semana foi bastante tranquilo. Assistir, assistir e assistir TV. Que vida boa!

Garoto, também fiz minhas obrigações domésticas, tanto no sábado, quanto no domingo. Ah, querido! Sexta-feira na aula de Contemporaneidade assisti, juntamente com o resto da turma um filme: *O Carteiro e o Poeta*, gostei muito. Novidades, ∆¥≤®¥™ não foi pro Micareta, estava doente e acho que só foi ontem, mas não sei se foi pra festa, só amanhã que vou procurar saber se foi ou não. Ah! Sexta teve a festa da chapa 3 eu dei uma passadinha lá. ÓTIMA.

Amigo Beijos e tchau.

30/04/2010

Amigooo! Que saudade que eu estava de você, garoto! Desculpa por não escrever esse tempo todo com você, mas é por causa do tempo que é muito curto para fazer tanta coisa.

Garoto estou em casa (Retirolândia), vim visitar a família, meus amigos.

Rapaz, você não tem noção como foi e está sendo essa viagem, durante a vinda de ônibus fiz amizade com um rapaz completamente sem noção, chama-se Danillo, pense em uma figura. Ao chegar em casa reencontro-me apenas com minha mãe, cara, ela está completamente diferente de como eu a havia visto antes! Parece que a mulher está com depressão: magra, abatida, descuidada, não sai mais de casa como ela saia antes... eu fiquei espantada e preocupada com o que eu vi.

Com tudo isso ainda tinha meu pai que antes já bebia moderadamente e agora está alcoólico. Além do mais, os dois estavam brigados, sabe porquê? Mainha não agüenta mais essa vida de solidão, de preocupação, de ver o marido bêbado sem nenhuma responsabilidade com os filhos que estão morando fora e acaba falando tudo o que pensa para painho. Painho não consegue parar de beber, rancoroso como sempre, pensa baixo e acaba por descontar seu estresse em mainha. E assim está a vida aqui sem eu e Daniel em Retiro.

Contudo, ao ver os dois numa situação como essa, sentei e conversei com os dois, disse que agora que só estão eles em casa mais do que nunca devem estarem juntos...

01/05/2010

Boa noite, amigo! Hoje meu dia foi ótimo! Vivian, minha prima está aqui em casa.

Hoje fui ver João, Tati, Dene, Erick, todo mundo da família, foi maravilhoso! Já organizei minhas férias e estou agora escrevendo pra você e terminando um trabalho com Vivian.

Boa noite, amigão!

Beijos.

03/05/2010

Boa noite, amigo! Acabei de chegar da faculdade, hoje foi ótima a aula com Cássio.

Amigo! Cheguei de viagem, a casa estava uma bagunça, pense se eu demorasse mais alguns dias iria virar um chiqueiro, Daniel não arrumou a casa nenhum dia, durante o tempo que eu estava fora.

Garoto! Fui hoje pra faculdade linda, linda, linda! Todo mundo comentava. Ai, pense numa pessoa cansada!

Vou dormir, amanhã tenho que levantar cedo, tenho um curso de Direitos Humanos às 8h00 da manhã, pense!

Beijão, garoto! Boa noite!

04/05/2010

Olá garoto! Mocinho, meu dia foi perfeito, cansado, ... fui para o curso pela manhã com Cátia, chovendo fortíssimo, garoto os militantes dos grupos afro, dominavam o espaço no curso, o que era pra falar de Direitos Humanos, acabou por falar da vinda dos escravos para o Brasil, das condições em que vivem os afro-descendentes... durante a tarde, Tatiane apareceu e eu não agüentei o cansaço, acabei dormindo à tarde toda, vim acordar já eram 16h45, pense eu dormi mesmo, de sonhar e tudo mais, só acordei por causa do barulho de uma cadeira que caiu, as meninas falaram que eu até dormindo sou bonita e que não perco a elegância. Não me achei nem um pouco! Kkk

O curso terminou 17h10, de lá fui para a faculdade, fiquei muito feliz lá, você nem sabe, amigo, o que aconteceu! Lembra da prova de nanotecnologia que eu fiz? Recebi o resultado: Dez! Eu fiquei feliz D+ amigo!

Estou ótima, beijão, vou dormir!

10 [faz uma representação gráfica da nota dez, desenhos de caretas felizes, um desenho de uma menina sorrindo]

05/05/2010

Garotooo! Boa tarde, acabei de votar para a escolha de um novo reitor. Acredito que Dorinha vai ganhar, tomara!

Amigo, te escrevo agora para te dizer que eu não estou me sentindo bem, rapaz, estou ultra enjoada, Daniel e nem ninguém conhecido passa por aqui, no segundo andar, acho que não vou assistir a aula de Francisco toda, rapaz eu estou mal mesmo.

Beijo! Tchau!

07/07/2010

Amigo! Boa noite, meu dia foi ótimo e a noite está começando melhor ainda, acabei de chegar na faculdade e deparo-me com ∆¥≤®¥™, ele acabou de vir falar comigo e pedir uma borracha emprestada, mas eu nem vou me contentar assim, sabe? Ele só fala comigo quando tem algo de interesse dele, já estou cansada disso. Agora as coisas mudaram eu sou mais eu!

Tchau, amigo, vou assistir aula de Fábio!

Beijo.

13/05/2010

Amiguinho, que saudade eu estava de você!

A cada dia que passa eu me acostumo mais com a minha nova vida, torno-me mais madura com mais responsabilidade, apesar de contar com a ajuda de Daniel em algumas atividades posso dizer que estou em dando bem nesse período de vida. É difícil no início, mas temos que encarar os obstáculos da vida para termos bons resultados no futuro.

A faculdade já não é mais um bicho de sete cabeças, agora ela é um estude de vida, de conhecimento, de aprendizagem. Eram muitos os desconhecidos que hoje são meus amigos, companheiros.

A vida é assim, amigo, cheia de surpresas e aprendizagem, a cada que se passa,

torno-me uma pessoa melhor, que quer aprender cada vez mais.

Beijão!

14/05/2010

“... Ai que vontade de ficar com você, em uma palavra só eu queria te dizer eu te amo, te amo, te amo, quero falar olhando no seu olhar...”

Ai amiguinho que bom poder escrever pra você!

Hoje meu dia foi ÓTIMO! A cada dia que passa dou mais valos à minha vida, aos meu s pais, aos meus amigos, a tudo o que está em minha volta.

∆¥≤®¥™ é maravilhoso.

“Deus nos dá aquilo que necessitamos e não o que queremos”.

17/05/2010

Garotinho, boa noite! Você nem sabe o que acabou de acontecer na faculdade.

Estavam as três turmas de Estudos da Cultura, na sala de Vídeo-conferência, exatamente às 21h45, em meio a aula, Tatiane como sempre, pediu a Jade biscoito, porque segundo ela, estava com fome.

Obs: Jade estava sentada na frente, na fila ao lado e Tatiane, juntamente comigo e outras pessoas na penúltima fila da sala.

Feito o pedido, Jade simplesmente pega o pacote de biscoito e joga por cima de todos os indivíduos que estavam na frente de Tatiane, no meio da aula.

Tatiane, indiscreta, abre a sacola plástica com toda “delicadeza”, para não dizer o contrário e começa a comer.

Amigo! Eu não agüentei, dei uma crise de riso (baixinho), só que o professor viu e perguntou, na frente de todo mundo se Tatiane não queria lhe dar um biscoito e o que estava acontecendo comigo que eu não parava de rir.

Putz Grila! Todo mundo olhou para mim! Pense numa vergonha! [faz um desenho de uma careta e escreve: eu mato esse professor!]

Quando a aula acabou estava todo mundo dando risada, perguntando o que tinha acontecido.

Que mico! Mas enfim, meu dia foi ótimo!

Boa noite, garotinho!

19/05/2010

AMIGOOO! Nem te conto quem está aqui em casa: MAMÃE e PAPAI.

Painho foi uma surpresa ter vindo, pense meu dia foi ótimo, pena que painho vai embora amanhã.

Gatinho, daqui a 5 anos e meio sou formada em BI Humanidades e em Psicologia.

Minha área de concentração foi aprovada. UHU!

Deus eu amo a minha vida!

Bem! Sair hoje com painho e mainha pelo bairro para apresentar a painho que não conhecia o Garcia, foi muito bom!

Beijão!

20/05/2010

AMIGO! Painho acabou de ir embora, mas mainha ficou, que bom!

Hoje tenho que estudar para Língua Portuguesa.

Beijão! Tchau! [faz o desenho de uma mão]

26/05/2010

Garoto, estou triste!

Recebi, hoje meu artigo de Francisco, tirei 7,0 – HORRÍVEL, por mais que foi a média, foi a média e não maior que ela, o que revala que eu preciso melhorar muito. Contudo, mesmo com essa nota, hoje me senti como alguém de importância na vida do professor. Depois dele ter entregado as notas, ele percebeu que eu não gostei e veio falar comigo, para eu não ficar assim, que era o primeiro, mas você sabe como

o ser humano é, nunca se contenta com o que tem e quer ter sempre mais, mas tudo bem!

Em contrapartida a esse fenômeno, o resto do dia foi bom.

Beijão.

27/05/2010

Amigo, mainha acabou de ir pra casa – 13h30.

ACABOU VIDA MOLE!

Agora vou fazer as coisas de casa, vou descansar e ir pra faculdade.

Beijão!

28/05/2010

Rapaz! Boa noite! Hoje, amigo, meu dia foi surpreendente: amanheci rouca, a voz quase que não sai, fui pra casa de Tatiane às 18h30 para ver uma casa, próxima da que ela mora, que estava alugando. Quando eu sai de lá, juntamente com Tatiane e uma amiga dela, fomos para a cadê de Tatiane. Ao chegar lá Tatiane e Andreia começam a orar, pense foi maravilhoso! Depois disso fomos para a faculdade, chegamos ultra atrasadas na aula de Fábio.

Passaram-se alguns minutos Fábio entregou-me o meu trabalho – 9,0 UHU! PARABÉNS! Adorei!

Depois de algumas piadinhas de ∆¥≤®¥™, estou agora em casa feliz da vida!

BEIJÃO!

Boa noite!

[faz um grande desenho de um urso, com flores ao lado e a frase escrita em letras garrafais: Sorria! A vida é bela!]

03/06/2010

[com uma caneta hidrográfica na cor amarela escreve essa letra de música]

Tá difícil esconder a paixão

Que eu sinto por você

Eu queria viver a emoção

Deixar acontecer

O amor faz a gente fazer

Tantas loucuras

Faz a gente mudar de cara

Mudar de figura

Queria ter você comigo

Eu não quero só ser teu amigo

Vou virar esse jogo e fazer

Você me notar

Quero te amar sem medo

Não tem segredo

Eu vou tentar te seduzir

Quero te amar sem medo

De manhã cedo até a hora de dormir

(Alexandre Pires e Perla)

∆¥≤®¥™ [desenha uma careta ao lado]

[no verso da página faz um grande desenho de uma boca e de um coração. Entre um desenho e outro, escreve a frase: O bom da vida é ser feliz]

08/06/2010

“O abandono do lugar me

abraçou de com força

E atingiu meu olhar

Para toda a vida

Tudo que conheci tipos

Veio carregado de abandono

Não havia no lugar nenhum

Caminho de fugir

A gente se inventava de

caminhos com as novas

palavras

A gente era como um pedaço

de formiga no chão

Por isso o nosso gosto era

só de desver o mundo”

(Aline (caderno))

[desenha uma careta sorrindo]

Camaradinha bom dia!

Hoje e a cada dia que se passa, percebo como Deus é grande, é maravilhoso.

Que dia lindo! O céu cada vez mais belo, a vida cada vez mais com sentido de viver e ser feliz!

Ontem amigo, foi o aniversário do meu irmaõ Daniel, essa pessoa tão especial em minha vida, que durante esses 19 anos de existência, sabe com seu jeitinho amar e conquistar a todos.

Diferente dos outros aniversários, cheios de folia, de presentes, de festas com aqueles belos e deliciosos bolos... foi um dia simples: eu e ele, dando risadas, conversando, estudanto, sem mainha, painho, parentes e amigos próximos. Acho

que deve ser a vontade de Deus, deve ser um ano de reflexão, sobre o que ele fez, o que fará e o que está fazendo.

O meu está próximo!

É! 18 anos, irão se completar, 18 anos de felicidades, sonhos, realizações, sucessos, aprendizagem, amor, tristezas, saudades, curtição e muita paz!

18 anos, 18 vidas, 18 tempos! Cada um com um único sentido: viver cada momento, intensamente como se fosse o último, aprendendo cada dia a mais. Esse é o verdadeiro sentido da vida.

Beijão.

09/06/2010

[escreve com caneta hidrográfica laranja]

“Não importa se a árvore não é real, se a árvore não é aquela mangueira da infância.

O bom é saber que tudo passa, amassa-se como papel. E seja de rir ou de chorar, há sempre uma motivação para caminhar (ou andar muito rápido)

Prá frente, prá frente...

Motivado que vier atrás e na dianteira veremos melhor, seremos antes orientadores”

Norberto andrade.

[à lapis, desenha uma pipa e escreve: VOE INTENSAMENTE!]

11/06/2010

Olá amigão! Tudo bom?

Estou ultra feliz hoje, fiquei sabendo que estou muito famoso em “certos” grupinhos da sala.

Que bom!

Ai amigo! Está chegando o dia do meu primeiro seminário, como universitária, e logo de quem – Rubens, professor de Língua Portuguesa, ele é estremamente rigoroso e

detalhista para com relação a esses trabalhos.

Amigo! Cada dia que passa eu percebo que Deus é muito importante em minha vida, às vezes acho que devo ter feito algo de errado para algumas coisas desejadas não acontecerem em minha vida, mas quando lembro-me daquele ditado popular “Deus faz as coisas certas por linhas tortas”, eu me sinto melhor.

O tempo passa e eu me vejo como outra pessoa, uma nova garota.

Beijos. [desenha uma careta sorrindo]

12/06/2010

[desenha uma menina de braços abertos, com uma caneta hidrográfica laranja e, à lápis, um rosto de uma menina dizendo: AGORA!!!]

Boa tarde amiguinho! Dia dos namorados! Felicidades para os casais.

Hoje, pela manhã fui me vacinar contra meningite, com Daniel.

Amigooo! EU QUERO UM NAMORADOOOOOOOOOOO!

Rapaz, não é nada bom passar uma data como essa sozinha, mas tudo bem eu que escolhi assim, então devo arcar com as consequências.

Amigo, eu posso te confessar uma coisa?

Eu estou curiosa para saber o que ∆¥≤®¥™ está fazendo, se ele tem namorada e o que ele realmente sente por mim.

Eu queria ser uma mosquinha nessa hora. KKKK.

Amigo vou estudar, depois a gente se escreve.

Beijos. [desenha uma boca]

14/06/2010

“Eu vivo buscando em alguém, alguma coisa que eu sei que só existe em você.

Eu quero a metade de mim que é você, o riso irradia o mundo e que me faz viver.

Eu! Eu não agüento mais essa saudade e essa solidão que me invade e me faz ver.

Tudo o que eu quero é você de volta, estou te esperando vem bater na minha porta, eu amo você, eu só sentri querer, minha vida só tem sentido se tiver você...”

∆¥≤®¥™ [escrito em caneta hidrográfica amarela]

Amigo! Acabei de chegar na faculdade.

Estou toda molhada! É, vim com o professor Fábio andando, embaixo de chuva.

Vou daqui a pouco fazer o trabalho com as garotas.

Beijão.

[faz uma pequena careta sorrindo, à lápis, e uma maior, com caneta hidrográfica laranja, também sorrindo e com cabelos enrolados]

17/06/2010

[coloca o folder do seminário na página, anexado com um clipe]

Amiguinho! Foi hoje o meu 1º SEMINÁRIO, como universitária. Pense garoto, todo mundo adorou, até o professor que é ultra rigoroso.

ESTOU FELIZ!

Garoto, eu achei que não ia conseguir falar nada, estava bastante nervosa, mas segundo a opinião do público ouvinte, fui ótima!

18/06/2010

Garotinho! Tive hoje outro seminário, foi ótimo!

Logo quando cheguei na faculdade deparei-me com ∆¥≤®¥™ e com a galerinha da sala; todos vieram parabenizar o seminário de ontem, até pessoa que não tem costume de falar cotidianamente comigo veio dar meus parabéns.

UHU! Recebi presente! É AMANHÃ!

“Um dia criança, uma jovem e amanhã mulher”. Será que vou dar conta do recado?

Amigo, amanhã completo 18 anos de existência, 18 anos de felicidades, experiências, anos de aprender a lidar com as diferenças, de ser cada dia que se passa uma pessoa melhor, uma pessoa mais madura...

Diário, em contrapartida dessa felicidade toda, hoje, sem dúvida, tive a certeza de que Deus me ama e que tenho alguma meta a cumprir aqui na terra.

Quando estava saindo de casa, para ir pra faculdade, algumas pessoas estavam dizendo que algo havia acontecido na rua próxima onde eu moro e que eu passo todos os dias. Seguindo o meu caminho cotidiano, tenho que atravessar uma pista para poder pegar o ônibus e era justamente onde as pessoas estavam falando que tinha acontecido algo.

Amigo! Eu olhei para os dois lados da pista, não vinha carro nenhum; rapaz, na hora que eu vou atravessar apareceu um carro, não sei de onde, mas que eu senti e vir a morte, eu vir! Foi a mão de Deus, eu tenho certeza! Eu quase fui atropelada.

Cheguei na faculdade, apresentei o trabalho e não podia esquecer de escrever que ∆¥≤®¥™ veio falar comigo na hora de ir embora, me perguntou porque que eu não ia pra nenhuma festa e falou que eu era muito especial. Que lindo”

“TUDO TEM A HORA CERTA”. Espero né! KKKK

Adorei o dia, apesar dos acontecimentos ruins, mas isso faz parte da vida.

Beijão: PIGMEU!

19/06/2010

“Louvarei ao senhor em todo o tempo (...)

Busquei ao senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores. (...)

O anjo do senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra (...)

Bem-aventurado o homem que nele confia (...)

Os olhos do senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor (...)

Os justos clamam, e o senhor os ouve, e os livra de toas as suas angústias (...)”

Salmo 34. 1, 4, 7, 8, 15 e 17.

Amigo! Hoje é o meu aniversário.

Uma data tão especial e tão diferente... o meu primeiro aniversário fora de casa, sem pai, mãe, parentes e amigos por perto, mas distantes e carinhosos comigo.

Estou muito feliz, por saber que posso contar com cada um deles, a qualquer momento. Hoje, no meu aniversário, fiquei sabendo que vou ganhar um primo, que bom meu Deus, cada dia que passa você está presente na minha vida, fazendo todas as suas maravilhas.

Espero que esse novo ano de vida, seja repleto de sucesso, sorte, amor, paz, felicidade, prosperidade, saúde, sabedoria, determinação, perseverança... que eu possa ser uma pessoa melhor, a cada dia que passar, que eu possa tornar a vida de muitas pessoas com mais ânimo de viver ...

EU ME AMO MEU DEUS!

[desenha um sol sorrindo]

Assim como o sol brilha cada dia, quero brilhar a vida de muitas pessoas e iluminar os meus passos a minha caminhada.

Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!

Eu quero ser feliz! Eu posso, eu sou capaz!

19/06/201

[desenha a lápis um casal de mãos dadas, vestidos com roupas de São João. O casal está sorrindo. Há duas barracas e uma fogueira, também desenhadas a lápis. Com caneta hidrográfica laranja e verde, desenha bandeirolas dependuradas em um varal. Escreve: SÃO JOÃO DO IHAC. O desenho ocupa uma página inteira.]

“A viagem mais difícil é a viagem consigo mesmo” (Maricelia Ramos)

“E eu vou te esperar, aonde quer que eu vá, te levo comigo...” (Restart)

“Quando você diz que me quer meu coração chora de duvidas se realmente quer por que não fica comigo? Dói no coração em saber que existe outro alguém com você ganhando seus abraços e seus beijos. Quem ama quer estar sempre perto quem quer, faz de tudo pra dar certo. Essa sua indecisão não faz bem pro meu coração, que já se entregou por inteiro
um lindo momento de amor no meu pensamento ficou, será que no momento sente

o mesmo. Quem ama quer estar sempre perto, quem quer, faz de tudo pra dar certo. Se era pra ser assim então por que cuidou tão bem de mim? Me seduziu, me enfeitiçou, diz que me quer mas comigo não ficou...”

(Indcisão – Aviões do Forró)

21/06/2010

Amiguinho! Hoje uma nova semana, um dia lindo. Recebi presente das amigas e muitos abraços da galera da sala; percebi que em tão pouco tempo já me tornei especial para a turma.

[desenha uma careta sorrindo] EU ME AMO!

22/06/2010

Boa noite, garoto!

Hoje pela noite aconteceu uma coisa muito ruim e que está me amedrontando: no dia do meu seminário de Língua Portuguesa, no final, eu e Catarina encontramos um CD dos que foram distribuídos por nossa equipe, numa cdeira no fundo da sala. Quando eu comuniquei a Catarina sobre o CD, ela o pegou e viu que tinha algumas coisas escritas, inclusive: “imagine eu comendo ela todinha! Ai que delícia”, “ela parece que tem um gravador”. Eu peguei o CD e guardei, quando foi ontem eu comuniquei com as meninas que iria entregar o CD ao professor e por descuido uma das pessoas que estam envolvidas nesse caso (que escreveu no CD), ouviu e por conseguinte comunicou com os outros dois que eu iria tomar as minhas providências.

Assim sendo, quando foi hoje, antes da aula de Língua Portuguesa, eu e Catarina fomos na direção tirar uma dúvida, durante esse percurso fomos seguidas por um dos garotos que escreveu no CD; eu fiquei amedrontada. No final da aula contei o caso ao professor e em seguida ele anontou o meu nome e disse que iria enviar um email para a direção do IHAC, informando do que estava acontecendo.

Ao chegar em casa chorei e disse ao Daniel que ele podia contratar um segurança que ir pra faculdade sozinha eu não ia.

Agora estou aqui abigo, te contando tudo.

Beijão e boa noite.

[desenha duas caretas, uma delas com a boca cerrada e outra com a boca distorcida, mas aberta, dizendo: QUERO IR PRA CASA!]

23/06/10

Bom dia amigo! Hoje estou sozinha em casa, vou ficar assim até segunda-feira, porque Daniel foi para Retiro e, como eu precisava faer o artigo de Francisco, tive que ficar, mas tomara que seja bom.

Beijão garoto, qualquer novidade te escrevo.

26/06/2010

Amigo, estou hoje muito feliz! Acabei de chegar do supermercado e de ter ajudado uma família que estava passando fome.

Ai! Pense numa pessoa aliviada e contente ao mesmo tempo = EU.

UHU!

“Deus faz as coisas certas por linhas tortas”.

28/06/201

[desenha a bandeira do Brasil, à lápis]

Amigoo! Brasil ganhou no jogo hoje contra o Chile 3X0.

Daniel acabou de chegar de Retiro. Ai! Que saudade eu estava dele.

Amigo foi bom esse final de semana sozinha, tranquilo e proveitoso, conseguir terminar o trabalho de Francisco, acho que ficou ótima, dá para tirar um 9,0.

Está tudo nas mãos de Deus.

30/06/2010

Amigo! Acabei de chegar na faculdade, vou daqui a pouco entregar o artigo ao professor. Acho que está muito bom, tomara o professor gostar.

Garoto, estou muito nervoso e ao mesmo tempo feliz porque logo logo vou para casa.

[desenha uma careta sorrindo] DEUS É PODEROSO!

02/07/2010 [ela escreveu 02/06/10]

Amigoo! Já estou em casa, a viagem foi bastante conturbada, pense!

Sair de Salvador 15h45 da tarde, mas na verdade era pra ter sído desde às 11h00 da manhã. Até chegar em Conceição do Coité estava tudo bom, mas o carro acabou quebrando e, juntamente com os outgros passageiros, tivemos que vir em outro carro.

Cheguei em Retirolândia 19h40 da noite, mas valeu a pena ter passado por tudo isso, pois quando eu cheguei estavam todos em casa à minha espera, até bolo de aniversário atrazado tinha.

Entretanto, fiquei um pouco triste em saber que um primo meu foi acidentado e que Tati não estavava grávida, mas tudo bem, a vida é assim, cheia de altos e baixos.

Amigo posso te confessar que apesar da distância, da hospitalidade da família, estou com saudade de casa em Salvador.

Bem! Agora já são 21h30 vou tomar banho e me arrumar, porque SÃO PEDRO me espera.

Beijão!

03/07/2010 [ela escreveu 03/06/10]

Garotinho, bom dia! Estou em Valente, vim com mainha para o salão, ela vai ficar linda. Beijo!

Oi, meu lindo, agora já estou em Retiro, cansada, mas feliz, tive um momento de resenhas com minha prima Vivian, estava precisando, não é amigo? Kkk

TE ADORO! BEIJO! Qualquer coisa te escrevo.

Boa noite, gato! Desde 16h30 não para de chover, daqui a pouco já é hora de ir para a festa e essa chuva que não passa! Caso esteja chuvendo não vou. Rsrsrs [desenha uma careta sorrindo]

Garotinho, parece que estiou, tchau, já fui!

BEIJÃO!

FESTA!

UHU!

04/07/2010 [ela escreveu 04/02/10]

Boa tarde, amigo! Ontem a festa foi ótima, rever tanta gente, minhas ex-cunhadas não me reconheceram. HA! HA! HA! Será que estou tão diferente?

Dancei horas e horas, cheguei em casa hoje 4h30 da manhã.

UHU! A VIDA É BELA E EU TAMBÉM! Que convencida! Kkkk

Amiguinho, acho que não vou pra festa hoje não, minha “amiguinha” chegou e aí não estou passando bem, mas fazer o que, já curti muito.

Ai! Eu estou tão feliz, só em saber que sou uma pessoa especial na vida de muitas pessoas. Sabe garoto, às vezes bate aquela saudade de ∆¥≤®¥™, Catarina, Tatiane... isso significa que eu já estou acostumando com a nova vida e que nesse momento já fiz amizades importantes, amizades que valem a pena serem cultivadas, e é justamente isso que faz a vida ser melhor a cada dia!

BEIJÃO!

08/07/2010

Amigo, boa tarde! Acabei de chegar de Retirolândia e infelizmente encontrei Marcela (a dona da casa onde eu moro) e Daniel brigados, vou te contar o motivo.

Antes de eu viajar para Retiro apareceu um vazamento no banheiro da casa e Marcela disse que nós é que tínhamos a obrigação de pagar o pedreiro que por sinal

cobrou R$ 250,00 pelo serviço, só que Daniel foi questionar com ela que se o contrato alega que devemos conservar a casa de acordo como foi entregue para a gente, se o vazamento foi desde a construção da casa, então nós não tínhamos nada que pagar o serviço e sim pagar a pintura da casa, mas aí ela nervosa do jeito que ela é, disse que não era para pagar nada e que as coisas agora iam para a justiça.

Daniel, do jeito que é, disse que tudo bem, que ela podia ir para a justiça, que de qualquer jeito a gente ia sair bem.

Amigo, pense numa pessoa chateada, nervosa com medo, precisando de ajuda... sou eu. Amanhã aconteça o que acontecer eu vou atrás de um apartamento pra alugar.

Nunca pensei que passaria por coisas desse nível, parece que eu e Daniel estamos vivendo a mesma coisa que Tatiane passou com Mara, mas tudo bem, a vida tem essas coisas para nos ensinar a viver melhor e a dar valor ao que nos é dado.

Boa noite!

Por volta do dia 09/07/2010 [ela escreveu 07/06/10]

Boa tarde amigo, hoje de novo Marcela criou outra confusão, já não agüento mais. Além disso, o que mais me chateia é o fato dela não resolver as coisas com a gente de forma civilizada, ela realmente é mulher de barraco. É Deus que mainha vem sexta.

Amigo, vou receber hoje minha nota de Humanidades, espero que tenha passado.

“Que pena que nada na vida é para sempre”

Amigo eu quero paz, só um pouquinho na minha vida, quero felicidade...

[faz um desenho de um jarro com flores, algumas flores caindo, outras voltadas para o alto e outras na diagonal]

Por volta do dia 09/07/2010 [ela escreveu 08/06/2010]

Amigo, hoje pra mim foi um milagre de Deus, como eu já havia dito antes, Deus tem

um propósito na minha vida.

“Encontrei a minha nova casa.”

Após tantos não, após tanto andar, após passar por sol e chuva, juntamente com Daniel, encontrei um lar, uma casa grande, do jeito que a gente queria e precisávamos.

Ai, meu Deus! Eu te agradeço todos os dias pela tua presença na minha vida, por você em cada passo que eu dou você está ao meu lado.

Por volta do dia 09/07/2010 [ela escreveu 08/07/2010]

Eu sei que nada na vida é fácil, mas se não tentarmos nada acontece.

Amigo estou muito cansada, vou dormis, amanhã pretendo arrumar as coisas, começar a encaixotar as coisas porque quero o mais rápido possível sair daqui, o clima já não é bom, apesar de tanta oração, o clima está pesado.

Mainha chega amanhã, tomara as coisas melhorarem e que tudo dê certo, espero!

Boa noite!

10/07/2010

Amigo! Boa noite, agora já te escrevo em um novo lar, um lugar com pessoas melhores, espero que aqui eu tenha felicidade e paz.

Infelizmente Marcela não quis acordo e embaixo de chuva nos mudamos.

Tia Ana Paula e tio Wercelêncio vieram nos ajudar. Graças a Deus temos pessoas especiais em nossas vidas.

Eliana é uma ótima pessoa, como ela diz, “minha outra mãe”. Ela é a dona da nova casa.

Amigo, tenho um quarto só pra mim, como lá em Retiro. Estou muito feliz, amigo!

Espero que a vida aqui seja melhor.

[em uma página inteira, escreve diversas palavras em letras grandes: prosperidade,

confiança, sucesso, paz, confiança [novamente], paz, amor, coragem, felicidade, saúde, fraternidade, união, sorte, companheirismo, sabedoria]

11/07/2010

Garotinho, bom dia!

Minha noite foi ótima, faz tempo que eu não dormia tão bem assim. Vou terminar de organizar a casa.

Agora, gasta ser feliz!

UHU! “Vida mais do que nova”.

EU QUERO MAIS É SER FELIZ

Oração a santa Sara

“Tu que és a única Santa Cigana do Mundo. Tu que sofrestes todas as formas de humilhação e preconceitos. Tu que fostes amedrontada e jogada ao mar. Para que morresses de sede e de fome. Tu sabes o que é o medo, a fome, a mágoa e a dor no coração. Não permitas que meus inimigos zombem de mim ou me maltratem. Que Tu sejas minha advogada perante à Deus. Que Tu me concedas sorte, saúde e que abençoe a minha vida.

AMÉM.”